

UNIVERSIDADE ABERTA



Media e Identidade Cultural de Minorias
Os “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na Ilha
de Santiago – Cabo Verde

Celestino Carvalho

Dissertação para a obtenção do Grau de
Mestre em Relações Interculturais

Orientação científica: Professor Doutor Lúcio Manuel Gomes de Sousa

Coorientação: Professor Doutor António Leão de Aguiar Cardoso Correia e Silva

LISBOA, MAIO DE 2020

UNIVERSIDADE ABERTA



Media e Identidade Cultural de Minorias
Os “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na Ilha
de Santiago – Cabo Verde

Autor:
Celestino Carvalho

Dissertação para a obtenção do Grau de
Mestre em Relações Interculturais

Orientação científica: Professor Doutor Lúcio Manuel Gomes de Sousa

Coorientação: Professor Doutor António Leão de Aguiar Cardoso Correia e Silva

Lisboa, Maio de 2020

Epígrafe/ Nota Prévia

NOTA PRÉVIA

Este trabalho de investigação segue as Normas de Apresentação das Dissertações [Mestrado] e das Teses [Doutoramento] da Universidade Aberta, disponíveis em: https://elearning.uab.pt/pluginfile.php/255302/mod_resource/content/1/Normas_TesesDissertacoes%20-%20UAb.pdf e foram consultadas pela última vez, no dia 10 de Maio de 2020.

“Tenho mais medo de três jornais,
do que de cem baionetas”
Napoleão Bonaparte
(1769-1821, Imperador Francês)

Resumo

O presente trabalho de investigação, baseado numa pesquisa levada a cabo no âmbito de uma dissertação de Mestrado em relações interculturais, converge em torno da tríade teórica, identidade cultural, minorias e *media*.

O mesmo propõe, em primeiro lugar, o aprofundamento do conhecimento sobre a realidade das referidas áreas temáticas, com recurso ao estudo de caso.

Basicamente far-se-á uma avaliação da forma como os *media* cabo-verdianos noticiam e descrevem um grupo de indivíduos que em dissidência com uma determinada realidade católica, dos anos sessenta, em Cabo Verde, constituíram-se em grupos com características (identidade) específicas e que para o efeito do presente estudo, foram classificados como “minorias”.

Em primeiro lugar recorrer-se-á à revisão de literatura e, seguidamente, efetuar-se-á estudos exploratórios, nomeadamente, a sua representatividade de seus conteúdos nos *media*, num período predeterminado, para compreender o impacto dos mesmos, na reconfiguração e redefinição da sua identidade, suportado com o mencionado estudo de caso.

Efetivamente, para melhor fundamentar os conceitos teóricos, em que se baseia o presente trabalho, vai ser posta em prática o método do estudo de caso, tendo como unidade de análise, o “corpus de notícias” relacionadas com o pequeno grupo socio-religioso dos “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na Ilha de Santiago, Cabo Verde. Os mesmos que no passado recente, ainda continuavam a ter um modo de vida atípico, relativamente ao resto da sociedade cabo-verdiana.

Finalmente, enquanto “quarto poder”, constata-se a forte potencialidade dos *media*, pois assumem um espaço simbólico e nostálgico, gerador de pertenças e de identidade cultural, contribuindo para a revivificação e reconfiguração dos fatos sociais, ao longo da vivência do homem em sociedade.

Palavras-Chave: Cabo Verde, *Media*, Mudança, Rede Social, Poder, Religião, Minorias, Identidade Cultural, Classes Sociais, Resistência

Abstract

The present research work, based on a research carried out in the scope of a master's thesis, in intercultural relations, converges around the theoretical triad, cultural identity, minorities and *media*.

It proposes, in the first place, the deepening of knowledge, about the reality of the referred thematic areas, using the case study.

Basically, an assessment will be made of how the Cape Verdean press reports and describes a group of individuals who, in dissent with a particular Catholic reality from the sixties, in Cape Verde, formed groups with specific characteristics (identity) and that for the purpose of the present study, they were classified by “minorities” .

First, literature review will be used, and then exploratory studies will be carried out, namely their representativeness in the *media*, in a predetermined period, to understand their impact, in the reconfiguration and redefinition of their identity, supported with the mentioned case study.

Indeed, in order to better justify the theoretical concepts, on which the present work is based, the case study method will be put into practice, having as a unit of analysis, the “corpus of news” related to the small socio-religious group of “Rabelados” from the Espinho Branco community’s, on Santiago Island, Cape Verde. The same, that in the recent past, continued to have an atypical way of life, in relation to the rest of Cape Verdean society.

Finally, as a “fourth power”, there is a strong potential of the media, as they assume a symbolic and nostalgic space, generating belongings and cultural identity, contributing to the revival and reconfiguration of social facts, throughout the experience of man in society.

Keywords: Cape Verde, *Media*, Chagement, Social Networking, Power, Religion, Minorities, Cultural Identity, Social Classes, Resistance

Agradecimentos

O presente trabalho de investigação científica só se tornou realidade efetiva com o envolvimento de muitas pessoas e entidades. Não podendo enumerá-las de um modo específico, sobretudo para não incorrer em risco de omitir injustificadamente alguns, fica a referência de que todas elas foram determinantes para o sucesso deste trabalho, porque ao demonstrarem o seu inequívoco apoio, promoveram a minha resiliência necessária e absoluta, para que esta dissertação se concretizasse.

Todavia, não posso deixar de expressar o meu profundo reconhecimento ao Professor Doutor Lúcio Sousa e ao Professor Doutor António Correia e Silva, por terem aceitado ser orientador e coorientador desta dissertação. Reconheço que ambos possuem um profundo conhecimento de duas realidades sociais diferentes, mas complementares, para o meu objeto de estudo, na República de Timor Lorosae e em Cabo Verde, respetivamente. Por isso, foi um privilégio, poder contar com o apoio dos mesmos, com sentido crítico e muitos encontros e comentários, o que permitiram ao aprofundamento da temática objeto de estudo.

Agradeço à minha falecida mãe, Adelina Gomes de Carvalho que no início desta caminhada, me deu toda força do possível, para prosseguir, ignorando as minhas ausências em visitas de rotina, embora ter deixado o mundo dos vivos, logo no início da formulação do projeto.

Finalmente e não menos importante, aos meus filhos, Erickson, Janine e Evelyne e ao meu sobrinho, historiador, José Jorge Landim, pelo precioso apoio e por fim, o meu profundo agradecimento à minha esposa, Manuela, pela compreensão em todas as fases do meu percurso académico.

A todos, um muitíssimo obrigado.

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ACI – Agência Cabo-verdiana de Imagens

ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

BCG - Bacillus Calmette-Guérin, (**vacina contra a tuberculose**)

CQPMN - Convenção-quadro para a Proteção das Minorias Nacionais

CMSM – Câmara Municipal de São Miguel

CPLP - Comunidades dos Países da Língua Portuguesa

CR – Constituição da República

CRCV – Constituição da República de Cabo Verde

CV – Cabo Verde

DDT - Dicloro-difenil-tricloroetano

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

ONU – Organização das Nações Unidas

PAIGC – Partido Africano, da Independência da Guiné e de Cabo Verde

Pe – Padre

RSF – Repórteres Sem fronteiras

SG – Secretário Geral

UAb**** – Universidade Aberta de Portugal

Índice geral

Epígrafe/ Nota Prévia	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Agradecimentos	v
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	vi
Índice geral	vii
Índice de gráficos/quadros/tabelas/ilustrações/figuras	ix

Índice de conteúdos

Introdução	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO E REVISÃO DA LITERATURA	4
CAPÍTULO I - OBJETIVOS, PROBLEMÁTICA E METODOLOGIA	5
1.1 Objetivos	5
1.2 Problemática	6
1.3 Metodologia	16
1.4 Os “Rabelados”: uma apresentação inicial	19
1.5 Os <i>media</i>, identidades e as minorias em Cabo Verde	24
CAPÍTULO II – CULTURA, IDENTIDADE E A DIVERSIDADE CULTURAL	28
2.1 A pluralidade e a diversidade culturais	31
2.2 Os processos de Inclusão e Exclusão Social	37
2.3 A identidade socio-religiosa de minorias	42
CAPÍTULO III – OS <i>MEDIA</i>	55
3.1 A identidade cultural e os <i>Media</i>: Tradicional e Digital	61
3.2 O poder dos <i>media</i> na redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria – uma abordagem teórica	64
CAPÍTULO IV - OS “RABELADOS” DA COMUNIDADE DE ESPINHO BRANCO	75
4.1 Os “Rabelados”: evolução e breve caracterização histórica e sociológica da minoria socio-religiosa	75
4.2 Entre a rotura e as novas tendências	77
PARTE III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	92

CAPÍTULO V – TRATAMENTO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	93
5.1 Breve introdução	93
5.2 Apresentação dos dados em análise nos <i>media</i>	93
5.2.1 Fontes dos dados recolhidos.....	94
5.2.2 Análise dos dados.....	96
5.3 Interpretação dos dados.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
Bibliografia	130

Índice de tabelas e ilustrações

Tabelas/Ilustrações

Figura 1 - Enquadramento/Localização de Cabo Verde	52
Figura 2 -Enquadramento/Localização da comunidade de “Rabelados” de Espinho Branco – Ilha de Santiago	52
Figura 3 - Os três Territórios da Comunicação	59
Figura 4 - Pe Campos – Católico, da Congregação do Espírito Santo	79
Figura 5 - "Rabelados" visto de fora: um símbolo de resistência que se tornou cultura.....	80
Figura 6 - Antigo complexo habitacional da comunidade dos “Rabelados” (Funco de Colmo).....	82
Figura 7 - "Rabelados": Os caminhos irreversíveis da mudança	82
Figura 8 - "Rabelados" - O impacto da Internet na mudança.....	83
Figura 9 - Maria Isabel Alves - “Misá”, na casa de arte dos “Rabelados”.....	84
Figura 10 - "Rabelados" - Integração: Permissão da presença de pessoas fora da comunidade (estrangeiros).....	85
Figura 11 - Sinais da mudança expressa nas habitações: Habitação de duas gerações de “Rabelados”	86
Figura 12 - Sinais de mudança nos "Rabelados" - Dos Funcos de “palha” a “RABELARTE” - a casa de arte dos “Rabelados”.....	88
Figura 13 - Página de "FaceBook" - RABELARTI: Associação dos "Rabelados" de Santiago	90
Figura 14 - Página "FaceBook" dos "Rabelados"	91

Tabelas

Tabela 1 - Representação dos “Rabelados” nos Media - Grelha de dados.....	18
Tabela 2 - Media - Formas de poder, segundo Thompson (1998)	67
Tabela 3 - Representação dos “Rabelados” nos media – Fonte de Notícias	94
Tabela 4 - Representação dos "Rabelados" nos media de 1989 a 2018 - positivo/negativo	125

Introdução

A conclusão de MRI - Mestrado em Relações Interculturais da UAb requer a elaboração final de um trabalho científico, conhecido por “dissertação de Mestrado”. Assim sendo, tornou-se relevante investigar sobre um tema bastante antigo, mas também atual, e que está e sempre esteve a acompanhar a humanidade, na sua trajetória. Trata-se de “Identidade Cultural e Minorias” e toda a panóplia de fatos e atos que as enformam, nomeadamente características grupais, a cultura, os fatos sociais, analisados através da “responsabilidade social dos *media*, na construção de uma cidadania inclusiva” (Barbosa, 2012:231-240) e o elo que os *media* estabelecem, entre uma identidade e outra, entre outros aspetos.

Segundo Miranda (2000), “as conceções de identidade cultural vêm transformando-se ao longo do processo civilizatório” (Miranda, 2000:82), supostamente, derivado de diversos fatores internos ou externos. Ainda segundo o autor, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, afetadas tanto pelos processos de socialização, quanto de globalização dos meios de comunicação e informação” (2000:82), entendido esses, como *media*.

É comum ouvirmos que o fenómeno da globalização, sob influência dos *media*, atua de maneira significativa, sobre as identidades dos indivíduos, “capazes de remodelar e ditar o estilo de vida nas relações interpessoais, transformando a visão da natureza/espaco onde vivem” (Eserian *et al.*, 2018:4).

Por esta razão, as sociedades pós-tradicionais promovem uma ininterrupta transformação das identidades, sob diversas variantes. Miranda (2000:83-84), fala de “identidades primárias, secundárias, instituídas e instituintes”. Para justificar esta última, refere que dentro desse conceito, duas identidades chamam a atenção, sendo “as identidades **de resistência**, próprias de minorias étnicas e religiosas e que não raro se alimentam da memória ou do culto das origens” (Miranda 2000:83), por um lado e, por outro, “as **de projeto**, que podem dizer respeito também a minorias étnicas e religiosas, mas que incluem outros grupos” (2000:83).

Por fim, a análise dos *media*, na tríade a que referi no resumo, advém, efetivamente, do seu comprometimento e engajamento, na construção de uma cidadania inclusiva, na medida em que conforme defende Barbosa (2012:231-240), “hoje, são os *media* que concretizam e moldam, em grande medida, a nossa percepção e a nossa aceitação ou rejeição da multiculturalidade e da interculturalidade”.

Como podemos ligar esta problemática com o nosso caso de estudo? Será que uma minoria, como os “Rabelados”, com a sua identidade cultural própria, está a ser, sob a influência dos *media*, objeto de transformação, eventualmente no sentido da fusão ou da sua individualização? Como se reportam os *media* a esta minoria?

Para conferir um maior pendor prático ao presente trabalho de investigação, recorrer-se-á ao método de estudo de caso. Como se sabe, o estudo de caso (Yin, apud, Carmo & Ferreira, 2008:234) é, de igual forma, o método recomendado para “quando se quer responder a questões de “como” ou “porque”, isto é, “o investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno atual no seu próprio contexto”.

Visando responder de forma adequada às exigências científicas próprias de um trabalho de investigação, a presente dissertação encontra-se estruturada em três partes, com cinco capítulos, acrescidos das considerações finais.

Na primeira parte (parte I), iremos fazer o enquadramento da investigação, definimos os objetivos, efetuamos a apresentação do tema e da problemática. No mesmo espaço, aproveitamos para definir a metodologia que, quanto aos procedimentos técnicos, recorreremos ao método do estudo de caso, cuja unidade de análise são as notícias emitidas pelos *media* cabo-verdianos relativamente aos indivíduos pertencentes a uma minoria socio-religiosa dos “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na região Norte da Ilha de Santiago – Cabo Verde.

Ainda integram a parte I, da presente investigação, dois capítulos importantes que enfatizam ainda mais o enquadramento e que são, capítulo II - a cultura, identidade e a diversidade cultural e capítulo III – os *media*. De acordo com Figueiredo e Noronha (2005:191), “como uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida, se depreende daí a importância do reconhecimento nessa construção”.

Como parte central da investigação, os *media*, mais concretamente a identidade cultural e os *media*, tiveram destaque nesta primeira parte. O propósito da exploração desse ponto, é analisar a ligação existente, entre a identidade cultural e os *media*, sobretudo na redefinição e reconfiguração da identidade cultural, de uma minoria.

Na segunda parte (parte II), trataremos do estudo de caso, na perspetiva de Yin (apud Carmo & Ferreira, 2008:234). Nesta parte, elegemos um único capítulo que é – os “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco - e vamos nos debruçar sobre o estudo do caso propriamente dito. Ou seja, vamos falar dos “Rabelados”, por um lado, e, por outro, a representação do conteúdo dos mesmos, nos *media*, em Cabo Verde, num período delimitado.

Finalmente, na terceira parte (parte III), dedicar-nos-emos à apresentação e discussão dos resultados. Integram esta parte final, o tratamento, análise e interpretação dos resultados. De igual modo, vamos integrar as considerações finais, cujo propósito é avaliar de forma crítica e sucinta o trabalho, por um lado, e a temática, por outro. É nessa seção que vamos fazer a ponte com futuras investigações e oferecer pistas para o desenvolvimento de trabalhos futuros.

A presente composição vai no sentido de nos permitir uma melhor compreensão do objeto de estudo deste trabalho de investigação e um melhor enquadramento do estudo de caso.

PARTE I – ENQUADRAMENTO E REVISÃO DA
LITERATURA

CAPÍTULO I - OBJETIVOS, PROBLEMÁTICA E METODOLOGIA

1.1 Objetivos

O objetivo do presente trabalho de investigação é efetuar um estudo exploratório sobre o impacto dos *media* na reconfiguração e redefinição da identidade de uma minoria.

O mesmo será operacionalizado, com recurso a implementação do método de estudo de caso, cuja unidade de análise será o discurso produzido pelos *media* cabo-verdianos em relação à comunidade dos “Rebelados” de Espinho Branco, na Ilha de Santiago, Cabo Verde. O enquadramento temporal será entre o período de 1975 (ano em que o Cabo Verde ascendeu à independência nacional) e de 1991 (ano da abertura País ao multipartidarismo) a 2018, com base na análise de conteúdo, nos *media*, locais.

É, pois, importante estabelecer um estado de arte e saber onde estamos e para onde o estudo nos leva, ou seja, um novo olhar sobre os mesmos e saber especificamente, como são atualmente em termos de identidade, em que condições vivem, bem como perceber o papel dos *media*, no processo da reconfiguração e redefinição da sua identidade.

Para tal, é importante investigar a identidade específica das minorias, mais concretamente dos “Rabelados”, como tem sido tratado nos *media* em Cabo Verde e saber ao mesmo tempo, se estamos perante uma minoria cultural, social ou socio-religiosa.

De uma forma mais específica pretendemos:

- a) Analisar o discurso dos *media* ao longo de um determinado período e explorar como este discurso contribui para a redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria socio-religiosa;
- b) Avaliar e determinar como os *media* e seus autores contribuem para a inserção dos “Rabelados” ou de uma minoria socio-religiosa, na comunidade, local;
- e) Contribuir para o aprofundamento do conhecimento, sobre a referida realidade social;
- d) Avaliar a importância dos *media*, na mudança comportamental dos “Rabelados” e suas implicações a nível social, cultural e nas práticas religiosas.

1.2 Problemática

Ao analisarmos uma determinada realidade social, mais concretamente, sobre minorias e sua identidade, é relevante efetuarmos um breve enquadramento dessa mesma realidade. No que se refere a minorias, alguns autores questionam relativamente ao seu conceito e de forma diversa.

Desde o seu surgimento, a noção de “minorias” nunca foi muito clara e as definições muito menos, porque nunca foi desenvolvida a partir de uma base teórica e por isso nunca ultrapassou esse limite (Viana, 2016:27). Vives e Braga (2013:2), referindo-se à minoria religiosa, afirmam que não existe consenso quanto e quais os limites exatos do conceito “minorias”. Para os autores, trata-se de um termo problemático e equívoco de difícil definição (2013:2). Também Bastos (2011:49), afirma que não se afigura muito fácil a conceituação de minorias e grupos vulneráveis.

Todavia, existem autores que chegaram a uma definição que podemos dizer, condicionada, relativamente ao tema. Alguns defendem que ela só pode ser definida, tendo em conta a existência do Estado. Assim, segundo Chaves (1971:149), o fenómeno "minoría" só se tornou possível ao longo da História humana com o aparecimento do Estado, e equivale ao grupo que recebe, quase sempre, um tratamento discriminatório por parte da maioria. Levando o conceito para o campo religioso, e ainda conforme o mesmo autor, minoria, é

(...) uma pequena comunidade religiosa de credo divergente da fé professada pela maioria da população é uma minoria e pode sofrer problemas vários no campo das relações religiosas; ou a oposição num país "pouco democrático", ocupando lugar subordinado na estrutura política, tendo pouca chance de ação (Chaves, 1971:149).

Carmo (2016:205), abordando o assunto na perspectiva de grupos minoritários e de grupos vulneráveis, afirma que minoria pode ser definida a partir de uma particularização de um grupo, já que a maioria se define por um agrupamento generalizado, baseado na indeterminação de traços, os quais indicam um padrão de suposta normalidade.

Interpelando os autores, a característica do grupo dos “Rabelados”, enquadra-se melhor na definição de Chaves (1971:149), quando o mesmo a define, como uma “pequena comunidade religiosa de credo divergente da fé professada pela maioria da população”. Estamos, portanto, perante uma minoria socio-religiosa. A literatura sobre a matéria, fala do seu surgimento na década de sessenta (Monteiro, Júnior, 1974:47-49), da nossa era, embora é

sabido que tal convivência nunca foi fácil. Para Gonçalves (2009:231), a identidade do grupo foi forjada numa conjuntura marcada pelos conflitos com a Igreja e com o Estado; Suas características encontram-se ancoradas, principalmente no cumprimento de um conjunto de rituais imprescindíveis: o “djunta-mon¹”, o uso da cruz, a aliança intra-grupo e a organização do trabalho (2009:231-246).

Fazendo uma breve análise sobre o percurso histórico da cabo-verdianidade (Madeira, 2015b:34-45), podemos dizer que os “Rabelados” é o grupo com o qual os cabo-verdianos, e mais especificamente a população da grande Ilha de Santiago conviveram e convivem mais tempo, na Ilha.

Todavia, é importante enquadrar “a identidade”, um tema também muito debatido pelos autores sociais, porém pouco percebido na sua essência, dada a uma multiplicidade de conceitos envolventes. Afinal, qual é a nossa identidade e o que é identidade? Para Hall *et al.* (1992:8), “demasiadamente complexa, muito pouco desenvolvida e muito pouco compreendida na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. Para o autor, “é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” (1992:8-9).

Castells (2001), associa a identidade à cultura e ao indivíduo e define a identidade da seguinte forma:

Por identidad, en lo referente a los actores sociales, entiendo el proceso de construcción del sentido atendiendo a un atributo cultural, o um conjunto relacionado de atributos culturales, al qué se da prioridad sobre el resto de las fuentes de sentido. Para un individuo determinado o un actor colectivo puede haber una pluralidad de identidades. No obstante, tal pluralidad es una fuente de tensión y contradicción tanto en la representación de uno mismo como en la acción social. La construcción de las identidades utiliza materiales de la historia, la geografía, la biología, las instituciones productivas y reproductivas, la memoria colectiva y las fantasías personales, los aparatos de poder y las revelaciones religiosas. (2001:28-29)

De uma forma resumida, podemos apoiar na definição de Aresta (2013:23) quando afirma que o conceito de identidade é associado a questões relacionadas com a forma como as pessoas se percebem e experienciam enquanto indivíduos, e à forma como se revelam aos outros.

Para Figueiredo e Noronha (2005), não sendo algo consensual, nem com uma posição estatística da sociedade, existem olhares diversos sobre o tema, conforme enquadramento ou contexto específicos, no tempo e espaço. Segundo os autores,

¹ Do próprio: “Djunta-mon”, é uma expressão “crioula” da língua cabo-verdiana que significa uma forma de entreatada, entre membros de uma mesma comunidade

(...) o debate sobre a questão das identidades na modernidade tardia é complexo porque, ao se partir de uma definição que na sua origem tem um uso ontológico, para empregos cada vez mais fluidos, sem contornos definidos, que vão do sociológico ao antropológico, do político ao cultural, do literário ao existencial, encontram-se problemas que se referem a visões essencialistas e até críticas que negam a possibilidade de se conceber a existência de uma identidade fixa. (Figueiredo e Noronha, 2005:189)

Para Madeira (2015b:6-7), “as últimas décadas a questão da identidade tornou-se cada vez mais central no debate entre académicos, sobretudo na análise das relações subjetivistas, contrapondo e/ou complementando as ideias objetivistas”. Esse questionamento torna-se assim, cada vez mais relevante na percepção da dialética de construção de identidades de minorias.

Relativamente ao caso de estudo, é salutar perceber se de fato podemos falar se estamos perante uma identidade quando abordamos a questão dos “Rabelados” e de que identidade podemos abordar. No caso de Cabo-Verde,

(...) a construção da nação cabo-verdiana decorreu de processos históricos, de movimentos culturais e da formação de uma consciência nacional, resultado de uma particularidade histórica, social, cultural e política que se iniciou com o desencadear do povoamento”. Madeira, João Paulo Carvalho e Branco (2015a: i)

Podemos chegar a mesma conclusão em relação aos “Rabelados”? Essa preocupação decorre do fato da formação de identidade dum minoria estar, obviamente, intrinsecamente ligada ao passado da formação social do meio em que se encontra inserida, neste caso particular, a formação da sociedade cabo-verdiana.

Lopes Filho (2003), referindo-se à cultura cabo-verdiana, afirma que “a identidade é, em qualquer circunstância, uma questão, complexa e que é-o ainda mais, tratando-se da identidade resultante dum contato de culturas feito nas condições simultaneamente brutais alienantes da escravatura e da colonização” (2003:317).

Ainda Castells (2010:6), referindo-se à construção da identidade, entende que a mesma é “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou conjunto relacionado de atributos culturais, que tem prioridade sobre outras fontes de significado”.

Ainda conforme refere o autor, “para um determinado indivíduo, ou para um ator coletivo, pode haver uma pluralidade de identidades” (Castells, 2010:06). Diante desse pressuposto e, tomando como certa a afirmação anterior, podemos inferir de que no contexto da construção

da identidade cabo-verdiana, também é possível encontrar várias identidades e a dos “Rabelados” pode ser uma delas.

Em Cabo Verde, ocorre efetivamente que o início do processo da construção da identidade do seu povo, teve lugar, nos primórdios do seu descobrimento. Para Madeira (2014:9), “a identidade cultural do povo cabo-verdiano funde-se no cruzamento das características próprias de duas civilizações (a europeia e a africana), da qual emergiu a mestiçagem, e é conservada como uma realidade sempre presente, de geração em geração”, despoletando como ainda caracteriza o autor, uma espécie de “miscigenação” que deu lugar ao “surgimento do mestiço que passou a ser um importante elemento na divulgação e afirmação da identidade e cultural cabo-verdiana” (2014:9).

Entretanto, apesar de “serem construídas”, o autor admite também que as identidades podem ser originárias de instituições dominantes, tornando-se, neste caso, “identidades apenas quando e se os atores sociais as internalizarem e constroem seu significado em torno dessa internalização” (Castells 2010:07). É neste caso que surge a identidade, como fonte de significado e experiência das pessoas.

Todavia, nessa construção, existem elementos que contribuem, direta ou indiretamente para a afirmação de uma dada identidade. No caso de Cabo Verde, são várias, podendo destacar-se a música, a gastronomia, a religião, as manifestações culturais, apenas para citar alguns.

De entre os elementos conformadores da identidade e da nação cabo-verdiana, Madeira (2014:11), destaca a “religião” que por sua vez esteve na origem do surgimento de uma minoria socio-religiosa, no interior da Ilha de Santiago, denominada, conforme Monteiro Júnior (1974:47-85), por “incentres” e posteriormente “Rabelados”, em dissidência com as práticas da religião católica dos anos cinquenta, da nossa era. Segundo o autor,

(...) a primeira vez que aparece escrita a denominação de “*Rebelados*” é na participação que, em Junho de 1959, o Rev. Pe. João Eduardo Moniz, Pároco da Freguesia de Santo Amaro Abade, dirigiu ao Administrador do Concelho de Tarrafal. Nela o missionário referia-se a “*essa gente*” que o povo deixou de chamar “*incrédulo*” para com mais exatidão chamar em termo crioulo “Rabelados”, o que em português castiço significa “*revoltosos*” (Monteiro, Júnior 1974:48).

De acordo com Lopes Filho (1996:180), “a Igreja Católica assume-se como a primeira instituição de relevância no arquipélago de Cabo Verde, com uma base moral, sob a qual se

estrutura a sociedade cabo-verdiana, “visto ser na Igreja que assentavam as bases de toda a ordem moral e social da época” (apud Madeira, 2014:12).

Interpelando, tanto na tese de Monteiro Júnior (1974), como no de Madeira (2014), podemos estar em presença de uma identidade socio-religiosa. Isto porque Castells (2010:12-13), ao abordar o tema “fundamentalismo religioso e identidade cultural”, defende que

(...) o fundamentalismo religioso é outra coisa. E afirmo que essa "outra coisa" é a fonte mais importante de construção de identidade na sociedade em rede (...). Quanto ao seu conteúdo real, experiências, opiniões, história e teorias são tão diversas que desafiam a síntese: "os fundamentalistas são sempre reativos, reacionários" e que os fundamentalistas são seletivos. Eles podem muito bem considerar que estão adotando todo o passado puro, mas suas energias empregam as características que melhor reforçarão sua identidade, manterão seus movimentos juntos, construirão defesas em torno de suas fronteiras e manterão outras pessoas à distância (Marty and Appleby 1991: ix-x apud Castells 2010:13).

Por outro lado, existem um conjunto de elementos da esfera social e não só, que concorrem fortemente para a construção de identidades e de uma forma atípica. Afirma Castells (2010:07) que “a construção de identidades utiliza materiais de formação da história, da geografia, da biologia, de instituições produtivas e reprodutivas, da memória coletiva e de fantasias pessoais, de aparatos de poder e revelações religiosas”.

Todavia, refere ainda o mesmo autor que “indivíduos, grupos sociais e sociedades processam todos esses materiais e reorganizam seu significado, de acordo com determinações sociais e projetos culturais que estão enraizados em sua estrutura social e em sua estrutura espaço / tempo” (Castells, 2010:7).

Com efeito, a dialética da construção de identidade nacional é suscetível de levantar questões relacionadas com a própria criação e existência do Estado-Nação. Para Madeira (2013:65), “a noção do Estado-Nação sugere a ideia de uma sociedade, onde os fatores homogêneos predominam sobre os fatores heterogêneos”. Defende ainda o autor que,

(...) para tal é necessário que sejam contextualizados os processos e as experiências históricas que marcaram a formação desse povo no sentido de descrever, analisar e explicar, diacrónica e sincronicamente, como se processou a formação da identidade e, posteriormente, a construção do Estado em Cabo Verde (2013:65).

Retomando a ideia anterior defendida por Castells (2010:7), de que a identidade, surge como fonte de significado e experiência das pessoas, Pinto (2015:150) defende que “a construção de

significado sobre a existência do grupo no tempo (de onde viemos, o que somos, para onde vamos) é o elemento principal da ligação que se estabelece entre os indivíduos: nós e eles (identidade social e alteridade), pertencente ou não pertencente ao grupo”.

Referindo concretamente a entidade cultural cabo-verdiana e de acordo com Lopes Filho (2003),

(...) a cultura cabo-verdiana é, também, consequência de um acumular constante de elementos e o resultado do contacto permanente com culturas diferentes (entre os quais sobressai a portuguesa e dos povos da costa africana defronte), facto que ao longo dos tempos tem ampliado as bases da nossa identidade. (2003:311)

Também Fernandes (2006:55-56), na sua investigação diz-nos que “as sociedades crioulas, em qualquer de suas aceções, remetem-nos para a questão das misturas e perda e hipotrofia de referências matriciais.” Para o autor, “teoricamente, elas se sedimentam num ambiente de relativa pulverização dos aspetos culturais originários, de tendencial crise organizacional e de desorientação valorativa de grupos em interação, num espaço alheio” (2006:57). E essa “mistura e perda” a que refere o autor, potencia o “significado e a experiência das pessoas” a que refere Castells (2010), reforçando a emergência da identidade.

Para Abranches (2007:23), “a construção da identidade deve ser entendida como um processo flexível e dinâmico, ao qual estão inerentes permanentes transformações”. São essas permanentes transformações que vamos abordar, ao longo do presente trabalho e saber, como outros fatores e/ou agentes como a *media*, irão contribuir para a sua reconfiguração e reconstrução, ao longo de um período determinado, mais especificamente, o período pós-independência nacional. Ainda sobre a temática, Ribeiro (2011), afirma que,

(...) a conceptualização sobre o tema da identidade enfrenta fortes embaraços que derivariam da circunstância de a identidade constituir um objeto sociológico duplicado, isto é, consiste tanto na ideia socialmente mobilizada da reificação das pertenças, quanto no conceito movediço e intensamente sujeito a desconstrução e a avaliação crítica. (Ribeiro, 2011:37-38)

Todavia, se tomamos como certas as afirmações dos vários autores sociais de que a identidade é construída, qualquer que seja, também podemos concluir que a formação da identidade de uma minoria poderá estar, de uma forma ou de outra, relacionada com os fatos que ditaram a da sua envolvente. É que, segundo Madeira (2016),

(...) a construção do Estado-Nação em Cabo Verde encontra-se aliada a inúmeros episódios de revoltas populares, que consistiram em protestos contra o regime e opressão colonial e se traduziram em processos de cariz emancipatório de resistência às pressões fiscais e às formas de hostilidade entre proprietários, morgados e/ou rendeiros e os escravos. (Madeira, 2016:50)

Efetivamente, a emergência do Estado-Nação a que referem Fernandes (2006) e Madeira (2014) são causa e efeito da globalização. Conforme defende Castells (2010) “a era da globalização é também a era do ressurgimento nacionalista, expressa tanto no desafio aos Estados-nação estabelecidos como na (re) construção generalizada da identidade com base na nacionalidade, sempre afirmada contra o estrangeiro” (Castells, 2010:30). É pertinente, neste contexto, acrescentar ainda que “o processo da globalização esbate as fronteiras nacionais, desestabiliza os vínculos dentro e fora dos Estados-nação, e afeta profundamente a constituição das identidades nacional e de grupos de interesse” (Torres, 2010:283), incluindo as minorias.

Ainda no que diz respeito a “identidade como a fonte de significado e experiência das pessoas”, defendida por Castells (2010:6), Hall *et al.*, (1992:48) asseveram nas suas análises que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas, no interior da representação”. Hall *et al.*, (1992) exemplifica e afirma que, “nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa” (Hall et al, 1992:49).

Se considerarmos às abordagens dos diversos investigadores em Ciências Sociais, chegaremos a um único denominador comum de que a identidade é construída e depende de vários fatores. Ou de outro modo, como postula Rocha (2017:213), “a identidade não é inata: *ser europeu* é transportar a herança da Grécia, de Roma, do cristianismo ... e toda a identidade é relacional e, por vezes, constrói-se *contra*: pomo-nos, opondo-nos”

O fato de a identidade não ser “inata” como postula Rocha (2017) coloca-nos desafios, na perspetiva de Sousa Santos (1993), como a recontextualização das identidades. Para o autor,

(...) a recontextualização das identidades exige, nas condições atuais, que o esforço analítico e teórico se concentre na dilucidação das especificidades dos campos de confrontação e de negociação em que as identidades se formam e dissolvem ... as novas-velhas identidades constroem-se na linha de tensão entre o *demos* e o *ethnos* e contra a identificação entre ambos... (1993:26-27).

Entretanto é relevante imaginarmos que todos esses fatos, relacionados com o processo da identidade e a sua construção e reconfiguração, não chegariam ao nosso conhecimento, se não fosse uma dose necessária de *mediatização* dos fatos, seja através de publicações periódicas, imprensa, ou outras formas de *mediatização*.

Na presente investigação, é importante referir que a cultura e globalização, representam um papel preponderante na identidade de minorias e os *media*, surgem como um fio condutor na sua reconfiguração. Para corroborar essa ideia, de um modo implícito, Évora (2012:92), defende que “embora não se tivesse formulado uma teoria da cultura, as preocupações, por exemplo, dos estudiosos dos efeitos da comunicação no comportamento e na ação humana que marcou a primeira metade do século XX nos EUA encerravam uma preocupação com a cultura”.

Especificamente, ao papel dos *media*, na construção de identidade e com relação ao estudo de caso que se pretende pôr em prática, há que analisar toda a produção mediática, no País, relativa a jornais impressos e diários digitais online (excluindo a TV e Rádio), durante um determinado período e de que forma contribuiu para a mudança e perceber se ela de fato, ocorreu. “Para analisar e compreender qualquer problema nos estudos sobre identidade impõe-se revisar análises que deram sentido aos conjuntos simbólicos formados pelos referidos fatos e representações” (Nganga, 2012:69).

Cabo Verde pós-colonial, segundo Lopes (2012), teve dois períodos distintos e marcantes (1975 e 1991), em que a liberdade dos *media* e conseqüentemente da imprensa, começaram a “ganhar força”, designadamente o período da independência nacional, ocorrida a 05 de Julho de 1975, e abertura da nação/regime ao multipartidarismo, em 13 de Janeiro de 1991 (Lopes, 2012). Esses dois grandes fatos, por si sós, são caminhos fáceis para a contribuição dos *media*, na promoção e transformação de qualquer fato social envolvente. Assim, a identidade de grupos e/ou minorias jamais ficaria indiferente no contexto da análise dos *media*, não tanto pelo impacto que tem em ciências sociais e na própria sociedade, mas sobretudo porque conforme Castells (2016:1) “comunicação e informação sempre foram fontes fundamentais de poder e contrariedade, dominação e mudança social”².

Geralmente, grupos sociais específicos, concretamente os denominados de “minorias” e em determinadas ocasiões “maiorias”, são os que mais chamam atenção dos autores sociais,

² **Traduzido do Italiano:** *Comunicazione e informazione sono da sempre fondamentali fonti di potere e contropotere, di dominio e cambiamento sociale.*

para a sua análise e compreensão. Temos o caso da investigação social sobre a comunidade “cigana” em Portugal³, a comunidade “quilombola” no Brasil e a própria comunidade de “Rabelados”, de Espinho Branco, na Ilha de Santiago em Cabo Verde. Para Bueno *et al.* (2018-153:154), “no âmbito das ciências sociais, o termo minorias diz respeito aos grupos submetidos a processos de estigmatização e discriminação que resultam em formas de desigualdade e exclusão sociais”.

Segundo os autores, “falar em minorias significa, portanto, falar de relações de poder desigual no âmbito da sociedade e da posição subordinada que certos grupos experimentam” (Bueno *et al.* 2018:154). Todavia, embora desigual, existem exceções e em fatos da realidade social, nem sempre a “minorias” significa necessariamente, subordinação ou o elo mais fraco. São, precisamente esses que chamam atenção aos investigadores sociais. Temos um caso atípico no passado, de segregação racial, do “Apartheid” na África do Sul, em que a *minorias* branca era a classe dominante. Segundo Giddens (2008:246), “a *minorias* branca Sul Africana, compreendendo uns 13% da população dominava a *maiorias* não branca. Os não brancos não tinham voto nem representação no governo central”. Em sociologia, “usam frequentemente o termo *minorias* de uma forma não literal, para se referirem à posição subordinada dos grupos na sociedade, e não à sua representação numérica. Existem muitos casos em que a *minorias* é de facto a maioria” (Giddens 2008:249).

A situação acabada de referir que durou até a década de noventa⁴, embora não fazendo parte do objeto do presente estudo, merece um tratamento específico e distinto, no campo de estudos sociológicos.

Alguns autores asseveram que “minorias” se trata de um “termo problemático e equívoco de difícil definição ... seja, para evitar o estigma e a segmentação social, visto considerá-la como carente de sentido lógico, seja por entender que é impossível definir um fenómeno tão dinâmico e variável.” (Vives e Braga:108). Mesmo não podendo encontrar uma definição estanque e consensual, sobre o que sejam minorias e os critérios a utilizar para a identificação dos seus membros, outros defendem que do ponto de vista social e humanitário, *minorias*, “são grupos sociais integrados na população de um Estado, mas

³ **Vide:** (Mendes, Manuela, e outros, Lisboa Dez/2014 – ACM, IP) - Estudo Nacional sobre as comunidades ciganas

⁴ **Vide:** Giddens (2008:246-250). A Constituição da África do SUL, adotada em 1996, é uma das mais progressistas do mundo, proibindo qualquer discriminação com base na raça, origem social ou étnica, religião ou crença, a par da orientação sexual, deficiência e gravidez.

distintos da maioria da população desse Estado pelos seus traços étnicos, culturais, religiosos e/ou linguísticos” (Jerónimo, 2013:247).

Ainda segundo Jerónimo (2013), no âmbito da Convenção-quadro para a Proteção das Minorias Nacionais (CQPMN), de 1995, estabeleceu-se uma doutrina que embora se afigure potencialmente problemático, por excluir estrangeiros e apátridas,

(...) os critérios *objetivos* avançados para a identificação de um grupo como minoria, incluem o fato de: **a)** se tratar de um grupo distinto, com características étnicas, culturais, religiosas ou linguísticas próprias; **b)** o grupo não ser politicamente dominante no Estado em que se insere, ainda que possa ser numericamente superior; **c)** o grupo ter um número considerável de membros; **d)** os membros do grupo residem no território do Estado e terem cidadania deste; **e)** existirem laços antigos, firmes e duradouros entre o grupo e o Estado; **f)** existir um sentimento de comunidade entre os membros do grupo; e **g)** ser assumido pelos membros do grupo o objetivo de preservar a sua identidade comum, traduzida na cultura, nas tradições, na religião e /ou na língua que lhes são próprias. (2013:248)

Cabecinhas (2012:151-162) aborda a questão de representações sociais, podendo compará-las com identidade de minorias, numa clara defesa dos seus interesses. Para o autor, “as representações sociais são conceptualizadas como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e contribuindo para a percepção de uma realidade comum a um determinado grupo” (2012:2-3). Segundo o autor,

(...) num mundo em acelerado processo de globalização, em que as pressões para a “massificação cultural” são constantes, cada grupo (nacional, regional, linguístico, etc.) ao mesmo tempo que absorve e transforma as ideias circulantes nos meios de comunicação “globais”, tenta preservar o que considera ser a sua identidade cultural própria, valorizando as suas tradições, usos e costumes, e definindo o seu “lugar singular” no mundo. (Cabecinhas, 2012:2)

Na afirmação seguinte de Burity (2015), podemos facilmente relacionar o fenómeno de identidade de minorias com os *media*, na medida em que só esses têm a potencialidade da sua secularização, no tempo e no espaço. O autor explica, afirmando,

(...) mas, precisamente em suas qualidades minoritária e minorizante, ela guarda uma necessária relação com lugares e grupos específicos. Ela desterritorializa e territorializa. É translocalizadora: propaga-se, difunde localmente o imaginário global; projeta globalmente identidades e práticas locais; empodera domesticamente ou espalha globalmente grupos locais que logram desenvolver relações ou conquistar apoios de parceiros e organizações internacionais ou transnacionais etc. (Burity 2015:52)

Baseados naquilo que defendem os vários autores acabados de referir, faz sentido, o enquadramento do papel dos *media*, na reconfiguração de processos de identidade cultural de um modo geral e mais especificamente de minorias, na sociedade. Pese embora,

conforme refere Évora (2018:28), a possibilidade de crescimento do setor mediático em Cabo Verde, é muito débil, dadas as características geográficas e económicas do País, em termos de representatividade dos “Rabelados” nos *media*, pode constatar-se que no período que se inicia da independência nacional à abertura política ao multipartidarismo, os conteúdos relacionados com o grupo mereceram destaque, seja nos aspetos que o afastam, seja nos que o aproximam à sociedade e ao próprio Estado.

Tratando-se de um grupo que divergiu de um grupo religioso maioritário da Igreja Católica, no início dos anos quarenta, por causa da presença de “Padres de batina branca” ou simplesmente da “congregação do Espírito Santo” (Monteiro, Júnior, 1974:139), a caracterização sociológica do grupo dos “Rabelados”, no contexto da “diversidade religiosa” (Castillo e Martinez, 2011:29-30), enquadra-se naquilo que podemos classificar como uma minoria (Jerónimo, 2013:247) socio-religiosa, com uma relevante representação nos *media*, particularmente nos anos pós-independência de Cabo Verde.

Essa representatividade dos “Rabelados” nos *media* potencia um olhar diferente e atenção das autoridades públicas nacionais perante a realidade do grupo, concretamente o Estado, reservando-lhes um lugar de destaque nas políticas sociais.

1.3 Metodologia

O presente trabalho de investigação analisa, de um modo exploratório, os *media* e a identidade cultural de minorias. Mais especificamente, em que medida a representação de conteúdos de uma dada minoria nos *media*, tem ou não impacto na reconfiguração e redefinição da sua identidade.

Quanto aos procedimentos técnicos, a presente investigação insere-se no método do estudo de caso, cuja unidade de análise são as notícias produzidas pelos *media* (Jornais impressos e diários digitais online, excluindo Rádios e TV) cabo-verdianos relativamente ao grupo dos “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na região Norte da Ilha de Santiago – Cabo Verde, em dois períodos distintos. O primeiro, no período pós-independência nacional e o segundo, após a abertura política do País ao multipartidarismo. Ou seja, a representação dos “Rabelados” nos *media*, nesses dois períodos. Convém referir ainda que, baseados nos

estudos de Évora (2018:28-41), o percurso mediático cabo-verdiano esteve na encruzilhada desses dois fatores, com diferentes aceções em termos de liberdade de imprensa.

O corpus de notícias, reunido nos *media*, serão objeto de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1979:19), “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Para o autor,

(...) o recurso à análise de conteúdo com o objetivo de tirar partido de um material dito «qualitativo» (por oposição ao inquérito quantitativo extensivo), é frequentemente necessário na prática habitual do psicólogo ou do sociólogo: estudos de motivação, entrevistas clínicas (recrutamento, diagnóstico, aconselhamento, psicoterapia) ou pesquisa fundamental. (Bardin, 1979:65)

Defende ainda Bardin (1979:95), que “as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três polos cronológicos”:

- 1) a pré-análise;
- 2) a exploração do material;
- 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A estratégia utilizada para responder ao estudo de caso e à análise dos resultados baseou-se numa análise de conteúdo, descritiva. Segundo Nascimento e Meira (2006:80), “a Análise de Conteúdo pode ser descritiva, mostrando, por exemplo, a variedade de elementos presente no conjunto de dados, ou analítica, procurando regularidades de avaliações nesses mesmos dados”.

Por outro lado, apoiamos a nossa categorização, na dicotomia das mensagens de notícias, com tendências negativas / positivas e neutras, ao longo do período em estudo, para avaliar o efeito que a mesma tem, na mudança dos comportamentos do grupo. O uso dessa categorização, no presente estudo de caso, foi empregue pela Rodrigues (2012, referindo Aragones, 1995:3), num trabalho de investigação sobre “Notícias positivas e negativas: implicações na atitude, comportamento e memória” tendo a autora afirmado que,

(...) o teor das informações (se são positivas ou negativas) é determinante no impacto e influência que exercem, e o “efeito da negatividade”, segundo o qual informações negativas têm um peso maior do que as positivas na formação de impressões (Aragones, 1995:3), ou seja, perante mensagens positivas e negativas, as negativas e desfavoráveis recebem mais atenção do que as positivas. (Rodrigues 2012:59-60, apud Nabi, 1999; Briscoe *et al.*, 1967; Levin e Schmidt, 1969; Miller e Rowe, 1967; Wyer, 1970)

Concretamente e de um modo intensivo e exaustivo, respondemos de um modo mais prático e específico, às seguintes questões, com recurso a uma grelha de análise de dados, conforme Anexo II, nomeadamente:

- 1º) Apreciação longitudinal da tendência positiva ou negativa: As notícias tendem, ao longo dos anos a apresentarem uma postura mais positiva?
- 2º) Apreciação longitudinal da presença da voz dos “Rabelados”: As notícias tendem, ao longo dos anos, a promoverem mais a voz dos próprios rebelados nas notícias? Que tipo de voz? Reclamação, exigência, agência, dinamismo próprio?
- 3º) Apreciação longitudinal da evolução dos temas debatidos/noticiados sobre os “Rabelados”: o que é mais destacado? História? Questões religiosas? Questões socioeconómicas e condições de vida? Questões Culturais/artísticas? Questões de associativismo?
- 4º) Interação entre os pontos 1º, 2º e 3º. A evolução positiva/negativa está associada a um crescendo da presença da voz? A Tendência positiva/ negativa está associada a temas específicos? A voz está associada a que tipo de temas?
- 5º) Resumindo tudo, podemos dizer que a tendência é em que sentido? Podemos ver nas notícias os motivos que explicam à tendência geral que indica?

A exploração de tal estratégia, resulta do fato de que “os *media* exercem um papel de forte influência na vida e no cotidiano das pessoas” (Martins, 2014:49), contribuindo para mudança de comportamentos. Esquemáticamente, eis a grelha de dados utilizada.

Tabela 1 - Representação dos “Rabelados” nos Media - Grelha de dados

REPRESENTAÇÃO DOS RABELADOS NOS MEDIA - GRELHA DE DADOS					Tendência da notícia		Voz Rabelado		1/2 frases que ilustram +/- ou ambos	
Nº	data	Jornal / Media	Titulo / Facto Observado	Tema/ assunto da notícia	positiva	negativa	ambas	Sim		Não

Fonte: Elaboração própria

Convém recapitular que segundo Bardin (1979:31, 38), “a análise de conteúdos é um conjunto de técnicas de análise das comunicações (...) que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos, de descrição dos conteúdos das mensagens”.

Resumidamente, a metodologia de análise que se pretende aplicar ao presente estudo encontra-se centrada na revisão da literatura (Carmo e ferreira, 2008:73-99) mais relevante, em relação à temática e a constituição de um “corpus” de notícias nos *media*, para o período anteriormente referido. Finalmente, recorrer-se-á à análise de conteúdo e interpretação de dados da representação dos “Rabelados” nos *media*, conforme já referido, com o objetivo de

avaliar o estado da arte, por um lado, e, por outro, confirmar ou infirmar as hipóteses anteriormente levantadas.

A opção pelo estudo de caso que tem por base esse “corpus” de notícias nos *media*, cujo fundamento se encontra expresso em Carmo e Ferreira (2008:234, apud Yin 1988), foi feita, fundamentalmente, por motivos de ajustamento à vida pessoal do pesquisador, aliada à oportunidade encontrada nas notícias veiculadas pela *media* nacional, diária e não diária, sobre a temática, de uma minoria socio-religiosa, conhecida por “Rabelados”. Neste particular foram recolhidas e analisadas cerca de 19 (Dezanove) notícias, disponíveis, entre jornais impressos e online, nacionais (Vide Anexo I), veiculados no período já referido (Períodos que coincidiram com dois momentos cruciais da sociedade cabo-verdiana: Independência nacional – 1975 e abertura do País ao multipartidarismo - 1991).

Não existem, todavia, estudos ou fundamentos que justifiquem, num horizonte temporal tão longo, que houvesse apenas essa quantidade de notícias nos órgãos referidos. Sabe-se, porém, que num determinado período (a partir da segunda metade da década de 2000), houve uma maior tendência de concentração da representação de imagens e conteúdos, dos “Rabelados” nos *media* cabo-verdianos.

1.4 Os “Rabelados”: uma apresentação inicial

Embora existam estudos sobre a identificação das características e origem dos “Rabelados” e dados estatísticos, pode-se considerar que o estado da arte em Cabo Verde, sobre esses grupos, ainda permanece escasso, necessitando de atualização constante. Monteiro júnior (1974), definiu-os como,

(...) um grupo a margem da Igreja, se bem que impregnado de profunda religiosidade e que nenhuma das suas práticas revela qualquer sincretismo com as religiões africanas e nada, nos ritos que praticam sem intervenção do sacerdote, são estranhas a liturgia e a fé católica. (Monteiro, júnior 1974:5)

Também, ainda não é visível a existência de políticas públicas sociais, destinadas especificamente à condição de grupos minoritários, como é o caso dos “Rabelados”. Todavia, fruto da dinâmica de Cabo Verde como um País independente, numa primeira fase, e abertura ao multipartidarismo, numa segunda etapa, esses grupos puderam receber outro tipo de abordagem, muito particularmente no ambiente mediático, própria dessas condições e que se destinam a uma grande variedade de situações e grupos alvo de intervenção. Com

efeito, o que tem sido realizado em termos de políticas públicas e respostas sociais para esse estrato da população não são conhecidas ou não se revelaram suficientes a ponto de colmatar as suas necessidades de manutenção do “status quo” numa perspetiva de longo prazo e não garante obviamente, o seu processo de total inclusão na sociedade.

Face a esta realidade justifica-se, cada vez mais, um olhar diferente, com recurso a realização de um estudo aprofundado baseado na representação de conteúdos dos “Rabelados” nos *media* e não só, acerca de novas abordagens relacionadas com a sua condição social. O propósito do estado da arte poderá vir a contribuir, para essa dinâmica que se quer em torno do tema.

Recorrendo ainda a Monteiro, júnior (1974:59), o surgimento desse grupo (que inicialmente foi visto por alguns como uma seita), geograficamente, circunscreve-se à Ilha de Santiago em Cabo Verde e a sua identificação oficial em finais da década dos anos 50 (cinquenta). O referido autor afirmou que,

(...) a polícia de Segurança Pública de Cabo Verde, em informação nº 42, de 24 de Abril de 1961, comunicada ao Governo da Província que: [...] os elementos da seita (Rabelados) estimam-se presentemente em mais de um milhar, só no concelho de Tarrafal. (Monteiro, júnior 1974:47-52)

Embora só muito distante ao reconhecimento da formação dessa minoria que logo no início, apelidou-se de “Rabelados”, ao cruzarmos as informações de alguns autores sociais, podemos afirmar que, pelas características dos mesmos, os indícios e antecedentes sociais que deram origem a essa minoria socio-religiosa foram anteriores ao referido reconhecimento. Avaliando “a dinâmica do movimento dos “Rabelados”, (Monteiro júnior 1974), ao abordar as diversas fases da formação do movimento, não consegue precisar e situar, “*stricto sensu*”, uma data concreta para atribuir o início da sua formação. Até porque, conforme o mesmo, “pode-se afirmar que o movimento dos “Rabelados” não foi idealizado e estruturado por este ou aquele indivíduo, ou grupo, em certa data, com determinado conteúdo ideológico, programa e uma técnica de ação” (Monteiro, júnior, 1974:89).

Todavia, fazendo uma breve incursão sobre a caracterização sociológica do grupo, o referido autor, diz-nos que,

(...) quem se detiver a estudar os “Rabelados” terá o ensejo de verificar que eles não são uma multidão de seres ou de indivíduos reunidos, mas um grupo de pessoas dominadas por sentimentos, representações e tendências semelhantes, formando uma unidade dotada, de certo modo, de uma estrutura interna que importa conhecer quando se procura estudar e compreender o comportamento daqueles que integram o grupo. (Monteiro júnior 1974:85)

Ainda segundo Monteiro júnior (1974:85-86), “os “Rabelados” constituem um grupo social primário, uma comunidade socio-religiosa (...)”

De acordo com a literatura sobre a matéria (Carreia 2000, Lopes Filho 2013, Évora 2018), analisando as características profundamente primárias e marcadamente religiosas dos “Rabelados”, nota-se que elas poderão ter sido herdadas, de certo modo, nos primórdios do descobrimento do arquipélago de Cabo Verde, associadas ao período da escravatura e a tentativa, algumas vezes falhadas, da introdução da religião católica no País.

No contexto do povoamento e segundo Carreira (2000:321-334), “(...) as investidas dos corsários auxiliaram os escravos e a mistura com eles alguns senhores, pardos e pretos alforriados, a buscar refúgio nos montes, acabando por ali ficar (...)”.

Ainda relata o mesmo autor, que juntamente com os escravos, “a fuga posterior de muitos outros, por essa mesma ou por outras razões, pode considerar-se, em grande medida, como um dos fatores determinantes do tipo de povoamento que se conservou até aos nossos dias, especialmente em Santiago (...)”. (Carreira 2000:330)

Tomando como certas as afirmações dos autores, podemos facilmente verificar uma certa peculiaridade grupal e, ao mesmo tempo, de dispersão que tais fatos ocasionaram nesses habitantes, numa espécie de “marginalização” forçada. “A frequência dos ataques e das fugas de escravos terá criado a necessidade dos fugitivos construírem “funcos”⁵ para se abrigarem, tanto mais que o perigo de ataque podia persistir por vários dias” (Op. Cit. 2000:330). A forma de viver, *isoladamente*, dos “Rabelados”, é característica da descrição feita pelo autor e já veio da época da escravatura. Há, portanto, de certo modo, alguma ligação do modo de vida desses grupos com o passado.

A partir da década de setenta da nossa era, entidades governamentais, jornalistas e investigadores, começaram a preocupar-se com a problemática da origem, evolução e dinâmica dos “Rabelados”, tendo-se realizado a partir de então um conjunto relevante de investigações a vários níveis, cujo resultado evidencia-se em alguns conhecimentos dos seus percursos, suas preocupações e motivações.

⁵ Antiga habitação dos “Rabelados” - Cabana tradicional, de fundação circular, com teto de palha em forma de cone; - *Funco* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-11-22 23:21:53]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/funcos>

Só para situar, a elaboração da história geral de Cabo Verde⁶ que provavelmente poderá trazer preocupações relacionadas com fatos sociais, do arquipélago, ocorreu 15 (quinze) anos após a independência nacional, quando, sob coordenação da Sra. Madeira Santos, a Cooperação Portuguesa financiou um importante documento, intitulado: História Concisa de Cabo Verde, repartidos em três volumes, pelos anos 1991, 1995 e 2002. Segundo nos relata o referido documento, perante a mudança reinante, a partir da segunda metade do séc. XVII (Santos, 2007:377-392), “a sociedade escravocrata desestrutura-se precocemente e a mudança acelera”.

A Igreja, sendo uma das instituições que praticamente iniciou a sua atividade com os descobrimentos, poderá ter sido a mais afetada com essa “mudança acelerada” e é ali que podemos encontrar o epicentro do surgimento de grupos ou classes sociais em Cabo Verde, ávidos de serem posteriormente objetos de investigação científica. Para o referido estudo, segundo Santos (2007:241-288), “(...) a presença da igreja católica foi tão pertinaz em todo o arquipélago de Cabo Verde e a sua manifestação social tão sólida que parece ser esta a única religião que prevaleceu desde os primórdios do povoamento até a atualidade.”, embora se saiba que não é assim tão linear, considerando a existência de outras religiões no arquipélago.

Embora frágil, comparativamente com a sua implantação em Cabo Verde, os efeitos da ação da igreja católica estiveram na origem do surgimento da minoria socio-religiosa, comumente conhecida por “Rabelados”. A força da religião conheceu um revés, com os primórdios da independência nacional e estado nação. Conforme Semedo (2015a:369), “consequentemente, e pela primeira vez na história do arquipélago, o Estado divorciou-se formalmente da Igreja concretizando assim, uma nova fase de relações entre o religioso e o político”. Esse divórcio, mais do que fragilizá-la, fez com que essa instituição, guiasse pelos seus próprios desígnios, sem interferência de outrem e “libertá-la ao mesmo tempo da circunferência estatal, com todos os riscos que isso poderia acarretar para a esfera política do sistema social em Cabo Verde” (Semedo, 2015:370).

Contudo, a religião católica exerceu um forte papel na formação da identidade do cabo-verdiano, tornando-o num fervoroso defensor dos ideais do catolicismo, desde o tempo dos descobrimentos. Para Semedo (2009:132-140), “o sagrado é uma dimensão universal e os

⁶ V. Maria Emília Madeira Santos (Coordenação e Organização) – Resumo da História Geral de Cabo Verde, Edição financiada pela Cooperação Portuguesa, Lisboa – Praia, 2007

primórdios da cultura têm as suas raízes em experiências e crenças religiosas. Por sua vez, Eliade (apud Semedo 2009:133) observa que “no princípio, toda criação cultural – ferramentas, instituições, artes, ideologias, etc. – era uma expressão religiosa ou tinha uma justificação ou fonte religiosas” (1989:87, apud Semedo 2009:133).

Tais fatos contribuíram, de certa maneira, para uma melhor compreensão e sentido do surgimento de minorias, no ambiente socio-religioso, como é o estudo de caso, objeto da presente investigação. Uma minoria, aliás, que surgiu na confluência de vários “status” identitários e culturais, como defende Lorena (2015:787), em que,

(...) as diferentes formulações discursivas sobre a identidade cabo-verdiana, elaboradas ao longo dos tempos, longe de convergirem para uma construção da identidade nacional linear e inequívoca, representam a diversidade, por vezes conflitual, de que é feito hoje esse sentimento de pertença cabo-verdiano. (Lorena, 2015:787)

E é precisamente sobre essa diversidade que vários autores deram a sua contribuição para a melhor compreensão dessa construção, ao longo do tempo.

As chamadas “minorias religiosas”, ou socio-religiosas, existiram com o sentimento religioso do homem e sempre despertaram interesses dos investigadores, jornalistas e homens de letras. Embora a sua inequívoca existência, para Braga e Vives (2013:08) “não existe consenso quanto a quais são seus limites exatos”. Para os autores, “trata-se de um termo problemático e equívoco de difícil definição” (2013:08).

Apesar de escassos, como referido anteriormente, o estado de arte sobre a problemática em torno de minorias, no contexto cabo-verdiano, apresenta alguns estudos, de entre os quais referi anteriormente a investigação de Monteiro, júnior (1974) sobre os “Rabelados” da Ilha de Santiago, de Cabo Verde, “Os “Rabelados” de Cabo Verde - História de uma Revolta”, da investigadora e jornalista francesa, Françoise Asher (2011), “Os “Rabelados” no Bacio e no Espinho Branco: pontes e portas na (re)formulação identitária do grupo”, de Maria de Lourdes Gonçalves, apenas para citar os mais importantes.

Mas, de um modo específico, podemos encontrar vários outros ensaios e trabalhos de investigação em torno da problemática de minorias em Cabo Verde e, mais especificamente, dos “Rabelados”. Évora (2018)⁷, dedicou um capítulo exclusivo sobre “a globalização cultural e identidades culturais cabo-verdianas” (2018:49-67), tendo dispensado uma boa parte desse capítulo à vivência dos “Rabelados”, como “exemplo de uma cultura

⁷ Évora, Silvino (2018) - Comunicação Social e Cidadania, ISEditorial, Cidade da Praia Cabo Verde - 2018

verdadeiramente local”. Ainda o mesmo autor fez uma grande incursão sobre a temática, quando afirma que,

(...) deparamos com uma comunidade – “Rabelados” da Ilha de Santiago – que procura manter um estilo de vida completamente oposto às marcas culturais da modernidade, imposta pelo triunfo do capitalismo que, com ele, trouxe a globalização da economia, da cultura e dos hábitos de vida. (Évora, 2011:85)

Num claro esforço em chamar a si, a força da globalização e *media*, como motores dessa transformação, o referido grupo despertou interesse, não só de investigadores nacionais, como além-fronteiras, destacadamente para os trabalhos de investigação da jornalista francesa Asher (2011). Na sua obra, nota-se que a mesma foi às origens para trazer ao conhecimento de todos a metamorfose do grupo e, sobretudo, abordar “a reconstrução de uma identidade, entre três lógicas específicas, nomeadamente a religião, a ignorância e o analfabetismo, como fundamento da resistência” (Asher, 2011:53-60).

As fontes e estado da arte, em torno da problemática de minorias sociais e mais especificamente dos “Rabelados” não se resumem apenas a obras, marcadamente de autores e investigadores, mas também em peças jornalísticas, ensaios, trabalhos académicos; e hoje podemos contar ainda com uma produção orientada para o grupo, recorrendo ao papel dos *media*.

Podemos destacar o trabalho conjunto, para a promoção do grupo, a “Rabelarte”: a casa cultural dos “Rabelados” de Espinho Branco que tem sido realizado, com a criatividade da ativista sociocultural Misa (Maria Isabel Alves) que nos últimos tempos, esteve ligada a promoção da comunidade dos rebelados⁸. Vamos avaliar com mais precisão na parte II – Estudo de caso, a vivência cultural dos “Rabelados” de hoje, comparativamente com os seus antepassados.

1.5 Os *media*, identidades e as minorias em Cabo Verde

Os *media* são potencialmente capazes de ter um papel fundamental na secularização dos fatos sociais, destacadamente a cultura e a identidade de um povo. Embora cultura e identidade sejam conceitos que remetem a uma mesma realidade, vista por ângulos diferentes, segundo Cuche (1999:175-176), “não se pode, pura e simplesmente confundir as

⁸ Vide Edição do diário digital online de 21. Novembro.2014 - “A Nação”

noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação”. Para o autor, “a cultura depende em grande parte de processos inconscientes” (1999:175-176).

Aliás, na mesma linha de pensamento, sobre o fenómeno da sociedade *mediada*, Thompson (1998:39), disse que “sentimo-nos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte, através dos *media*”.

Já “a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (Cuche 1999:176). Ainda segundo o autor, a cultura “é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade, além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória a questões da diferença entre os povos” (Cuche, 1999:9). A identidade, sendo contruída, segundo Moreira (2011:40), ela é “um processo que se leva a cabo em contraste dialógico com os demais, uma operação baseada no jogo das semelhanças e diferenças.

O problema da identidade dos povos remete para a sua cultura” (Moreira 2011:40). É importante referir aqui que a questão da identidade cultural, está relacionada com o seu reconhecimento. Para Carriço e Maropo (2013:199) “o reconhecimento público de uma identidade específica está diretamente ligado à visibilidade assumida por um determinado grupo ou grupo étnico no discurso social, seja no género informacional ou fictício”. Sousa Santos (1993:32), defende que “a questão da identidade é assim semifictícia e semi-necessária”. Isto é, conforme o autor, “para quem a fórmula, apresenta-se sempre como uma ficção necessária. Se a resposta é obtida, o seu êxito mede-se pela intensidade da consciência de que a questão fora, desde o início, uma necessidade fictícia” (Sousa Santos, 1993:32).

Concomitantemente, para Évora (2018),

(...) no caso de Cabo Verde, a dicotomia entre os “crioulos” e os “reinóis”, que encontrava correspondência numa antítese entre a cultura local (popular) e a cultura nacional (erudita), não cingiu ao séc. XVII, mas foi transportada para os séculos seguintes, onde viria a ser aprofundada (2018:61-62).

Por diversas ocasiões, vimos que a identidade é construída e para tanto deve ser reconhecida, por meios próprios. “Como uma identidade não é elaborada isoladamente, mas antes negociada pelo indivíduo durante toda a vida, se depreende daí a importância do reconhecimento nessa construção” (Figueiredo e Noronha, 2005:191).

Ora, falemos agora do enquadramento dos *media*. Quando Funari e Silva (2009:10) disseram que “as identidades são criadas e recriadas pelos agentes históricos e logo são edificações

que correspondem as necessidades do tempo histórico vivido por esses agentes”, embora não referindo de um modo explícito, não se consegue pensar nessa criação e recriação, sem pensar no poder da *mediação* dos *media*, em todo esse processo. Para compreendermos todo o percurso da dialética da cultura e da identidade cultural de um povo, de uma nação ou de uma determinada minoria, teremos de recorrer ao conceito da globalização que tem como seu impulsionador os *media*. Stuart (1992:67), questionou, “o que, então, está tão poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais, agora, no fim do século XX? E retomando, asseverou que “a resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo “globalização” (1992:67).

Segundo Évora (2011:86), “a globalização é um fenómeno dos nossos dias que se apresenta à sociedade de forma tão transversal que afeta os países, tanto nas suas relações internas – envolvendo as suas estruturas sociais – como na inter-relação entre os estados”. Desta forma, se é verdade que a globalização das culturas e das identidades culturais, é um fenómeno inequívoco das sociedades ao longo dos tempos, também, é sem dúvida que os *media*, são o suporte de todo esse processo. “A globalização é, de facto, uma construção social” (Torres, 2010:284).

Reverendo Cuche (1999), “todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante” (1999:190).

Convém retomarmos, ainda que breve, a questão da dicotomia da notícia positiva e negativa (ou neutra), dada a sua relevância na sociedade. Num trabalho de investigação sobre “*Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*”, Krotz (2007), citado por Hjarvard (2012:59) afirmou que “considera a midiatização como um processo contínuo em que os meios alteram as relações e o comportamento humanos e, assim, alteram a sociedade e a cultura”.

Mas de que forma? Para respondermos a esta questão, convém recuperarmos a metodologia utilizada, que organiza as notícias de forma cronológica, ao longo dos anos. A mesma avalia ao mesmo tempo se é dada ou não voz aos “Rabelados”, para justificar a relevância dos *media* na mudança de comportamentos da comunidade. Suportada na investigação de

Aragones (1995), aborda a questão da “Negativity Effect and the Emergence of Ideologies” e defende que⁹,

O efeito de negatividade "refere-se ao fenômeno psicológico de que as pessoas tendem a atribuir maior peso a informações negativas do que a informações positivas, igualmente extremas e igualmente prováveis, numa variedade de tarefas de processamento de informações. Ainda segundo o autor, numerosos estudos de formação de impressões descobriram que as informações negativas são mais pesadas do que informações positivas à medida que as impressões dos outros são formadas (efeitos negativos têm maior influência nos julgamentos finais). (Aragones 1995:3)

Conforme já referimos, no capítulo seguinte vamos desenvolver com mais pormenor e fundamentos os conceitos de cultura e identidade cultural, na perspectiva de outros autores. A tendência das notícias positivas / negativas e neutras, serão retomadas na interpretação dos dados.

⁹ Texto traduzido do original (Inglês), pelo mestrando, com recurso a <https://translate.google.com/?hl=pt-PT&tab=TT&authuser=0>

CAPÍTULO II – CULTURA, IDENTIDADE E A DIVERSIDADE CULTURAL

Torna-se relevante abordar questões relacionadas com os fatos sociais que, de uma forma ou de outra, fazem parte do referido fenómeno, sem a mínima pretensão de conceptualizar em profundidade, os referidos temas. Ou seja, apenas abordar a cultura, a identidade e a diversidade cultural, nos aspetos que cruzam ou que configuram as “minorias”.

Embora no presente capítulo tenhamos de fazer uma breve incursão aos conceitos operatórios, as limitações em se chegar à profundidade desses fenómenos, no presente trabalho de investigação, decorrem do fato da sua complexidade e relatividade, segundo a perspectiva de alguns autores. Aliás, como o próprio Brant (2009:10) disse, “cultura é algo complexo. Não se limita a uma perspectiva artística, econômica ou social. É a conjugação de todos esses vetores”.

Para Miller (2011:11), “a antropologia cultural dedica-se ao estudo de semelhanças e diferenças das culturas humanas em todo o mundo”. Retrocedendo a “finais do século XVIII e inícios do XIX”, Laraia (2011) disse que “as diferenças de comportamento entre os homens não podem ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas”. O autor recorreu a três “determinismos” fundamentais para caracterizar a “cultura”, designadamente o determinismo biológico, o geográfico e o histórico. Segundo o determinismo histórico, “o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspetos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo” (2011:17-25).

Silva (2002), na sua abordagem sobre “cultura e sociedade da comunicação”, ou *media*, afirma que “a cultura é um conceito polémico, facilmente politizável, que causava apreensão quando citado a alguns intelectuais do século passado dada a sua evidente ambiguidade” (2002:01). Para o autor, “a cultura é hoje um dos mais dinâmicos - e mais imprevisíveis - elementos de mudança histórica do novo milénio” (Silva, 2002:05).

A complexidade na definição do conceito de cultura, “face à diversidade de interpretações que o tema abarca”, também foi abordada por Lopes Filho (2003). Para o autor, “o vocábulo cultura adquiriu diferentes interpretações, consoante os reflexos das modulações espaço-temporais, de apropriações e das perceções de grupos sociais e indivíduos, que ao longo da

história da humanidade vêm tecendo comentários sobre este conceito” (Lopes Filho, 2003:13). Interpelando o autor, conforme a sua investigação nesta matéria¹⁰, a noção da cultura vem sofrendo transformações ao longo da história, de acordo com a evolução das civilizações. Reforçando ainda a tese de que é possível encontrar uma definição única e consensual do conceito, Lopes Filho (2003), fez uma abordagem antropológica, afirmando que nessa dimensão,

(...) a noção da cultura é complexa e multifacetada, tendo em conta a herança que a enforma, o dinamismo interno que a especifica e a condição de processo contínuo que a caracteriza, pelo que não pode ser definida apenas como um conjunto de atributos especificadores de um dado povo. Por construir uma herança, caracteriza, também, a vivência que se espera no respetivo futuro. (Lopes Filho, 2003:14)

Todavia, a cultura está relacionada com a identidade cultural, uma vez que segundo Hall (2006:47), “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Ainda segundo o mesmo autor, “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades” (2006:51). Cuche (1999), aborda a questão da dimensão histórica dos fenômenos culturais, defendida por Boas (1940, apud Cuche, 1999:68), que explica o processo de distribuição dos elementos culturais no espaço, de um ou de vários traços culturais, nas culturas próximas e analisar o processo de sua difusão, afirmando que,

(...) como cada cultura constitui um todo coerente, todos os elementos de um sistema cultural se harmonizam uns aos outros, o que torna todos os sistemas equilibrados e funcionais e o que explica que todas as culturas tendem a se conservar idênticas a si mesmas. (1999:70)

No rol de uma panóplia de fatos relacionados com a cultura, entre as quais, “a cultura popular (culturas marginais)”, Cuche (1999), aborda ainda a questão da cultura dominante e cultura dominada que está na base do conceito de maiorias e minorias.

Para o autor, “falar de cultura *dominante* ou de cultura *dominada* é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros” (Cuche, 1999:145).

Relativamente à cultura dominante a que se refere Cuche (1999), para Lopes Filho (2003:22), “com a “globalização” verifica-se uma tendência generalizada no sentido de culturas heterogêneas se incorporarem, ao serem integradas numa “cultura dominante” (que eventualmente virá a cobrir o mundo inteiro).

¹⁰ Vide: Lopes Filho (2003) – Introdução à Cultura Cabo-Verdiana

Sabendo que “cultura e identidade, estando associadas” (Cuche, 1999:175), coabitam lado a lado e que “as culturas estão sujeitas a mudanças” (Ojeda e Martinez, 2010:111), “pode-se afirmar que nenhuma cultura viva é estática; isto é, todas, por um motivo ou outro, estão sujeitas a processos de alteração”, também, da mesma forma, podemos concluir que a reconfiguração e redefinição de identidades de minorias, é uma constante, ainda mais sob o efeito dos *media*. Lopes Filho (2003:22), designa-a de “*continuum*”, isto é, para o autor, “a cultura varia e modifica-se sempre”. Todavia, convém ressaltar que, embora a associação da cultura e identidade, referida, segundo Cuche (1999:176), “não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação”.

Falando sobre a cultura e o que nos difere dos outros seres, Giddens (2006:163-164), disse que “uma das características mais distintas dos seres humanos, em comparação com outros animais, é que os seres humanos são auto conscientes”. Para o autor, “o problema da emergência do eu é muito debatido e é visto de maneira bastante diferente em perspectivas teóricas contrastantes” (Giddens, 2006:164).

Já com maior grau de afinidade, relativamente ao objeto da presente investigação, existem ainda autores que identificam especificidades nas culturas, assumindo-as como “microculturas”, culturas locais, ou seja, cultura de uma determinada minoria ou maioria.

Assim, segundo Miller (2011:18), “o termo microcultura, ou cultura local, refere-se a diferentes padrões de comportamento e pensamento aprendidos ou compartilhados em áreas locais e entre grupos peculiares. As microculturas são baseadas em etnia, gênero, idade e outros critérios semelhantes¹¹”.

Qualquer que seja a interpretação dada pelos autores, não restam dúvidas de que a cultura é conforme Lopes Filho (2003) “dinâmica e mutável ao longo do tempo”. Ora, sabendo que a cultura é “adquirida” e própria da relação do “eu com o outro, ou com grupos vizinhos” (Cuche, 1999), tal fato encontra-se fundamentado numa comparação que Laraia (2001:94-95) fez entre dois seres totalmente diferentes, designadamente “o comportamento dos indígenas e os hábitos das formigas saúva, durante quase meio milénio”, tendo concluído que “os habitantes do formigueiro repetiram os procedimentos de suas antecessoras”, enquanto que a sociedade indígena mudou, porque os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los”.

¹¹ Traduzido do Espanhol, pelo mestrando, com apoio da Google Translate

Segundo Laraia (2001:95), “o antropólogo concordaria, porém, que as sociedades indígenas isoladas têm um ritmo de mudança menos acelerado do que o de uma sociedade complexa, atingida por sucessivas inovações tecnológicas”.

Fazendo uma comparação, entre a ideia defendida por Maalouf (2000), em “identidades assassinas”, com o documentário “Nos Terra” (Polo, 2013), “aquilo que faz que eu seja eu e não outrem, é o facto de me encontrar na ombreira de dois países, de duas ou três línguas, de várias tradições culturais. É isso o que define a minha identidade” (Maalouf, 2000:18). Em termos mais específicos e, abordando o assunto no contexto de Cabo Verde, para Lopes Filho (2003),

(...) a cultura cabo-verdiana é, também, consequência de um acumular constante de elementos e o resultado do contacto permanente com culturas diferentes (entre os quais sobressai a portuguesa e de povos da costa africana defronte), fato que ao longo dos tempos tem ampliado as bases da nossa identidade. (2003:311)

Sem a pretensão de entrar em questões fechadas e de uma definição precisa, no que se refere a identidade do indivíduo, Maalouf (2000), defende que “a identidade de cada pessoa é constituída por uma multitude de elementos, que não se limitam evidentemente aos que figuram nos registos oficiais”.

2.1 A pluralidade e a diversidade culturais

A pluralidade e a diversidade, embora aparentemente similares, têm nuances e pressupostos diferentes, particularmente em contextos culturais. Assim consideramos relevante ter em conta, a perspetiva de estudos de diversos autores, sobre a temática. Por outro lado, torna-se importante explorar esses dois conceitos, no contexto da presente investigação e do estudo de caso.

Segundo Sampson (2009:40), “o tema da diversidade cultural vem suscitando um interesse notável desde o começo do século XXI e suas interpretações têm sido variadas e mutáveis”.

A pluralidade e diversidade culturais, são próprios da vida do homem em sociedade e da sua relação, com o outro. Conforme Gusmão (2008:54), “as relações entre os homens, constitutivas da vida em sociedade, são, sempre, profundamente heterogêneas e marcadas por relações de poder socialmente construídas”. A autora, identificou e explorou três campos de tensão que caracterizam a diversidade. Para a mesma e, numa perspetiva antropológica,

(...) a constituição de um campo de tensão entre sujeitos sociais diversos expõe ao pensamento e à prática antropológica três grandes processos inerentes às sociedades modernas: a) busca permanente pela homogeneização; b) existência da contradição; c) a ameaça constante do conflito. (2008:54)

Reforçando a sua pluralidade e diversidade, numa abordagem idêntica a de Gusmão (2008), Lopes Filho (2003), teria já defendido que,

(...) a cultura integra um conjunto multifacetado e interdisciplinar de ideais, saberes, atitudes, técnicas, equipamento material, padrões de comportamento, tradição oral, danças, música, crenças, sentimentos e atitudes que caracterizam um determinado povo e/ou sociedade, por construírem o seu património sociocultural. (Lopes Filho, 2003:23)

Num estudo desenvolvido por Costa-Lopes *et al.* (2008), sobre “a Construção Social das Diferenças nas Relações entre Grupos Sociais”, os autores defendem que “o sentido e o valor das diferenças e semelhanças são aspetos centrais na construção da nossa identidade pessoal, mas também da nossa identidade coletiva” (2008:769).

Se atentarmos às explicações sobre o surgimento da cultura, nomeadamente “de natureza física e social” (Laraia, 2001:53-55), e da “interação dialética entre o ser humano e a natureza, proposta pelo marxismo” (Ramos, 2010:83), facilmente concluiremos que ela é plural e diversa, sobretudo porque o próprio Laraia (2001), defende que “a cultura condiciona a visão que o homem tem do mundo”. Todavia, convém ressaltar que “para Marx a natureza não é só uma categoria social” (Schmidt, 1976, p. 78, apud Ramos, 2010:85).

Para Ruth Benedict (1972, apud Laraia, 2001:67), “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”.

Na sua obra “Raza e Cultura”, Lévi-Strauss (2015) analisa o conceito da diversidade cultural, concebendo uma teorização a partir de uma crítica ao etnocentrismo, afirmando que, “a diversidade das culturas raramente surgiu aos homens tal como é: um fenómeno natural, resultante das relações diretas ou indiretas entre as sociedades” (Lévi-Strauss, 2015:47)¹².

Relativamente à diversidade das culturas, o referido autor leva-nos a refletir naquilo que ele chamou de “inventário”. Segundo o autor, “para compreender como e em que medida as culturas humanas diferem entre si, se estas diferenças se anulam ou contradizem, ou se concorrem para formar um conjunto harmonioso, devemos em primeiro lugar traçar o seu inventário” (Lévi-Strauss 2015:43).

¹² Tradução própria, do Espanhol, com recurso à <https://translate.google.com>, em Jul2019

Todavia, e referindo ainda Lévi-Strauss (2015), nesse contexto é que reside a maior dificuldade, uma vez que para o autor, “as culturas humanas não diferem entre si do mesmo modo nem no mesmo plano” (2015:43). Contudo, para Laraia (2001:67), “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”.

Num trabalho de investigação sobre comunicação e sociedade, em que Barbosa (2012:231-240) aborda a questão da “responsabilidade social dos *media* na construção de uma cidadania inclusiva”, o autor defende que “o mundo em que vivemos está cada vez mais diversificado ... tornando-se, conseqüentemente, num “grande mosaico de línguas, crenças, costumes, religiões e *lifestyles*”, derivado sobretudo, “dos mais recentes fluxos de entrada de migrantes internacionais” (Barbosa, 2012:232).

Analisando sob o ponto de vista da diversidade e numa investigação referente a “identidade e memória social”, Cabecinhas (2006:2), afirma que “o modo como os grupos nacionais representam a sua história é fundamental na definição da sua própria identidade”. O autor associa globalização, identidade e cultura, defendendo que,

(...) um mundo em acelerado processo de globalização, em que as pressões para a “massificação cultural” são constantes, cada grupo (nacional, regional, linguístico, etc.) ao mesmo tempo que absorve e transforma as ideias circulantes nos meios de comunicação “globais”, tenta preservar o que considera ser a sua identidade cultural própria, valorizando as suas tradições, usos e costumes, e definindo o seu “lugar singular” no mundo. (Cabecinhas, 2016:2)

Complementando a ideia defendida por Cabecinhas (2006), para Figueiredo e Noronha (2005:200), “os processos de construção de identidade coletiva, nacional ou cultural, são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento”.

“A diversidade cultural, tal como a identidade cultural, estriba-se na inovação, na criatividade e na receptividade a novas influências” (Sampson, 2009:06). Por outro lado, a diversidade da cultura, está relacionada com aquilo que Berger (1985) defende, dizendo que “a cultura consiste na totalidade dos produtos do homem, sendo alguns materiais, outros não”. Para o autor, “o homem produz instrumentos de toda a espécie imaginável e por meio deles modifica o seu ambiente físico e verga a natureza à sua vontade” (Berger 1985:19). De igual forma, a diversidade e pluralidade decorrem do fato da “existência humana é essencial e inevitavelmente uma atividade exteriorizante e toda a sociedade humana é um edifício de

significados exteriorizados e objetivados que tendem sempre a uma totalidade inteligível”, Berger (1985:40). Entretanto, para Figueiredo e Noronha (2005), “os processos de construção de identidade coletiva, nacional ou cultural, são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento”. (2005:200). Defendem ainda os autores que,

(...) o que os distingue, como explicita Taylor, é o fato de que, quando se trata de grupos minoritários, ser reconhecido não é uma “necessidade”, mas uma “exigência” junto aos interlocutores com os quais esses grupos, cada vez mais específicos e numerosos nas sociedades democráticas, dialogam. (Figueiredo e Noronha, 2005:200)

Recuperando Laraia (2001:29), “a possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, torna o homem, como sendo único ser possuidor de cultura”. O autor, numa investigação feita em torno da cultura, sob ponto de vista antropológico, afirma que “o desenvolvimento do conceito de cultura é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana” (Laraia, 2001:07).

Baseados ainda nos conceitos desenvolvidos por Laraia (2001), no referido estudo, o mesmo, trouxe à nossa reflexão, os determinismos que fazem da diversidade e pluralidade culturais uma constante. Segundo o autor, “a grande diversidade cultural da espécie humana” (2001:17), reside na própria condição do homem enquanto ser social e da sua relação com a natureza.

Daí que Laraia (2001:17-19) fala de determinismos e antecedentes históricos, para justificar tais diversidades. Em termos de “determinismos biológicos”, o autor disse que “são velhas e persistentes as teorias que atribuem capacidades específicas inatas a “raças” ou a outros grupos humanos. Adianta ainda Laraia (2005:322) que “os homens agem diferentemente porque são biologicamente diferentes e essas divergências são resultantes de um processo evolutivo”. Já na perspectiva da relação do homem com a natureza, o autor introduz o “determinismo geográfico” e “considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural”. Finalmente, o autor leva-nos a refletir ainda, num terceiro aspeto relacionado com a diversidade que são os “antecedentes históricos do conceito da cultura”.

Para justificar o último determinismo, referido no paragrafo anterior, o autor baseia a sua análise em vários historiadores e antropólogos, tais como, Edward Taylor (1832-1917), Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e John Locke (1632-1704), afirmando que “a nossa espécie tinha conseguido, no decorrer de sua evolução, estabelecer uma distinção de gênero e não apenas

de grau em relação aos demais seres vivos” (Laraia, 2001:25). Para reforçar, o autor faz ainda uma comparação mais detalhada, asseverando que,

A posição da moderna antropologia é que a "cultura age seletivamente", e não casualmente, sobre seu meio ambiente, "explorando determinadas possibilidades e limites ao desenvolvimento, para o qual as forças decisivas estão na própria cultura e na história da cultura". As diferenças existentes entre os homens, portanto, não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper com suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas, dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias, conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura. (Laraia, 2001:30)

Lopes Filho (2003), introduziu na sua investigação, o conceito da identidade “nacional” e “social”, relacionando-as com a “nação e a “cultura”, respetivamente.

Para o autor, “a Identidade Nacional e Nação são construções complexas, compostas por diversos componentes (étnicos, culturais, territoriais e político-legais) (...) significando conhecer e preservar o passado, de modo que os seus valores se reflitam no futuro e sejam fatores de reconhecimento e de identificação” (2003:43).

Para Cabecinhas (2006:2), “a construção da história de cada nação é sempre um processo comparativo, já que a história de cada grupo nacional depende das relações estabelecidas com outros grupos”.

Sobre a temática, desta secção, na afirmação de Levis Strauss (2015:44-46), não restam dúvidas de que a pluralidade e diversidade sempre acompanharam o percurso do homem, enquanto ser social. Diz o autor que,

(...) se impone una primera constatación: la diversidad de culturas humanas es, de hecho en el presente, de hecho y también de derecho en el pasado, mucho más grande y más rica que todo lo que estamos destinados a conocer jamás ... la noción de la diversidad de culturas humanas no debe concebirse de una manera estática. Sin ninguna duda, los hombres han elaborado culturas diferentes en función de la lejanía geográfica, de las propiedades particulares del medio y de la ignorancia que tenían del resto de la humanidad. (2015:44-46)

O verdadeiro sentido da diversidade e pluralidade, vem também expresso na tese de Lévis-Strauss (2015:43), quando o mesmo afirma que “estamos, primeiro, em presença de sociedades justapostas no espaço, umas ao lado das outras, umas próximas, outras mais afastadas, mas, afinal, contemporâneas” (...) e que “a noção da diversidade das culturas humanas não deve ser concebida de uma maneira estática” (2015:46).

Giddens (2005), estabelece uma comparação entre as sociedades industrializadas ou modernas, com as pequenas sociedades ou primitivas e assume que “algumas sociedades

modernas, como o Japão, têm se mantido bastante monoculturais e são marcadas por altos índices de homogeneidade cultural”. Para o autor, “a maioria das sociedades industrializadas, contudo, está tornando-se culturalmente mais diversa, ou multicultural” (Giddens, 2005:40). A tese defendida por Giddens (2005:40), “leva à emergência de sociedades que são compostos culturais, ou seja, cuja população é feita de um número de grupos de diversas formações culturais, étnicas e linguísticas”.

Finalmente, convém referir ao relatório mundial da UNESCO (2009), referente ao investimento que se deve fazer a nível da diversidade cultural e diálogo intercultural. “No contexto da globalização, o aumento das migrações e o crescimento das cidades, os desafios conexos com a preservação da identidade cultural e o fomento do diálogo intercultural adquirem uma nova projeção e tornam-se mais urgentes” (Sampson, 2009:07).

O referido relatório, fala ainda dos principais vetores da diversidade cultural, destacando as línguas, a educação, a comunicação e os conteúdos culturais e a criatividade dos mercados. Segundo o autor, “ainda que praticamente todas as atividades humanas se repercutam na diversidade cultural, as suas perspectivas estão cada vez mais relacionadas com o futuro das línguas, da educação, da comunicação e dos conteúdos culturais e da criatividade e dos mercados” (Sampson, 2009:11-22).

Os vetores referidos no paragrafo anterior são cada vez mais importantes no processo da reconfiguração de identidades, na medida em que conforme Cabecinhas (2008:08), “a diversidade contribui para o enriquecimento da sociedade e é reconhecido que a diversidade é fundamental para o desenvolvimento e até para a própria sobrevivência da sociedade”.

Assim, o grupo socio-religioso dos “Rabelados¹³”, como expressão e “emergência de uma comunidade atípica”, significado de “uma cultura verdadeiramente local, face a cultura nacional cabo-verdiana” (Évora, 2018:61), constitui, mais um exemplo da diversidade e pluralidade da cultura. Convém ainda ressaltar que a característica do referido grupo não dista muito da “identidade da nação cabo-verdiana” (Madeira, 2016). Segundo Madeira (2016),

A construção do Estado-Nação em Cabo Verde encontra-se aliada a inúmeros episódios de revoltas populares¹⁴, que consistiram em protestos contra o regime e opressão colonial e se traduziram em processos de cariz emancipatório de resistência às pressões fiscais e às formas de hostilidade entre proprietários, morgados e/ou rendeiros e os escravos. (2016:50)

¹³ Vide, Monteiro júnior (1974:47-85): Quem são os “Rabelados”

¹⁴ Em particular, o autor destaca a revolta de 1822 nos Engenhos, a de 1836 na Praia, a de 1841 na Achada Falcão, a de 1847 no Sal, a de 1886 em Santo Antão, a de 1910 em Ribeirão Manuel, a de Achada Portal em 1920 e as de São Vicente nos anos de 1929 e 1934.

Resumidamente e, em jeito de conclusão, podemos estribar a nossa abordagem de diversidade e pluralismo na avaliação que Vives e Braga (2013:118) fizeram, afirmando que “é errado confundir diversidade com pluralismo. Na perspectiva dos autores, “o conceito de pluralismo possui três significados diferentes: a magnitude da diversidade religiosa; o grau em que os diferentes grupos religiosos existentes são aceitos em uma sociedade e o apoio ao valor moral e político da diversidade religiosa” (2013:118).

2.2 Os processos de Inclusão e Exclusão Social

A abordagem feita em torno do fenómeno da diversidade cultural, no ponto anterior, carrega em si um pouco da temática relacionada com a inclusão e exclusão social. A inclusão e exclusão social é algo que faz parte da vida do homem em sociedade e, cada vez mais, precisa ser debatida e compreendida. A própria natureza do homem, umas vezes limita a inclusão, facilitando a exclusão, e outras vezes, sucede, exatamente o contrário. Por esse motivo e sendo um tema relevante para determinar o percurso do homem enquanto ser social, cultural e parte integrante da sociedade, o seu desenvolvimento na presente investigação, tem toda a razão e fundamento.

Os fenómenos da inclusão e exclusão transportam, na sua essência, o efeito do etnocentrismo, definido por Horton e Hunt (1981:46), como “o hábito de cada grupo de tomar como certa a superioridade de sua cultura”.

Segundo Laraia (2001:80), “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”. Um outro fator referido pelo autor e que também pode limitar a capacidade do homem, nos processos de inclusão e exclusão, é a forma como um tem a percepção de uma determinada realidade. Diz Laraia (2001), que “a cultura tem uma lógica própria e que nem sempre as relações de causa e efeito são percebidas da mesma maneira por homens de culturas diferentes” (2001:87).

Os padrões de cultura, socialmente definidos, poderão incentivar os processos de inclusão e exclusão social, desde que um determinado indivíduo ou grupo, não reúna as condições impostas, por esse mesmo padrão.

A esse propósito e segundo Horton e Hunt (1981),

(...) na maioria das sociedades, alguns padrões de comportamento são geralmente condenados, mas mesmo assim amplamente praticados. Em alguns lugares, esses comportamentos ilícitos existiram durante séculos lado a lado com as normas que supostamente os tornam ilegais. A cultura ideal inclui os hábitos e costumes formalmente aprovados que se supõe que as pessoas devem seguir (as normas culturais); a cultura real consiste naquilo que na realidade praticam (as normas estatísticas). Os padrões reais e ideais são parte integrante da cultura. (1981:51-52)

Os processos de inclusão e exclusão social fazem parte da vivência do homem em sociedade. Para os referidos autores, “nenhuma sociedade consegue fazer com que toda a sua gente se comporte da forma esperada durante o tempo todo. O termo desvio é aplicado a qualquer falha na conformidade às normas costumeiras. O desvio assume muitas formas”, embora se deva ressaltar que “nem todas as pessoas se tornam desviantes.” (Horton e Hunt 1981:111).

O poder político e a forma como os governos encaram a problemática dos direitos humanos e das minorias, têm fortes implicações nos processos de inclusão e exclusão social. Segundo o relatório nacional de Direitos Humanos, a Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania (PNUD, 2010) e falando numa determinada realidade,

(...) Cabo Verde, por motivos óbvios, não escapou a este processo geral de democratização e afirmação interna dos direitos humanos, tendo concretamente optado por um regime multipartidário, aprovado uma Constituição aberta à consagração do grosso dos direitos humanos, enquanto direitos fundamentais, e vinculando-se aos principais instrumentos jurídicos internacionais de proteção da pessoa humana. (2010:07)

Apesar de haver abordagens na atualidade sobre vínculos próximos ou comuns, entre a coesão social e pertencimento, as duas noções não estão ligadas uma com a outra, de forma alguma. Num trabalho de investigação desenvolvido sobre a “Coesão Social e Diversidade Ética (Social Cohesion and Ethnic Diversity: Are They Compatible)”, por Duncan (2007), este teria afirmado que,

Social cohesion is a collective phenomenon, nourished by a combination of national ideas about cultural sameness and institutional structures promoting egalitarianism. Belonging, on the other hand, is basically a question of individuals’ psychological and historical attachment to places, people, traditions and so on, an affective sense of “homeness,” which may or may not align itself with societal interests or dominant values in any given polity. (2007:05)

Niessen e Huddleston (2010) fundamentam as suas abordagens com base na capacidade de aprendizagem do indivíduo e afirmam que,

(...) os indivíduos desenvolvem capacidades de aprendizagem ao longo da vida, assumindo, assim, o papel de agentes de mudança nas sociedades de integração. Tal como a facilitação do acesso às instituições tradicionais, a igualdade de direitos e deveres é fundamental para tornar possível a participação de todos os cidadãos. (2010:08)

O real cenário dos processos de inclusão e exclusão foi tema de um trabalho de investigação sobre a “a integração do negro e do mulato, na sociedade de classes”, desenvolvido pelo sociólogo, Florestan Fernandes (2008), baseada numa “reflexão madura e politicamente mais engajada sobre a sociedade de classes no Brasil”. Num dos fundamentos da sua tese para integração, o autor defende que “os negros, são tão centrais para a nação, como foram os trabalhadores industriais, na Inglaterra” (2008:11).

Segundo o autor, “o negro foi o contingente da população nacional que teve o pior ponto de partida para a integração da ordem social escravocrata e senhorial e do desenvolvimento posterior do capitalismo no Brasil” (Florestan Fernandes 2008:21). Para a concretização plena da integração do negro, na sociedade de classes, houve um longo caminho percorrido. “A participação do negro no processo revolucionário chegou a ser atuante, intensa e decisiva, a partir da fase em que a luta contra a escravidão assumiu feição especificamente abolicionista” (Fernandes 2008:30).

De acordo com a literatura sobre a matéria, vimos que os processos de inclusão e exclusão, algumas vezes são despoletados pelos próprios visados/atores sociais, como postula Fernandes (2008), quando afirma que, “os movimentos abolicionistas e as rebeliões nas senzalas deram um pano de fundo e uma cobertura moral extremamente vantajosos aos círculos sociais que encontraram condições para canalizar e capitalizar politicamente as insatisfações contra o antigo regime” (2008:56).

Por exemplo, no contexto do género¹⁵, os estereótipos são a melhor forma de explicar esse fenómeno. Segundo Pomar (2012:26), “os estereótipos constituem conjuntos bem organizados de crenças acerca das características das pessoas que pertencem a um grupo particular”. Apresentam vantagens, nos processos de inclusão, na medida em que “os estereótipos assumem, para o ser humano, uma função adaptativa, na medida em que lhes permitem a

¹⁵ Género é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças visíveis de sexo e género é uma forma primária de nos referirmos a relações de poder (Pomar, 2012:15).

organização da complexidade do comportamento em categorias operacionais, facilmente manejáveis” (Pomar, 2012:26).

Peirce-Burleson (2015), professora de jornalismo no Texas State University, em San Marcos, TX., apresenta-nos uma abordagem de estereótipos, baseada na teoria de gêneros, afirmando que,

A stereotype is a classification of a group of people based on a shared characteristic, which might be birthplace or residence than gender: *All Italians are in the Mafia, All Texans have oil wells and ranches, All Asians are brilliant*. Stereotypes are rooted in reality, somewhere in a distant past or dark place. While it is true that some Italians are in the Mafia and some boys are better at math than some girls, it is not true of all Italians or all boys. (2015:6-7)

Um outro aspeto potenciador ou inibidor, dos processos de inclusão ou exclusão social é natural e está relacionada com a probabilidade do indivíduo participar na sua cultura. Laraia (2001) fala em “determinismos biológicos”. Para o autor, “nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (2001:80). Ou melhor, para o autor,

(...) qualquer que seja a sociedade, não existe a possibilidade de um indivíduo dominar todos os aspetos de sua cultura. Isto porque, como afirmou Marion Levy Jr., "nenhum sistema de socialização é idealmente perfeito, em nenhuma sociedade são todos os indivíduos igualmente bem socializados, e ninguém é perfeitamente socializado. Um indivíduo não pode ser igualmente familiarizado com todos os aspetos de sua sociedade. (Apud Laraia, 2001:81)

Laraia (2001) exemplifica e aborda as “limitações que são objetivamente determinadas pela idade: uma criança não está apta para exercer certas atividades próprias de adultos, da mesma forma que um velho já não é capaz de realizar algumas tarefas” (2001:80).

Outras vezes, os processos de inclusão e exclusão estão consagrados em instrumentos oficiais ou cartas internacionais de proteção de direitos humanos, como é o caso do I Relatório Nacional de Direitos Humanos Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania (PNUD, 2010). Sobre o assunto, diz-nos o documento que,

(...) a ideia de que os seres humanos nascem livres e são iguais em dignidade, apesar de relativamente prosaica, tem uma poderosa força simbólica, com implicações concretas no campo de interação e na forma como nos vemos a nós próprios e aos outros, enquanto indivíduos livres, com conceções próprias e formas particulares de realização pessoal, a quem devem ser garantidos espaços de autonomia e assegurado um mínimo existencial para as perseguir e concretizar, e que não podem ser nem beneficiados e nem discriminados injustificadamente, com base em categorias suspeitas de raça, religião e posição social. (2010:07)

De igual modo, nos referidos processos, podemos também, observar, o fenómeno “género no discurso das ciências sociais”, uma matéria abordada por, Amâncio (2003), tendo o mesmo defendido que “o processo de integração do género nas políticas dos direitos humanos e de luta contra a discriminação baseada no sexo, reflete as especificidades do contexto histórico em que teve lugar e que vieram a marcar o discurso sobre ele” (2003:688). A autora baseou a

sua afirmação no “princípio da igualdade de direitos entre homens e mulheres, consagrada na carta das Nações Unidas, aprovada em 1945, em São Francisco, eliminando todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres” (op. Cit., 668).

Contudo, para promover o processo de inclusão, aliado ao esforço de entidade transnacionais, como as Nações Unidas, Amâncio (2003), refere a entidades de índole nacionais, com os incentivos a nível da educação e ensino, afirmando que,

(...) a expansão do sistema universitário que ocorreu no período posterior à segunda guerra mundial e o conseqüente alargamento da base de recrutamento de docentes e investigadores foram fatores determinantes para a abertura das ciências sociais, que se iniciou nos anos 60, como refere o relatório da Comissão Calouste Gulbenkian (1996). Para isso contribuiu a chegada de uma nova geração, sensível aos movimentos de protesto dessa altura, com preocupações de crítica social e novas exigências quanto ao papel da ciência na sociedade, que se refletiram na emergência de novos objetos e na progressiva acomodação de novas áreas de especialização no seio do velho sistema de disciplinas. (Amâncio, 2003:694)

Conforme Cardona (2011:69), “a organização do ambiente educativo, pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento de práticas educativas integradoras, em que rapazes e raparigas se identificam e podem aprender princípios básicos de cidadania”.

Uma outra evidência relevante no processo de inclusão social, ocorre aquando de atos de manifestações culturais da origem do individuo ou grupo, quer a nível da música, da dança, do artesanato, etc.. (Contador, 2001). Para o autor,

(...) a música apresenta-se, por conseguinte, enquanto bastião da cultura africana original que se relaciona com o "autentico com poucos meios" enquanto nomenclatura distintiva do próprio grupo, cujas linhas de desterritorialização não ultrapassam o reduto da casa, do grupo e da *we – comunidade* (...) A música africana trazida para casa pelos pais dos jovens negros portugueses é essa música africana travestida em *world music*, que se esvazia em etnicidade, em consciência de pertença etnicizada a um *we-group* africano, e se reposiciona no espectro das referências musicais ocidentais e urbanas. (Contador, 2001:50-51)

Baseados naquilo que defendem os autores que acabamos de referir, o processo de inclusão social é irreversível, no mundo em que vivemos. Recapitulando uma vez mais Aragonés (1995), em “Negativity Effect and the Emergence of Ideologies”, a carga negativa que a exclusão social arrisque a carregar, na atualidade, poderá ter um efeito positivo, condicionando o seu progresso.

2.3 A identidade socio-religiosa de minorias

Na presente secção, abordaremos a questão da identidade socio-religiosa de minorias e, ao mesmo tempo, vamos analisar como se forma a identidade socio-religiosa e particularmente de minorias, segundo a perspectiva de alguns autores. Especificamente, se ela é derivada ou original e quais as suas motivações ou causas.

As sucessivas revoltas ocorridas com o processo do povoamento do arquipélago de Cabo Verde e que deram origem a algumas subclasses, como a “formação do crioulo” (Carreira, 2000), a par de outras, também serão referenciadas na presente secção.

Sobre a pertença religiosa e identidade, Maalouf (2000), defende, na sua obra, “identidades assassinas” que,

(...) em todas as épocas, encontrou pessoas que o levaram a considerar que possuía uma só pertença maior, tão superior às outras em todas as circunstâncias que poderia legitimamente chamar *Identities*. Onde as pessoas se sentem ameaçadas pela sua fé, é a pertença religiosa que parece resumir toda a sua identidade. Mas se é a língua materna e o seu grupo étnico que se encontram ameaçados, as pessoas bater-se-ão ferozmente contra os seus próprios correligionários. (2000:21)

Sobre a sua originalidade ou derivação, acima referida, Acre (2000:49, apud Melucci, 1991:42), elaborou uma tipologia elementar que distingue analiticamente quatro configurações de identidade possíveis, sendo a que interessa para o presente estudo, a seguinte:

(...) identidades desviantes, en cuyo caso "existe una adhesión completa a las normas y modelos de comportamiento que proceden de afuera, de los demás; pero la imposibilidad de ponerlas en práctica nos induce a rechazarlos mediante la exasperación de nuestra diversidad. (Acre 2000:49)

Embora em termos de abordagem, a “identidade” foi já tratada na Secção 2. do Cap. I. na presente secção, vamos abordá-la no contexto da memória coletiva, por ser esta mais relacionada com o contexto de minorias. Todavia, convém referir que, paradoxalmente, o surgimento da identidade no contexto das ciências sociais “é relativamente recente, a ponto de ser difícil encontrá-lo entre os títulos de uma bibliografia antes de 1968”, conforme nos diz Gimenez (2009:25). Como sendo próprio da vivência do indivíduo na comunidade, segundo o autor, “a identidade é aprendida, ou seja, não é uma propriedade inerente das pessoas ou do indivíduo isoladamente¹⁶, mas, como a cultura que serve como nutriente, é o resultado do aprendizado através da socialização formal ou difusa” (Gimenez, 2009:14),

¹⁶ **Nota:** A expressão sublinhada é do mestrando.

Segundo o autor,

(...) la identidad, como base de la teoría de la acción social, ayuda a comprender los conflictos sociales, a descubrir actores sociales largamente ocultados por segmentos sociales más amplios, así como potencia la teoría de la acción comunicativa. Nuevas perspectivas teóricas han sido posibles a partir del estudio de la identidad: estudios regionales de género, migración, movimientos sociales, conflictos raciales e interétnicos, entre otros. (2009:19)

Como resultado da teoria da ação social, referida por Geminez (2009:19), Arce (2000:13), teria afirmado anteriormente que “o processo de construção de identidades tornou-se mais complexo como resultado da divisão social do trabalho, do crescimento e da diversidade das sociedades e do surgimento do Estado” (2000:13). Sobre essa complexidade, o autor relaciona o simbolismo (representações ou memória coletiva), o indivíduo e o meio social coletivo, em que encontra inserido, asseverando de um modo expresso que,

Si partimos de una posición donde la identidad se construye precisamente en la relación entre lo individual y lo social dentro de un contexto histórico y simbólico, observamos que la complejización de los procesos sociales va a plantear ajustes y transformaciones en las actitudes y rasgos individuales, con lo cual se establecen diferentes posibilidades de adscripción identitaria. (2000:15)

A fim de evitar mal-entendidos em torno da identidade coletiva, Acre (2000:61-62), enumera seis proposições axiomáticas que caracterizam as identidades coletivas, designadamente:

1. “Sus condiciones sociales de posibilidad son las mismas que las que condicionan la formación de todo grupo social: la proximidad de los agentes individuales en el espacio social;
2. La formación de las identidades colectivas no implica em absoluto que éstas se hallen vinculadas a la existencia de un grupo organizado;
3. Existe una "distinción inadecuada" entre agentes colectivos e identidades colectivas, en la medida en que éstas sólo constituyen la dimensión subjetiva de los primeros, y no su expresión exhaustiva. Por lo tanto, la identidad colectiva no es sinónimo de actor social;
4. No todos los actores de una acción colectiva comparten unívocamente y en el mismo grado las representaciones sociales que definen subjetivamente la identidad colectiva de su grupo de pertinência;
5. Frecuentemente, las identidades colectivas constituyen uno de los prerequisites de la acción colectiva. Pero de aquí no se infiere que toda identidad colectiva genere siempre una acción colectiva, ni que ésta tenga sempre por fuente obligada una identidad colectiva;
6. Las identidades colectivas no tienen necesariamente por efecto la despersonalización y la uniformización de los comportamientos individuales (salvo en el caso de las llamadas "instituciones totales", como un monasterio o uma institución carcelaria)”.

Para Cuche (1999:182), “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas”. Ainda no mesmo raciocínio, diz o autor que “a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais” (1999:182).

Baseado no conceito operativo, podemos deduzir que a religião é parte integrante do indivíduo na sociedade, uma vez que conforme Carmo (2001:27), “é um fato que a esmagadora da humanidade professa uma religião, seja ela qual for”. Considerando a diversidade das tradições e características religiosas, Carmo (2001:47), apoiou-se numa abordagem operacional, para formular um conceito abrangente e provisório da religião. Para o autor,

(...) religião é um sistema estruturado de crenças destinado a explicar o significado da vida e da morte do Homem, numa perspectiva que transcende – a do sagrado – mas para a qual é chamado a contribuir dinamicamente, numa caminhada (ou via), através de gestos, ritos, atitudes, preces e comportamentos, de que decorrem uma liturgia e uma ética próprias. (2001:47)

Como vimos, a religião, é parte da representação social do indivíduo na comunidade, “a noção de identidade, também, faz parte de uma teoria das representações sociais e de sua eficácia específica, no processo de construção simbólica do mundo social” (Geminez, 2009:201). Para um breve enquadramento, convém referir que “até a idade média, a religião era quem determinava o que era verdade e era quem possuía todas as explicações sobre todos os fenômenos. A religião passou a produzir verdades por adesão, ou seja, só as adere quem acredita nelas” (da Silva, 2001:2).

Para continuamos a falar da minoria religiosa, convém efetuarmos uma breve abordagem sobre a religião. Os estudos nesta matéria, são profundos e seculares. Remontam à história da humanidade. Aliás, no concernente ao assunto e segundo Burity (2015),

(...) a intensa mobilização religiosa, suas múltiplas formas de articulação e antagonismo com forças sociais e políticas de diversas escalas de magnitude e poder, e o impacto sociocultural produzido em grande parte do mundo pela continuidade e transformação das identidades e práticas religiosas colocam a séria questão do estatuto da religião no cenário global. (2015:56)

“Um termo problemático e equívoco de difícil definição” é assim que Braga e Vives (2013:108), caracteriza o fenómeno social “minoria religiosa”. Um outro investigador (Carmo, 2016) afirma que “a ideia de grupo minoritário e, por conseguinte, os conceitos de minoria têm sido debatidos e compreendidos de maneiras diferentes por pesquisadores de várias áreas” (Carmo, 2016:203). Ainda conforme Braga e Vives (2013:108), “nos últimos anos, como fruto da abertura à diversidade que nossa sociedade está experimentando, diversos grupos auto-conceitualizados como minoritários irromperam na cena pública reclamando seus direitos (entre eles, alguns grupos religiosos)”.

Nesse contexto, para Braga e Vives (2013),

Uma minoria religiosa é um grupo de pessoas residentes no território do Estado, numericamente inferior e não dominante em relação ao restante da população, cujas convicções e práticas religiosas, que a individualiza por serem diferentes da maioria ou do restante da população, pretende-se manter, conservar e promover para o futuro, embora implicitamente, de maneira coletiva e solidária como grupo, com lealdade ao Estado no qual vive, e com independência do grau de reconhecimento jurídico que o grupo tenha atribuído no Estado do qual faz parte. (Mazarío, 2003, apud Braga e Vives, 2013:111)

O homem, como sendo um ser social, por natureza e que não foi dado para viver isoladamente, sucede quer em grupos minoritários, quer em grupos majoritários. Por isso, damos razão a Berger (1985:17), ao defender que “o ser humano não pode ser concebido como algo isolado em si mesmo, numa esfera fechada de interioridade, partindo em seguida para se exprimir no mundo que o rodeia”.

Segundo Bueno *et al.* (2018), num trabalho de investigação sobre contribuições da etnografia educacional para o estudo de minorias e majorias, “falar em minorias significa, portanto, falar de relações de poder desigual no âmbito da sociedade e da posição subordinada que certos grupos experimentam” (2018:154).

Embora sem consenso, quanto aos seus limites exatos (Vives e Braga, 2013), para Ferraz *et al.* (2016:29),

A definição de minorias deriva de várias razões: arranjos históricos, como a acomodação de minorias linguísticas (Bélgica e Canadá); proteção de grupos que, no passado, sofreram injustiças que devem ser resgatadas (indígenas); minorias religiosas que, por questões variadas, sofrem perseguições, não obstante o texto constitucional abrigar o princípio da igualdade de todos perante a lei; minorias raciais, grupos que, por razões diversas, precisam de proteção especial para o pleno exercício de seus direitos e assim por diante”. (2016:29)

Mas, qualquer que seja a abordagem dada, segundo os autores, em termos da caracterização de uma minoria religiosa, “o nexó de união principal é a profissão de uma fé ou crenças e seu desejo de praticar, com os outros membros do grupo, sua própria religião ou convicções” (Vives e Braga 2013:111).

Com efeito, segundo Berger (1985:15), “a sociedade é um fenómeno dialético e é um produto do homem e toda a sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”.

Tal como qualquer substrato social organizado, as minorias devem ter o seu devido enquadramento na sociedade, tanto é certo que “os direitos das minorias constituem matéria da mais alta relevância e atualidade nos estudos de Direitos Humanos, seja no âmbito do

Direito Internacional, seja no plano do Direito Constitucional moderno” (Ferraz *et al.*, 2016:27).

Esses direitos encontram-se consagrados em todos os discursos e documentos de referência da ONU. Para o atual Secretário Geral das Nações Unidas, “minorias religiosas e étnicas devem usufruir plenamente dos direitos humanos. A diversidade é uma riqueza, nunca uma ameaça.” (Guterres, 2019). Convém referir que “a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)¹⁷ foi adotada em 10 de dezembro de 1948”. No cômputo dos seus 30 (trinta) artigos, referimo-nos ao 1º e 2º que mais se identificam com o objetivo da presente investigação:

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

Feita uma análise a esses dois artigos, poderemos concluir, “a priori”, que estas potenciam a salvaguarda dos direitos de minorias, dos Estados onde os direitos humanos são respeitados.

Por mais paradoxal que pareça, “minorias” passou a ser um fenómeno da globalização. Para Sampson *et al.* (2009:01), “a globalização aumentou os pontos de interação e fricção entre as culturas, originando tensões, fraturas e reivindicações relativamente à identidade, particularmente a religiosa, que se convertem em fontes potenciais de conflito”.

Segundo, Burity (2015:61), “a minoritização, não se referindo estritamente a um critério quantitativo, tampouco é um fenómeno espacialmente delimitado. Como processo e como emergência, a minoritização é do mundo, é uma tendência global”. Por isso, a problemática de minorias, faz parte das preocupações dos principais atores na arena internacional, como a ONU, a EU, apenas para citar alguns. Torres (2010:287), expressou essa preocupação no seu artigo científico – Globalização, Multiculturalismo e Cidadania, afirmando que “a extensão da noção de direitos humanos a todo o globo tornou os direitos individuais acessíveis a

¹⁷ Vide: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/textos-explicativos/>

sujeitos que não estão abrangidos pelo estatuto de cidadão nacional”. Ainda na mesma sequência, diz o autor que “os direitos humanos surgem como um novo quadro normativo, um novo discurso e uma nova estrutura transacionais, que não só celebraram e promoveram ativamente os direitos humanos enquanto princípio organizador a nível mundial” (Torres, 2010:287).

Centrando a abordagem no quotidiano cabo-verdiano, vimos que o debate em torno da sua identidade, “tem sido um tema amplamente discutido, muitas vezes alimentando acesos e conflituosos debates” (Lorena, 2015:786). Para complementar, é bom referir ainda, segundo a autora, sobre esta temática que,

(...) as diferentes formulações discursivas sobre a identidade cabo-verdiana, elaboradas ao longo dos tempos, longe de convergirem para uma construção da identidade nacional linear e inequívoca, representam a diversidade, por vezes conflitual, de que é feito hoje esse sentimento de pertença cabo-verdiano. Esta é uma história repleta de ambiguidades e ambivalências que se inserem, obviamente, em conjunturas históricas, políticas e ideológicas particulares, sendo as diferentes versões identitárias coetâneas das épocas em que são produzidas. (2015:787)

Alguns relatos de “inúmeros episódios de revoltas populares, que consistiram em protestos contra o regime e opressão colonial” (Madeira, 2015a:50) teriam contribuído, por aquilo que Lorena (2015) afirmara, em termos da construção da identidade nacional, onde segundo a autora, “as diferenças étnicas, culturais, religiosas e sociais existentes dentro do mundo colonizado são atenuadas, enquanto as diferenças que o opõem ao colonizador são exacerbadas” (Lorena, 2015:789).

Ainda sobre as revoltas populares, em Cabo Verde, “a situação social na época que antecedeu a abolição” (Carreira, 2000:335-363) foi um período marcante da sua história, com vários episódios de caris social, nomeadamente, “a fuga de escravos para os montes e, com ela a decadência do morgadio e da propriedade rústica” (Op. Cit. 335).

Segundo o referido autor, “os primeiros 50 anos do Séc. XIX foram férteis em acontecimentos graves nas ilhas, alguns deles a coberto da proclamação do liberalismo” (Carreira, 2000:336). Tais sublevações começaram evidentemente, por conduzir ao surgimento de pequenos grupos, em defesa dos seus interesses de sobrevivência. Por exemplo, o mesmo autor dá-nos conta de que “em 1822 os moradores da Ribeira de Engenho, na Ilha de Santiago, revoltaram-se contra as prepotências *do coronel*, Domingos Ramos, administrador do vínculo do Engenho” (Carreira 2000:338). Das revoltas, sucediam a fuga de escravos, foros e brancos “para os montes, formando ali o seu sítio angariando por si

os meios de subsistência (...) comprovando além do tipo de povoamento disperso (bem característico em Santiago), por dois documentos”:

a) na Carta da Camara da Ribeira Grande, ao rei, de 11 de Julho de 1619, em que pede sejam perdoados *os homiziados* de ferimentos e cousas leves, ... b) o ofício de 29 de Agosto de 1804, enviado pelo Governador às diferentes autoridades do arquipélago e no qual se diz expressamente: (...) achando-se [a agricultura] em grande abatimento pelas frequentes fugidas de escravos (...). (2000:347)

Nessa altura, era natural a existência de grupos sociais, com características de opressores e oprimidos, maiorias e minorias (não apenas do ponto de vista quantitativo, mas sobretudo em termos qualitativos). Segundo Carreira (2000), “como muito cedo se iniciou a manumissão de cativos, ainda que em pequena escala, surgiu a classe de ‘*homens forro*’, pretos e mulatos”. O fenómeno cá descrito, tomou uma configuração global, pois, ainda segundo o referido autor, (...) as prepotências, os levantes, os períodos de luta armada ou apenas de tensão, sucederam-se por essa altura nas Antilhas, na América central, do Sul e do Norte, em toda a parte em que a estrutura socioeconómica se baseava no trabalho de escravo. (Carreira, 2000:346)

No que se refere a Cabo Verde, “cuja economia foi sempre de tipo agropecuário com a chegada do artesanato de panos de algodão, os problemas da propriedade rústica, assumiram papel de destaque (sobretudo em Santiago), pela sua dependência do trabalho de escravo” (Carreira 2000:346).

Revoltas sucessivas, aliadas a “frequência de ataques, teriam criado a necessidade de os fugitivos construírem os seus Funcos¹⁸ para se abrigarem, tanto mais que o perigo do ataque podia persistir por vários dias... resultando em fixação definitiva, ao longo do interior” (Carreira, 2000:353).

Convém referir, como nota conclusiva, de que todos os fatores acabados de referir, acabam por contribuir, direta ou indiretamente pela definição de identidade de uma minoria socio-religiosa. E no caso do presente objeto de estudo, temos o grupo socio-religioso, denominado de “Rabelados”, pela primeira vez, em 16 de Junho de 1959, numa participação do então Rev. Pe. João Eduardo Moniz (hoje, falecido), Pároco da Freguesia de Santo Amaro Abade, dirigida ao então Administrador do concelho do Tarrafal, de Santiago, Cabo Verde” (Monteiro, júnior, 1974:47-48).

¹⁸ Habitação de tipo africano, de planta circular e cobertura cónica em colmo ou folha de coqueiro. *Funco* é vocábulo de língua africana (ignorada) registado nos textos portugueses do Séc. XVI (Carreira, 2000:353)

2.4 Aspetos relevantes do povoamento das Ilhas e a formação da identidade cultural cabo-verdiana

A presente secção, tem por objetivo dar a conhecer, com base na revisão de literatura e em termos breves, os meandros do processo do “achamento” (Madeira, J.P. 2013:65) e povoamento do arquipélago de Cabo-verde, pelos portugueses e o seu impacto na formação da identidade cultural cabo-verdiana, enquadrado no objeto de estudo desta investigação.

Todavia, o que mais interessa para o presente objeto de estudo relaciona-se sobretudo com a formação do substrato humano e cultural do arquipélago, embora o horizonte temporal, também tenha a sua importância no processo.

Porém, do ponto de vista temporal, é unânime, para a maioria dos investigadores da área social de que o arquipélago de Cabo Verde, foi “achado” ou “encontrado”, pelos navegadores portugueses, em 1460. É que segundo Carreira (2000),

(...) a descoberta das primeiras ilhas do arquipélago de Cabo Verde deu-se em 1460, ainda em vida do Infante D. Henrique que com a morte, ocorrida em 13 de Novembro de 1460, D. Afonso V doou, por carta régia de 3 de Dezembro do mesmo ano as Ilhas de Santiago, Fogo, Maio, Boavista e Sal, ao irmão, o Infante D. Fernando. (2000:31)

O povoamento de uma das primeiras ilhas, a de Santiago, “foi iniciado entre 1461 e 1462, pelos donatários, em especial António de Noli, com alguns genoveses e portugueses do Alentejo, do Algarve e outras áreas do país, segundo a carta de privilégios de 12 de Junho de 1466 que o confirma” (2000:32-33).

Para Lopes Filho (2003:81), “o arquipélago de Cabo Verde foi encontrado desabitado pelos portugueses, entre 1460 a 1462, na sequência das viagens de exploração ao longo da costa ocidental africana”. Segundo o autor, “descobertas no ciclo das navegações portuguesas, em 1460 e 1462, as ilhas estavam desertas” (Amaral,1964:10-11, apud Lopes Filho, 2003:85).

“Ao procurar esclarecer as origens do seu povoamento, tem-se apontado fidalgos portugueses, alguns genoveses e espanhóis ou seus descendentes e alguns flamengos, bem como escravos negros trazidos da costa e rios da Guiné” (Carreira, 2000:281-282). Para o autor, “fica-se com a impressão de que a sociedade insular teve por base indivíduos de duas classes: os europeus (fidalgos) e os escravos africanos”. Em consequência disso, na formação da identidade cabo-verdiana, concorreram fatores de vária ordem.

Ainda conforme Lopes Filho (2003:81), “para compreendermos a sociedade cabo-verdiana (nos seus variados aspetos e tal como se nos apresenta hoje em dia), teremos em primeiro lugar, de considerar que ela não é o produto de uma civilização local milenária”. Segundo o autor, em termos históricos, “a presença humana em Cabo Verde, tem pouco mais de quinhentos anos de existência, visto que se iniciou nos meados do Séc. XV e tem enfrentado sucessivas vicissitudes de diversa ordem, nomeadamente, as secas” (2003:81).

Interessante é que a maioria dos investigadores, quando falam do povoamento das Ilhas, pretendem referir ao “achamento” e não “descobrimento”, propriamente dito, fazendo-nos acreditar de que eventualmente, navegadores já tinham passado, anteriormente, pelo arquipélago. Correia e Silva (1996:15), ao falar sobre o “contexto histórico do achamento do arquipélago de Cabo Verde”, disse-nos que “é bastante possível que a descoberta das ilhas a oeste do já então conhecido Cabo Verde tenha acontecido por acaso e não intencionalmente” (1996:15), reforçando a tese do “achamento” e de que teria sido descoberto, antes do ano de 1460 (Cfr Carreira, 2000, Lopes Filho, 2003). Todavia, o próprio Correia e Silva (1996:15), disse que “o importante a reter é o fato de a descoberta das ilhas estar intimamente ligada às navegações exploratórias portuguesas dos meados de quatrocentos na Senegâmbia”.

Um outro aspeto importante de trazer à presente investigação é a caracterização geográfica do arquipélago. Ela é conhecida pela sua descontinuidade territorial, propícia a presença da diversidade cultural, a que se refere Cucho (1999:146-150), nomeadamente as culturas populares ou marginais. Ainda segundo o autor, “em um dado espaço social, existe sempre uma hierarquia cultural” (1999:145). Baseando na afirmação de Madeira (2015a), caracterizando o arquipélago,

(...) Cabo Verde é um pequeno Estado insular situado no meio do Oceano Atlântico entre a África, a Europa e as Américas. Composto por aproximadamente 500.000 habitantes residentes (dados de 2015), o arquipélago é constituído por dez ilhas e vários ilhéus. As dez ilhas de origem vulcânica encontram-se divididas em duas regiões: a do Sotavento constituída pelas ilhas de Maio (269 Km²), Santiago (991 Km²), Fogo (476 Km²) e Brava (64 Km²); e os ilhéus, Santa Maria, Grande, Luís Carneiro e de Cima; E a do Barlavento constituída pelas ilhas de Santo Antão (779 Km²), São Vicente (227 Km²), Santa Luzia (35 Km², desabitada), São Nicolau (343 Km²), Sal (216 Km²) e Boa Vista (620 Km²); e os ilhéus Boi, Pássaros, Branco e Raso, Rabo de Junco, Cural de Dado, Fragata, Chano e Baluarte. (Gomes, 2008, apud Madeira, 2015a). Com uma superfície total de terra emersa de 4033 km², Cabo Verde encontra-se aproximadamente a 500 km da costa ocidental africana ao largo do Senegal. (2015a:69-70)

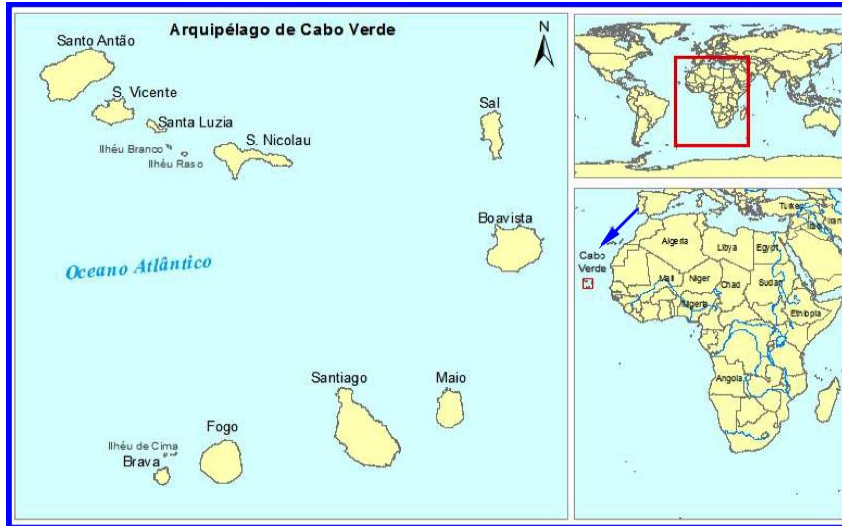
Porém, a dinâmica do arquipélago, desde o período pós-povoamento, sempre foi intensa, culminando, numa primeira fase, com a “abolição da escravatura” (Carreira, 2000:365-363, Semedo, 2015:145), fazendo com que o País passasse por várias contingências e posteriormente, segundo Fernandes (2006:23), “o quadro político-administrativo e societário cabo-verdiano conhece profundas mudanças com a ascensão do Marquês do Pombal ao poder, em 1750”(…) marcando, para o autor, “o arranque efetivo da colonização em sua aceção moderna” (2006:23). Tratou-se efetivamente de uma revolução política e não social que conforme nos diz, Semedo (2015c:142), “as chamadas revoluções liberais, que contêm na sua essência conteúdo político, são do Ocidente e difundem-se para todo o Mundo”. Ainda conforme afirma o autor, “Cabo Verde esperava os impactos delas, pois, este arquipélago fora parte integrante do Império de Portugal que as viveram intensamente, mais concretamente as liberais do século XIX” (2015c:142).

Embora a revolução a que se refere Semedo (2015c) se trate de uma revolução política, os seus efeitos, serão, seguramente, sentidos em outras esferas da sociedade. É o próprio autor, a afirmar que “com o desenvolvimento e fortalecimento dos ideais liberais, traduziram-se no surgimento de novas instituições nas quais tinham a responsabilidade de os executar (...)” e em consequência disso “trouxeram alento à vida do arquipélago, pois, passaram a pensar numa educação sólida, numa melhor saúde, e na melhor administração da Província” (Semedo, 2015c:145-146).

Na verdade, a “abolição da escravatura”, foi um marco importante, quer para o arquipélago, como para toda a sociedade, de um modo geral, pois a partir desse período, novas perspectivas se abriram, em todos os quadrantes da vida social, nomeadamente nos subsídios para “formação de uma nova nação” (Madeira, 2014), bem como a configuração da sua identidade. “No percurso da extinção da escravatura muito tem sido feito, no sentido de ver todos os territórios portugueses livres da exploração dos seus semelhantes e dando seguimento ao processo da humanização de todos os humanos” (Semedo, 2015:153). Interpelando os referidos autores, conclui-se facilmente, pelas suas abordagens, de que estariam dando passos significativos, conducentes a “formação da identidade cabo-verdiana” (Lopes Filho, 2003:308).

Sobre a “nação e crioulição”, Fernandes (2006:55), defende que “nos estudos sobre a nação, a despeito de alguns consensos tácitos logrados, é ainda notória a intransparência do horizonte conceptual”. Para o autor, “a experiência de expatriação e de busca de âncora político-identitária marcou indelevelmente os percursos crioulos” (Fernandes, 2006:271).

Figura 1 - Enquadramento/Localização de Cabo Verde, no mapa-mundo



Fonte: INE (2017) – Instituto Nacional de Estatísticas, de Cabo Verde

Figura 2 -Enquadramento/Localização da comunidade de “Rabelados” de Espinho Branco – Ilha de Santiago



Fonte / Adaptado de: <https://1.bp.blogspot.com/nSK19m3lgh0/ULvbSillau/AAAAAAAAApsc/4G-QdNLXcQ/s1600/Praia Ilha de Santiago.jpg>

Abordando ainda sobre a questão da identidade, segundo Madeira (2014), “a formação da identidade cabo-verdiana e o nascimento do Estado-Nação em Cabo Verde decorre de factos históricos e de movimentos culturais, bem como da construção da consciência nacional e da Nação e a ideia de ser cabo-verdiano” (2014:3).

A identidade do povo das Ilhas Atlânticas de Cabo Verde assemelha-se àquilo que Hall (2006:23-33), caracterizou de “nascimento e morte do sujeito moderno”. Para o autor, “o sujeito moderno emergiu num momento particular (seu "nascimento") e tem uma história, segue-se que ele também pode mudar e, de fato, sob certas circunstâncias, podemos mesmo contemplar sua "morte". (2006:24). Sobre a matéria, Madeira (2016), menciona que,

(...) no processo da formação da identidade cabo-verdiana, a aproximação entre as duas civilizações (europeia e africana), condicionada pelo processo histórico e pelas características climáticas e geográficas, deu origem a uma identidade singular, resultado de uma síntese e de cruzamento de mais de cinco séculos e meio. (2016:54)

A sua relevância consiste naquilo que Costa-Lopes *et al.* (2008), postulam num trabalho de investigação sobre “a construção social das diferenças nas relações entre grupos sociais”, tendo defendido que “a identificação de diferenças e semelhanças entre objetos permite a sua categorização e a construção de conhecimento”. Que “esses mesmos processos permitem a construção de conhecimento sobre nós próprios, sobre os outros, sobre os grupos em que nos incluímos e sobre aqueles que rejeitamos” (Costa-Lopes *et al.*, 2008:769).

Tudo isso, com objetivo de nos possibilitar, tomar contato, com alguns elementos históricos das nossas origens e que contribuíram para a formação da “identidade e emergência da Nação cabo-verdiana” (Madeira, 2016:55). Falando sobre a evolução da sociedade cabo-verdiana, Lopes Filho (2003), defende que,

(...) o encontro de culturas diferentes em Cabo Verde, numa dada época da própria evolução, significou a separação de cada uma delas do seu tronco original. Que os condicionalismos em que se processou o povoamento das Ilhas e as comunicações, na altura, bastante difíceis, facilitaram certamente a interpenetração sociocultural. (2003:116-117)

Convém, todavia, rematar, à laia de conclusão de que “para a formação inicial da sociedade cabo-verdiana contribuíram dois grandes grupos: brancos europeus e negros africanos. Mas dentro de cada um destes grupos existiam identidades diferentes, cujo apuramento é difícil, na autêntica “babel” que era a sociedade insular quinhentista” (Santos, 2007:75). Porém, é certo que “os cabo-verdianos afirmam ser o “*resultado*” de um caso particular da

colonização portuguesa e consideram-se uma nação crioula” (Seibert, 2014:42). Segundo o mesmo autor, “a consolidação da sociedade crioula também resultou no estabelecimento do ensino escolar, cuja grande impulsionadora era a Igreja Católica” (2014:63).

A religião em Cabo Verde é uma questão que facilmente poderá ser relacionada com a sua cultura. Lopes Filho (2003, citando Amaral 1964), na “Introdução à cultura cabo-verdiana”, aborda a questão do “sincretismo religioso” e refere que “não é descabido referir aqui os fatores de tipo espiritual, como a tendência do agrupamento familiar das casas, ou a tabanca, que tantas vezes deu lugar à formação de aglomerações importantes, de características muito particulares” (Lopes Filho 2003:244, apud Amaral, 1964:250-251).

Portanto, a implantação do catolicismo em Cabo Verde, desde o povoamento do arquipélago, encontra-se subordinada, quer a questões de natureza social, cultural, como político e, segundo os autores, não foi de todo pacífico, ao longo dos tempos, tendo sido marcada, por revoltas de várias ordens. Confirmando essa afirmação, para Monteiro, Júnior (1974), “de todas essas situações e conflitos, que são, afinal, a vida dos homens e dos povos, resultaram, como é natural, implicações futuras que ainda hoje persistem em vários aspetos da vida da Ilha de Santiago e estão na raiz de comportamentos de reação do tipo dos “Rabelados” dos nossos dias” (Monteiro, Júnior, 1974:20).

CAPÍTULO III – OS MEDIA

O presente capítulo tem por objetivo, fazer um estudo exploratório relativamente à ligação existente entre a identidade cultural e os *media*, bem como à própria relevância destes, na redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria.

“Os *media* aparecem, nos dias atuais, como um dispositivo que permite a pluralidade de vozes e de temáticas, forçando mutações importantes na organização da sociedade” (Ferreira, 2018:26). Segundo Giddens (2008:465), “a comunicação - a transferência de informação de um indivíduo ou grupo de indivíduos para outro, quer pela fala quer através dos *mass media* atuais - é crucial em qualquer sociedade”.

Harold Innis e Marshall McLuhan, (Giddens, 2008:465, apud Innis 1950:51), “sustentavam que diferentes meios de comunicação social influenciam, fortemente, formas contrastantes de organização da sociedade”. Para Barbosa (2012:231), “os *media* têm vindo a transformar o meio que nos rodeia (...) eles modificam profundamente o nosso comportamento e o nosso imaginário” (apud Gonnet 2007:57).

Efetivamente, o impacto que os *media* têm na atividade humana, sobretudo com o surgimento da “internet e da forma organizacional da era da informação em rede” (Castells, 2001:7) contribuem para influenciar e modificar o nosso modo de vida, na sociedade, no seu aspeto, social, cultural, político, económico, ecológico, etc... Barbosa (2012:234), defende que “a nossa perceção da realidade social, e do mundo em geral, é hoje fortemente condicionada pelos meios de comunicação”.

Sendo algo dinâmico e que acompanha o desenvolvimento da humanidade, tal como outros ramos do conhecimento, também os *media* conhecerem várias fases de desenvolvimento desde o seu surgimento. Quem assim defende é o próprio Castells (2009:86) afirmando que

(...) comunicar es compartir significados *mediante* el intercambio de información. El proceso de comunicación se define por la tecnología de la comunicación, las características de los emisores y los receptores de la información, sus códigos culturales de referencia, sus protocolos de comunicación y el alcance del proceso (...) Por tanto, el nuevo campo de comunicación de nuestra época está surgiendo através de un proceso de cambio multidimensional configurado por los conflictos enraizados en la estructura contradictoria de intereses y valores que constituyen la sociedad. (2009:86-91)

Para McLuhan (2001), “o meio” (entendendo este como *media*), é a mensagem, na medida em que “as consequências pessoais e sociais de qualquer meio - isto é, de qualquer extensão de nós mesmos - resultam da nova escala que é introduzida nos nossos negócios, por cada extensão de nós mesmos ou por qualquer nova tecnologia” (2001:07)¹⁹. Esta abordagem do McLuhan, está enquadrada no campo cultural, onde os *media* e os efeitos da globalização, desempenham um papel determinante na construção de novos padrões sociais e culturais. Entretanto, para Gregolin (2007),

(...) na sociedade contemporânea, a *media* é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tenciona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (Gregolin, 2007:16)

Já quando se fala no contexto da produção social das lutas pelas construções/reconstruções das identidades, “não há, nos discursos dos *media*, apenas reprodução de modelos – ela também os reconstrói, reformata, propõe novas identidades” (Gregolin, 2007:23).

“Os meios de comunicação, com seus discursos informativos e opinativos, são um recurso a ter em conta na construção *bottom up* de uma cidadania culturalmente inclusiva” (Barbosa, 2012:238). Segundo McLuan (2001:08-09), “é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas (...) e que o conteúdo de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio”. Interpelando o mencionado autor, é com recurso aos *media* que podemos ter a reprodução de uma determinada realidade dos fatos, social, político, cultural ou económico, num determinando período.

O efeito dos *media* é visível, em toda a esfera da sociedade, incluindo na própria religião. Por exemplo, Papa Pio XX (1876 - 1958)²⁰ afirmava na época que “não é exagero dizer que o futuro da sociedade moderna e a estabilidade de sua vida interior, dependem, em grande parte da manutenção de um equilíbrio entre a força das técnicas de comunicação e a capacidade da própria reação do indivíduo” (McLuhan 2001:21-22).

A ideia-chave implícita na questão levantada por McLuhan (2001), sobre “meio é a mensagem” é de que “os meios de comunicação são extensões do homem”, isto quando se recorre ao uso da energia e das tecnologias, como extensões do corpo e da inteligência do Homem (McLuhan, 2001:4-5).

¹⁹ Traduzida do original, com recurso a “Google Translate - <https://translate.google.com>”, em 20/06/19. Primeira publicação da obra, em United Kingdom, 1964.

²⁰ Conforme site - <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/biography.html>

Mas, para a melhor compreensão do papel dos *media*, na sociedade, convém discorrermos um pouco, sobre aspetos mais importantes relacionados com o seu real significado e objeto.

A esse propósito, diz-nos Thompson (1998:19-20) que “em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico”.

Conforme a perspectiva de Thompson (1998:19), podemos afirmar que o objeto dos *media*, não é, nada mais, nada menos, do que transformar e trazer para a realidade, determinados fatos seja ele, social, político, ou como o próprio defende, “a produção e o intercâmbio de informações e de conteúdo simbólico, de um modo contínuo”. Os *media*, sempre estiveram em profunda transformação, desde o surgimento, até aos nossos dias, tal como o meio social, a que pertencem. Aliás, o próprio autor, defende que “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos do mundo moderno” (Thompson, 1998:19).

Existem autores ainda que relacionam os *media* com a evolução da tecnologia, o que não deixa de ser óbvio, se considerarmos a evolução havida relativamente aos *media* tradicionais e os *medias* sociais, da atualidade, fruto do surgimento da internet e das suas redes sociais colaborativas. Assim, para Salarelli (2011:4) “a relação entre evolução tecnológica e organização social é uma chave de leitura que pode ser aplicada a toda a história do homem”. Ainda o mesmo autor prossegue, referindo que

(...) Neil Postman começa desde a história da invenção do alfabeto por obra de Teuth, contada no Fedro de Platão, para chegar à conclusão, na esteira da lição do mestre de McLuhan, Harold Innis, de que sempre as novas técnicas “alteram a estrutura de nossos interesses: as coisas nas quais pensamos. Elas alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas com as quais pensamos. Enfim, alteram a natureza da comunidade: o terreno no qual se desenvolvem os pensamentos. (Salarelli, 2011:04, apud Postman, 1993, p. 25)

Segundo a literatura na matéria, os *media* sempre estiveram na base do desenvolvimento das sociedades, desde a Idade Média, até aos nossos dias. Ou melhor, nas palavras de Thompson (1998),

(...) desde as mais antigas formas de comunicação gestual e do uso da linguagem até aos mais recentes desenvolvimentos na tecnologia computacional, a produção, o armazenamento e a circulação da informação e conteúdo simbólico têm sido aspetos centrais da vida social. (Thompson, 1998:19)

A evolução dos *media* ao longo dos tempos, fruto das inovações tecnológicas e transformações, próprio da vivência do homem, em sociedade, foi analisada por Thompson (1998), tendo introduzido o conceito “*mediação da cultura*”. Segundo o autor, “a formação

dos estados modernos, tanto na Europa quanto em outras regiões do mundo, foi entremeada de muitas e complexas maneiras com a criação de símbolos e de sentimentos de identidade nacional” (Thompson 1998:52). Quem também, na mesma linha de pensamento, abordou a questão da “cultura de *media*”, foi Kellner (2001:87-88), afirmando que “em geral, a *media* cria um sistema de cultura organizado segundo uma variedade de indústrias, tipos, gêneros, subgêneros e ciclos de gêneros”. Para justificar a sua tese, o referido autor, trouxe como exemplo, a série dos filmes de ação do norte-americano “Rambo” e “Reagan”, em que provocava a maior participação popular em todos os tempos, na sua época.

Esta passagem, só por si só, indicia a força dos *media*, na ação do homem em sociedade, conferindo-lhe comportamentos dos mais diversos possíveis. Aliás, como dizia McLuhan (2001), “a imprensa apresentou uma imagem de precisão repetitiva que inspirou formas totalmente novas de expansão das energias sociais²¹”. Segundo o autor,

(...) print released great psychic and social energies in the Renaissance, as today in Japan or Russia, by breaking the individual out of the traditional group while providing a model of how to add individual to individual in massive agglomeration of power. (2001:188)

Como a imprensa não funciona sem os *media*, aqui também podemos recapitular aquilo que Thompson (1998:147-154), caracterizou por “*mediação da cultura*”, ou entendida de outra forma, os *media*, têm o propósito de *mediar* ou de ligar culturas diferentes.

Um elevado ou baixo grau de *mediatização* de uma determinada sociedade ou fato social, dependerá, em grande medida, do próprio nível de crescimento e desenvolvimento dessa mesma sociedade, incluindo a democratização, das instituições que a enformam. Assim, para Stuart (1992:75),

(...) quanto mais a vida social se torna *mediada* pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente. (Stuart, 1992:75)

Concetualmente e enquanto *mediador* de fatos sociais, com recurso a tecnologias e internet, para Jean Bertrand (1995:16-17),

Les médias (terme issu de l'anglais – médium - pluriel – *media*, c'est-a-dire moyens) sont, de manières générale, définis comme des supports techniques servant au travail de transmission des messages a un ensemble d'individus épars. Ce sont, em quelque sorte, des machines que l'on introduit dans le processus de communication pour reproduire l'écriture de l'être humain (l'imprimerie) ou pour donner une extension aux sens de la vue et de l'ouïe (télévision, radio, film, etc.). Les médias peuvent se repartir, grosso modo, em trois catégories:

²¹ Tradução feita pelo autor com recurso a Google Translator - <https://translate.google.com>

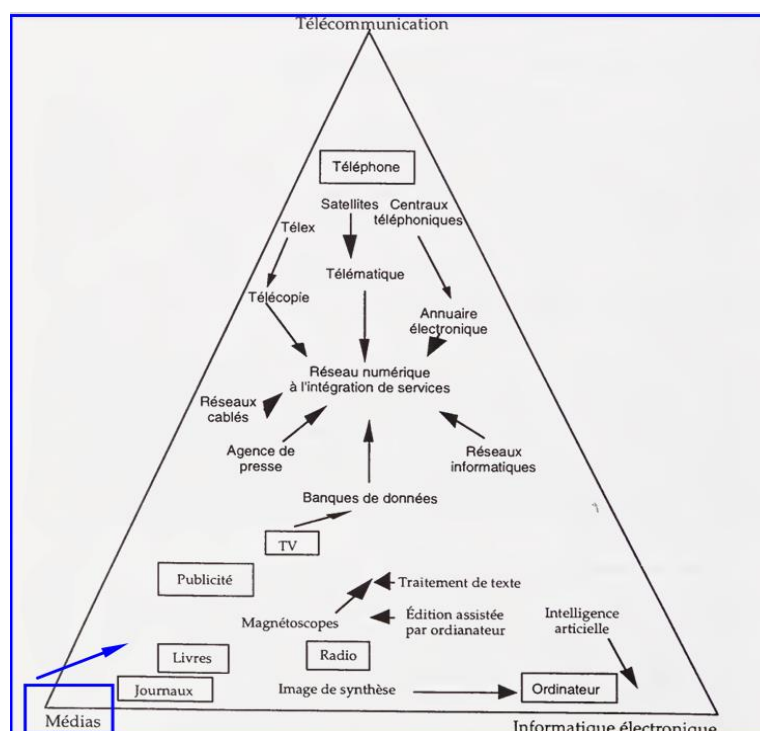
- ⇒ Les médias imprimés (livres, journaux, magazines, affiches);
- ⇒ Les médias de films (photographie et cinéma proprement dit);
- ⇒ Les médias électroniques (radio, télévision, téléphones, magnétophone, videotex, fax, ordinateur, CD-Rom, etc.)

Embora o autor defenda que não exista uma definição única, para o mesmo, os *media* não funcionam de um modo isolado e em si mesmo. Aliás, McLhuan (2001), falando dos meios de comunicação, como extensão do homem, associa a energia e a tecnologia, aos *media*. A esse propósito, o autor defende que,

(...) a reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela técnica de fragmentação, que constitui a essência da tecnologia da máquina. O oposto é que constitui a essência da tecnologia da automação. Ela é integral e descentralizadora, em profundidade, assim como a máquina era fragmentária, centralizadora e superficial na estruturação das relações humanas. (2006:7-8)

Esquemáticamente apresentamos os três territórios da comunicação definidos por Jean Bertrand (1995:21-22) e no qual integram os *media*.

Figura 3 - Os três Territórios da Comunicação



Fonte : Adaptado de Claude-Jean Bertrand (1995:22): Médias – Introduction á la Presse, La Radio e la Télévision

Segundo informações da classificação da Liberdade de Imprensa 2019 de RSF – Repórteres Sem Fronteiras, Cabo Verde ocupa a posição 25ª no conjunto de 180 Países analisados e uma das melhores em Africa, com uma subida de 4 (quatro) posições, em relação ao ano anterior²².

²² Dados da Classificação da Liberdade de Imprensa 2019, em https://rsf.org/pt/classificacao_dados, obtidos em 20Jun19

De acordo com dados existentes, o percurso mediático cabo-verdiano iniciou muito antes da sua independência do jugo colonial, uma vez que já “em 1842, começou-se a imprimir o Boletim Oficial, tornando este país o primeiro da África Lusófona a receber a preciosa invenção de *Gutenberg*, devido à proximidade geográfica em relação à antiga metrópole” (Évora, 2005:03). Desse período, passando por várias fases, as transformações políticas, sociais e económicas, ocorridas na sociedade cabo-verdiana, no geral, a culminar com a independência nacional, em 1975, trouxeram avanços e recuos, nos diferentes domínios sociais que a compõem, incluindo a imprensa e os *media*. De notar que ainda, segundo Évora (2005:4), 35 (trinta e cinco) anos depois, “só em 1877 é que o país conheceu o seu primeiro jornal, de nome *Independente*”.

O resultado da trajetória dessas transformações, no período pós-independência foi, a par de outros fatores, fruto do surgimento de uma imprensa que começou a sentir uma certa expressão de liberdade, levando a cada um dos integrantes, o sentido real do seu papel no desenvolvimento da sociedade, pese embora, conforme o referido autor, “circunstâncias múltiplas, dificultavam a produção de jornais” (Évora, 2005:04).

A liberdade de uma determinada sociedade encontra-se fortemente relacionada com a força da sua imprensa e dos seus próprios *media*. Évora (2018:28, apud Sousa 1992), “considera que as características geográficas e económicas do país, determinam a configuração do seu sistema mediático”. Por outro lado, conforme assevera Évora (2018), “quando os produtos mediáticos concorrem com necessidades tão prementes como a própria subsistência alimentar das pessoas, a possibilidade do crescimento do setor é muito débil” (2018:28).

Todavia, com a entrada de Cabo Verde, no grupo dos países livres e independentes, no ano de 1975, conforme já referido, numa primeira fase e, posteriormente, à sua abertura ao multipartidarismo, em 1991, conduziram o arquipélago a uma melhoria substancial das condições sociais dos habitantes, e com isso o cenário da imprensa e dos *media*, alteraram de uma forma exponencial. Ou melhor, conforme Évora (2018:41-43), “a comunicação social cabo-verdiana atravessa um momento de grande transformação. Há dois setores que surgem em destaque: o digital e a televisão (...) Corroborando com o autor, “neste momento, verifica-se uma certa aposta no setor da informação eletrónica” (Évora, 2018:43).

3.1 A identidade cultural e os *Media*: Tradicional e Digital

Como se depreende dos capítulos anteriores, o impacto que os *media* exercem sobre os fatos sociais também é extensivo à identidade cultural que é, na sua essência, um fato da realidade social. Aliás, cultura e comunicação (entendido os *media* como um instrumento da comunicação e cultura, como a extensão da identidade), por estarem dentro de um substrato maior que são as ciências humanas, também poderão enfrentar “os mesmos problemas epistemológicos”. Segundo Lopes (1999),

(...) a investigação em comunicação tem sido dependente do uso dos mecanismos e das regras e métodos de outras ciências, como a sociologia, tradicionalmente, esta última, convencida de que deve apresentar soluções para o social – e que por isso é muito justamente chamada a realizar essa tarefa. (1999:03)

Há uma grande ligação entre a identidade cultural e os *media*, na medida em que segundo Castells (2001:), “os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos e a produção social é estruturada culturalmente. Para o autor, “a internet não é exceção, sobretudo porque a cultura dos produtores da internet, moldou o meio” (2001:34).

Como se sabe, os *media* são uma das forças motrizes da globalização, sendo os efeitos desta só ter sido possível, graças ao seu mercado. Sendo verdadeira essa afirmação, Hall (1992:84), confirma “a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades”.

Entretanto, a globalização, por si só, não teria o impacto que tem, pelo que o recurso aos instrumentos dos *media*, torna-se necessário. Assim sendo, para Souza e Giglio (2015),

(...) a nova ordem mundial tem como principal característica o fenômeno da globalização. Esta pode ser definida como a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. (2015:17)

Na sua abordagem sobre *media* e tecnologia, Lopes (1999:04), afirma que “evidentemente que falamos do conceito estabilizado de *media*, como plural da palavra latina *medium*, ou seja, como *mediação* entre sujeitos e entre sujeitos e o mundo”. É precisamente nesse quesito de *mediação* que emerge o papel dos *media* na identidade cultural, seja os *media* tradicionais, mas sobretudo os “*mass media*” e os *media* digitais, impulsionados pelo efeito da internet.

Assim, a importância dos *media*, na *mediação* a que se refere Lopes (1999), faz todo o sentido quando Leal (2012:43) disse que “de grande parte da antropologia contemporânea – cultura como um sistema de símbolos e significados partilhados, que dá forma objetiva à experiência subjetiva de práticas sociais e a própria noção de identidade cultural”. Tendo por base aquilo que defendem os referidos autores, essa partilha de símbolos e significados, tornou-se realidade, graças, uma vez mais ao papel dos *media*.

Para Barbosa, (2012:231, apud Gonnet 2007:57), “os *media* têm vindo a transformar o meio que nos rodeia (...) eles modificam profundamente o nosso comportamento e o nosso imaginário”.

Para caracterizarmos os *media* tradicional e digital, recorremos a dois grandes investigadores, nomeadamente McLuhan (2001:24-35), com a sua abordagem à questão de que “o meio é a mensagem²³” e “*media hot and cold*” e Castells (2001), com a abordagem centrada em “a rede é a mensagem” e “Galáxia da internet”. O foco do primeiro, centraliza-se em torno da temática “os meios de comunicação com extensões do homem”, tanto numa abordagem como na outra. Na primeira abordagem, o autor começa por dizer que “numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem²⁴” (McLuhan, 2001:07).

A explicação dada pelo referido autor sobre o significado do tema “the medium is the message”, “é que as consequências pessoais e sociais de qualquer meio, resultam da nova escala que é introduzida nos nossos assuntos por cada extensão de nós mesmos, ou por qualquer nova tecnologia”. Isto segundo o mesmo, “considerando os meios qualquer extensão de nós mesmos” (2001:07). Interpelando McLuhan (2001), podemos facilmente concluir que existe uma forte ligação dos meios, com a cultura e sua identidade, pela via da tecnologia de informação. O autor fala ainda da “automação (automation)” e finaliza dizendo que “é o feedback elétrico, ou estrutura-diálogo, da “máquina” automática e programada pelo computador, que a distingue do velho princípio mecânico do movimento unidirecional” (2001:378-392): “A newspaper headline recently read, “Little Red Schoolhouse Dies When Good Road Built”. One-room schools, with all subjects being taught to all grades at the same time, simply dissolve when better transportation permits specialized spaces and specialized teaching” (2001:378).

²³ Do original: “The Medium is the Message”. Todas as traduções de McLuhan (2001) do EN para o PT, foi feita pelo mestrando, com recurso a <https://translate.google.com/?hl=pt-PT&tab=TT>

²⁴ Traduzido do original (EN), pelo mestrando, com recurso a <https://translate.google.com/?hl=pt-PT&tab=TT>

Por seu turno, Castells (2001), aborda a temática “a rede é a mensagem”, em jeito de complementaridade à abordagem relativamente aos *media* tradicionais a que McLhuan enfatiza no seu estudo, desde os telefones a automação passando por televisão (2001:267-378). Em “rede é a mensagem”, Castells (2001) defende ainda que a “internet é o tecido das nossas vidas” (2001:07). O autor faz uma justa análise comparativa, entre a tecnologia e a eletricidade, dizendo que

(...) se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era industrial, na nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão da sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (Castells, 2001:07)

“A internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da era da informação: a rede. Ela é um meio de comunicação que permite, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. (Castells 2001:7-8)

Na verdade, a internet e as novas tecnologias vieram alterar profundamente o paradigma socio-comunicativo do homem enquanto ser social. Para Carlos Silva (2009),

(...) as novas tecnologias trazem ao Homem um novo desafio: o de reequacionar a realidade e reelaborar a imagem do “eu” e do que o rodeia. A comunicação enquanto processo de interação e vice-versa é uma ideia central na análise das tecnologias multimédia. Este fenómeno estabeleceu novos conceitos de espaço e tempo na interação social – dos quais emergem novas e diferenciadas formas de sociabilidade. (Carlos Silva 2009:243)

Baseados nos estudos de McLhuan (2001)²⁵ com “o meio é a mensagem” e em complemento, do Castells (2001), “a rede é a mensagem”, podemos facilmente identificar e estabelecer uma espécie de mudança de paradigma, entre a *media* tradicional com os *mass media*, nomeadamente a rádio e a televisão e os *media* digital e social, com a sua força da tecnologia, impulsionadas pelo surgimento e democratização da internet.

Há quem ainda caracterize os *media* de uma forma atípica, como um repertório complicado e interligado de imprensa, expressando deste modo, a sua relevância nas sociedades. Appadurai (2004), introduz um novo conceito, defendendo que,

(...) as *media* paisagens, sejam elas produzidas por interesses privados ou, públicos, tendem a ser explicações centradas na imagem, com base na narrativa, de pedaços da realidade, e que oferecem aos que as vivem e as transformam é uma série de elementos (como personagens, enredos e formas textuais) a partir dos quais podem formar vidas imaginadas, as deles próprios e as daqueles que vivem noutros lugares. (Appadurai, 2004:54)

Baseada na posição defendida pelos autores referenciados, a proliferação dos *media* e das redes sociais, resultante do surgimento e uso da internet, a nível mundial, torna cada vez

²⁵ First published in the United Kingdom 1964 by Routledge and Kegan Paul. Reprinted 2001, 2002, 2003, 2004, 2006 (twice)

mais evidente a relevância dos *media*, mencionada anteriormente e a sua contribuição, na reconfiguração da identidade cultural.

Ainda para finalizar, convém refletir acerca do que Pereira (2002:108) defende, sobre a flexibilidade e dinamismo da identidade. Para a autora,

(...) a identidade não é totalmente determinada à nascença, por fatores exógenos, é (re)construída ao longo da vida, como resultado de múltiplos processos temporais, de inserção e interação, e como tal deve ser vista como uma reconstrução permanente, flexível e dinâmica, e não como uma pré-construção essencialista. (2002:108)

A ideia defendida pela autora reforça cada vez mais o sentido da construção da identidade, o que também vincula a relevância dos *media*, no processo.

3.2 O poder dos *media* na redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria – uma abordagem teórica

Nesta secção, a par da revisão de literatura sobre a temática, procuraremos explorar o poder da relevância dos *media*, no contexto da identidade cultural e, particularmente, de minorias. De igual modo, procuraremos compreender em que *media*, os mesmos contribuem, para a redefinição e reconfiguração de identidade cultural de uma minoria ou maioria, no tempo e no espaço.

Integrado no domínio das ciências de comunicação, não existe uma definição única, estanque e consensual, em torno do conceito dos *media*. Todavia, Rieffel (in Bertrand,1995), referindo a noção e modelos de *media*, nos trouxe a seguinte abordagem.

Les notions et modèles utilisés par les spécialistes des différentes disciplines qui concourent à l'émergence des sciences de la communication ont évidemment derrière eux une longue histoire. Mais le risque est grand, à s'en tenir à une généalogie de ces notions, de les ramener à un processus linéaire et cohérent alors qu'elles sont le fruit de dynamiques sociales complexes et variables selon les époques. Elles résultent en fait d'un travail multiforme d'emplois et de reemplois, de détournements et de rectifications qui évoque davantage l'enchevêtrement que la sédimentation ordonnée. Dit d'une autre manière, il n'existe pas de définition unique de l'information ou de la communication qui aurait la force intrinsèque de la vérité, mais simplement des tentatives, plus ou moins réussies, d'approcher au plus près la réalité observée par une série d'explications et de schématisations successives. (1995:13-14)

Na verdade, a “Internet”, é um dos fatores determinantes na revolução dos *media*, a par da energia e das tecnologias como extensões do corpo e da inteligência do homem, a que defende McLhuan (2001), fazendo da sua presença um fato determinante na *mediação* das culturas e toda a atividade do homem, enquanto ser social. Castells (2001:34), diz-nos que “a

cultura da internet caracteriza-se por uma estrutura em quatro camadas: a cultura tecno meritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial”.

Para o objeto de estudo da presente investigação, interessa analisar a camada referente a “cultura comunitária virtual”. Segundo Castells (2001:34-35), “a cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica”.

Para Bertrand (1995:7), “os *media* fornecem uma função crucial e benéfica na sociedade humana. Devem, portanto, estar ao serviço dos cidadãos”²⁶.

Uma das três funções dos *media* a que o mencionado autor tipifica é a de informar, para além de educar e de distrair. Para o mesmo, “os *media* estão cada vez mais numerosos e ocupam um lugar, cada vez mais importante, nas nossas vidas: se não pode haver *media* (*media* de massa) fora de uma sociedade de massa, também não pode haver mais sociedade de massa sem *media*²⁷” (1995:27). Deste modo, podemos concluir que quer queiramos, quer não, os *media*, fazem parte do quotidiano social, em todos os aspetos da vivência do homem em sociedade.

Numa breve abordagem sobre a responsabilidade social dos *media*, na construção de uma cidadania inclusiva, Barbosa (2012), defende que,

(...) apreendemos o mundo da diversidade cultural, das nossas sociedades multiétnicas e multiculturais, essencialmente através dos *media*.

Os *media* debitam diariamente informações a propósito dos culturalmente outros e constroem, muitas vezes enviesadamente e sem os ouvir, representações e categorizações acerca do que são e como se veem enquanto entidades culturais num espaço que tende a viver da polarização Nós/Eles. (Barbosa, 2012:231)

Segundo o mesmo autor, o poder dos *media*, no “condicionamento do nosso comportamento e do nosso imaginário é enorme, uma vez que hoje, são os *media* que concretizam e moldam, em grande medida, a nossa perceção e a nossa aceitação ou rejeição da multiculturalidade e da interculturalidade” (Barbosa, 2012:232).

²⁶ Traduzido do Francês, pelo mestrando, com recurso a Google Translate.

²⁷ Traduzido do Francês, pelo mestrando, com recurso a Google Translate <https://translate.google.com/>

Corroborando da posição defendida pelos autores, o poder que os *media* exercem sobre o indivíduo, grupos ou sociedade, é um fato, inquestionável. Abordando a questão dos efeitos dos *media*, Rieffel (in Bertrand,1995), fala de uma noção vaga e complexa, iniciada em meados dos anos 20 do século passado, afirmando que,

L'évaluation de l'influence des médias sur les individus vivant en société constitue sans nul doute un objet de préoccupation majeure des chercheurs en sciences de la communication depuis plusieurs décennies. ... Autant d'interrogations, parmi d'autres, qui prouvent combien l'étude des effets (réels ou supposé) des médias s'avère aujourd'hui plus que jamais indispensable. Nos connaissances, en la matière, commencent à être abondantes, bien que les réponses apportées par les spécialistes à ce sujet puissent parfois manquer de netteté, tant les avis demeurent partagés. (1995:183)

De vaga a complexa, o referido autor fala também dos efeitos diretos e poderosos dos *media*. “Les Effets Directs et Puissants” (1995:189). Conforme explica o autor,

... les conclusions auxquelles aboutissent la plupart des recherches autour des effets limités ne sont jamais totalement assurés. Elles laissent, en fait, entrevoir l'émergence d'effets puissants lorsqu'on raisonne sur la longue durée. Les travaux sur la diffusion et la socialisation, mais aussi les théories récentes de réception dont on vient de parler, peuvent également être lus comme des illustrations de l'influence forte des *medias*, pour peu que l'on prenne en compte l'accumulation des effets minimaux ou le poids des contraintes technologiques et industrielles. C'est dire combien le débat demeure subtil et complexe. Il n'en reste pas moins vrai que certains courants de pensée ont depuis longtemps insisté sur l'efficacité des messages diffusés par les moyens de communication de masse. (1995:189)

É consensual, entre os investigadores da área social de que o desenvolvimento das sociedades modernas, deveu-se em grande medida, do efeito dos *media*. Aliás, segundo Thompson (1998:47), “algumas das características específicas do mundo moderno são o resultado de um conjunto de transformações institucionais fundamentais que tiveram início na Europa durante o último período da Idade *Media* e os primórdios da era moderna”. Para o autor, “a formação dos estados modernos, tanto na Europa quanto em outras regiões do mundo, foi entremeada de muitas e complexas maneiras com a criação de símbolos e de sentimentos de identidade nacional” (Thompson, 1998:52).

Segundo Castells (2002), “os modos do desenvolvimento dos *media*, modelam toda a esfera do comportamento social, incluindo a comunicação simbólica”. No entendimento de que *media* está acima de tudo, relacionado com a tecnologia e as relações técnicas de produção, para o autor,

(...) apesar de serem organizadas em paradigmas oriundos das esferas dominantes da sociedade (por exemplo, o processo produtivo, o complexo industrial militar), a tecnologia e as relações técnicas de produção difundem-se por todo o conjunto de relações e estruturas sociais, penetrando no poder e na experiência e modificando-os. (2002:54)

A ação dos *media* está patente em toda a esfera da vivência do homem, em sociedade e a evolução tecnológica vem impulsionando cada vez mais a mudança de paradigmas. Quem assim defende é o próprio Castells (2012), asseverando que,

(...) sem dúvida, informação e conhecimentos, sempre foram elementos cruciais no crescimento da economia e a evolução da tecnologia e determinou em grande parte a capacidade produtiva da sociedade e os padrões de vida, bem como formas sociais de organização económica. (Castells, 2012:119)

A evolução da comunicação ao longo dos tempos e sobretudo dos *media* enquanto suporte é evidenciado em todos os trabalhos científicos relacionados com o tema. Segundo Ferreira (2014),

(...) constata-se facilmente que a comunicação se tornou cada vez mais eficaz, à medida que passámos do telefone à rádio, da televisão à informática e, hoje em dia, aos *media* digitais. De igual modo, devido à grande proliferação de dispositivos móveis com acesso à internet, existe hoje uma percepção clara de que os meios de comunicação, sempre presentes e ubíquos, são componentes invasivos da vida quotidiana moderna. (2014:76)

Numa ótica do desenvolvimento dos *media* na internet, segundo Câmara (2013:111), “a Internet é responsável pela globalização nas formas de comunicação e relacionamento”. Ainda sobre a internet, esta veio alterar significativamente os hábitos sociais. Reforçando e segundo Mendes (2013),

(...) relativamente à problemática dos relacionamentos sociais entre os indivíduos, talvez este seja um dos pontos que tem suscitado mais debate e controvérsia, não só entre os cidadãos, como também nas comunidades académicas e científicas de diversas áreas de estudo, desde que a Internet surgiu e proliferou à escala global. (2013:145)

No concernente ao poder dos *media*, Thompson (1998:24), refere ao fato e classifica os *media*, enquanto “quarto poder”. Para o autor, “o quarto tipo de poder é cultural ou simbólico que nasce na atividade de produção, transmissão e receção do significado das formas simbólicas, sendo esta, característica fundamental e penetrante da vida social (...)” (1998:24).

Tabela 2 - Media - Formas de poder, segundo Thompson (1998)

Formas de Poder	Recursos	Instituições paradigmáticas
Poder económico	Materiais e financeiros	Instituições económicas (p. ex. empresas comerciais)
Poder político	Autoridade	Instituições políticas (p. ex. estados)
Poder coercitivo (especialmente poder militar)	Força física e armada	Instituições coercitivas (especialmente militares, mas também a polícia, instituições carcerárias, etc.)
Poder simbólico	Meios de informação e comunicação	Instituições culturais (p. ex. a Igreja, escolas e universidades, as indústrias da media, etc.)

Fonte: Thompson (1998:25)

O poder dos *media* sai cada vez mais reforçado, uma vez que segundo Évora (2018:249) “o avanço vertiginoso das novas tecnologias fez-nos dar um salto entre a velha e a nova ordem comunicacional”.

Para o autor, “o sistema de *mediação* social através dos novos meios de comunicação veio revolucionar a perceção do conhecimento, reelaborar o sentimento de pertença e empurrar-nos para uma modernidade tardia, estruturada sob determinismos tecnológicos” (Évora, 2018:249).

Thompson (1998:159-180), introduz a ideia da “nova ancoragem da tradição”, ou seja, a reconfiguração da identidade enquanto “fonte de significado e experiência das pessoas”, na perspectiva de Castells, (2010:7), afirmando que “antes do desenvolvimento da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham do passado e do mundo além dos seus *imediatos* ambientes era modelada principalmente pelo conteúdo simbólico intercambiado em interações face a face” (Thompson, 1998:159). Continua o autor, asseverando que “o processo da autotransformação se tornou mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos recorriam cada vez mais aos próprios recursos e ao conteúdo simbólico transmitido pela mídia para chegarem a identidades coerentes para si mesmos” (1998:159).

Um dos fatores que influenciam a mudança de atitudes e comportamentos, de qualquer indivíduo ou grupo, em sociedade, é a partilha de hábitos e costumes, com outros indivíduos ou grupos. Segundo Castells (2004:385),

(...) vivemos num mundo complexo, onde os meios de comunicação e os fluxos culturais se estendem cada vez mais além-fronteiras. Assim, uma das características dos meios de comunicação na sociedade em rede é que eles ocorrem em uma escala cada vez mais global. (2004:385)

Considerando que para Cuche (1999:178), “o conceito da identidade cultural se caracteriza por sua polissemia e sua fluidez, Castells (2004) comentou dizendo que,

(...) constructing identity is both a matter of disseminating symbolic representations and forging cultural institutions and social networks. We catch the meaning of a collectivity through the images it casts, the symbols it uses, and the fictions or narratives it evokes. It is about a system of collective imaginings and symbolic representations. The United States has used the cinema, and audiovisual production in general, to spread an image of itself both across the world and within its own borders. The Japanese mass *media* have used the concept of kokuminshugi or “civic national consciousness” to strengthen the social construction of the Japanese and the Japanese self-image. Nihonjinron, theories of Japaneseness, have been used by the mass *media* inside the country to recover Japanese self-esteem. The first product for television in Japan was: *Watashi wa kai ni naritai* (I will become an oyster), a model of behavior for the people of post-war Japan, and a bet on a positive future. Castells (2004:390)

Prosseguindo, Thompson (1998:172) afirma que “se o desenvolvimento da mídia não conduziu a extinção da tradição, ele, entretanto transformou fundamentalmente a tradição”.

O autor analisou o impacto dos *media* e concluiu que a “dispersão das tradições através da mídia e através dos deslocamentos de populações migrantes (que por instantes podem ser considerados minorias), criou uma paisagem cultural no mundo moderno de enorme complexidade e diversidade” (1998:179).

No caso de Cabo Verde, “a identidade cabo-verdiana é algo que começou a dar sinais desde muito cedo e já no Século XVI, começou a poder distinguir-se o cabo-verdiano do não cabo-verdiano, recorrendo-se as expressões *filhos da terra e reinois*” (Évora, 2018:58).

Falando tanto da “formação da identidade mestiça”, como de uma pequena “elite letrada”, conforme Madeira (2016:55), “a emergência da Nação cabo-verdiana coincide com a afirmação do homem das ilhas, nomeadamente a partir do século XVIII, em que este reivindica os seus direitos perante a metrópole portuguesa e tomando a consciência de si e da sua identidade”. Em termos da cultura e cabo-verdianidade, segundo Évora (2018:59), “recusando uma adesão passiva ao regime de valores imposto pelos metropolitanos, muitas comunidades escravocratas encetaram o processo de divulgação das suas marcas culturais, traçando verdadeiros mapas identitários dos povos africanos” (2018:59). Efetivamente, no quadro da mudança de paradigma sócio comunicativo, para Silva *et al.* (2009),

(...) as novas tecnologias trazem ao Homem um novo desafio: o de reequacionar a realidade e reelaborar a imagem do “eu” e do que o rodeia. A comunicação enquanto processo de interação e vice-versa é uma ideia central na análise das tecnologias multimédia. Este fenómeno estabeleceu novos conceitos de espaço e tempo na interação social – dos quais emergem novas e diferenciadas formas de sociabilidade. (2009:242)

Segundo os autores, “a transição de paradigma da comunicação interfere diretamente na dimensão social. Por outro lado, a passagem da Cultura de Massas para a era da Cibercultura, não sintetiza um processo de exclusão e que um novo paradigma traduz numa nova adaptação” (Silva *et al.*, 2009:243). Essa “transição de paradigma” levou Thompson (1998), a concluir que,

(...) o desenvolvimento da *media* é assim uma parte integrante de uma característica dinâmica mais ampla das sociedades modernas, uma dinâmica que se pode descrever como o efeito recíproco de complexidade e experiência prática, proporção em que o ambiente social dos indivíduos vai crescendo em complexidade (em parte através da maciça oferta de formas simbólicas *mediadas*), os indivíduos vão construindo sistemas de conhecimento prático (extraídos em parte de materiais *mediados*) que lhes permitem enfrentar esta complexidade e as demandas da vida no mundo moderno. (1998:189-190)

Numa breve abordagem sobre “*media* e a participação dos cidadãos”, Pinto (2003:3), afirma que,

(...) a partir da última década, acentuaram-se e diversificaram-se as formas através das quais os meios de comunicação social acolhem e incentivam os seus públicos a expressar a sua opinião ou a sua posição relativamente às questões de atualidade e, nomeadamente, às iniciativas e medidas governamentais. (2003:3)

A questão dos *media*, tecnologia e cultura, também foi abordada por Mosco (2004), como um conjunto que tendencialmente determina mudanças, sobretudo a nível social, defendendo que,

(...) discusses the modern tendency for every new *media* or communication technology to be greeted with utopian fanfare about its potential to finally deliver the promises of modernity: peace, democracy, cultural innovation, economic growth, and freedom from work. From the railroad and telegraph, through the radio, TV, and electric light, to the Internet and Web 2.0 today, Mosco identifies a pattern wherein the sublime power of technology to guarantee “instantaneous worldwide communication” promises “a new sense of community and of widespread popular empowerment” with little effort other than our allowing the extension of that technology into our daily lives. On the flip side, many critics demonize the technology, with fears that the disruptions to the norm will cause widespread social dislocation, discord, and even insanity. Both of these tendencies “encase [their] object in a transcendent aura,” which remove them from the broader social, cultural, and economic transformations of their day. (Andrews, 2016:90-91, apud Mosco 2004)

Movido pelo efeito dos *media*, a identidade e diferença, em estudos culturais, é um outro tema de alguma discussão, na comunidade científica e muitas vezes assume a forma de “representação de identidades”. Para Hall e Gay (1996),

(...) Struggling against existing constructions of a particular identity takes the form of contesting negative images with positive ones, and of trying to discover the 'authentic' and 'original' content of the identity. Basically, the struggle over representations of identity here takes the form of offering one fully constituted, separate and distinct identity in place of another. (1996:89)

Para que possamos efetivamente discernir e identificar, de uma forma crítica o impacto dos *media*, temos de ter a tal visão e “imaginação sociológica” que Giddens (2009) defende. Segundo Giddens (2009:27), “a imaginação sociológica pede, acima de tudo, que sejamos capazes de “pensar nos distanciando” das rotinas familiares de nossas vidas diárias, para que possamos vê-las como se fossem algo novo”. Por outras palavras, assumir uma visão crítica em relação aos fatos sociais. Continuando, Giddens (2009), afirma que,

Sin embargo, la estructura social no tiene el carácter físico, por ejemplo, de un edificio que existe al margen de las acciones humanas. Las sociedades humanas están siempre en proceso de estructuración. Sus «componentes básicos» - seres humanos como usted y como yo - las reconstruyen a cada momento. (2009:28)

Portanto, no contexto dos *media*, podemos assumir que a redefinição e reconfiguração da identidade cultural é uma constante, uma vez que segundo Giddens (2009:142), “as formas de vida e as instituições sociais que caracterizam o mundo contemporâneo são radicalmente diferentes, mesmo daqueles do passado recente”.

Giddens (2009:143 - 172), aborda uma série de fatores que contribuem para a mudança social (influencia sobre el scambio social), entre os quais a globalização, pelo efeito dos *media*. Para o autor, “o conceito de globalização teve um forte impacto nas ciências sociais,

incluindo a sociologia. De facto, dificilmente existe uma questão sociológica que não tenha sido influenciada pelo quadro de referência global emergente²⁸” (Giddens, 2009:149).

De entre os fatores que contribuem para a aceleração da globalização, encontramos os *media* e a tecnologia que conforme Giddens (2009),

(...) La aceleración de la globalización se ha visto impulsada sobre todo por el desarrollo de unas tecnologías de la información y de la comunicación que han intensificado la velocidad y el alcance de las interacciones que establecen las personas por todo el mundo. Como sencillo ejemplo, piense en la última Copa Mundial de Fútbol. A través de los vínculos de televisión globales, algunos partidos fueron contemplados por miles de millones de personas de todo el planeta.

La explosión registrada en las comunicaciones globales se ha visto facilitada por algunos importantes avances tecnológicos y por otros relativos a la infraestructura de telecomunicaciones del mundo (...) Estas tecnologías facilitan la «compresión» del tiempo y del espacio: dos individuos que estén situados en lados opuestos del planeta —en Tokio y Londres, por ejemplo— no sólo podrán mantener una conversación en «tiempo real», sino que también podrán enviarse documentos e imágenes con la ayuda de satélites. El uso generalizado de Internet y de los teléfonos móviles está acentuando y acelerando los procesos de globalización; a través de estas tecnologías, la gente está cada vez más interconectada, y así ocurre en lugares que antes estaban aislados o contaban con un mal servicio de comunicaciones tradicionales. (2009:150)

Numa outra ótica e, segundo Castells (1999), “a sociedade em rede busca esclarecer a dinâmica económica e social da nova era da informação”. Por seu turno, para Martins e Cabecinhas (2009),

O conceito de memória social supõe a existência de formas de *mediação* das representações do passado, pelo que a relevância dos *media* no processo de construção e reconstrução de memória social prende-se com o fato destes constituírem a principal via através da qual a maior parte das pessoas adquire conhecimento sobre o passado. (2009:7)

Para os referidos autores, “a ação dos *media* traduz-se em processos de construção social da realidade” (Martins e Cabecinhas, 2009:8). Ainda conforme os mesmos (2009:8 apud Doris Graber 1984), “os indivíduos recorrem a esquemas cognitivos para reduzir, processar e armazenar na memória o que para eles é mais relevante da grande quantidade de informação mediática que recebem”. Já Castells (2009), recorre àquilo que ele próprio chama de “os redemoinhos da mente” e aspetos neurológicos da mente, para explicar como é que a comunicação e os *media*, atuam sobre a mente do indivíduo, modificando-os. Retomando o autor, defende que,

... La comunicación se produce activando las mentes para compartir significado. La mente es un proceso de creación y manipulación de imágenes mentales (visuales o no) en el cerebro. Las ideas pueden verse como configuraciones de imágenes mentales. Con toda probabilidad las imágenes mentales se corresponden con patrones neuronales. Los patrones neuronales son configuraciones de la actividad en las redes neuronales. Las redes neuronales conectan neuronas, que son células nerviosas. Los patrones neuronales y sus correspondientes imágenes ayudan al cerebro a regular su interacción con el cuerpo propiamente dicho y con su entorno. Los patrones neuronales se forman por la evolución de la especie, el contenido cerebral al nacer y las experiencias del sujeto. La mente es un proceso, no un órgano. Es un proceso material que se produce en el cerebro al interactuar con el cuerpo propiamente dicho. Dependiendo del nivel de alerta, atención y conexión con el yo, las imágenes mentales que constituyen la mente pueden ser o no conscientes. (2009:191-192)

²⁸ Traduzido pelo mestrando, com apoio da Google Translate

Giddens (2008) refere ao estudo extensivo que a *Escola de Frankfurt* desenvolveu, tendo a designando por “indústria da cultura” que para eles abrangia as indústrias de entretenimento dos filmes, a televisão, a música popular, a rádio, os jornais e as revistas. Segundo o autor, “sustentavam que a proliferação da indústria da cultura, com os seus produtos estandardizados e pouco exigentes, minava a capacidade dos indivíduos no que diz respeito ao pensamento independente e crítico” (Giddens, 2008:465-466).

Interpretando Castells (2009) e outros autores sociais, podemos concluir que o impacto dos *media*, advém do fato de que a construção de uma determinada realidade social, resulta como uma reação a eventos reais, internos ou externos, processados através do nosso cérebro, de forma consciente ou inconscientemente e particularmente com a interferência dos *media*.

Por outro lado, sendo a tecnologia um dos impulsionadores dos *media*, “a revolução da tecnologia da informação foi essencial para a implementação de um importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980” (Castells, 2001:50).

A tecnologia atua não apenas num determinado sistema, mas sim em todo o percurso da vida do homem em sociedade. Quem assim o defende é o próprio Castells (2001:108), afirmando que “como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados (embora, com certeza, não determinados) pelo novo meio tecnológico”.

A tecnologia, o meio e o indivíduo, são as peças fundamentais que irão concorrer com os *media*, nesse processo de redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria. Segundo Andrews (2016), “we might say that a technology is to a medium as the brain is to the mind. Like the brain, a technology is a physical apparatus. Like the mind, a medium is a use to which a physical apparatus is put” (2016:98).

Com recurso ao poder e o protagonismo dos *media* e, para concluirmos, aludimos à afirmação de Giddens (2009), defendendo que “as sociedades humanas estão sempre em processo de estruturação, uma vez que a estrutura social não possui o carácter físico, por exemplo, de um edifício que existe fora das ações humanas” (2009:28).

Mas, em termos de redefinição e reconfiguração da identidade cultural, conforme refere Mesquitela Lima *et al.* (1991), “seja qual for o padrão de cultura ... ela varia e modifica-se sempre. É aquilo que podemos designar por um *continuum*; no entanto as culturas possuem não só determinadas *formas acabadas* consubstanciadas na tradição, mas também gérmes de modernismos” (1991:196). Do ponto de vista mediático e tecnológico, convém complementar ainda que segundo Lopes Filho (1985),

(...) condicionalismos vários, de entre os quais se salienta o avanço tecnológico verificado ao longo deste século, tendem a modificar os comportamentos do “homem contemporâneo”, levando-o a adotar um novo “modus vivendi” que, tantas vezes ignora, valores culturais presentes no seu quotidiano, ou conservados na memória coletiva. (1985:99)

O avanço tecnológico, contribuirá, para acelerar, cada vez mais, o processo da reconfiguração da identidade cultural. Aliás, corroborando, desse fato, Ferreira (2018), defende que,

(...) os meios de comunicação ocupam uma posição privilegiada do ponto de vista de alcance social, tornando-se objetos importantes, não apenas porque são os grandes responsáveis pelo agendamento dos assuntos cotidianos, mas também porque, em alguma medida (que varia no tempo, no espaço e de acordo com a diversidade de receções), podem ser capazes de afetar as visões de mundo e, em decorrência, os comportamentos sociais e políticos. (2018:27)

Para o autor, “o discurso mediático articula saberes e poderes, já que cria uma determinada perceção da realidade: os próprios modos de articular determinadas narrativas acabam por estabelecer versões sobre o que seria essa realidade” (Ferreira, 2018:27).

O que podemos concluir relativamente à minoria socio-religiosa dos “Rabelados”, é de que consoante for a forma como os *media* os representa, assim será a perceção que a sociedade e os poderes públicos têm da vivência e do percurso dos mesmos.

Esse fato, aliado à consciência de mudança que se cria, paulatinamente, no seio dessa minoria, pelo efeito dessa representação mediática, é que no fundo, acabará, por contribuir para a perceção que se tem da redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria e mais especificamente dos “Rabelados”. Todavia, vamos aprofundar melhor essa perceção no estudo de caso.

PARTE II - O CASO DE ESTUDO “RABELADOS”

CAPÍTULO IV - OS “RABELADOS” DA COMUNIDADE DE ESPINHO BRANCO

O presente capítulo tem como propósito contribuir, de forma concreta, para uma melhor percepção do percurso dinâmico da minoria socio-religiosa dos “Rabelados”, no tempo e no espaço, bem como para onde caminha esse grupo. Tal contribuição será feita, com recurso a revisão de literatura, de alguns investigadores e historiadores que no passado e presente, têm se debruçado sobre a problemática do movimento de “Rabelados”.

Embora com olhares diferentes, como uma máquina fotográfica nas mãos do fotógrafo, a preocupação dos mesmos estava sempre em torno da procura de compreensão da dinâmica desse grupo, no tempo e no espaço. De igual modo, essa preocupação, também incluía a compreensão da sua manutenção, na sociedade, desde o reconhecimento da sua presença na Ilha de Santiago (Monteiro, Júnior, 1974, Ascher, 2011, Lopes Filho, 2013, Évora, 2018), até ao momento atual, com maior ou menor proporção.

Essa modesta contribuição, também tem, aliás, algum sentido, sobretudo quando se fala que em Cabo Verde existe um “silêncio e/ou a relativa ausência de produções em Ciências Sociais que esbocem ou tenham como referencial explicativo os conceitos de classes sociais, raça e etnia” (Furtado, 2012:144).

Todavia, segundo Madeira (2016:50), a “construção do Estado-Nação em Cabo Verde”, se deveu a situações de “inúmeras revoltas populares”, onde podemos identificar, entre outras, a revolta dos “Rabelados”, contra a presença no seio da Igreja Católica de “novos padres de batina branca, entre os anos de 1941 - 1961” (Asher 2011:23-24).

4.1 Os “Rabelados”: evolução e breve caracterização histórica e sociológica da minoria socio-religiosa

Tal como qualquer outro grupo social, também os “Rabelados”, da comunidade de Espinho Branco, na Ilha de Santiago, tiveram a sua trajetória histórica, no tempo e no espaço social.

Segundo Évora (2018), “para compreender o surgimento da comunidade de “Rabelados”, teríamos de recuar ao período do achamento e povoamento de Cabo Verde, no ano de 1460” (2018:61-63). Em resultado de “dissidências” ocorridas no seio da Igreja Católica, em Cabo

Verde, entre as décadas de quarenta a sessenta, há vários relatos do surgimento de uma comunidade atípica, em “confronto” com a realidade católica de então. O epicentro dessa cisão, terá sido dado, em Abril de 1940, sendo a defesa das ideias de um e outro, a principal causa, pois segundo Asher (2011),

(...) antes de falecer a 10 de Abril de 1940, “parece” que o padre Joaquim Furtado, último padre da terra, deixou recomendações no sentido de não se aceitar os novos padres vestidos como cordeiros, e na realidade, falsos profetas com correntes do diabo (rosário de plástico negro), pretendendo mudar o espírito do povo. (2011:29)

Contrariando, a referida “dissidência”, decorrente da “chegada dos missionários da congregação do Espírito Santo para Santiago, em 1941, a vida religiosa na grande Ilha, ganhou ritmo e sofreu enorme transformação” (Monteiro, júnior 1974:93). A presença desses missionários, todavia, não foi pacífica e nem foi bem-recebida, por todos, da mesma forma. Conta-nos Monteiro júnior (1974), que numa primeira fase, da chegada dos mesmos,

(...) diferentes, na sua apresentação e em vários aspetos exteriores, dos chamados “Padres Antigos”, “da terra” ou “de batina preta”, os novos missionários foram recebidos por muita gente com manifesta desconfiança e até com incredulidade. O povo desconfiava dos novos Padres. Muita gente ia perguntar à família do velho pároco se estes padres novos eram verdadeiros ou não. Muita gente os seguiu; mas muitos continuaram afastados, praticando os usos e costumes religiosos tradicionais. (1974:93)

A descrição feita por Monteiro júnior (1974), aliado a outros fatores socio-religiosos, estiveram na origem da formação do grupo “minoritário” dos “Rabelados”. Todavia, é sabido que “a religião em Cabo Verde, a par de outras manifestações culturais e identitárias, constitui ainda hoje um dos principais fatores da unidade nacional, visto ser nela que assentam as bases de toda a ordem moral e social” (Madeira, 2016:58, apud Lopes Filho, 1996).

Tal afirmação torna-se mais evidente, sobretudo porque, “pela forma como as ilhas foram povoadas, observa-se que mais de 90% da população é cristã, professando a sua religião através da Igreja Católica” (Madeira, 2016:58). Aliás, conforme afirma Gaarder *et al.* (1952), “um rápido olhar para o mundo ao redor mostra que a religião desempenha um papel bastante significativo na vida social e política de todas as partes do globo”.

Convém ressaltar que para os autores, “o sentido da revolta ou resistência” é típico de um povo, subjugado pela escravidão e não só. Praticamente, desde o achamento do arquipélago, até o mesmo se tornar independente, em 1975 (Madeira, 2016), em quase todos os pontos do País, aconteceram situações que se pode confinar em resistência ou revolta, próprias de uma “sociedade escravocrata” (Carreira, 2000:281-321). Recapitulando, Madeira (2016), destaca “a de 1822 nos Engenhos, a de 1836 na Praia, a de 1841 na Achada Falcão, a de 1847 no Sal, a

de 1886 em Santo Antão, a de 1910 em Ribeirão Manuel, a de Achada Portal em 1920 e as de São Vicente nos anos de 1929 e 1934” (2016:49-50).

Assim, entre as revoltas, dissidências e reconciliações, no seio da Igreja Católica e na segunda metade do Séc. XX, mais precisamente no ano de 1941 (Monteiro júnior, 1974), surgiu o movimento dos “Rabelados” da Ilha de Santiago, cuja presença na comunidade, ainda hoje, podemos verificar, embora, de certa forma, reconstruída e redefinida.

4.2 Entre a rotura e as novas tendências

Referindo concretamente ao estudo de caso, objeto da presente investigação e, enquadrado na abordagem desta secção, se “no passado os “Rabelados” foram alvo de uma tentativa de integração forçada na sociedade, com base na ameaça e na condenação moral, atualmente, as relações baseiam-se num respeito mútuo” (Correia e Silva, in Asher, 2011:13). Só aqui, já, podemos falar de um sinal de rotura com as práticas do passado, em direção a novos paradigmas, ou a novas tendências, sem pôr em causa os princípios do grupo.

Asher (2011:33), no seu trabalho de investigação, “os “Rabelados” de Cabo Verde – a história de uma revolta”, revelou preocupações que se relacionavam com a religião, a saúde e a própria forma de estar do grupo, na sociedade, perante as entidades administrativas oficiais de então, de forma conflituosa, dando lugar ao “nascimento de uma consciência de grupo melhor adaptada à resistência”.

Para Monteiro, júnior (1974), trata-se de “um grupo de pessoas dominadas por sentimentos, representações e tendências semelhantes, formando uma unidade dotada, de certo modo de uma estrutura interna que importa conhecer quando se procura estudar e compreender o comportamento daqueles que integram o grupo” (1974:85).

Entendimento diferente, teve Évora (2011), defendendo que, (...) a comunidade dos “Rabelados” da Ilha de Santiago, em Cabo Verde, resultou do fortalecimento da consciência cabo-verdiana sobre a identidade nacional, ao ponto de se criar um ‘enclave cultural’, com modos de vida, costumes e tradições próprias (Évora, 2011:94).

Ainda na perspectiva de Monteiro, júnior (1974), dois fatos importantes marcaram a origem dos “Rabelados”²⁹ ou “incentos”, como alguns padres católicos os denominavam. Um dos fatos, relaciona-se com a recusa, por parte do grupo, “com maior ou menor relevância, de colaborar com a “Missão de Estudo e Combate a Endemias da Província de Cabo Verde”, principalmente nos trabalhos da erradicação da malária, não autorizando a pulverização das suas casas com inseticidas”. Na mesma missão, segundo o autor, havia ainda “os trabalhos de vacinação B.C.G. e extração de sangue dos mesmos para análise laboratorial, com o objetivo da pesquisa da malária” (Monteiro júnior, 1974:49).

O outro, talvez, o mais importante dos fatos e que marcou o percurso do grupo, no seio da religião católica local e, citando o mesmo autor, teria sido o “comportamento do grupo, perante a presença dos Missionários da Congregação do Espírito Santo, na Ilha, década de quarenta”. (Monteiro júnior, 1974:90-95)

Aliás, segundo Monteiro, júnior (1974), essa fase decorreu em três etapas distintas, sendo a primeira, com a chegada dos Missionários da Congregação do Espírito Santo, à Ilha de Santiago; a segunda com a evangelização e moralização de certos costumes encontrados na Ilha e uma terceira etapa, no ano de 1960, na qual, (Monteiro Júnior, 1974:97), “o movimento aparece com dimensão e características, diferentes, embora sem perder, o seu carácter sócio-religioso. Esta etapa, inclui ainda, a realização do IX recenseamento geral da população de Cabo Verde”.

²⁹ Cfr Monteiro, Júnior, (1974:48), a primeira vez que aparece escrita a denominação de “Rabelados” é na participação que, em 16 de Junho de 1959, o Rev. Pe João Eduardo Moniz (atualmente falecido), então Pároco da Freguesia de Santo Amaro Abade, dirigiu ao Administrador do Concelho do Tarrafal.

Figura 4 - Pe Campos – Católico, da Congregação do Espírito Santo



Fonte: Murteira (2002) - Rebelados no Fim dos Tempos – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NWOQdPSvL70&t=103s>

Relativamente à presença dos missionários da Congregação do Espírito Santo, na Ilha, ainda afirma Monteiro, júnior (1974) que,

(...) com a ida dos missionários da Congregação do Espírito Santo para Santiago, em 1941, a vida religiosa da grande Ilha, que decaíra bastante, ganhou ritmo intenso e sofreu enorme transformação. Missionários novos, em maior número que os Padres antigos, cheios de vigor apostólico, (...)

(...) diferentes, na sua apresentação e em vários aspetos exteriores, dos chamados “Padres antigos”, “da terra” ou de “batina preta”, os novos missionários foram recebidos por muita gente com manifesta desconfiança e até com incredulidade (...) todavia, muita gente os seguiu; mas muitos continuaram afastados, praticando os usos e costumes religiosos tradicionais. (1974:90-95)

Assim, desde os primórdios da consciência da sua existência, quando começaram a “viver à margem da sociedade” (Asher 2011:33), “no ano de 1941” (Monteiro, júnior, 1974), até ao presente momento, os “Rabelados” atravessaram várias fases da sua existência e sofreram mudanças, mas parece que nunca houve uma rotura completa, com os seus ancestrais, pese embora as transformações havidas, ao longo do tempo.

Todavia, essas transformações, poderão ser observadas, com maior relevância, no contexto mediático, conforme podemos confirmar, em algumas publicações (objeto de análise de conteúdo), no período pós-independência nacional, em 1975.

Figura 5 - "Rabelados" visto de fora: um símbolo de resistência que se tornou cultura



Fonte: ACI - <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE> – Os últimos “Rabelados”

O percurso do grupo socio-religioso dos “Rabelados”, no sentido da sua transformação, estando inserido do contexto da caboverdianidade, poderá ter sido influenciada, de um modo geral, pelo “processo da construção do Estado-Nação em Cabo Verde”. Na perspetiva de Madeira (2016:65), “no processo da construção do Estado-Nação em Cabo Verde, é de destacar o facto da Nação proceder em aproximadamente dois séculos a criação de um Estado independente, o que só aconteceu a partir de 1975”, ano da independência nacional.

Essa transformação é mencionada por Laraia (1986:94-101), segundo o qual “a cultura é dinâmica”. Para o autor, “existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro”. Acrescenta ainda o autor, que “no primeiro caso, pode ser lenta e no segundo, mais rápida e brusca” (Laraia, 1986:95). Todavia, esta última, não parece, tão benéfica, na perspetiva de alguns autores. Para Lopes, Filho (2003:317), “a identidade é, em qualquer circunstância, uma questão, complexa: mas é-o ainda mais tratando-se da identidade resultante dum contato de culturas feito nas condições simultaneamente brutais e alienantes da escravatura e da colonização”.

Todavia, o dinamismo da cultura a que se refere Laraia (1986), pode não caminhar, pura e simplesmente, para a rutura. É o próprio Lopes Filho (2003:320) a defender que “é, no entanto, imperativo, que seja vontade do Estado que a tradição se perpetue no que existe de mais positivo, no reforço da identidade cultural”. Entretanto, mas não contrariando a lógica

de Lopes Filho (2003), veio Évora (2011:92), a afirmar que “o conceito de cultura pode ser ambivalente. Uma das suas características é a sua mutabilidade ao longo do tempo”.

A manutenção dos “traços culturais dos africanos”, incluindo os cabo-verdianos, perante o padrão cultural do colonizador, é evidente, conforme defende Évora (2011). Para o autor: “a comunidade dos “Rabelados” da Ilha de Santiago, em Cabo Verde, resultou justamente do fortalecimento da consciência cabo-verdiana sobre a identidade nacional, ao ponto de se criar um ‘enclave cultural’, com modos de vida, costumes e tradições próprias” (2011:94).

Olhando para os efeitos dos *media*, na perspetiva de Lopes (1999),

(...) a crença ainda positivista que vê o campo da comunicação como um lugar onde se joga um místico jogo entre causas e efeitos é herdeira do modelo racional que enformou a constituição das ciências humanas e a sociologia em particular - em que as regras do método sociológico e o desejo de obter resultados, imperam. (1999:01)

Interpretando os autores já mencionados, os novos tempos, com a globalização e o desenvolvimento dos *media*, tiveram os seus efeitos, no “modus operandi” ou a cultura dos povos e muito especificamente, da minoria “Rabelados”, contribuindo para o desfasamento, entre o passado e o presente. Ainda fazendo uso da afirmação de Évora (2011), neste particular, o autor afirma que,

(...) hoje algumas das famílias de ‘rabelados’ vivem difusas no meio das populações não ‘rabeladas’. Várias famílias acabaram por ser açambarcadas pelos novos sistemas de valores que despontaram na sociedade cabo-verdiana. Daí que, muitas das que ainda procuram resistir, vêm os seus valores culturais substancialmente alterados. Diversas famílias ‘rabeladas’ que recusavam ver televisão por considerá-la uma obra de demónio, hoje, muito dificilmente, conseguem fazer vingar essa posição no seio dos agregados mais novos. Muitas pessoas da comunidade recusavam andar de carro, entrar em casas devidamente acabadas ou dormir em colchões. Hoje não conseguem fugir às novidades dos tempos modernos. Esse apego às tradições, à antiguidade e aos modos de vida ‘ruralizados’ não atrai a sua juventude que, ao lado, vê outros jovens cabo-verdianos com outra desenvoltura mental, maiores oportunidades e melhores enquadramentos profissionais. Daí que, manter a comunidade coesa em torno da sua filosofia de vida tem sido um grande desafio. Se os mais velhos estão com os olhos postos no passado, os mais novos preferem olhar para o futuro e experimentar as oportunidades que a vida lhes pode fornecer. (2011:97-98)

Figura 6 - Antigo complexo habitacional da comunidade dos “Rabelados” (Funco de Colmo)



Fonte: ACI - <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE> – Os últimos “Rabelados”

A essência da mudança é despoletada e favorecida, sobretudo pelo efeito da indústria cultural e comunicação social” (Évora, 2011). Para o autor, “a produção e o consumo da informação e dos produtos culturais acompanham, nos nossos dias, o ritmo acelerado imposto pelo processo industrial que atingiu o campo da comunicação e da cultura”, muito particularmente, “o crescimento da comunicação eletrónica e a digitalização de dados, que vão ombrear-se com a transnacionalização das empresas mediáticas” (2011:89-90). O clima de mudança que pairava no seio da comunidade era superior ao “dilema do futuro” que estava impregnada no espírito dos “Rabelados” anciãos.

Figura 7 - “Rabelados”: Os caminhos irreversíveis da mudança



Fonte: ACI - <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE> – Os últimos “Rabelados”

Segundo o documentário audiovisual da ACI (2013), depois da morte de alguns dos antigos e mais influentes membros da comunidade, a dedicação à pintura foi um dos primeiros e muitos sinais de que a comunidade de “Rabelados” já se estava a mudar. Ainda pela mesma agência é sabido que um dos membros da comunidade (Celina Tavares - Tuna), da nova geração, reconheceu que a vida mudou a partir de 2007, com a morte dos anciãos e entrada de novos princípios na comunidade, com acesso a educação, a globalização, etc.

Figura 8 - "Rabelados" - O impacto da Internet na mudança



Fonte: ACI - <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE> – Os últimos "Rabelados"

Efetivamente e, como se pode constatar, por diversos meios, a onda de mudanças que pairou sobre a comunidade minoritária dos “Rabelados” não foi, apenas fruto do acaso. Várias são as causas, desde “os efeitos da globalização” (Évora, 2018), à veiculação natural dos fatos sociais que lhes dizem respeito, através dos *media*, fazendo com que entidades governamentais, ONGs e ativistas, tomassem consciência do fato, apoiando a sua promoção.

Nesse particular, transmitido pela própria, “a pintora e artista plástica, Maria Isabel Alves, mais conhecida por “Misá”, também tem trabalhado na promoção e divulgação da cultura e tradições da comunidade, tendo levado pintores “Rabelados”, como o atual líder “Tchetcho”, a participar na ARCO - Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madrid, em Fevereiro de 2007”.

Figura 9 - Maria Isabel Alves - “Misá”, na casa de arte dos “Rabelados”



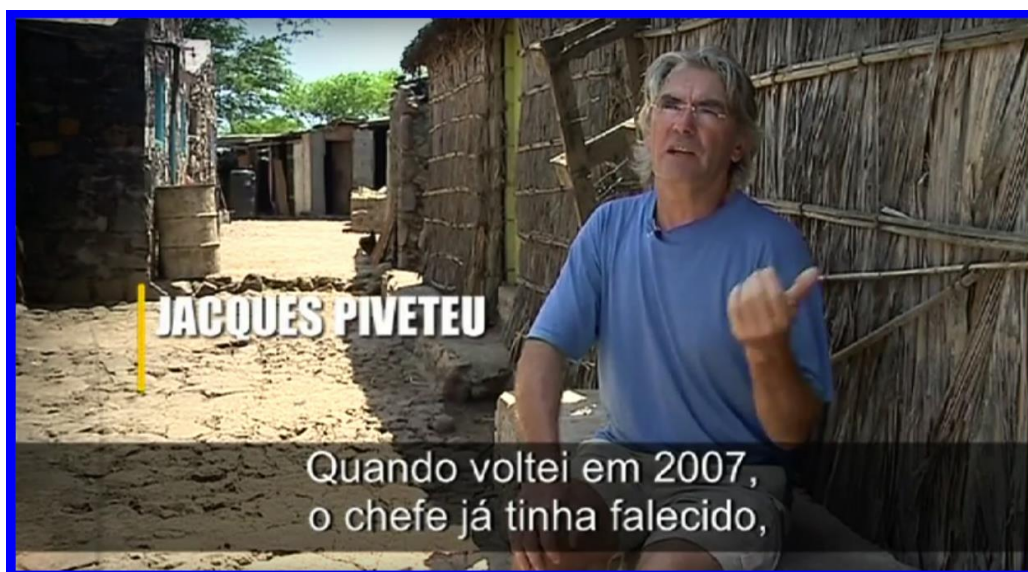
Fonte: SAPO CV - <http://viajar.sapo.cv/fotos/rabelados-de-espinho-branco>

Apesar da mudança, existem “traços da vivência local” (Évora, 2018) que acompanham um grupo social, em todo o seu percurso. “Numa altura em que os fenómenos culturais e comunicacionais são equacionados à escala global, ainda há traços de vivência local, em diferentes regiões do mundo, que tentam resistir. É, por exemplo, o caso das marcas culturais dos “Rabelados” (Évora, 2018-68).

Ainda segundo o autor, a própria característica do País,

(...) aberta ao mundo, cujo sentido cultural, tem sido arquitetado na base de confluências de diferentes culturas do mundo, os hábitos de vida, as crenças, as maneiras de encerrar o quotidiano e a forma de pensar a própria humanidade dos “Rabelados” constituem substantivos próprios para diferentes tipos de análise. (Évora, 2018:68-69)

Figura 10 - "Rabelados" - Integração: Permissão da presença de pessoas fora da comunidade (estrangeiros)



Fonte: ACI - <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE> – Os últimos “Rabelados”

Os traços característicos iniciais da “estrutura sociocultural e económica” dos “Rabelados” fizeram parte integrante da grande Ilha de Santiago, de onde são originários. Conforme refere Monteiro Júnior (1974:28-35), “conhecidas as raízes históricas, o cenário geográfico e o panorama humano da Ilha de Santiago”, facilmente se esboça as “estruturas sociocultural e económica da comunidade rural de que elas fazem parte integrante” (1974:35). Por exemplo, um hábito antigo e que ainda hoje se praticam, embora de forma diferente, são os trabalhos de arte. De acordo com a descrição do autor,

(...) vimos em “casa choca”, no Tarrafal, uma “Rabelada” fiando algodão silvestre para obter linha de costura. Esta é muitas vezes comprada aos metros nas lojas, quando as posses do comprador não chegam para adquirir um novelo. Todos se dedicam aos trabalhos agrícolas e, em épocas de crise, aos *trabalhos do Estado*. (1974:51)

Dos funcos de “palha” (Ho, 2015)³⁰, às habitações de blocos de cimentos de betão armado, assim continuam a caminhada dos “Rabelados”, num ritmo de mudança acelerado, sem perder a essência da sua cultura.

Conforme descreve Ho (2015), caracterizando a aldeia dos “Rabelados”,

(...) Cerca de hora e meia depois de viagem, desde a capital Cidade da Praia, deparamo-nos com um aldeamento bem mais organizado do que esperávamos. Os funcos estão alinhados em filas simétricas, arrumando-se famílias numerosas de um lado, idosos e mães solteiras de outro” (Ho, 2015:05).

³⁰ In: Sol/Sapo - Cabo Verde. A doutrina dos “Rabelados” - <https://sol.sapo.pt/artigo/401931/cabo-verde-a-doutrina-dos-rabelados>

Figura 11 - Sinais da mudança expressa nas habitações: Habitação de duas gerações de “Rabelados”



Fonte: Hilton P. Silva

O ritmo acelerado da mudança, referido anteriormente, encontra-se a mercê daquilo que Évora (2011) defende, afirmando, entretanto, que,

(...) dois fenómenos se conjugam para esta realidade: por um lado, o crescimento da comunicação eletrónica e a digitalização de dados, que vão ombrear-se com a transnacionalização das empresas mediáticas; por outro lado, a invasão do capitalismo ao domínio da cultura, transformando o próprio processo comunicacional num fenómeno industrial. (2011:89)

Nos primórdios da sua existência, em termos da “caracterização sociológica do grupo”, Monteiro júnior (1974:85-87) afirma que os “Rabelados” constituem um grupo social primário, uma comunidade socio-religiosa cujas características essenciais, são”, entre outras, “a manutenção e a exaltação do sentimento religioso dos “Rabelados” através da prática das suas crenças segundo a tradição, sem inovações de quaisquer espécies. O lema do grupo, poderá ser assim traçado: tradição versus evolução” (1974:87).

Pode-se afirmar que o conservadorismo que teoricamente, poderá ser atribuído ao grupo, não é absolutamente linear, pois que na perspetiva de Cabecinhas (2006) e que também é aplicável ao grupo,

(...) num mundo em acelerado processo de globalização, em que as pressões para a “massificação cultural” são constantes, cada grupo (nacional, regional, linguístico, etc.) ao mesmo tempo que absorve e transforma as ideias circulantes nos meios de comunicação “globais”, tenta preservar o que considera ser a sua identidade cultural própria, valorizando as suas tradições, usos e costumes, e definindo o seu “lugar singular” no mundo. (2006:2)

Conforme refere Évora (2011:100), “várias décadas passaram depois da rutura dessa comunidade com a Igreja Católica, mas muitos traços culturais ainda tendem a ser genuínos”.

Embora a afirmação do referido autor e, de “trabalhadores rurais, analfabetos, muito pobres, que habitam zonas isoladas do interior da Ilha de Santiago, não dotados normalmente de meios de comunicação, de escola ou de assistência médica”, conforme os caracterizou Monteiro júnior (1974:179), hoje essa situação encontra-se literalmente alterada. Também Asher (2011) tem a mesma percepção de Monteiro júnior (1974), ao afirmar que,

(...) em matéria de educação, os “Rabelados” defendem um modelo fundado no *imediatismo* das sensações. As crianças nascem com um dom que devem descobrir ou conquistar livremente na escola da vida. Os adultos têm o dever de os ajudar nesta via, mas sem imposições para não poluírem o seu espírito. (2011:66)

Falando em termos de mudança, (Asher, 2011:108, apud Leitão da Graça, 2007), “nas sociedades africanas espera-se que o ditador morra para que uma nova era tenha início. Nhô Agostinho, o líder religioso dos “Rabelados”, faleceu a 25 de Novembro de 2006 (...) “. Paradoxalmente, Asher (2011:109, apud Leitão da Graça 2007), “considera que a comunidade tem todo o interesse em integrar a sociedade global, de modo a diminuir o risco de cristalização, já que disso depende a sobrevivência das suas tradições”. Todavia e conforme Carvalho (1992:5)³¹, “a comunidade ficou dividida, com o falecimento do conhecido Chefe Geral dos “Rabelados” – Nhonhô Landim, ainda antes do falecimento do Líder “Agostinho”, acionando flancos, cada vez mais, a aberturas ao mundo globalizado e a mudanças. Foi nessa ótica que Asher (2011), relata-nos vários fatos relacionados com a presença quer de jornalistas, ativistas sociais e outras entidades, para concretizar aquilo que a autora chama de “a inscrição na modernidade” (2011:121-124).

De entre esse capítulo de mudança, a referida autora fala-nos da criação na comunidade da “primeira aldeia artesanal de Cabo Verde”, graças ao mérito e à firme determinação da ativista sociocultural - Maria Isabel Alves, mais conhecida “Mizá”.

³¹ Vide Luis Carvalho (Jornalista) edição Jul/Set de 1992 EXTRA do jornal VOZ DIPOVO, de publicação mensal, reportagem intitulada – Rebelados do Tempo.

Segundo a narração de Asher (2011),

(...) no quadro da Associação Abi-Djan para a promoção de trocas culturais a nível internacional, os “Rabelados” já participaram no grande mercado de Arte Contemporânea de Madrid (Arco 2007), expuseram na Itália, em França, no Luxemburgo, em Portugal e também nas outras ilhas de Cabo Verde. Mas é a visita do Primeiro-ministro José Maria Neves a 8 de Fevereiro de 2007 que vai verdadeiramente marcar a abertura do processo de inserção social e económica desta micro-sociedade na vida nacional. O objetivo? Para além do espectro puramente de promoção artística da comunidade, trata-se de obter os meios para a construção de um pequeno museu de salvaguarda do património dos “Rabelados” e de assegurar o desenvolvimento do projeto de turismo cultural. (2011:126-127)

O fato mais marcante para esse grupo minoritário foi, conforme refere Asher (2011:127), “a criação da “Associação dos “Rabelados” da ilha de Santiago” em Março de 2008, constituindo uma das etapas mais importantes para a comunidade”. Segundo a autora, a “associação recebe todos os anos um subsídio do Estado e está em andamento a construção do museu em Espinho Branco” (2011:127). Aliás, numa das suas recomendações ao então Governo, de Cabo Verde, Monteiro júnior (1974:172-178) teria indicado “o desenvolvimento sociocultural e económico – verdadeiro caminho para a paz”. A reforma agrária foi uma das recomendações e segundo o autor,

(...) o caminho a seguir para combater oportunamente os males presentes e futuros é o da promoção socioeconómica dessas populações, pelo desenvolvimento dos seus recursos humanos e materiais, favorecendo-lhes níveis mais altos de vida, trabalho efetivo, condições de progresso e de justiça social. (Monteiro júnior, 1974:174)

Figura 12 - Sinais de mudança nos "Rabelados" - Dos Funcos de "palha" a "RABELARTE" - a casa de arte dos "Rabelados"



Fonte: ACI - <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE> – Os últimos “Rabelados”

A mudança que se iniciou (Asher, 2011) não foi e nem será, certamente, com motivos de promover a extinção dessa minoria, denominada “Rabelados”, mas certamente, de promover a sua continuidade nos anais da história de Cabo Verde e no tempo, na medida em que, conforme a autora,

(...) o museu serve simultaneamente para a educação das crianças dos “Rabelados” e como local de descoberta de uma cultura injustamente achincalhada e renegada, com a qual os Cabo-verdianos também precisarão de restabelecer relações,” faz notar Misa. Tudo é valorizado. A continuidade existe sem dúvida através destes jovens. Outrora oprimidos, os “Rabelados” ganharam a sua liberdade graças ao Rabel’Art. Os “Rabelados” entraram num processo de reconciliação com a Igreja, afirma o padre Constantino, que celebra os batismos das suas crianças desde 1984. “Como todos sabem ler, eles conseguiram resumir os seus rituais para seguir em frente, indica Misa. Acaba de se criar um grupo para cantar as ladainhas. O conceito de decoração interior do Funco modernizou-se e este compartimentou-se (sala, quartos e solo cimentado). (2011:128-129)

A corroborar dessa ideia de continuidade, Évora (2018:70), considera que “dentro da arquitetura de vida cabo-verdiana, os “Rabelados” da Ilha de Santiago preservam ainda uma microcultura que, embora ameaçada constantemente, ainda persiste”. Em termos da indústria mediática, o autor da “Comunicação Social e Cidadania” reconhece que “é preciso que haja uma confluência de fatores de ordem social, económica, tecnológica e comunicacional para que certas culturas, aparentemente locais, possam transformar-se em marcas culturais da humanidade” (Évora, 2011:71), como é o caso das “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco.

Todavia, vimos que a inclusão dos “Rabelados” na sociedade é um fato visível. Sobretudo, porque podemos constatar que os “Rabelados” começaram já, há algum tempo, de modo autónomo a reconstruir a sua própria realidade, de acordo com a lógica social que os circunda.

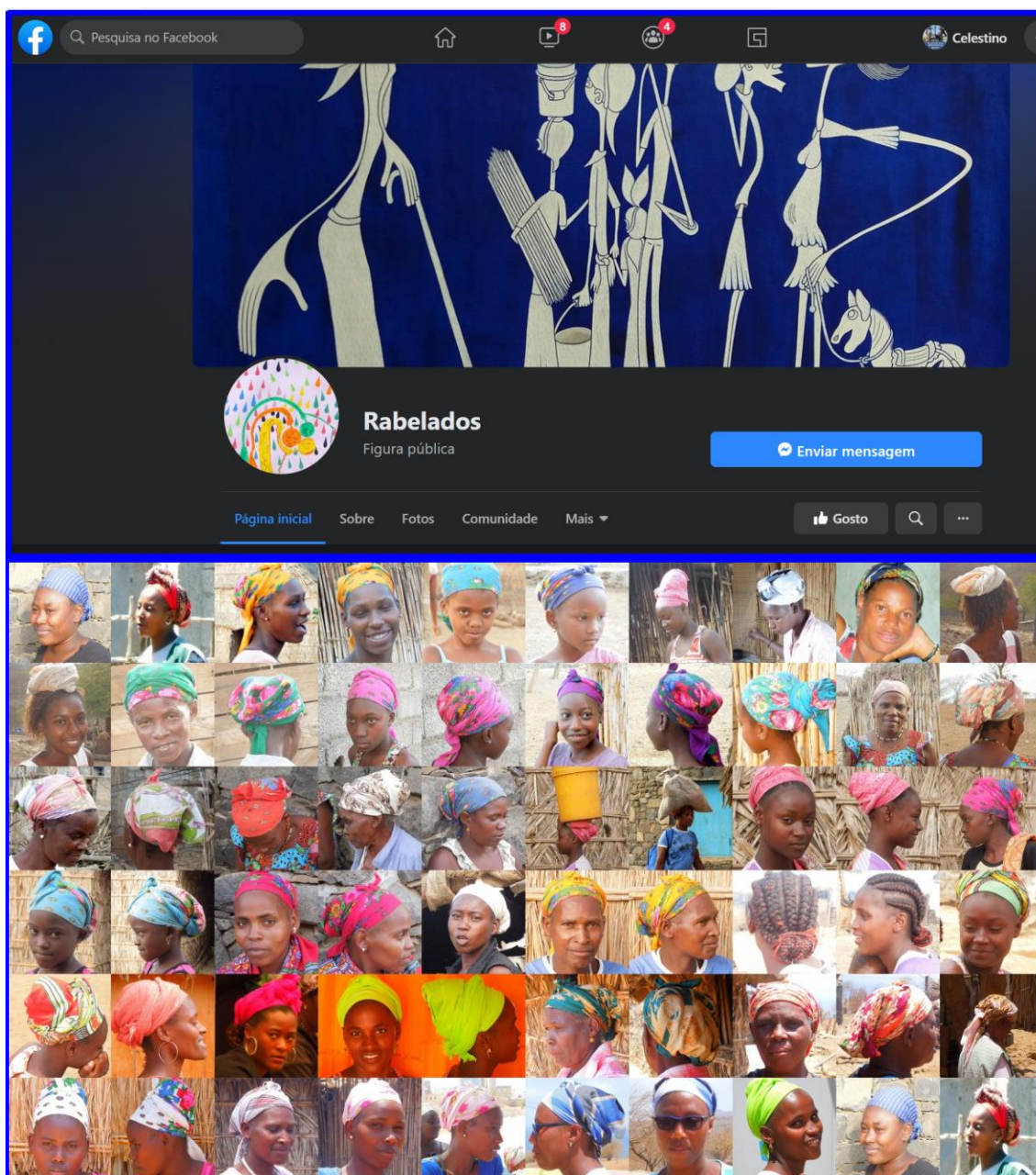
Figura 13 - Página de "FaceBook" - RABELARTI: Associação dos "Rabelados" de Santiago



Fonte: <https://www.facebook.com/Associa%C3%A7%C3%A3o-dos-Rabelados-de-Espinho-Branco-1064089310312282>

Aliás, “resistir para mudar” sempre foi a marca característica do grupo e agora estão a fazê-lo, recorrendo aos *media* e à *internet*, como podemos observar na presença dos mesmos na rede social, do “FaceBook”, criando as suas próprias páginas na rede social, e promovendo as suas atividades. Relembramos, todavia, que a representação de conteúdo dos “Rabelados” nos *media* sociais e nas redes sociais, não faz parte do objeto do presente trabalho, pelo que essa temática não será explorada.

Figura 14 - Página "FaceBook" dos "Rabelados"



Fonte: <https://www.facebook.com/Rabelados-328872433801506>

Em jeito de considerações finais, deste capítulo, podemos concluir, por aquilo que defendem os autores sociais, que a comunidade de “Rabelados” de Espinho Branco encontram-se em processo de mudança, sem, todavia, perder do essencial (Évora, 2011) dos aspetos que lhes são característicos, nomeadamente “a herança cultural e religiosa de que são portadores as populações rurais da Ilha de Santiago” (Monteiro, Júnior, 1974:179). A grande exposição mediática do seu percurso, na sociedade, poderá ter sido, o “rastilho” para chamar atenção da sociedade envolvente e das entidades públicas, para a promoção da sua continuidade, num mote diferente do seu propósito inicial.

PARTE III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

CAPÍTULO V – TRATAMENTO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Breve introdução

A relevância ou não, dos *media* na reconfiguração e redefinição da identidade de minorias, baseada na percepção que se tem acerca dos “Rabelados”, no geral, sobre a sua inserção na sociedade cabo-verdiana, a discriminação que possa ou não existir, e as mudanças em curso na sua comunidade, bem como se os objetivos definidos foram ou não atingidos, serão verificados neste capítulo.

De igual modo, é no presente capítulo que vamos discutir os principais resultados da análise de conteúdo dos *media*, com recurso a uma grelha de análise de conteúdo, produzida, para o efeito. Aqui, aproveitamos para evidenciar o conhecimento dos fatos obtidos e da realidade observada, suscetíveis de serem e comparados, com outros semelhantes já realizados sob a mesma temática.

Todavia, convém enaltecer que se trata de um estudo de caso, em que a narrativa da imprensa, e dos jornalistas, é essencial para o seu enquadramento e melhor compreensão dos fatos narrados.

5.2 Apresentação dos dados em análise nos *media*

A representação de conteúdos dos “Rabelados” nos *media*, faz parte integrante da presente investigação e consta do anexo I. Nela e no período de 1975, ano da independência nacional de Cabo Verde a 2018, podemos observar notícias e opiniões, expressas em diversos formatos, nos *media*, relacionados com os mais variados aspetos da vivência e do percurso dos “Rabelados”, no tempo e no espaço, sempre com o objetivo de contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a realidade social dos mesmos.

Os dados foram agrupados cronologicamente, consoante as suas edições e editoras. Seguidamente, expõe-se o título ou fato observado, o tema ou o assunto da notícia, onde se expõe a tendência da notícia (se negativa, positiva ou ambas), também ela ao longo do

tempo, bem como a representação dos “Rabelados” na notícia, ou seja, se lhes são dadas vozes, ou não.

Esquemáticamente, as representações dos “Rabelados” nos *media*, foram agrupadas da seguinte forma: efetuamos o levantamento de um total de nove diferentes órgãos de *media*, que produziram conteúdos diretamente relacionados com a atividade e/ou fatos da comunidade, no período de 1989 a 2018. Os locais privilegiados, para esse levantamento, foram o AHN – Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde e os sítios online dos órgãos de *media* que produziram tais conteúdos.

Após a revisão da literatura, cabe agora efetuarmos a análise e interpretação de conteúdos dos “Rabelados”, nos *media* e avaliar em que medida os *medias* (incluindo a internet, com a sua rede social colaborativa), contribuem para a redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria, ao longo do tempo. A análise, far-se-á a partir do levantamento de representação de conteúdos mediáticos dos “Rabelados” nos *media* (jornais on/offline), em Cabo Verde, no período de 1989 a outubro de 2018, conforme Tabela 4.

5.2.1 Fontes dos dados recolhidos

No quadro seguinte apresentaremos as fontes que suportaram os conteúdos da representação dos “Rabelados” nos *media*.

Tabela 3 - Representação dos “Rabelados” nos media – Fonte de Notícias

N/O	Data da Edição	Media/característica	Periodicidade	Data de acesso	URL/Localização
01	16.04.89	Jornal (Impresso) TRIBUNA	Quinzenalmente	29.10.19	Arquivo Histórico de Cabo Verde
02	Jul/Set92	Jornal (Impresso) Voz di Povo – EXTRA	Mensalmente	29.10.19	Arquivo Histórico de Cabo Verde
03	20.02.95	Jornal (Impresso) A Semana	Semanalmente	29.10.19	Arquivo Histórico de Cabo Verde

04	30.04.99	Jornal (Impresso) A Semana	Semanalmente	29.10.19	Arquivo Histórico de Cabo Verde
05	05.08.99	Jornal (Impresso) HORIZONTE	Semanalmente	29.10.19	Arquivo Histórico de Cabo Verde
06	13.11.09	Expresso das Ilhas Online	Diário Digital	20.12.18	https://expressodasilhas.cv/exclusivo/2009/11/14/rabela-dos-o-simbolo-que-o-tempo-quer-apagar/12982
07	19.04.10	Expresso das Ilhas Online	Diário Digital	20.12.18	https://expressodasilhas.cv/cultura/2010/04/20/prai-a-ccf-apresenta-rabelarti/16645
08	20.07.10	RTC - Radio Televisão de Cabo Verde (TCV e RCV)	Diário Digital	20.12.18	http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=1215
09	07.04.12	RTC - Radio Televisão de Cabo Verde (TCV e RCV)	Diário Digital	20.12.18	http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=4084
10	21.11.14	JORNAL ONLINE "A NAÇÃO"	Diário Digital	20.12.18	https://anacao.cv/cem-obras-dos-rabelados-em-exposicao-inedita-mindelo/
11	14.10.14	SAPO.CV Online	Diário Digital	20.12.18	http://viajar.sapo.cv/descubra-o-pais/roteiros-e-passeios/rabelados-um-simbolo-de-resistencia-que-se-tornou-cultura
12	11.09.15	JORNAL ONLINE "A NAÇÃO"	Diário Digital	20.12.18	https://anacao.cv/artista-do-niger-que-trabalhou-com-rabelados-despede-se-com-exposicao/
13	15.02.16	Expresso das Ilhas Online	Diário Digital	20.12.18	https://expressodasilhas.cv/cultura/2016/02/15/misa-lanca-campanha-koracao-ki-ta-da-na-praia/47650
14	28.05.16	Expresso das Ilhas Online	Diário Digital	20.12.18	https://expressodasilhas.cv/pais/2016/05/28/cabo-verde-vai-ter-tres-bolseiras-na-universidade-dos-pes-descalcos/48816
15	21.09.19	TIVER, SA Online	Diário Digital	20.12.18	http://tiver.cv/index.php?id=368:comunidade-dos-rabelados-envia-3-mulheres-para-india
16	06.03.18	TIVER, SA Online	Diário Digital	20.12.18	http://tiver.cv/index.php/noticias/em-destaque/2755-embai-xador-dos-eua-de-visita-oficial-ao-concelho-de-sao-miguel
17	06.03.18	JORNAL ONLINE "A NAÇÃO"	Diário Digital	20.12.18	https://anacao.cv/sao-miguel-embai-xador-dos-eua-inaugura-projecto-rabelarti-na-comunidade-espinho-branco/

18	07.03.18	SAPO.CV Online	Diário Digital	20.12.18	https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/rabelarte-comunidade-dos-rabelados-de-espinho-branco-pede-apoio-para-finalizar-obras-na-sua-aldeia
19	07.03.18	JORNAL ONLINE "A NAÇÃO"	Diário Digital	20.12.18	https://anacao.cv/sao-miguel-comunidade-dos-rabelados-espinho-branco-pede-apoio-finalizar-obras-na-aldeia/

Fonte: Elaboração própria

5.2.2 Análise dos dados

Para analisar a representação de conteúdos dos "Rabelados" nos *media* cabo-verdianos, seleccionámos as notícias com título direto e independente, sobre "Rabelados", organizadas cronologicamente, por ano e por mês, num horizonte temporal de 29 (Vinte e Nove) anos, ou seja, de 1989 a 2018. As notícias pesquisadas no AHN – Arquivo Histórico Nacional e nos respetivos canais digitais online recaíram sobre a edição dos órgãos de *media* de maior referência e abrangência nacionais, nomeadamente, os jornais periódicos, impressos, TRIBUNA, HORIZONTE, VOZDIPOVO, A SEMANA, bem como os diários digitais, como a RTC online, EXPRESSO DAS ILHAS Online, A NAÇÃO Online e o canal digital online SAPO.CV.

Recolhemos todos os conteúdos e peças jornalísticas que representam "Rabelados", publicados nesses órgãos de *media*, em todas as secções, designadamente, sociedade, saúde, educação, etc. Posteriormente, registadas num mapa em Excel³², obedecendo aos critérios já referidos, em que avaliamos a tendência das notícias (se negativa, positiva ou ambas) e ao mesmo se foi dada voz aos "Rabelados", isto é, avaliar o grau de participação dos mesmos nas notícias. Mas onde podemos enquadrar e justificar essa participação e interação com os "Rabelados"? Para fundamentar a nossa opção, recorremos uma vez mais a Thomson (1998:77), a defender que "o uso dos meios de comunicação proporciona novas formas de interação que se estendem no espaço (e talvez no tempo), e que oferecem um leque de características que as diferenciam das interações face a face". Importante sublinhar que o referido autor fala-nos da existência de três tipos de interação: (1) Interação Face a Face, (2) Interação *Mediada* e (3) Quase – Interação *Mediada*.

Em termos genéricos, a análise que a seguir efetuamos, incidiu sobre os dados levantados, nos diferentes órgãos de *media* já referidos e no limite temporal, já indicados, tendo por base dar resposta aos seguintes critérios objetivos:

³² Vide: **Tabela** Erro! Apenas o documento principal. - Representação dos "Rabelados" nos Media - Grelha de dados

- 1º. Apreciação longitudinal da tendência positiva ou negativa. As notícias tendem, ao longo dos anos, a apresentarem uma postura mais positiva?
- 2º. Apreciação longitudinal da presença da voz dos “Rabelados”. As notícias tendem, ao longo dos anos, a promoverem mais a voz dos próprios rebelados nas notícias? Que tipo de voz? Reclamação, exigência, agência, dinamismo próprio?
- 3º. Apreciação longitudinal da evolução dos temas debatidos/noticiados sobre os “Rabelados”: o que é mais destacado? História? Questões religiosas? Questões socioeconómicas e condições de vida? Questões Culturais/artísticas? Questões de associativismo? Ou outras?
- 4º. Interação entre os pontos 1º, 2º e 3º. A evolução positiva/negativa está associada a um crescendo da presença da voz? A Tendência positiva/ negativa está associada a temas específicos? E a voz, está associada a que tipo de temas?
- 5º. Resumindo tudo, podemos dizer que a tendência é em que sentido? Podemos ver nas notícias os motivos que explicam a tendência geral que indica?

Em relação à primeira questão e de um modo geral, da apreciação longitudinal da tendência positiva ou negativa, as notícias tendem a se apresentarem uma postura mais positiva, ao longo dos anos. De forma independente e exclusiva, notamos apenas uma notícia, com tendência negativa. Tratou-se de uma notícia saída no diário digital RTC Online, de 20.07.2010, relacionada com o lançamento de uma obra de investigação sobre os “Rabelados de Cabo Verde - História de uma Revolta”. O mesmo será objeto de análise na especificidade.

Demais tendências negativas, encontravam-se sempre associadas a positivas. Nota-se igualmente que as mesmas se enquadravam no período em que os *media* ainda se encontravam em fase de questionamentos sobre as origens dos "Rabelados", o "Modus Vivendi" e "Modus Operandi", do grupo.

2º Relativamente à participação direta dos "Rabelados" nas notícias que foram produzidas ao longo do tempo, temos notado que ela foi mais direta e presente, apenas na primeira fase, ou seja, de 1989 até ao ano de 2009. Essa participação, está mais relacionada com o período em que a ação dos *media*, centrava-se mais nas abordagens sobre a origem, o modo e a forma de vida do grupo, sendo por isso, uma voz focada mais no sentido de dar respostas às questões dos *media*, de reclamação e de exigência, relativamente à igualdade de oportunidades, em relação ao resto da sociedade.

Houve um segundo momento que notamos ser de afirmação, uma espécie da necessidade de promoção e integração do grupo na sociedade. Aqui a ação dos *media* foi mais intensa com exposição dos feitos e ação do grupo para a sociedade e a voz dos "Rabelados" pode ter sido, talvez, por isso, menos direta e menos intensa. Em termos temporais, essa fase enquadra-se no período depois do ano de 2009. Tratou-se de um período em que a voz dos "Rabelados", é mais sentida pelos atos, nomeadamente a nível do artesanato e do associativismo dos mesmos.

3º Da análise feita aos conteúdos das diversas notícias, nos *media*, desde o começo e até inícios da década de Noventa, os temas debatidos gravitaram à volta das suas origens/história e questões religiosas. A partir de então, os conteúdos parecem ter sido direcionados às questões que têm mais a ver com a promoção da integração do grupo na sociedade e, basicamente, questões socioeconómicas e condições de vida e finalmente questões culturais/artísticas. Também e numa escala menor, encontramos os *media* a explorarem a representação de questões ligadas ao associativismo.

Quando formos analisar a evolução positiva/negativa, em termos da participação dos "Rabelados", a presença direta das suas vozes nas notícias, tende a diminuir, nessa última fase, comparativamente com a fase inicial. Podemos notar, desta forma, que os *media* começaram a preocupar-se gradualmente em produzir conteúdos, mais direcionados com o que se está a passar na comunidade, sem ter aquela preocupação inicial de os envolver diretamente.

De entre esses conteúdos, podemos encontrar temas relacionados com condições de vida, questões culturais / artísticas, socioeconómicas, educação, integração, etc... Neste particular, a voz dos "Rabelados" encontra-se mais relacionada ou associada com questões culturais/artísticas, condições de vida. Convém referir que as questões religiosas foram as menos ouvidas, nessa fase.

A avaliação que podemos fazer e a conclusão que podemos chegar da análise da representação de conteúdos dos "Rabelados", nos *media*, no período de 1989 a 2018, de um modo geral, é que as notícias apresentam uma tendência positiva, com exceção, como dissemos, de uma notícia do ano 2010 que foi negativa e que também não houve participação dos "Rabelados", ou seja, não lhes fora dada a voz.

Convém esclarecer que, até o ano de 2009, a tendência das notícias assumia as duas variáveis, positiva/negativa e sempre com a participação dos "Rabelados". Tratou-se do período em que havia necessidade de uma certa afirmação do grupo na sociedade e os *media*, representam uma via privilegiada para reforçar essa necessidade.

A dimensão que essas duas etapas de representação mediática de conteúdo dos "Rabelados" tomaram determinaram a forma como é vista a realidade dos mesmos, transformando-a. Hoje, embora continuando a viver em comunidade, o tratamento mediático de conteúdo dos "Rabelados" não representa um mero "tabú" ou algo atípico que antes representava, para o resto da sociedade.

A seguir vamos analisar, na especificidade, as diferentes notícias produzidas nos órgãos de *media*, ao longo do período acima referido.

Assim, no dia 16 de Abril de 1989, o jornal impresso TRIBUNA de publicação quinzenal, publicou um artigo intitulado, "**A propósito de os Rabelados**", cuja autoria foi do Sr. Manuel Veiga. Na introdução, o articulista, resumia de que teria sido convidado para integrar o júri que iria presidir uma sessão pública de apresentação e avaliação de uma monografia sobre "os Rabelados da Ilha de Santiago, no período pós-independência".

O mesmo começa a redação referindo o fato de que ninguém, até então, se tinha debruçado sobre a questão dos "Rabelados", à luz das transformações havidas na sequência da independência nacional, salvo os trabalhos de investigação de Júlio Monteiro, Júnior, iniciados em 1960 e concluídos em 1974, 01 (um) ano antes da independência nacional.

Referindo ao conteúdo da monografia, disse que a mesma trouxe elementos novos da realidade sociocultural e a nova postura, para que se passasse a adotar face à questão do grupo. Que é necessário compreender e proporcionar os meios e instrumentos para que eles próprios façam as suas caminhadas. Segundo o articulista, já não se trata de sufocar o fenómeno, mas sim de transformá-lo.

No que se refere ao surgimento dos "Rabelados", disse que não é o resultado de um acaso e nem tão pouco a "mania" dos Santiaguenses, pois que a sua causa fundamental está na própria religião católica que eles desvirtuaram. O analfabetismo que atingiu um grande número de habitantes, o problema do isolamento espacial, contribuindo enormemente para o abandono das regiões do interior, o subdesenvolvimento do arquipélago, são outros fatores que concorreram para o surgimento, dos "Rabelados". Todavia e, segundo a notícia, os "Rabelados" não são culpados da sua separação da sociedade, mas acima de tudo o próprio sistema colonial, o poder temporal e o poder espiritual, numa clara indicação da ação da religião católica, de então.

Independentemente do seu surgimento e percurso, a questão, então colocada, era, como fazer para que os "Rabelados" se integrassem na sociedade e serem "homens do nosso tempo". Segundo o articulista, o melhor caminho seria a transformação do seu próprio "sagrado" que não deveria ser, nem forçada, nem impingida, mas sim criar condições para que eles pudessem "andar com os seus

próprios meios”. Essas condições incluíam a possibilidade da alfabetização do grupo, restituir a confiança perdida em relação às autoridades civis e religiosas, compreender o fenómeno e dar o seu devido enquadramento na sociedade, apenas para citar os mais relevantes. Ainda acrescenta que, com a independência nacional, a estratégia para a mudança deixou de ser medo, para passar a ser uma luta sem tréguas contra as causas que deram origem ao fenómeno. Na referida notícia, ou artigo, não houve evidências da participação dos “Rabelados”. De um modo geral e tendencialmente, essa notícia caminha pela negativa (embora os aspetos positivos), uma vez que a tendência negativa incide mais no “modus vivendi” da comunidade.

Na edição Jul/Set de 1992 extra do jornal VOZ DIPOVO, de publicação mensal, o jornalista Luís Carvalho fez uma reportagem intitulada – Rebelados do Tempo. Em 04 (quatro) páginas, o editor e jornalista do então jornal VOZ DI POVO traçou o percurso dos “Rabelados” na perspetiva mediática, abordando aspetos das suas vivências, desafios e tendências dos tempos vindouros.

Carvalho (1992)³³ tinha dito que “o movimento dos rebelados tem os dias contados. Atualmente, muitos já se reconverteram e o seu passado é apenas uma referência histórica”. Segundo o Jornalista,

No limiar do século XXI, os rebelados continuam ainda a ter um modo de vida semelhante aos povos da Idade *Media*. Espalhados pelas montanhas de Santiago, onde muitos se refugiaram durante o tempo em que eram perseguidos, os rebelados estão, todavia, condenados a desaparecer. Ao contrário dos seus antepassados, as novas gerações têm vindo a deixar de seguir os princípios doutrinários que caracterizam esta comunidade, única do género em Cabo Verde (1992:4).

No artigo, podemos notar que existem por um lado, os anciãos conservadores que lutam pela preservação dos velhos hábitos e por outro lado, a nova geração, composta por jovens que apostam na reconversão e integração aos novos hábitos da sociedade que os rodeia. Aliás, o próprio articulista, refere que “os velhos, embora em número reduzidos, continuam conservadores e muito apegados à sua crença religiosa, tradição, hábitos e costumes. Do outro lado, falando dos mais jovens, o mesmo notou que o movimento dos rebelados tem os dias contados, uma vez que muitos já se teriam reconvertidos e o seu passado era apenas uma referência histórica.

Contrariamente, o jornalista optou por chamar o grupo de “**Rebelados**” ao invés de “**Rabelados**”, como são conhecidos, afirmando que a designação foi utilizada muitas vezes com carga pejorativa, a fim de ridicularizar aqueles que se opuseram à introdução de novo modelo de ensino da religião católica, em Cabo Verde. As medidas administrativas, então tomadas não conseguiram abafar a voz

³³ LUIS CARVALHO (Jornalista e editor – secção: Sociedade do Jornal VP) – VP EXTRA (pp 4-6) N° 01 – Jul/Set 1992

desta minoria, detentora de um modo de vida diferente dos restantes cabo-verdianos, continua o jornalista.

Aliás, no que se refere aos primórdios da origem e do surgimento dos rebelados, o mesmo indica o período a partir de 1941, da rejeição do grupo, relativamente ao envio pela Santa Sé e a Nunciatura de Lisboa, de novos padres católicos da congregação de espírito santo, no arquipélago, com novos métodos de ensino da religião católica. Aliado a esse fato, também estiveram na origem da sua separação da sociedade, questões relacionadas com saúde e o próprio analfabetismo generalizado, do grupo.

Habitados, conforme a reportagem, a coabitarem com todo o tipo de animais, os “Rabelados”, estiveram expostos e vulneráveis a nível de saúde, nomeadamente ao surto da malária no arquipélago. Tal fato obrigou as autoridades a tomarem medidas no sentido de atenuar a epidemia, com o envio de brigadas de saúde a promoverem desinfeções das casas com recurso a DDT, a vacinação B.C.G. e extração de sangue dos mesmos para análise laboratorial, com o objetivo da pesquisa da malária, o que resultou numa espécie de conflito aberto do grupo com as autoridades administrativas e religiosas que, a pouco e pouco, começou por se desintegrar da sociedade, formando o grupo com características próprias que hoje é comumente conhecido por “Rabelados”.

De origem “rebelde”, como está caracterizada na reportagem, os “Rabelados” tornaram-se, a pouco e pouco, um grupo pacífico e acolhedor, pese embora algumas limitações e desconfiança sempre que desconhecidos se aproximam da comunidade.

Nota-se que nessa reportagem houve grande participação dos “Rabelados”, tanto os mais antigos, como jovens e mulheres. O próprio autor da reportagem que teria afirmado que “o diálogo com o jornalista prossegue e, a cada passo, os nossos interlocutores invocam a proteção de Deus”. Que decorrido muito tempo de conversa, a mulher convida-os a entrar para descansarem um pouco. Em conversa com um dos anciões (o chefe Agostinho Gonçalves), este disse acreditar que um dia os vários grupos dos rebelados vão de se juntar, pois segundo sublinhou, o mundo vai terminar com um só rebanho e um só pastor”.

Conservadorismo, clivagem de rebelados, dias contados, mudança, comunidade fechada entre si, um só rebanho, saúde, religião católica, velhos, jovens e mulheres, são as expressões características da referida reportagem. Um fato que nos despertou atenção é que, tanto no artigo de 1989, como neste, a independência nacional é referida quer pelo jornalista, como pelos “Rabelados”: “Logo depois da independência recebemos a bandeira do PAIGC (...), o objetivo da nossa luta é o de libertar as almas”.

Em termos de tendência desta notícia, já só o fato de o autor da notícia, ter predito que “os rebelados têm os dias contatos”, carrega consigo uma tendência negativa, (apesar dos aspetos positivos), uma vez que a essa tendência incide continuidade da comunidade. A questão da sobrevivência ou não de um grupo é tão forte que poderá repercutir de modo positivo, na luta pela sua sobrevivência.

Com uma diferença temporal de 03 (três) anos mais tarde, ou seja, a 20 de Fevereiro de 1995, o jornal de edição semanal – “A Semana”, também fez uma reportagem intitulada – **O culto dominical dos “Rabelados”**. Nota-se que já aqui o grupo é denominado por “Rabelados” e não “Rebelados”, como na reportagem anterior.

A partir da segunda metade da década de 90 (Noventa), podemos verificar, algumas incursões mediáticas, em torno da problemática dos “Rabelados”, alguns com o prenúncio, da sua extinção que, no fundo, seria, nada mais, nada menos, do que um sinal efetivo da sua transformação.

Todavia, num misto de “sagrado e laico”, ainda na década de 90 (Noventa), onde podíamos notar, uma forte ligação com o passado, o grupo de “Rabelados”, reconhecia a figura sagrada de “Jesus Cristo”, mas também a figura laica de “Amílcar Cabral”. Segundo uma reportagem do semanário “A Semana” (1995)³⁴, intitulado, “Deus: Amílcar Cabral e a Justiça”. Respondendo uma pergunta do jornalista, um dos anciões / chefe dos “Rabelados”, teria dito que,

Amílcar Cabral, não morreu, acreditamos que continua a viver, acreditamos nele e PAIGC porque trouxeram-nos a liberdade e a justiça. Jesus fez um trabalho a nível da fé e Cabral desempenha um trabalho prático. (Fevº 1995)

A presente, com uma abordagem diferente das duas notícias anteriores, inicia-se com a descrição da forma como os “Rabelados” se organizam o culto dominical, narra que,

(...) chegam novos companheiros e aqueles que já lá se encontram saem da barraca, entoa-se cânticos em que se misturam com palavras religiosas e o nome de Cabral em seguida de punhos erguidos e bandeiras do PAIGC ao ar gritam: VIVA "CABRAL", VIVA A JUSTIÇA E A PAZ... e o pequeno grupo junta-se ao chefe dos "RABELADOS" de Espinho Branco, na barraca onde ocorre o culto.

O artigo fala do “modus vivendi” e do “modus operandi” dos “Rabelados”, num misto de culto e sagrado, com evocação de figuras sagradas, como CRISTO e figuras humanas, como “CABRAL”. Embora não professando diretamente a religião católica, trata-se de um grupo socio-religioso à margem da igreja Católica, com uma fé inquebrantável no sagrado e na justiça divina. Segundo o artigo, no culto, evocam e privilegiam 03 (três) figuras, designadamente a de Deus, Amílcar Cabral e a Justiça.

³⁴ **Culto Dominical dos “Rabelados”**: Semanário cabo-verdiano, Impresso, “A Semana”, Secção: Social, Data: Segunda-feira, 20 de Fevereiro de 1995, ANO IV * Nº 195, Diretora: Filomena Silva

Conforme descreve o jornalista, na cerimónia (culto) Dominical, os "Rabelados", expressam as suas manifestações culturais, fora dos seus habitats. Entoam cânticos, baseados em passagens bíblicas, falam da igreja católica e da então liderança máxima da Igreja Católica (o Santo Padre - Papa), afirmando que não acreditam nele, afirmando que os erros da Igreja, começaram com o Terceiro Papa.

Ainda o autor do artigo diz que os "Rabelados" abordaram a questão da POLÍTICA, sempre evocando o nome do pai da nacionalidade cabo-verdiana – Amílcar Cabral e o PAIGC. Mas também o evocam em tudo o que é sagrado, exceto aquilo que é próprio e exclusivo da religião católica. Dizem que,

(...) não votam e que não pedem nada a ninguém para permanecerem homens livres" "Se tu pedes algo a uma pessoa, ela pode pedir-te algo em troca e ficas na obrigação de pagar mesmo se aquilo for contra a tua religião.

O “modus vivendi” dos “Rabelados, não se resume exclusivamente ao culto da vida espiritual e do sagrado. Conforme o noticiado pelo jornalista, “a vida dos “Rabelados” na aldeia de Espinho Branco, leva-os a contactar as outras populações, nomeadamente no que toca à venda dos produtos de artesanato ou da pecuária, as principais atividades da aldeia. Todavia, nota-se que, ainda na altura, a educação dos filhos não fazia parte das suas rotinas. Falando desses e outros aspetos, fez com que esta notícia, fosse altamente participada pelos “Rabelados”. Assim que, a dado ponto, um dos integrantes do grupo, afirma que,

(...) comida não falta, temos fé e quando se tem fé em Deus não te deixa [...] Foi graças a fé que ele aprendeu a ler português [...] os mais pequenos não vão a escola, mas são educados para poderem comportar-se na sociedade e no trabalho.

Também o artigo aborda, mas não de uma forma profunda, aspetos relacionados com o surgimento do grupo. Aliás, neste aspeto, uma vez mais houvera a participação direta dos “Rabelados”, tendo narrado,

(...) na “altura em que a igreja (refere-se a católica) começou a mudar” (...) “Foi nessa altura que tudo começou a mudar os cânticos, os padres que trocaram o preto pelo branco do seu vestuário e sobretudo os livros (refere-se a Bíblia) (...) Lembra as perseguições da Igreja, diz que não tem nada contra os Portugueses mas que combateram os colonialistas que juntamente com a Igreja, tentaram eliminá-los ... neste último aspeto narrado, pode-se ver claramente o estilo “belicoso” do grupo.

Essa participação oferece ao grupo uma certa abertura, no sentido de se expressarem e oferecer as entidades oficiais a oportunidade de se aproximarem dos mesmos, com vantagens múltiplas, do ponto de vista da mudança. Neste “corpus de notícias, as abordagens tendem a ser mais relacionadas com a história e questões religiosas.

A tendência da notícia foi no sentido de ambas as situações, negativa e positiva, tendo a tendência negativa apresentado conteúdo mais relevante, mexendo com o “status quo” do grupo, mais especificamente,

Positiva: "A vida dos “Rabelados” na aldeia de Espinho Branco, leva-os a contactar as outras populações, nomeadamente no que toca à venda dos produtos de artesanato ou da pecuária, as principais atividades da aldeia. (...) “comida não falta, temos fé e quando se tem fé em Deus não te deixa [...] Foi graças a fé que ele aprendeu a ler português (...) os mais pequenos não vão a escola, mas, são educados para poderem comportar-se na sociedade e no trabalho”.

Negativa: "Não faltam abusos por parte de populares da zona (...) tentamos evitar os problemas (...) Um homem sentado a porta da barraca diz que alguém o provocou há tempos: "Fiz o sinal da cruz, disse Virgem Maria e fui-me embora". (Redação, A Semana, Fev 1995, Nº 195)

Se até meados da primeira metade da década de 90 (Noventa), ainda se vislumbrava alguma ligação com as práticas do passado, nomeadamente “o culto dominical” e o porte da bandeira do PAIGC, já a partir da segunda metade dos anos 90 (Noventa), a situação começa a ter novos contornos, sobretudo com a maturidade da democracia, fruto da “abertura do País ao multipartidarismo, desde 1991” (Lopes, 2002:695).

Quatro anos depois da última notícia nos *media* e 18 (dezoito) anos após a abertura do País ao multipartidarismo, o mesmo semanário – “A Semana”, fez uma nova incursão ao espaço sagrado dos “Rabelados”, a 30 de Abril de 1999, com um magazine intitulado – **RABELANDO**.

Num evidente indício da continuidade do artigo anterior, do mesmo órgão de *media*, com o texto da Jornalista Marlene Pereira, a mesma entra em profundidade da vivência dos “Rabelados”, para levar ao mundo, o que de mais essencial e relevante se pode observar, nos seus “modus vivendi” e “modus operandi”, uma vez mais.

Nos excertos desse artigo, já se pode notar alguma evolução e indícios de mudanças, na vivência dos mesmos, comparativamente aos dois primeiros artigos de *media*, dos anos de 1989 e de 1992.

A notícia fala da forma como os "Rabelados" se definem, perante a si mesmos e perante os outros. Negam-se de ter um nome, pelo menos de batismo ou de registo. Regem-se por livros antigos, como “Lunário Perpetuo” ou o “Antigo Testamento”. Têm rejeitado, ao longo de décadas, as facilidades da vida moderna. Mas também para esse grupo muito particular da população cabo-verdiana as coisas começam a mudar.

A notícia descreve-nos um grupo profundamente religioso, onde se nota sinais dos novos tempos que começam a surgir na comunidade dos “Rabelados”, com,

(...) novas construções habitacionais, construções para depósitos de água, sentina com divisão para homens e mulheres (Coisa impensável no passado remoto dos Rabelados). Planos de introdução de projetos que resultam em desenvolvimento sustentável, como o turismo rural, o artesanato, apadrinhado pela artista e ativista sociocultural MIZA (Maria Isabel Alves). Convém realçar que os projetos introduzidos na comunidade dos “Rabelados”, pela MIZA têm como objetivo maior “fazer sair do anonimato os Rabelados, sobretudo com recurso a novas formas de produzir peças do artesanato, já que eles fazem tudo manualmente.

Todavia, continuam a querer viver de forma independente, sem perder o essencial da sua identidade.

Nota-se nessa notícia, alguma voz dos “Rabelados” e em jeito de participar diretamente no itinerário da mesma, a dado passo, um dos “chefes”, afirma: que (...) “estarão com MIZA e seus projetos enquanto a amiga não exigir nada em troca que venha contra a sua fé”. “Quando ela exigir de nós algo que vá contra a nossa fé, deixamos a MIZA de lado”.

Todo esse esforço, destina-se a contribuir para se tornar a comunidade de “Rabelados” de Espinho Branco mais conhecida. Ainda o artigo descreve famílias numerosas e crianças fora do sistema de ensino. Todavia, conforme relatos do artigo,

(...) os jovens que um dia foram rabeladinhos, filhos de Rabelado, filho do Espírito Santo, estão sendo atraídos pelo brilho da vida moderna.... Olham a vida de fora com mais interesse, e desinteressam-se pela vida de Rabelado, que é vida de pobre, segundo o líder de Espinho Branco.

O artigo já não fala, com foco direto nas suas origens, mas essencialmente numa forma de vida normal e comum, semelhante aos outros elementos da sociedade, com projetos específicos, destinados ao crescimento da comunidade. Entretanto, quando abordam os aspetos do seu surgimento, sempre relaciona o grupo à resistência e divergências com a religião católica: Resistência aos novos tempos que marcavam a Igreja Católica no arquipélago e a chegada dos novos Padres, para suprirem uma situação de penúria no clero das Ilhas e ao ensino da religião católica.

Alias, a própria jornalista afirma, de um modo direto, que “os projetos da ativista sociocultural MIZA, na comunidade de Espinho Branco, têm como objetivo maior, fazer sair do anonimato os “Rabelados”, que ela acha que tem muita qualidade, sobretudo a nível do artesanato (...).

A caracterização dos “Rabelados” no artigo é feita diferentemente das notícias anteriores. Aqui, caracterizam e comparam a realidade dos “Rabelados”, como (...) um verdadeiro património cultural.

Na perspectiva de MIZÁ, os “Rabelados” são pessoas leais que se guiam pela lei de DEUS, e pelo seu coração; que aguentam todos os sacrifícios para poderem ter direito a chegar ao céu.

Uma particularidade desta notícia é de que o tema explorado estava relacionado com questões socioeconómicas e condições de vida, num sinal de alguma tentativa de mudança no seio dos “Rabelados” e com a tendência da notícia direcionar-se tanto no sentido positivo, como negativo, conforme podemos observar, na passagem seguinte:

Positiva: "Os projetos da ativista sociocultural MIZA, na comunidade de Espinho Branco tem como objetivo maior, fazer sair do anonimato os “Rabelados”, que eu acho que tem muitas qualidades, sobretudo a nível do artesanato, já que eles fazem tudo manualmente. [...] No caso do trabalho com o artesanato, os "Rabelados" mostram-se particularmente interessados sobretudo da experiência da primeira exposição no Centro Cultural Francês".

Negativa: "A taxa de mortalidade infantil é muito alta. (...) "Nos últimos cinco anos mais de 50 (Cinquenta) jovens saíram da comunidade" diz o líder de Espinho Branco. Olham a vida de fora com mais interesse e desinteressam-se pela vida de Rabelado que é vida de pobre. [...] e um dos sinais dessa separação são as casas de bloco (...). (...) tenho até um filho que já abandonou a comunidade (...)" (Marilene Pereira, Magazine "A Semana", 30Abr99, Pp 4-5).

Ainda no mesmo ano de 1999, a 05 de Agosto de 1999, o periódico - HORIZONTE numa outra reportagem/entrevista, conduzida por Alexandre Semedo (1999)³⁵, produziu mais um conteúdo, representando os “Rabelados” nos *media*, com a reportagem - **Modernidade Alicia Jovens Rabelados**. O artigo aborda, de um modo elaborado, o percurso dos “Rabelados”, rumo a uma transformação sem precedentes e que se tornou irreversível. O autor teria afirmado que,

(...) já não é segredo: os “Rabelados” estão em crise. *Nhô Agostinho*, chefe da comunidade Rabelada de Rabo Espinho Branco (São Miguel) admitiu, em conversa com HORIZONTE, que a “nossa obra e a de alguns jovens esta dividida, defende que as mulheres são inferiores aos homens, acusa os “padres brancos” de venderem sacramentos e reafirma que o fim do mundo está para breve. (1999:6)

O artigo fala de uma forma explícita de que já não é segredo e que os “Rabelados” estavam em crise, pondo em perigo a continuidade das suas práticas, hábitos e costumes. Uma crise protagonizada pelos Jovens que por influência da sociedade que os rodeia, começam a adotar as suas práticas. Nele “NHO Agostinho” chefe dos “Rabelados”, profetiza o ano de 2000 como o Fim-de-Mundo. Também fala do fundador da nacionalidade cabo-verdiana Amílcar Cabral, como sendo "um grande irmão" dos “Rabelados”.

A notícia em forma de entrevista, fala da mudança que se vive e é protagonizada sobretudo pelos jovens “Rabelados”. A cisão, a Ciência divina, a política, bem como, o cumprimento da profecia do

³⁵ **Modernidade alicia jovens “Rabelados”** (Entrevista conduzida pelo Jornalista Alexandre Semedo) - Semanário cabo-verdiano, impresso – HORIZONTE, Ano I * Nº 30 * 5 de Agosto de 1999 * Diretor: Fernando Monteiro

"Fim do Mundo". (...) já não é segredo: Os "Rabelados" estão em crise. Nhô Agostinho, chefe da comunidade Rabelada de Rabo Espinho Branco (São Miguel) admitiu, em conversa com o Horizonte, que **"a nossa obra e a de alguns jovens está dividida"**, defende que as mulheres são inferiores aos homens, acusa os "Padres Brancos" de venderem sacramentos e reafirma que o fim-do-mundo está para breve.

Os mesmos consideram que não são contra ninguém em especial e que "revelam" a favor da palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo. A cisão com a Igreja Católica deveu-se essencialmente com a mudança havida na substituição dos Padres Diocesanos (ou da Terra, de batina preta, como dizem), pelos Espiritanos (padres de batina branca, conforme referem).

Com uma orientação mediática diferente dos artigos anteriores, o "corpus" desta notícia, explora aspetos relacionados com mudanças, transformações e reconfigurações que estavam a ocorrer no "modus vivendi" que se começa a viver no seio da comunidade dos "Rabelados" de Espinho Branco, de modo particular na camada jovem.

Produzida em forma de entrevista, esta notícia contou com a voz e a plena participação dos "Rabelados" e com a liberdade total de emitirem as suas avaliações, perante a eminente mudança e transformação que se estava a ocorrer no seio do grupo. Aliás, conforme um dos entrevistados, para ele, a mudança já vinha do passado, há 50 (cinquenta) anos atrás, quando faziam parte da Igreja católica.

Ao longo da entrevista, abordaram questões de vários domínios do percurso e da vivência do grupo, nomeadamente as cobranças para ministração dos sacramentos (um dos aspetos que estiveram na origem de desavença com os novos Padres), o diagnóstico e recenseamento dos "Rabelados" (quantos são e onde estão), a questão do sagrado, como o Anticristo, a ciência divina, a cisão, o fim-do-mundo (dias contados.... dentro de pouco tempo), as regras, o fato de nem todos os jovens estarem a seguir as regras da comunidade, a inferioridade do género, na medida em que,

(...) não admitem mulheres como "chefes", justificando que (...) "nunca Deus enviou mulheres como profetas" (...), a permissão da poligamia, a questão das suas aversões a aparelhos de rádio e televisão, por considerá-los obras de demónio, entre outros aspetos num misto de passado, presente e futuro.

De novo, esta notícia explora o sagrado, ou seja, questões religiosas e a tendência foi em ambos os sentidos, ou seja, negativa e positiva, a tender mais para negativa, antevendo a crise, em que,

Positiva: "Não somos contra ninguém em especial. Somos Rabelados pela palavra. Aliás, revelamos através da palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo, contra as obras do demônio e dos anticristos que estão tomando conta do mundo".

Negativa: "Os "Rabelados" estão em crise. Nhô Agostinho, chefe da comunidade Rabelada de Rabo Espinho Branco (São Miguel) admitiu, em conversa com o Horizonte, que "a nossa obra e a de alguns jovens está dividida", defende que as mulheres são inferiores aos homens, acusa os "Padres Brancos" de venderem sacramentos e reafirma que o fim-de-mundo está para breve" (Alexandre Semedo, Jornal "HORIZONTE", 05Agosto1989, Pp 6-7, 12 e 15).

Posteriormente à grande entrevista do Jornal "HORIZONTE", só 10 (anos) depois que a problemática dos "Rabelados" fora levada à "baila" nos *media*. Assim, em 13/Nov/2009, já com a massificação e utilização plena da internet, nos *media* cabo-verdianos, o diário digital online, "EXPRESSO DAS ILHAS", publicou uma notícia intitulada: **Rabelados: o símbolo que o tempo quer apagar**. A mesma foi replicada no semanário impresso do mesmo órgão.

O título nos sugere que, contrariamente aos artigos anteriores, nomeadamente a de Jul/Set/ 92, do Jornalista e editor, Luís Carvalho, "Rabelados", não vão desaparecer.

A notícia começa por descrever os "Rabelados" como um dos maiores símbolos de revolta e resistência, afirmando que,

(...) tendo-se formado a partir de grupos de cidadãos que se revoltaram, e em consequência isolaram-se do resto da sociedade, por causa das reformas à igreja católica introduzidas pelo então governo colonial, nos anos 40 (quarenta) do século passado, os "Rabelados", como são conhecidos, tornaram-se num dos maiores símbolos nacionais de resistência.

Continuando, afirma o jornalista que "novas influências, frutos do desenvolvimento e do mundo cada vez mais globalizado, novas tendências, novas perspectivas de vida, a morte daqueles que em tempos foram "grandes líderes" dos Rabelados, bem como um "certo desinteresse", por parte desses jovens da comunidade, em seguir, "no limite", os hábitos herdados dos pais e avós, são algumas das causas que comprometem a sobrevivência da comunidade, que reside, essencialmente, no interior da ilha de Santiago.

À semelhança dos artigos anteriores, também este narra a história do surgimento dos "Rabelados", a sua forma e modo de vida e o seu percurso na sociedade, marcada por revoltas e resistências. Aliás, conforme o articulista, a esses que se rebelaram e que nós conhecemos como "Rabelados", reconheceu-se a grande capacidade de resistência e independência em relação ao poder da igreja católica e do poder político.

Nesse artigo, os "Rabelados" tiveram voz e houve muita interação com o grupo, especialmente as mulheres com os seus pontos de vista relativamente à situação passada, presente e futuro da

comunidade. Na ocasião, ainda todos se identificavam nominalmente como “Rabelados”, dispensando nomes individuais. Segundo uma “Rabelada”, membros da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco que, questionada sobre o seu nome, rápido respondeu: "Rabelado", atualmente, tal como décadas atrás, os atos religiosos continuam a ser celebrados aos sábados e domingos, mas com uma grande diferença: "os jovens já não estão muito interessados”.

O trabalho dos *media* em se empenhar cada vez mais pela descoberta da profundidade da comunidade dos “Rabelados”, dando possibilidade da participação dos mesmos, parece despertar paulatinamente grande interesse dos mesmos, pelo mundo que os rodeia.

Todavia, o artigo termina, dando indicação de duas gerações com propósitos diferentes. Segundo o artigo, se, por um lado, a nova geração encara as mudanças com naturalidade e, como sendo sinais de desenvolvimento e evolução, por outro lado, os mais crentes vêm com desconfiança essas mudanças que se têm registado nesta comunidade.

Esta notícia, pode ser considerada “charneira” do “corpus de notícias tratado neste estudo de caso, pois foi a última, em que o tema evoluiu em torno de questões religiosas. A tendência da notícia, direcionou-se em ambos os sentidos, a orientar-se mais pela negativa, sendo,

Positiva: "Mariana, que defende a existência de uma relação "familiar" entre os Rabelados e o resto da população de Espinho Branco, assegura, igualmente, que muitas coisas mudaram no que toca ao modo de vida dos Rabelados. Hoje em dia se um “Rabelado” for para a cidade da Praia não se consegue destrinchá-lo de um cidadão da capital”.

Negativa: "Maria Mendes, que não é membro da comunidade dos Rabelados, mas que sempre viveu naquela localidade, salienta que "o desenvolvimento também trouxe consequências negativas". O pouco interesse que se verifica por parte dos jovens em dar continuidade àquilo que são os costumes dos Rabelados é uma delas. Hoje em dia, cerca de 80 por cento deles não quer viver nos funcos porque tornou-se difícil encontrar os materiais para construí-los" (Redação, EXPRESSO DAS ILHAS Online, 19Abril2010 - <https://expressodasilhas.cv/exclusivo/2009/11/14/rabelados-o-simbolo-que-o-tempo-quer-apagar/12982>).

A partir de 2009, a representação de conteúdos dos “Rabelados”, começam a surgir com maior frequência nos *media*, em Cabo Verde e sempre com propósitos diferentes das abordagens anteriores.

Se antes os *media* procuravam saber a génese dos “Rabelados”, na tentativa de descobrir algo novo, o que pensam, como vivem e como se relacionavam com o resto da sociedade, com as abordagens a tenderem mais pela negativa, a partir de 2009, as abordagens tomaram um rumo diferente e natural, iguais ao conteúdo das notícias do resto da sociedade, mas sempre com um lugar específico de destaque, das suas atividades e dos seus “modus vivendi” e “modus operandi”, já com as notícias a tenderem as suas orientações, mais pela positiva.

Vejamos os conteúdos que se seguem, também, seguindo a mesma ordem cronológica, das edições anteriores.

Assim, na sua edição de 19 de Abril de 2010, o diário digital online “**EXPRESSO DAS ILHAS**” noticiou a abertura da exposição de pinturas do grupo artístico "Rabelarti" no Centro Cultural Francês, um retrato da história dos “Rabelados” de Espinho Branco, na Ilha de Santiago. O grupo artístico que já existe há 13 anos, vem agora mostrar a história de um povo que sempre preservou a sua cultura e "que se enquadra na mui diversa linguagem cultural cabo-verdiana" diz a ativista sociocultural Mizá.

O grupo participou diretamente no evento com a exposição, mas não diretamente na notícia. A tendência dessa notícia foi positiva e a temática tratava-se de questões de promoção culturais/artísticas. Analisando a tendência,

Positiva: "Os jovens pintores Tchetcho, Fico, Josefa, Ney, Kanhubai e Sabino do "Rabelarti", trazem então à Praia uma exposição que demonstra uma linguagem que "recicla as convivências e esculpe a arte trazendo a Revelação Artística do Património vivo de Cabo Verde" e "com uma memória composta de sinfonia, de respeito pela natureza e pela espiritualidade que os auxiliam a crescer e a confrontar a vida humana com amor e generosidade" (Redação, EXPRESSO DAS ILHAS Online, 20Jul10 - <https://expressodasilhas.cv/cultura/2010/04/20/praiia-ccf-apresenta-rabelarti/16645>)

Já com uma maior frequência, em relação á primeira fase da produção de conteúdos dos “Rabelados”, 03 (três) meses mais tarde, ou seja, a 20 de Julho de 2010, o diário digital online, **RTC – Radio Televisão de Cabo Verde**, na secção “Cultura”, anuncia o lançamento de uma obra de investigação sobre os “Rabelados”, intitulada “Os Rabelados de Cabo Verde, História de uma Revolta”. A obra foi da autoria da jornalista e investigadora francesa - Françoise Ascher que vive em Cabo Verde há três anos. Na sua apresentação, a mesma afirmou que a revolta dos rebelados não se deveu tanto, na defesa da sua religião, mas por ignorância e por conta da miséria em que viviam. Não houve participação dos “Rabelados”.

Tratando-se de uma mera apresentação de uma investigação, não houve possibilidade de dar voz, sendo que a tendência da notícia, tomou uma única direção, negativa, na medida em que conforme o artigo,

Negativa: "A investigadora que vive em Cabo Verde há três anos, afirma que a revolta dos rebelados não se deveu tanto defenderam a sua religião, mas por ignorância e por conta da miséria em que viviam" (Redação RTC, 20Jul20 - http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=1215).

O tema da notícia, foi de carácter, cultural/artístico. Aliás a partir desta fase, os *media*, começaram por explorar temáticas que contribuam para a promoção do grupo e fazer despertar das entidades

públicas, o interesse pela inclusão do grupo nas políticas públicas, direcionadas a toda a sociedade, de um modo geral.

Na sua edição online de 07 de Abril de 2012, a **RTC/TCV** noticiou que “o realizador Mário Benvindo Cabral ia apresentar de 6 a 9 de maio em Lisboa no Festival Festin o documentário “Revolução nos Rabelados”. O filme também ia ser exibido em mostras competitivas em Moçambique, um dos PALOP – Países Africanos de Língua Portuguesa.

Seguindo a mesma lógica da notícia anterior e com a diferença de que a notícia tendia para positivo,

Positiva: "O filme também vai ser exibido em mostras competitivas em Moçambique. Segundo o realizador, antes o documentário será apresentado junto dos Rabelados em Espinho Branco" (Redação RTC, 07Abr2012 - http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=4084).

O diário digital, “**A Nação**” Online, na sua edição de 21 de Novembro de 2014, apresenta em formato de notícia, - **Cem obras dos Rabelados em exposição inédita no Mindelo**. A notícia fala da exposição que o grupo de “Rabelados” artesões apresentou na Cidade de Mindelo – São Vicente. Seguindo a nota de abertura,

“Rabelarte – Consciência e Transição” é o nome de uma exposição inédita da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco, ilha de Santiago, que abriu as portas esta terça-feira, 11Nov14, na loja “Cap vert design + Artesanato do Mindelo”. Ainda segundo o diário, foram 100 (cem) obras entre pintura e cerâmica que contam, através da arte, a história desta comunidade tão “suigeneris”. A iniciativa partiu da Jornalista e investigadora francesa, Françoise Ascher que anos quatro antes, teria publicado uma obra sobre os “Rabelados”.

A exposição que teve para além do objetivo de promover o grupo e as suas artes, também permitira, segundo a notícia, chamar atenção de entidades ligadas a cultura, o apoio das iniciativas do grupo.

A própria notícia finaliza dizendo que, “*Misá aguarda o cumprimento de algumas promessas de apoio, mormente do Ministério da Cultura e do Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento do Território, para completar as obras*”.

Nessa notícia, o tema explorado foi relacionado com questões Culturais/Artísticas e tendência caminhou para ambos os sentidos, ou seja, para positiva e negativa, com orientação mais positiva,

Positiva: "O Futuro - Os projetos de Françoise Ascher para os Rabelados de Espinho Branco não ficam por aqui, e parte das suas obras deverão encabeçar uma delegação de artistas para participar em Março de 2015, em França, numa feira onde Cabo Verde se fará representar" (...) "Sustentabilidade através da arte".

Negativa: "Misá aguarda o cumprimento de algumas promessas de apoio, mormente do Ministério da Cultura e do Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento do Território, para completar as obras" (Editora, "A Nação", de 21Nov2014 - http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=4084).

Convém esclarecer que a notícia anterior, que se classifica de “Negativa”, não o é, em si não, mas sim, comparativamente, pelo fato de há uns anos, nomeadamente na primeira fase, não era possível fazer tal afirmação e chama atenção, pela positiva.

Na edição do canal digital **SAPO Online**, de 14 de Outubro de 2014, na secção, **descubra o Pais**, a Jornalista Susana Duarte, a uma notícia intitulada - **Rabelados, um símbolo de resistência que se tornou cultura - Venha conhecer a comunidade de Espinho Branco**. Uma vez mais o artigo, explora e vem nos dar sinais, da continuidade dos “Rabelados” e não do seu desaparecimento, conforme as notícias cuja temática centravam em “História” e “Questões religiosas”.

Por isso, o enquadramento do “corpus” desta notícia está de acordo com o título e a necessidade de promoção da comunidade. O artigo traz-nos tudo de bom e interessante existente na comunidade, suas vivências, seus projetos, anseios e preocupações, em prol de um futuro bem-sucedido.

Com evidência da voz e da participação direta dos “Rabelados”, o artigo fala da vivência da comunidade, nos aspetos relacionados com tradições e crenças, arte e a organização da comunidade. Este último aspeto foi representado pela primeira vez nos *media* e é sinal de que alguma mudança já se fazia sentir.

Dois trechos importantes desse sinal de mudança, extraídos da notícia, sendo, por um lado:

(...) que “com as mudanças dentro da comunidade, agora todos têm uma palavra nas decisões e Tchecho passou a assumir a liderança apenas espiritual, enquanto as tarefas de organização passaram para o presidente da Associação dos rabelados. E por outro, “Ser Rabelado já não significa estar à parte da sociedade, mas ser parte do grande património cultural cabo-verdiano”.

A temática dessa notícia explora questões socioeconómicas e condições de vida, com a tendência para positiva e negativa, equilibrada, na medida em que conforme a própria notícia,

Positiva: "As portas estão sempre abertas e Tchecho é o primeiro a receber os visitantes" (...) "Arte: Dentro do Rabelarte, cada artesão tem o seu cantinho de exposições em que facilmente se identificam as diferentes visões de quem pinta e faz escultura" (...) "Organização da Comunidade: Atualmente, a comunidade vive da arte, agricultura e também do trabalho fora dos rabelados" (...) "Um símbolo dessa evolução é Maria Oliveira, a primeira mulher rabelada a licenciar-se";

Negativa: "Durante anos foram maltratados, construíam casas que eram apedrejadas e por isso pouco tempo depois tinham de se mudar. (...) "Tradições e Crenças: As crenças animistas mantêm-se, tal como o respeito pela natureza. Nas suas casas tanto o humano como os animais têm o direito à vida" (Susana Duarte, SAPO.CV, 14Out2012 - <http://viajar.sapo.cv/descubra-o-pais/roteiros-e-passeios/rabelados-um-simbolo-de-resistencia-que-se-tornou-cultura>).

Não com o impacto das outras notícias ou reportagens, no dia 11 de Setembro de 2015, o diário digital "**A Nação**" Online, noticiou a despedida do artista do Níger, Maazou Ibrahim Lawan, que esteve durante um mês em retiro na comunidade dos Rabelados, no concelho de São Miguel, na ilha de Santiago. Afirma ainda que o mesmo expôs algumas das suas obras "em jeito de despedida" no Café Palkus.

Embora o caráter desta notícia seja meramente informativo e promocional das atividades na comunidade, explora questões Culturais/Artísticas e tende apenas pela positiva,

Positiva: "O jovem de 30 anos, disse que ficou encantado com a comunidade dos Rabelados, mas também com Cabo Verde porque tem um povo "muito acolhedor, aberto e simpático", e antes de partir já sente falta dos Rabelados. "Senti-me parte daquela comunidade, como se fosse a minha família. Já sei que quando regressar a Níger, vou sentir muitas saudades" (Editora: "A Nação" Online, de 11Set2015 - <https://anacao.cv/artista-do-niger-que-trabalhou-com-rabelados-despede-se-com-exposicao/>).

O ano de 2016, terá sido o período mais rico, em termos de representação de conteúdos dos "Rabelados" nos *media*. De Fevereiro a Setembro, os órgãos de *media* dos quais analisamos, produziram pelo menos quatro notícias relacionadas diretamente com a problemática da comunidade dos "Rabelados" de Espinho Branco, na Ilha de Santiago.

A temática dessas quatro notícias³⁶, tratou sempre de questões Culturais/Artísticas, não houve participação dos "Rabelados" e a tendência das notícias, foram todas elas positiva, unicamente.

Logo no início do ano, em 15 de Fevereiro de 2016, o diário digital **EXPRESSO das ILHAS Online**, noticia que a artista plástica, Misá lançou uma campanha "**Kurason Ki Tá Dá**", com palestra, exibição de filmes e exposição e música, no espaço Art Kafé, no Palácio da Cultura Ildo Lobo. Segundo a notícia, o objetivo da campanha foi para angariação de fundos, a favor da Aldeia de Arte Contemporânea de Porto Mosquito em Santa Cruz e da Aldeia Antropológica e do património vivo dos Rebelados em Calheta de São Miguel.

³⁶ O conteúdo do diário digital online, "A Nação", de 13.04.2016 - **Obras das aldeias criativas – "Rabelados" precisam de mil contos** - <https://anacao.cv/obras-das-aldeias-criativas-rabelados-precisam-de-mil-contos/>, esteve inicialmente disponível, no primeiro levantamento efetuado, tendo sido removido e como tal, impossível de ser analisado, neste trabalho.

Quase a meio do ano, a 28 de Maio de 2016, o diário digital **EXPRESSO das ILHAS Online**, noticia que três cabo-verdianas rumaram a partir da segunda metade desse ano à Índia onde, durante 6 meses, vão estar na Universidade dos Pés Descalços (Barefoot College) para aprenderem a fabricar e instalar painéis solares. A oportunidade surgiu através de um contacto da ativista social Misá, que pretendia aproveitá-la para trazer para Cabo Verde formadoras indianas.

A notícia anterior do “A Nação” de 11/09/15 e do diário digital, Expresso das Ilhas, também foi inserto no digital online **TIVER, SA – Televisão Independente de Cabo Verde**, onde publicaram no site deles, em 21 de Setembro de 2016, num claro sinal de que a representação de conteúdos dos “Rabelados” nos *media*, tornou-se um fenómeno comum, em Cabo Verde.

Se em 2016, a produção de conteúdos da representação dos “Rabelados” nos *media*, tornou-se corriqueira, em 2018, o é ainda com maior ênfase, e sempre com temáticas exclusivas e relacionadas com questões socioeconómicas e condições de vida, num claro sinal de que ao invés de “... ter os seus dias contados”, como referiu a reportagem da edição EXTRA VOZDIPOVO de Jul/Set92, ou outras notícias de outrora, a sua continuidade e convivência com a sociedade santiagoense é uma realidade e constância.

Assim, em 2018, apenas num único mês (Março), produziram-se 04 (quatro) notícias, todas elas relacionadas com os “Rabelados” e questões de caris socioeconómio e condições de vida. Contrariamente à fase anterior, nessa fase, a voz e participação nas notícias não eram dadas, ou porque já não se fazia sentido, ou pela própria estratégia dos *media*, em conferir às notícias uma certa independência em relação à produção dos fatos.

Um fato que chama atenção é que, em todas essas notícias, se referiam a participação de ações diretas ou indiretas, de entidades públicas ou governamentais, na comunidade dos “Rabelados”, como o caso da presença em inaugurações de S. Excia o Embaixador dos Estados Unidos da América e o Sr. Presidente da Câmara Municipal de S. Miguel, em que os “Rabelados”, se encontram inseridos³⁷.

Assim, a 06 de Março de 2018, a notícia relacionada com a visita do Embaixador dos EUA Donald L. Heflin ao Concelho de São Miguel fora manchete, tanto na **TIVER, SA**, como no diário digital, **“A Nação” Online**. Para além de inaugurações no âmbito das atividades de Rabelarti, esses órgãos de *media*, noticiaram que o Embaixador dos EUA prometeu fazer o levantamento das principais

³⁷ Vide, “A Nação” Online - “O embaixador Donald Heflin vai fazer também um levantamento das principais carências e necessidades face ao mau ano agrícola e, por outro lado, encorajar e incentivar os autarcas micaelenses a trabalharem afinadamente para uma cada vez melhor inclusão socioeconómica dos seus munícipes” (Editora, “A Nação” Online, 06Mar2018 - <https://anacao.cv/sao-miguel-embaxador-dos-eua-inaugura-projecto-rabelarti-na-comunidade-espinho-branco/>).

carências e necessidades face ao mau ano agrícola e, por outro lado, encorajar e incentivar os autarcas micalenses a trabalharem afincadamente, para uma cada vez melhor inclusão socioeconómica dos seus munícipes.

Também no dia 06 de Março de 2018, o diário digital “A NAÇÃO”, publica a mesma notícia veiculada na TIVER, mas com o título: São Miguel: Embaixador dos EUA inaugura projeto Rabelarti na comunidade de Espinho Branco

Inauguração do projeto "Rabelarti" pelo Embaixador dos EUA Donald L. Helfin e o autarca de S. Miguel, visando a promoção do turismo rural e inclusão social dos munícipes da comunidade de "Rabelados" de Espinho Branco.

Intitulado: **Rabelarte: Comunidade dos Rabelados de Espinho Branco pede apoio para finalizar obras na sua aldeia**, no dia seguinte, à notícia publicada nos dois órgãos referidos, a 07 de Março de 2018 e na mesma linha, o canal digital online SAPO.CV, em colaboração com a INFORPRESS, dava-nos conta de que a comunidade dos Rabelados de Espinho Branco pede apoio para finalizar obras na sua aldeia, através da sua mentora - Maria Isabel Alves - MIZA. O evento ocorreu durante o ato da inauguração do projeto financiado pela Embaixada dos Estados Unidos que engloba vedação, reabilitação de casas, colocação de plantas, praças e uma esplanada.

Ainda no dia 7 de Março do mesmo ano de 2018, conteúdo idêntico foi produzido no diário digital “A Nação” Online. O artigo aborda a questão “RABELARTE” e refere que a comunidade dos “Rabelados” de Espinho Branco, pede apoio para finalizar obras na sua aldeia, através da sua mentora - Maria Isabel Alves - MIZA. O evento ocorreu durante o ato da inauguração de um projeto financiado pela Embaixada dos Estados Unidos que engloba vedação, reabilitação de casas, colocação de plantas, praças e uma esplanada.

A tendência dessa notícia que também aborda questões socioeconómicas e condições de vida é de orientação positiva, afirmando que,

(...) o edil micalense, Herménio Fernandes, que manifestou a disponibilidade da autarquia em colaborar no desenvolvimento daquela comunidade, garantiu que vai trabalhar para que esta comunidade possa ter acesso à educação, ambiente, saneamento e a um conjunto de infraestruturas básicas. “Temos que empoderar cada pessoa que vive aqui, porque aqui temos um potencial grande que, bem explorado, com formação com infraestruturas de suporte poderá ser um polo atrativo para o turismo e para o desenvolvimento das artes”, enfatizou” (Editora, "A Nação" Online/com INFORPRESS, 07Mar2018 - <https://anacao.cv/sao-miguel-comunidade-dos-rabelados-espinho-branco-pede-apoio-finalizar-obras-na-aldeia/>).

Ainda que, segundo Évora (2018:33), o mercado mediático em Cabo Verde, é considerado “pequeno e a indústria deficiente”, podemos concluir que grande parte da mudança e de tendências que se verificaram e ainda se verificam, no seio dos “Rabelados”, deveram-se grandemente a um “contexto particular de produção e difusão de conteúdos comunicacionais” (Évora, 2018:28), em Cabo Verde, no período pós-independência nacional, em 1975. Numa análise ainda mais ampla e interpretando Thompson (1998:135), os processos que transformaram (e ainda estão transformando) o mundo moderno, ficaram muito a dever, “à reordenação do espaço e do tempo, provocada pelo desenvolvimento dos *media*”.

5.3 Interpretação dos dados

Na presente seção iremos verificar se os objetivos específicos inicialmente fixados foram alcançados, através dos dados da representação de conteúdos nos *media* recolhidos, bem como as relações entre esses dados e o objetivo da investigação.

“É extremamente importante o investigador estar ciente de que os resultados alcançados pela investigação (positivos e negativos), constituem a parte substantiva de qualquer relatório” (Carmo e Ferreira, 2008:178).

Por outro lado, é igualmente nesta seção que deveremos discutir os principais resultados, de forma mais sintética, demonstrando o conhecimento que dele obtivemos e efetuar eventuais comparações, pese embora o fato de, ao longo da análise de dados, termos vindo a apresentar algumas reflexões decorrentes da análise da representação de conteúdos dos *media*, sobre o grupo dos “Rabelados”, com recurso à revisão da literatura.

Baseados na grelha de dados (vide Anexo I) e da análise feita aos conteúdos e tendências das notícias, dos diferentes órgãos de *media*, ao longo do tempo, conseguimos agrupá-los em dois grandes momentos, sendo,

- (i) o primeiro relacionado com a preocupação **em compreender a motivação da origem do surgimento do grupo**, em que a tendência tinha uma orientação mais pela negativa e abordava questões relacionadas das suas origens/história e questões religiosas. Aqui, a voz e a participação dos "Rabelados" eram determinantes, para atingir o objetivo dos *media*;
- (ii) o segundo momento, que pode ser considerado, **pós-compreensão do fenómeno e afirmação do grupo**, a tendência centrou-se em questões mais orientadas e relacionadas com condições de vida, questões culturais / artísticas, socioeconómicas, educação, integração, etc... visando, umas vezes, chamar atenção de entidades públicas para darem as suas contribuições no desenvolvimento da comunidade e outras vezes promovendo o "modus operandi" dos "Rabelados".

Esses agrupamentos também podem ser circunscritos cronologicamente no tempo, em duas fases, sendo a primeira, até finais da década de 90 (Noventa) e segunda no período pós anos 2000.

Contudo, sem a pretensão de sermos redundantes, convém retomarmos o objetivo do presente trabalho de investigação, anteriormente definido no capítulo I, que é “efetuar um estudo exploratório sobre o impacto dos *media* na reconfiguração e redefinição da identidade de uma minoria”. A questão que se coloca é se o objetivo foi atingido.

De igual forma, também é relevante recapitularmos os objetivos específicos do estudo:

- a) Analisar o discurso dos *media* ao longo de um determinado período e explorar como este discurso contribui para a redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria socio-religiosa;
- b) Avaliar e determinar, como os *media* e seus autores contribuem para a inserção dos “Rabelados” ou de uma minoria socio-religiosa, na comunidade, local;
- e) Contribuir para o aprofundamento do conhecimento, sobre a referida realidade social;
- d) Avaliar a importância dos *media*, na mudança comportamental dos “Rabelados” e suas implicações a nível social, cultural, práticas religiosas, etc...

5.3.1 O papel da imprensa em relação à identidade cultural. Analisar o discurso dos *media* ao longo de um determinado período e explorar como este discurso contribui para a redefinição e reconfiguração da identidade cultural de uma minoria socio-religiosa

Relativamente ao papel da imprensa, vimos no Cap III, pp. 57, do presente trabalho que para Ferreira (2018:26), “os *media* aparecem, nos dias atuais, como um dispositivo que permite a pluralidade de vozes e de temáticas, forçando mutações importantes na organização da sociedade”.

Ao analisarmos a grelha de análise de dados (Anexo I), da primeira vez que o conteúdo sobre os “Rabelados” foi representado nos *media*, em 1989 e até 1999, num horizonte temporal de 10 (anos), produziram-se cinco notícias, a uma média de uma, por cada dois anos. Durante esse período, os temas centraram-se à volta de questões das suas origens

históricas e religiosas, ou seja, a compreensão do fenómeno, dando sempre a voz ao grupo, seja de uma forma direta ou indireta. As notícias, todas elas, assumiam tendências, positivas, negativas e algumas vezes neutras, com predominância negativa.

Essa fase, caracterizada por questionamentos e redescoberta, poderá significar o período de preparação do grupo para entrada numa nova realidade, mudando em si mesmo, ou mudar a concepção que a restante sociedade tinha do grupo. Aliás, a esse respeito e como o próprio Ferreira (2018:26) disse, “... da mesma forma que os representantes políticos utilizam os meios de comunicação para moldar comportamentos, garantir consenso e opiniões públicas favoráveis, grupos sociais específicos estão aprendendo a utilizá-los para potencializar suas vozes...”

A frequência da representação a que referimos anteriormente, aumentou consideravelmente, num segundo momento, em que convencionamos chamá-lo de segunda fase, ou seja, a partir da segunda metade do ano 2000, tendo inclusive meses em que podemos encontrar concentradas duas a quatro notícias, num único mês. Durante essa fase, houve uma orientação mediática diferente, relativamente à abordagem de conteúdos das notícias relacionadas com o grupo. Com maior intensidade e regularidade, conforme a grelha de dados, os temas evoluíam em torno de questões socioeconómicas e condições de vida e questões culturais/artísticas. Convém referir que embora não explorada, inicialmente, a arte sempre fez parte do “modus operandi” dos “Rabelados”. A expressão mais característica desta afirmação é a criação e promoção da aldeia artística e cultural “Rabelarti” ou a arte dos “Rabelados”³⁸. Com maior presença do grupo e menos voz, em relação à fase anterior, a tendência das notícias tomaram um tom, mais no sentido positivo.

A orientação, intencional ou não, consciente ou inconsciente, da produção e representação dos conteúdos relacionados com os “Rabelados”, nos *media*, tiveram um resultado de mudança nos comportamentos e práticas da comunidade. Tais resultados, podem ser comprovados nos *medias* que noticiaram (RTC 20.07.2010, SAPO.CV 14.10.2014, A NAÇÃO 11.09.2015 ...), quer a presença de elementos da sociedade no seio da comunidade, quer da presença de elementos da comunidade, no macro ambiente da sociedade, participando em eventos culturais, compartilhando com restantes elementos da sociedade e viajando pelo mundo, comportamento impensável na primeira fase.

³⁸ Para mais detalhes, vide a página do Facebook dos “Rabelados” - <https://www.facebook.com/Rabelados-328872433801506/>

Paradoxalmente, é interessante recapitularmos o efeito positivo das notícias negativas no processamento de informações, a que refere Aragones (1995). Segundo o autor, “numerous studies of impression formation have found that negative information is weighted more heavily than positive information as impressions of others are formed” (1995:2).

Se é certo que estamos perante um fato que é a “construção da vida quotidiana (que varia no tempo, no espaço e de acordo com a diversidade de receções)” (Ferreira, 2018:27), dos “Rabelados”, com consequência direta na redefinição e reconfiguração da sua identidade cultural, também é inquestionável de que tal só foi possível, derivado do percurso mediático que acabamos de descrever. E confirma-se, desta forma, o objetivo a que se propunha inicialmente, entre potenciar as suas vozes e promovendo o grupo, junto da sociedade e entidades, em relação àquilo que fazem ou pretendem fazer.

5.3.2 Os processos de inclusão e exclusão. Avaliar e determinar, como os *media* e seus autores contribuem para a inserção dos “Rabelados” ou de uma minoria socio-religiosa, na comunidade, local.

No que concerne a este objetivo e recapitulando aquilo que vimos no Cap II, pp. 40, “os processos de inclusão e exclusão, estão consagrados em instrumentos oficiais ou cartas internacionais de proteção de direitos humanos, como é o caso do I Relatório Nacional de Direitos Humanos Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania (PNUD, 2010).

Da análise feita à grelha de dados, em relação aos conteúdos dos *media*, nos períodos em estudo, a orientação que a produção das notícias teve contribuiu, de um modo sóbrio, para a inclusão dos “Rabelados”, na sociedade, mais especificamente a camada jovem. Aliás, ao falarmos da inclusão, ela é mais visível nesse segmento da comunidade, comparativamente com os anciões. A inclusão/exclusão também, se refere ao género. A esse respeito, na edição do Semanário HORIZONTE de 05.08.1999, o chefe dos “Rabelados”, “Nhô Agostinho” teria afirmado que “nunca Deus enviou Mulheres com profetas”, numa clara alusão à exclusão do género Feminino, nos assuntos da gestão da comunidade. Todavia e conforme podemos verificar, no decurso da produção mediática, essa situação reverteu-se, ou seja, as mulheres começaram, a pouco e pouco a serem incluídos na vida da comunidade, conforme podemos verificar no Cap IV, p. 86 - **Figura 10** - “Rabelados”: *Os caminhos irreversíveis da mudança*, da presente investigação.

Por exemplo, a tendência da edição EXTRA do Jornal VozDiPovo, Jul/Set 1992 era no sentido negativo de desaparecimento dos “Rabelados, ao postular na p. 4 que “o movimento dos rebelados tem os dias contados. Atualmente, muitos já se reconverteram e o seu passado é apenas uma referência histórica”. Aproveitamos para referir uma vez mais Aragones (1995) e notar que esta notícia carrega consigo uma tendência bastante negativa, mas suscetível de despertar uma atenção positiva, quer para quem a perceba, quer para quem conviva com a situação.

Todavia, o seu propósito é no sentido de justificar que, afinal, contrariamente ao articulista, os “Rabelados”, acabaram por inserir na sociedade, partilhando os seus hábitos e costumes, em benefício próprio. O fato da inclusão vem, de uma forma explícita, nas edições dos canais digitais do jornal “A Nação” e SAPO.CV do dia 07 de Março de 2018, com a notícia intitulada: “Rabelarte - Comunidade dos “Rabelados” de Espinho Branco pede apoio para finalizar obras na sua aldeia”. A mesma referia a obras de reconstrução da comunidade por concluir e iniciadas há 15 anos, englobando a vedação, reabilitação de casas, colocação de plantas, praças e uma esplanada, incluindo eletrificação e água (...). O pedido, foi materializado durante o ato da inauguração do projeto financiado pela Embaixada dos Estados Unidos.

Avaliando pelas notícias do semanário “A Semana” de 20.02.1995, em que a dado passo da conversa com um jornalista, um dos anciãos, afirmava, “(...) não faltam abusos por parte de populares da zona (...) tentamos evitar os problemas (...) e do semanário “HORIZONTE” de 05.08.1999. De uma comunidade totalmente fechada entre si, até a década de 70/80, passou para uma comunidade que reclama os seus direitos, junto das entidades públicas e não – governamentais, como a Embaixada dos Estados Unidos. Vide notícias do dia 07.03.2018 e mais duas no mesmo mês, na íntegra, no Anexo II.

Os processos de inclusão e exclusão não devem ser interpretados como uma rotura com a tradição; pode, porém, até reforçá-la. Recapitulando a esse respeito, Lopes Filho (2003:320) a defende que “é, no entanto, imperativo, que seja vontade do Estado que a tradição se perpetue no que existe de mais positivo, no reforço da identidade cultural”. E para reforçar Évora (2011:92) disse que “o conceito de cultura pode ser ambivalente. Uma das suas características é a sua mutabilidade ao longo do tempo”. E mudar não significa desaparecer.

Pela leitura dos conteúdos das notícias, referentes à segunda fase, é evidente que se explorou, em todos as tendências, o processo da inclusão da comunidade, na sociedade, com

partilhas de parte a parte. O único segmento da sociedade que não se conseguiu observar em todas as notícias referidas é a inclusão da comunidade, na Igreja Católica. Na edição do canal digital SAPO.CV de 14.10.2014, "Tradições e Crenças: as crenças animistas mantêm-se, tal como o respeito pela natureza. Também não conseguimos observar conteúdo de notícias, como no passado, de fricções com o clero religioso católico, atualmente, reinando assim, um sentimento de neutralidade, em relação a ambas as partes.

Conforme referimos no Cap. II, p. 37, segundo autores Horton e Hunt (1981), os processos de inclusão e exclusão social, fazem parte da vivência do homem em sociedade. E nenhuma sociedade consegue fazer com que toda a sua gente se comporte da forma esperada durante o tempo todo.

Em termos cronológicos, os processos da inclusão dos “Rabelados”, na comunidade, foram explorados, com maior grau de intensidade, no “corpus” de notícias que sucederam ao período de 2010, em que as suas vozes começaram por sair com menos frequência e a as notícias tendiam para tons positivos. Podemos considerar como fundamento desta afirmação, o conteúdo da edição do canal digital SAPO.CV de 14.10.2014, "Tradições e Crenças: As crenças animistas mantêm-se, tal como o respeito pela natureza.

5.3.3 A relação entre a pluralidade e diversidade. Contribuir para o aprofundamento do conhecimento, sobre a referida realidade social

Recuperando Cabecinhas (2006:2), no Cap. II, p. 32, “o modo como os grupos nacionais representam a sua história é fundamental na definição da sua própria identidade [...] a cultura cabo-verdiana é, também, consequência de um acumular constante de elementos e o resultado do contacto permanente com culturas diferentes, fato que ao longo dos tempos tem ampliado as bases da nossa identidade (Lopes, Filho, 2003:311).

No presente trabalho, não temos elementos que nos possam confirmar de que estamos perante uma grande pluralidade e diversidade culturais. Todavia, avaliando pelo conteúdo das notícias produzidas e constantes da grelha de dados, podemos observar que existem alguns traços culturais dos “Rabelados” diversos dos da sociedade envolvente. Recorremos uma vez mais, ao conteúdo da edição do canal digital SAPO.CV de 14.10.2014, "Tradições e Crenças: As crenças animistas mantêm-se, tal como o respeito pela natureza. No Cap IV,

p. 81, o investigador, jornalista e professor universitário, Évora (2011:94), defende que “a comunidade dos “Rabelados” da Ilha de Santiago, em Cabo Verde, resultou do fortalecimento da consciência cabo-verdiana sobre a identidade nacional, ao ponto de se criar um ‘enclave cultural’, com modos de vida, costumes e tradições próprias”.

Podemos ainda, com maior fundamento, recapitular, de igual modo, no Cap II, p. 31 Gusmão (2008:54), afirmando que numa perspectiva antropológica, “a constituição de um campo de tensão entre sujeitos sociais diversos expõe ao pensamento e à prática antropológica três grandes processos inerentes às sociedades modernas: a) busca permanente pela homogeneização; b) existência da contradição; c) a ameaça constante do conflito”. Aplicando esse conceito da autora, ao “corpus” das notícias, da primeira fase, aliada proposição de Évora (2018), podemos encontrar uma relação entre a pluralidade e diversidade, da forma como os “Rabelados” praticam a sua cultura, perante o resto da sociedade. Tal fato, poderá estar relacionado, com a) busca permanente pela homogeneização; b) existência da contradição. Podemos encontrar tais referências nos “corpus” de notícias, até 1999.

Uma questão bastante polémica da conversa tida com alguns autores das notícias em análise é se os “Rabelados” têm identidade própria e que tipo de identidade.

A resposta possível desta questão contribuirá para o aprofundamento do conhecimento, sobre a referida realidade social. O conteúdo das notícias, mesmo os da primeira fase que exploraram a temática da história e questões religiosas, não foram suficientes para ajudar na resposta. A tendência positiva do conteúdo da notícia inserta na edição EXTRA do Jornal VozDiPovo, Jul/Set 1992, "o principio da independência é um orgulho comum a todos os "rebelados", genuínos", conjugado com a abordagem de alguns autores, nomeadamente Évora (2018) e Monteiro, Junior (1974:85) ao tratar o grupo como “pessoas dominadas por sentimentos, representações e tendências semelhantes, formando uma unidade dotada, de certo modo de uma estrutura interna que importa conhecer (...), leva-nos a concluir que os “Rabelados” possuem uma identidade própria e que na sua essência, alguns traços diferem do resto da sociedade cabo-verdiana.

Aliás, reforçando ainda, recapitulamos Lorena (2015:787) no Cap. II Pp 48 (...) “as diferentes formulações discursivas sobre a identidade cabo-verdiana (...) longe de convergirem para uma construção da identidade nacional linear e inequívoca, representam a diversidade, por vezes conflitual, de que é feito hoje esse sentimento de pertença cabo-verdiano”.

5.3.4 O reconhecimento de uma minoria religiosa. Avaliar a importância dos *media*, na mudança comportamental dos “Rabelados” e suas implicações a nível social, cultural, práticas religiosas, etc...

Para interpretarmos corretamente este ponto, teremos de recorrer em primeiro lugar, a conceitos teóricos e da revisão de literatura. No Cap. II, pp. 46-47, do presente trabalho, vimos que,

(...) uma minoria religiosa é um grupo de pessoas residentes no território do Estado, numericamente inferior e não dominante em relação ao restante da população, cujas convicções e práticas religiosas, que a individualiza por serem diferentes da maioria ou do restante da população, pretende-se manter, conservar e promover para o futuro, embora implicitamente, de maneira coletiva e solidária como grupo, com lealdade ao Estado no qual vive, e com independência do grau de reconhecimento jurídico que o grupo tenha atribuído no Estado do qual faz parte. (MAZARÍO, 2003, apud Braga e Vives, 2013:111)

Tal assunção decorre do fato de que as notícias que abordaram questões religiosas e da forma como estão representadas nos *media* não permitem apurar diretamente e de um modo explícito, de que estamos perante uma minoria religiosa. Todavia, ao cruzarmos os dados, da revisão de literatura, associadas a parcelas de algumas notícias, poderemos, efetivamente, construir uma ideia nesse sentido.

Assim, podemos encontrar num dos dois periódicos, da considerada primeira fase da produção mediática de conteúdos dos “Rabelados”, designadamente a edição EXTRA do Jornal VozDiPovo, Jul/Set 1992 e a edição do semanário HORIZONTE, de 05.08.1999, notícias com temáticas relacionadas, quer com história, quer com questões religiosas.

Conjugados com abordagens teóricas de alguns autores e confrontados com algumas afirmações/expressões desses dois órgãos, as quais transcrevemos, em baixo, podemos acabar por concluir que, em termos mediáticos, estamos perante um minoria socio-religiosa, ideia aliás defendida por Monteiro júnior (1974:85-86), num profundo trabalho de investigação, afirmando que “os “Rabelados” constituem um grupo social primário, uma comunidade socio-religiosa, cujas características essenciais incluem aspetos relacionados com a pobreza, um enorme apego à tradição, descendentes de católicos, todos pertencem ao meio rural, sentimento de uma unidade e de um destino comum que os liga”.

(...) “no limiar do Século XXI, os rebelados continuam ainda a ter um modo de vida semelhante aos povos da Idade *Media*” (...). Edição EXTRA do Jornal VozDiPovo, Jul/Set 1992

A cisão com a Igreja Católica, relacionou-se essencialmente com a mudança havida na substituição dos Padres Diocesanos (ou da Terra, de batina preta, como dizem), pelos Espiritanos³⁹ (padres de batina branca, conforme referem). Edição do semanário HORIZONTE, de 05.08.1999

Falando ainda do impacto dos *media*, na reconfiguração e redefinição da identidade de uma minoria, vimos que “o discurso mediático articula saberes e poderes, já que cria uma determinada perceção da realidade: os próprios modos de articular determinadas narrativas acabam por estabelecer versões sobre o que seria essa realidade” (Ferreira, 2018:27). Nisso, podemos verificar, de acordo com a grelha de dados, particularmente a tendência negativa que os diversos termos assumiram, na primeira fase da produção dos conteúdos sobre os “Rabelados”. Recapitulamos Aragonés (1995:2), em que “o efeito da negatividade se refere ao fenómeno psicológico de que as pessoas tendem a atribuir maior peso a informações negativas, do que a informações positivas, igualmente extremas e igualmente prováveis, numa variedade de tarefas de processamento de informações⁴⁰”.

Tabela 4 - Representação dos "Rabelados" nos media de 1989 a 2018 - positivo/negativo

Sentido /Anos	16.04.1989	07 a 09 1992	20.02.1995	30.04.1999	05.08.1999	13.11.2009	19.04.2010	20.07.2010	07.04.2012	21.11.2014
Tendência (+/-)	Ambas	Ambas	Ambas	Ambas	Ambas	Ambas	Positiva	Negativa	Positiva	Ambas
Voz (Representação)	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim
Tema	Historia	História	Questões Religiosas	Questões socio-economicas e condições de vida	Questões Religiosas	Questões Religiosas	Questões Culturais/Artísticas	Questões Culturais/Artísticas	Questões Culturais/Artísticas	Questões Culturais/Artísticas
Sentido /Anos	14.10.2014	11.09.2015	15.02.2016	13.04.2016	28.05.2016	21.09.2016	06.03.2018	06.03.2018	07.03.2018	07.03.2018
Tendência (+/-)	Ambas	Positiva	Positiva		Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva
Voz (Representação)	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Tema	Questões socio-economicas e condições de vida	Questões Culturais/Artísticas	Questões Culturais/Artísticas	Questões socio-economicas e condições de vida	Questões Culturais/Artísticas	Questões Culturais/Artísticas	Questões socio-economicas e condições de vida	Questões socio-economicas e condições de vida	Questões socio-economicas e condições de vida	Questões socio-economicas e condições de vida

Fonte: Elaboração própria

Aplicando o conceito defendido por Aragonés (1995) a uma notícia, por exemplo, com tendência negativa e cujo tema, são questões socioeconómicas e condições de vida, o impacto é maior quando a tendência é, em sentido oposto e seguramente o benefício, também é potencialmente maior, para a comunidade.

Par terminar a nossa análise, constatamos que o processo da mudança visível, no seio dos “Rabelados”, verificado ao longo das notícias da primeira fase, conforme separação feita

³⁹ Vide *Figura Erro! Apenas o documento principal.* - Pe Campos – Católico, da Congregação do Espírito Santo, Pp 82

⁴⁰ Tradução própria, do original (Inglês), para PT com suporte do - <https://translate.google.com/?hl=pt-PT&tab=TT>

anteriormente, umas vezes conotadas com “os Rabelados têm dias contados” outras vezes pelo próprio “abandono”, por parte de um ou outro membro da comunidade, não significou e nem traduziu, no desaparecimento dos “Rabelados”.

Antes pelo contrário, a representação dos *media* contribuiu e vem contribuindo, de forma gradual e positiva, no processo da reconfiguração dos hábitos e costumes do grupo e no próprio conceito e no significado que damos às suas ações na sociedade, bem como na integração dos “Rabelados”, na sociedade, beneficiando de políticas públicas, direcionadas para a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de termos abordado sobre os mais variados aspectos relacionados com o tema objeto da presente investigação, chegamos ao momento de tecermos algumas considerações sobre o trabalho, por um lado, e sobre a temática relacionada com o objeto de estudo, por outro. Em termos gerais, acabamos por ter a noção do papel dos *media*, sobre a ação dos indivíduos, grupos e sobre a sociedade de um modo geral, de informações que cada dimensão que pretendemos conhecer se reveste, carecendo de uma análise, ajustada e profunda a cada etapa de uma dada realidade.

Antes de mais, recapitulamos que conforme já referido, no Cap. I, o objetivo do presente trabalho de investigação é efetuar um estudo exploratório sobre o impacto dos *media* na reconfiguração e redefinição da identidade de uma minoria.

Pelo que estivemos a analisar, consideramos que no contexto dos *media*, a perceção e significado é tudo. Pois, quando revemos o significado que damos às coisas, as coisas mudam... ou talvez mude a nossa perceção sobre as coisas. De um modo firme, esta pode ser, uma das maiores ilações que podemos tirar, relativamente ao impacto dos *media*, na reconfiguração e redefinição da identidade de uma minoria e o caso do grupo socio-religioso dos “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na ilha de Santiago – Cabo Verde.

Constata-se que atualmente, exige-se cada vez mais do pesquisador, o trilhar caminhos diversos, nos trabalhos de investigação e análise de conteúdos dos *media*, referentes a uma dada realidade social, pois esta, para além de ser dinâmica, encontra-se cheia de fatos e representações segmentados, muitas vezes aparentemente desarticulados, pois a maior parte das produções de conteúdos mediáticos é marcada pelos acontecimentos da vivência quotidiana do indivíduo, enquanto integrante da sociedade.

Assim, para investigar com maior grau de rigor qualquer fato social, nomeadamente, como é o caso de minorias e identidade cultural e a influência das suas representações nos *media*, impõe-se efetuar uma trajetória analítica igual aos que deram sentido ao conjunto simbólico formado pelos referidos fatos.

Paradoxalmente, os *media* em si não constroem, não reconfiguram e nem redefinem a identidade de uma minoria, ou qualquer outro grupo da esfera social. Constituem, senão, o

meio privilegiado para esses fins. Segundo Barbosa (2012:235), “são antes o lugar de elaboração e expressão da verdade de uma sociedade”. Se para o autor, “os *media* não refletem a realidade objetiva do mundo, nem a reproduzem a papel químico” (2012:235), então, caberá à sociedade utilizar o poder dos *media*, de um modo assertivo e racional, para materializar ou comprovar, qualquer que seja o fato, político, social, económico e religioso.

O levantamento e a análise de representação de conteúdos relacionados com os “Rabelados nos *media*, contribuíram inequivocamente para reforçar a ideia de que os “Rabelados”, tal como conhecidos nos idos anos sessenta, já não são o que eram e estão em profunda transformação, embora conservando alguns traços dos seus antepassados. Aliás, retomando a expressão utilizada na edição EXTRA do então Jornal VOZDIPOVO, em 1992, “atualmente, muitos já se reconverteram e o seu passado é apenas uma referência histórica”.

Efetivamente, não desapareceram, contrariamente às notícias das edições dos *media* da década de 90 (noventa), mas sim houve uma profunda transformação e reconfiguração, quer nos seus “modus vivendi”, como nos seus “modus operandi”, fruto das tendências e relevância dos temas e conteúdos produzidos, por esses mesmos órgãos de *media* e que também chamou atenção da sociedade, entidades públicas locais, bem como entidades não-governamentais, para a realidade dos “Rabelados”.

Verificou-se que, com a massificação da internet em Cabo Verde a partir da década de 2000, esta teve um papel importante na disseminação da informação relevante relacionada com os “Rabelados”, muito particularmente com o recurso dos *media* impressos, e também com os canais digitais online. E uma vez que segundo Castells (2000:205), “a internet é um meio totalmente abrangente, que interage com o conjunto da sociedade”, constatou-se uma espécie de facilitação na representação dos processos da redefinição e reconfiguração do modo de vida dos “Rabelados”, influenciando a sua própria identidade cultural, desta forma.

Aliás, é o próprio Castells (2000:442), a afirmar que “deixa de haver barreiras em termos de espaço e de tempo, transformando radicalmente as dimensões da vida humana”.

A inovação que o presente trabalho de investigação possa trazer relaciona-se com o fato do conhecimento de uma realidade que não tinha sido anteriormente explorada e que é a análise da representação de conteúdo dos “Rabelados”, nos *media*. Este levantamento, por sua vez, irá contribuir para que se continue a efetuar estudos exploratórios sobre a relevância dos *media*, na reconfiguração e redefinição da identidade de minorias e o caso específico do

grupo socio-religioso dos “Rabelados”, no contexto das diversas dimensões das suas vivências.

O trabalho que ora se apresenta, sem ter a pretensão de ser considerado como perfeito ou acabado, promete oferecer pistas de reflexão e mais um olhar sobre a problemática da identidade de minorias e do grupo dos “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, bem como explorar o poder dos *media*, como instrumento de suporte na redefinição e reconfiguração da identidade de minorias e não só. Mas, acima de tudo, ser um trabalho contínuo que deve acompanhar o processo da mudança que ocorre em todo o estrato social, para um trabalho mais elaborado, sobre a realidade dessa minoria socio-religiosa, conhecida por “Rabelados” da comunidade de Espinho Branco, na Ilha de Santiago, Cabo Verde.

Reforçando ainda mais e finalizando, o presente trabalho permitiu-nos obter dados novos, pouco trabalhados, que se podem constituir como pistas para aprofundamento em trabalhos subsequentes e uma ponte para o futuro. Aliás, não seria possível explorar toda a amplitude do tema, uma vez que, por um lado, o mesmo levanta muitos pontos que devem ser aprofundados e, por outro, não era o objetivo, esgotar tudo. Os resultados alcançados podem ser vistos como o lançamento de pistas para trabalhos futuros.

Bibliografia

- Abranches, M. (2007). *Pertenças Fechadas Em Espaços Abertos - Estratégias de (re) Construção Identitária de Mulheres Muçulmanas em Portugal*. Lisboa: ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Acre, J. M. (Coord. 2000). *Decadencia y Auge de las Identidades – Cultura nacional, identidade cultural y modernización*. D.R. ©Plaza y Va Idés Editores. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/135294117/Decadencia-y-Auge-de-Las-Identidades>, [visualizado pela ultima vez em: Jul19]
- ACI - Agência Cabo Verdiana de Imagens (2013). Os últimos Rabelados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zPnrzhiuFbE>. [Visualizado pela última vez em 16Nov19]
- Andrews, J. (2016). *Hegemony, mass media, and cultural studies: properties of meaning, power, and value in cultural production*. London: Rowman & Littlefield International, Ltd. Disponível em: <https://www.scribd.com/read/328397429/Hegemony-Mass-Media-and-Cultural-Studies-Properties-of-Meaning-Power-and-Value-in-Cultural-Production>; [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Appadurai, A. (2004). *Dimensões Culturais da Globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa. Editorial Teorema. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/douglasevangelista/dimensoes-culturaisdaglobalizacaoarjunappadurai> [Visualizado pela última vez em: 10Maio2020];
- Aragones, E. (1995). *Negativity Effect and the Emergence of Ideologies*, Departament d'Economia, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona (Spain). Disponível em: <https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/298/163.pdf?sequence=1> [Visualizado pela última vez em 10Maio2020]
- Aresta, M. (2013). *A Construção da Identidade em Ambientes Digitais - Estudo de caso sobre a construção da identidade online no SAPO Campus e em ambientes informais (Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Multimédia em Educação), Universidade de Aveiro – Departamento de Educação – Departamento de Comunicação e Arte*. Disponível, em: <https://www.rcaap.pt/results.jsp>
- Asher, F. (2011). *Os Rabelados de Cabo Verde, História de uma Revolta*. Paris: Harmattan,
- Barbosa, M. (2012). Nós e eles: responsabilidade social dos *media* na construção de uma cidadania inclusiva. *Comunicação e Sociedade*, vol. 21, 2012, pp. 231 – 240
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Bastos, M. (2011). Da Inclusão das Minorias e dos Grupos Vulneráveis: Uma Vertente Eficaz e Necessária para a Continuidade da Ordem Jurídica Constitucional. *Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC* nº 18 Jul/Dez 2011 – Disponível em: <https://vpn.uab.pt/http/www.esdc.com.br/seer/index.php/rbdc/article/view/258/251>

- Berger, L. (1985). *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Edições Paulina. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/74421151/Peter-L-Berger-O-dossel-sagrado-elementos-para-uma-teoria-sociologica-da-religiao-Sao-paulo-Ed-Paulinas-1985>
- Bertrand, C.J. (1995). *Médias – Introduction a la Presse, la Radio et la Television*. Paris : ellipses/edition marketing S.A.
- Brant, L. (2009). *O Poder da Cultura*. Editora: Peirópolis, Disponível em: <https://www.scribd.com/read/405705248/O-Poder-da-Cultura>, [Visualizado pela ultima vez em Jun19]
- Bueno, B., Sarti, F. Y Arnoldi, E. (2018). Contribuições da etnografia educacional para o estudo de minorias/maiorias. *Pedagogia y Saberes*, 49, 151-163.
- Burity, J. (2015). Minoritização, glocalização e política: para uma pequena teoria da translocalização religiosa. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v.30, n. 2, p. 31-73, jul/dez, 2015. Disponível em: <http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD> . [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Cabecinhas, R. (2012). Estereótipos sociais, processos cognitivos e normas sociais Edições: Afrontamento, Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/39422> [Visualizado pela última vez em 31Dez2018]
- Cabecinhas, R. (2006). Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste’ in Martins, M.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras, pp. 183-214.
- Cabecinhas, R. e Cunha, L. (Coord. e Eds. 2008). *Comunicação Intercultural - Perspetivas, Dilemas e Desafios*. Braga. Campo das Letras, Editores, S. A. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34392> [Visualizado pela última vez em 31Dez2018]
- Camponez, C. (2015). Transformações do pacto comunicacional do jornalismo na era digital: dos *media* à mensagem, *Comunicação, Jornalismo e Espaço Publico na Era Digital - Estudos do Seculo XX*, Nº 15, 2015 Imprensa da Universidade de Coimbra - Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/38251/6/Transformacoes%20do%20pacto%20comunicacional.pdf?ln=pt-pt> ; [Visualizado pela última vez em 10Agosto2019]
- Carmo, A. (2001). *Antropologia das Religiões*. Universidade Aberta de Portugal, www.univ-ab.pt, disponível em: <https://www.scribd.com/document/407126240/Manual-Antropologia-Religioes-pdf>, [Visualizado pela última vez em: Jul19]
- Carmo, C. (2016). Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. *Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros* - • n. 64 • ago. 2016 (p. 201-223). Editora: Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ, São João del-Rei, MG, Brasil).

- Carmo, H., Ferreira, M. (2008). Metodologia da investigação: guia para autoaprendizagem - 2ª Edição - Lisboa: Universidade Aberta, 2008. 377 p. (eUAb. Universitária; 9).
- Carvalho, L. (1992). “Rebelados do tempo” - uma reportagem pelo mundo dos rebelados: Edições EXTRA do Jornal VOZDIPOVO – Julho/Setembro 92, Cidade da Praia, Cabo Verde
- Carreira, A. (2000). Cabo Verde – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460 – 1878) – Praia, Cabo Verde IPC - Estudos e Ensaios)
- Cariço, B. e Marôpo, L. (2013). Medios de Comunicación e Identidad. Africanidad En Portugal, Artigo Científico, UAL - Universidade Autónoma de Lisboa,
- Cardona, M. J. (coord. 2001). Guião de Educação Género e Cidadania 1º Ciclo do ensino básico. Edição: Comissão para a Cidadania e Igualdade do Género, PCE – Presidência do Conselho de Ministros de Portugal
- Castells, M. (1999). O Poder da Identidade – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s.d., II volume
- Castells, M. (2001). A Galáxia da Internet – Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Título original: The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society. Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro RJ 2003
- Castells, M. (2002). A Sociedade em Rede – A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume I 6ª Edição Totalmente revista e ampliada, Editora: PAZ e TERRA. Título Original: The rise of the network society. Tradução: Roneide Venâncio Majer, com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt
- Castells, M. (2004). The Network Society - A Cross-cultural Perspective. Library of Congress Cataloguing in Publication Data.
- Castells, M. e Cardoso, G. (2005) - A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política, Conferência promovida pelo Presidente da República Portuguesa, 4 e 5 de Março de 2005 | Centro Cultural de Belém, Edição: Imprensa Nacional - Casa da Moeda
- Castells, M. (2009). Comunicación y Poder - Alianza Editorial, S. A., Madrid, 2009
- Castells, M. (2010). The power of identity, 2nd Ed. ISBN 978-1-4051-9687-1 - The Information Age Economy, Society, and Culture | Edition history: Blackwell Publishing Ltd (1e, 1997), Blackwell Publishing Ltd (2e, 2004)
- Castells, M. (2016). Comunicazione, Potere e Contropotere nella network society – di Manuel Castells, Sintesi di Sociologia Della Comunicazione Di Massa. Università Cattolica del Sacro Cuore - Milano – Disponível em: <https://www.docsity.com/it/teorie-e-tecniche-della-comunicazione-mediale-paper-a-scelta/761824/> [Visualizado pela última vez, em 02Dez2018]
- Castillo, A. e Martinez, M. (2011) - Diversidad Cultural y Religión - Minorías Religiosas En La Región De Murcia, Universidad de Murcia – Instituto Universitario de Cooperacion al Desarrollo, Ed. Icaria Editorial – Fundacion Pluralismo Y Conveniencia, Arc de Sant Cristofol, 11 – 23, 08003, Barcelona

- Chaves, L. (1971). Minorias e seu Estudo no Brasil. Revista Ciências Sociais. vol. 2, Nº 1, 1971
Disponível, em: http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v2n1/rcs_v2n1a8.pdf
- Contador, A. (2001). Cultura Juvenil Negra em Portugal, Celta Editora, Rua Vera Cruz, 2B, 2780-305, Oeiras.
- Costa-Lopes, R., Vala, J., Pereira, C.; Aguiar, P. (2008). A Construção Social das Diferenças nas Relações entre Grupos Sociais. In: Villaverde, Manuel, Wall, Karin, Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS (pp. 769-790). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais
- Correia e Silva, A. (1996). História de um Sahel Insular, Ed.: Autor e Spleen-Edições - Praia, 2ª Edição Agosto de 1996.
- Cuche, D. (1999). A noção da cultura nas ciências sociais (Do original: La notion de culture dans les sciences sociales) – Traduzida por Viviane Ribeiro - Editora Verbum, São Paulo 1999
- Di Fatima, B. e Pinto, ANA (Orgs. 2013). Internet - Comunicação em Rede. - ISCTE IUL e Fundação Portuguesa das Comunicações. Disponível em: <https://www.academia.edu/>
- Duarte, S. (2014). Rabelados de Espinho Branco – Canal digital SAPO.CV 14/10/2014 - <http://viajar.sapo.cv/fotos/rabelados-de-espinho-branco> - [Visualizado pela última vez em: 16Nov2019];
- Duncan, H. (2007). Social Cohesion, Metropolis World Bulletin Vol 7, Edição: Setembro 2007, Editora: Metropolis.
- Évora, S. (2005) – Políticas de comunicação e contexto mediático cabo-verdiano – Trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, área de Informação e Jornalismo, da Universidade do Minho, disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-politicas-comunicacao.pdf> [Visualizado pela última vez em: 30Jun2019]
- Évora, S. (2011). Comunicação global e cultura local. Indicadores Simbólicos sobre os Rabelados de Cabo Verde. Anuário Internacional De Comunicação Lusófona | 2011 Lusofonia e Cultura-Mundo. Grácio Editor - Universidade do Minho - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
- Évora, S. (2012). Comunicação global e cultura local. Indicadores Simbólicos sobre os Rabelados de Cabo Verde - Anuário Internacional De Comunicação Lusófona | 2011, pp 85 – 102, Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/download/799/718> [Visualizado pela última vez em 02Dez2018]
- Évora, S. (2018). Comunicação Social e Cidadania – ISE Editorial, *Media* Sotavento, Unipessoal, Lda, Cidade da Praia, Cabo Verde, Maio de 2018
- Ferraz, A., Baptista, P. e Freitas, S. (Orgs. 2016). Direitos Das Minorias Na América Latina E No Caribe: Perspectiva Convencional E Jurídico-Constitucional, Vol. 1. Editora: Osasco Edifício. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/380463613/Direitos-Das-Minorias-Na-America-Latina>

- Fernandes, F. (2008). A Integração do Negro na Sociedade de Classes [O legado da Raça Branca]. Volume I – Ensaios de Interpretação Sociológica, 5ª Edição, São Paulo 2008. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/259101750/A-integracao-do-negro-na-sociedade-de-classes-vol-I-o-legado-da-raca-branca-Florestan-Fernandes-pdf>, acesso em: Jun19
- Fernandes, G. (2006). Em Busca da Nação: notas para reinterpretação do Cabo Verde crioulo – Florianópolis: Ed. da UFSC e Instituto Nacional da Biblioteca e do Livro, Cabo Verde;
- Ferreira, G. (2014). Rostos do Facebook - a formação da identidade nas redes sociais. Nº 9 de 2014 – Comunicação e Ciências Empresariais, EXEDRA Revista Científica - www.exedrajournal.com, Disponível em: [https://www.academia.edu/38079720/Revista Comunicando Vol. 7 N.o1 - Fenómenos comunicativos e sociológicos?email_work_card=interaction_paper](https://www.academia.edu/38079720/Revista_Comunicando_Vol.7_N.o1_-_Fenomenos_comunicativos_e_sociologicos?email_work_card=interaction_paper)
- Ferreira, H. (2016). Padre Campos – O Missionário do Espírito Santo - A Igreja e as Missões Religiosas em Cabo Verde, INCV, Março de 2016
- Ferreira, N. (2018). As Arenas Midiáticas Como Palco de Luta das Minorias. Revista Mídia e Cotidiano; Volume 12, Número 1, abril de 2018
- Figueiredo, E. (Org.) e Noronha, J. (2005). Identidade Nacional e Identidade Cultural. Universidade Federal Fluminense/CNPq; Universidade Federal de Juiz de Fora. disponível em: <https://www.scribd.com/document/343194491/Identidade-Nacional-e-Identidade-Cultural-NORONHA-Jovita#>, [Visualizado pela última vez em Jun19];
- Filho, J.F. (2015). Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias – Universidade Federal de RJ, Revista FAMECOS • Porto Alegre • no 28 • Dezembro 2005 • quadrimestral;
- Fonseca, F. (2011). Mídias, Poder e Democracia - teoria e práxis dos meios de comunicação - Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, julho - Dezembro de 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000200003&lng=en&nrm=iso;
- Furtado, C. (2012). Raça, Classe e Etnia nos Estudos Sobre e em Cabo Verde: As Marcas Do Silêncio. Universidade Federal da Bahia. Editora: Afro-Ásia, 45 (2012), 143-171. Localizado em: <http://www.scielo.br/pdf/afro/n45/a06n45.pdf> [Visualizado pela última vez, em Jun19].
- Funari, P. e Silva, M. (Org. 2009). Política e Identidades no Mundo Antigo, São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.
- Gaarder, J. *et al.* (1952). O Livro das Religiões. Tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Disponível em: http://www.faberj.edu.br/cfb-2015/downloads/biblioteca/movimentos_religiosos_contemporaneos/O%20livro%20das%20religiões.pdf
- Giddens, A. (2005). Sociologia, 4ª edição (Original: Sociology / Traduzido por: Sandra Regina). Porto Alegre, Editora: ARTMED, 2005

- Giddens, A. (2008). Sociologia, Fundação Calouste Gulbenkian, 6ª Edição, Lisboa
- Giddens, A. (2009). Sociologia, 6ª Edição, Alianza Editorial, Traducción de Francisco Muñoz de Bustillo, Edición electrónica, 2014 - www.alianzaeditorial.es, Disponível em: <https://www.scribd.com/document/366620183/Giddens-Anthony-Sociologia>
- Gimenez, G. (2009). Identidades Sociais. Edição: Instituto Mexiquense de Cultura. Coedición: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/ Instituto Mexiquense de Cultura. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/408197483/Identidades-sociales-Gilberto-Gimenez-PDF>, [Visualizado pela última vez, em: Jul19]
- Gonçalves, M. (2009). Processos identitários na contemporaneidade: Rabelados, no Bacio e no Espinho Branco – Pontes e Portas na Reformulação Identitária do Grupo. Praia: Edições Uni-CV. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Série: Estudos cabo-verdianos, Vol. I – 2009
- Gregolin, M.R. (2007). Análise do discurso e *media*: a (re)produção de identidades, comunicação, *media* e consumo são Paulo vol. 4 nº 11 p. 11 - 25 nov. 2007 – Escola Superior de Propaganda e Marketing
- Gusmão, N. M. (2008). Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade – Pro-Posições, v. 19, nº 3 (57) - set./dez. 2008; Departamento de Ciências Sociais na Educação (DECISE), FE/UNICAMP
- Guterres, A. (2019). Discurso do secretário-geral da ONU, António Guterres, na Assembleia Geral da ONU Nova Iorque, 24 de setembro de 2019. Disponível, em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2019/09/%C3%ADntegra-discurso-Guterres.pdf>, [Visualizado pela última vez em: 25Sep2019]
- Hall, S. e Gay, P. (1996). Questions of Cultural Identity. Editora: SAGE Publications, INC. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/81837618/Stuart-Hall-Cultural-Identity> [Visualizado pela última vez em: Jun19]
- Hall, S. e Woodward, K. (2005). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Editora Vozes, 2005. Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/292777040/Identidade-e-Diferenca>, [Visualizado pela última vez em: Jun19]
- Ho, A. (2015) - Sol/SAPO Cabo Verde. A doutrina dos rabelados - <https://sol.sapo.pt/artigo/401931/cabo-verde-a-doutrina-dos-rabelados> - [Visualizado pela última vez em: 16Nov2019];
- Hjarvard, S. (2012) - Mdiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. Ed: Matrizes, Vol 5(2),53-91. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=1430/143023787004> [Visualizado pela última vez em 12Maio2020]
- Horton, P. e Hunt, C. (1981). Sociologia / do original: Sociology. Copyright © 1981 da Editora: McGRAW-Hill – Sao Paulo. Tradução de Auripebo Berrance Simões; Disponível em: <https://www.scribd.com/document/219410402/Sociologia>, [Visualizado pela última vez em Jun19]

- Jornais/Órgãos de *Media* Nacional publicados em Cabo Verde (1989 – 2018) - Periódico TRIBUNA de 05.Abril.1989 // Periódico “Voz di Povo – EXTRA” de Jul/Set 1992 // Semanário “A Semana” de 20.Fevereiro.1995 // Semanário “A Semana” de 30. Abril.1999 // Periódico “Horizonte” de 05Agosto1999
- Kellner, D. (2001) - A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno, Bauru, SP, EDUSC, 2001; [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Laraia, R. B. (2001). Cultura – Um conceito antropológico. 14ª edição. Edição: Jorge Zahar Editor Ltda. www.zahar.com.br
- Laraia, R. B. (2005). Da Ciência Biológica á social: A Trajetória da Antropologia no Séc. XX, Revista Científica: Habitus, Goiânia, V.3, Nº 2, p. 321 – 345, Jul/Dez 2005
- Lévi-Strauss, C. (2015). Raza y cultura - Editor: Catedra Teorema, Sexta Edicion, Traducción de “Raza y cultura”: Alicia Duprat; Disponível em: https://kupdf.net/download/levi-strauss-raza-y-cultura-pdf_5af762e8e2b6f51d3e4becb0_pdf ; [Visualizado pela última vez em 20Março2020]
- Leal, F. (2012). Identidade Cultural e Identidade de Gênero em uma Narrativa Mítica: Quando Ser Gaúcho É Ser Homem. Revista De Ciências Sociais, Fortaleza, v. 43.
- Lopes Filho, J. (2003). Introdução à Cultura Cabo-verdiana, Praia, Instituto Superior de Educação de Cabo Verde. Praia
- Lopes Filho, J. (1985). Defesa do Património Sociocultural de Cabo Verde. Biblioteca Ulmeiro Nº 18, Lisboa.
- Lopes, J. J. (1999). A resistência da cultura aos *media* - Para o fim do paradigma sociológico nos estudos de comunicação, Universidade Autónoma de Lisboa, disponível em www.bocc.ubi.pt, [Visualizado, pela última vez em 15Jun2019]
- Lopes, J. V. (2002). Cabo Verde – Os Bastidores da Independência, Cidade da Praia, 2002, 2ª Edição, Edições SPLEEN
- Lopes, J.V. (2012). Aristides Pereira – Minha Vida Nossa Historia, Cidade da Praia, 2012, Edições SPLEEN
- Lopes, M. e Kunsch, M. (Orgs. 2016). Comunicação, Cultura e Mídias Sociais. 1ª Edição, São Paulo 2016 Editora: ECA USP
- Lorena, C. (2015). Ambivalências identitárias em Cabo Verde: da história à etnografia - Edição e propriedade: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa - Portugal
- Maalouf, A. (2000). Identidades Assassinas, 2ª Edição, Editora: DIFEL. Lisboa, Disponível, em: <https://www.scribd.com/document/79473227/Maalouf-Identidades>
- Macedo, I., Macedo, L. e Cabecinhas, R. (2014). Redes de Sociabilidade no Ciberespaço Lusófono, Prisma.com (24) 2014, p. 17-39 - Universidade do Minho/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Disponível em: <https://www.rcaap.pt> [Visualizado pela última vez, em Jun19]

- Madeira, J. P. (2013). A pesquisa sobre identidade e construção de Estado-Nação em Cabo Verde: Questões Metodológicas. Universidade de Cabo Verde. Revista de Estudos Cabo-Verdianos N° Edição Especial / Atas | EIRI, Dez 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288338818_A_pesquisa_sobre_identidade_e_construcao_do_estado-nacao_em_cabo_verde_questoes_metodologicas [Visualizado pela última vez, em 08Dez2018]
- Madeira, J.P. (2014). O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde. Ministério da Educação – Brasil Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM Minas Gerais – Brasil Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM Qualis/Capes – Latindex N°. 06 – Ano III – 10/2014 – Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288341829_O_Processo_de_Construcao_da_Identidade_e_do_estado-nacao_em_cabo_verde [Visualizado pela última vez, em 20Nov2018]
- Madeira, J. P. (2015a). Cabo Verde: Geopolítica e Projeção de um Pequeno Estado Insular Na África Ocidental. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. v.4, n.8, Jul./Dez. 2015 | p.59-79
- Madeira, J. P. (2015b). Nação e Identidade: A Singularidade de Cabo Verde. Tese de Doutorado apresentado no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na área de especialidade em História dos Factos Sociais. Lisboa ISCSP.
- Madeira, J. P. (2016). A Construção do Estado-Nação em Cabo Verde. In Radiografia Crioula: Um diagnóstico político e social de Cabo Verde. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa & Sílabas Desafios.
- Martins, M. e Cabecinhas, R. (Orgs. 2009). Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2009 – Memória Social e Dinâmicas Identitárias, LUSOCOM – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação e SOPCOM - Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação/CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
- Martins, S. (2014). Mídia e opinião pública: estudo de caso sobre o mensalão nas ópticas dos jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo - Universitas: Arquitetura e Comunicação Social, v. 11, n. 2, p. 47-58, jul./dez. 2014, Disponível em: <https://www.jus.uniceub.br/arqcom/article/view/2891/2463> [Visualizado pela última vez em 10Maio2020]
- Martínez, C. e Ojeda, M. (2010). Antropologia: La Cultura – Editora: Firms Press, 2010, Disponível em: <https://www.scribd.com/document/238918367/Antropologia>; [Visualizado pela última vez em Jun19]
- McLuhan, M. (2001). Understanding *Media* – The Extension of Man. New York, NY 10016. Reprinted by Routledge Classics, 2001.
- Lima, A.M. *et al.* (1991). Introdução à Antropologia Cultural. 9ª Edição, Editorial Presença, Lda Lisboa, Portugal
- Miller, B. (2011). Antropologia Cultural, Pearson Educación S.A.; Disponível em: <https://www.scribd.com/doc/272322458/Antropologia-Cultural>; [Visualizado pela última vez em Jun19]

- Minami, A. (2013). Virtudes e riscos no uso da tecnologia na educação para minorias: Relato de experiência em escola brasileira no Japão. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 15, n. 3, p.534-546, set./dez.. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/3696>. [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Minella, A. C. (2013). Análise de Redes Sociais, classes sociais. *Revista Brasileira De Ciências Sociais - VOL. 28 N° 83. RBCS Vol. 28 n° 83 outubro/2013*
- Miranda, A. (2000). Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Cf Inf.* [online]. Vol. 29, n° 2, pp. 78-88 <https://doi.org/10.1590/S0100-19652000000200010>
- Moniz, A. (2013). Um Olhar crítico sobre a saúde dos Rabelados de Espinho Branco – uma comunidade do interior da Ilha de Santiago que parou no tempo. *Salustis Scientia, Revista de Ciências da Saúde da ESSCVP, Universidade de Cabo Verde, Praia, Santiago, Cabo Verde*
- Monteiro, júnior, J. (1974). Os Rabelados da Ilha de Santiago, Cabo Verde. Elementos para o Estudo Socio religioso de uma Comunidade. Centro de Estudos de Cabo Verde
- Moreira, C. (2011). *Identidade Pluralismo - Identidade Nacional - Entre o discurso e a prática.* - ISCSP/CEPES, Fronteira Do Caos Editores Lda, 1ª Edição Porto 2011
- Murteira, J. (2002). Documentário audiovisual - Rebelados no Fim dos Tempos – Filmado na ilha de Santiago, em Cabo Verde, em 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NWOQdPSvL70&t=103s>. [Visualizado pela última vez em 16Nov2019];
- Niessen, J. e Huddleston, T. (2010). *Manual de Integração para Decisores Políticos e Profissionais*, Terceira edição, Abril de 2010. Direcção-Geral da Justiça, da Liberdade e da Segurança. Disponível em: http://europa.eu/justice_home/
- Nascimento, A. R., & Meira, P. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [Visualizado pela última vez em: 10Maio2020]
- Nganga, J. G. (2012). *Mídia, Propaganda, Negritude e Identidades* - Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Article · October 2012, Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/319176915> [Visualizado pela última vez em Novembro2018]
- ONU – Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos / Universal Declaration of Human Rights. Disponível em: https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf, [Visualizado pela última vez em Jun19].
- Pereira, I. (2002). *Identidades em Rede - Construção identitária e movimento associativo.* Sociologia, Problemas E Práticas, n.º 40.

- Pereira, S. e Pinto, M. (Coord. 2008). Cidadania e Literacias Mediáticas – Revista Comunicação e Sociedade, Vol. 13 pp. 5-7, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), Universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt> , [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Peirce-Burleson, K. (2015). Women, Minorities, *Media* and the 21st Century, 1st Edition. Editora: SENTIA Publishing, Disponível em: <https://www.scribd.com/read/346432200/Women-Minorities-Media-and-the-21st-Century#> [Visualizado pela última vez em Jul19]
- Pinto, M. (2003). O papel dos *media* na promoção da democracia e dos indivíduos na sociedade da informação. CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Disponível em www.cecs.uminho.pt
- Pinto, JP (1991). “Considerações sobre a Produção Social da Identidade”, Revista Crítica das Ciências Sociais. Volume I, nº 32, faculdade de Economia – Universidade do Porto, 1991
- PNUD (2010). Comissão Nacional para os Direitos Humanos e da Cidadania (2004 - 2010) - I Relatório Nacional de Direitos Humanos, Cidade da Praia, 2010. Disponível em - http://cndhc.org.cv/images/download/I_Relatorio_Nacional_de_Direitos_Humanos_204-2010.pdf [Visualizado pela última vez em Jul19]
- Polo, T., Tica, A. e Pedro, N. (2013). NOS TERRA – Documentário Audiovisual, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NdH-p2Lo1uY> [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Presidência da República de Cabo Verde (2010). Constituição da República de Cabo Verde, 2^a Revisão Ordinária – 2010, PR –, Edição Comemorativa dos 20 (vinte) anos da CRCV, Praia Nov. de 2012;
- Ramos, N. (2001). Comunicação, cultura e interculturalidade: para uma comunicação intercultural. Revista Portuguesa de Pedagogia, ano 35, nº 2. Pp. 155-178.
- Ramos, N. (2007). Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos – Revista portuguesa de pedagogia, Ano 41-3, 2007, 223-244 - Ed: Universidade Aberta de Portugal;
- Ramos, E. (2010). O Processo de Constituição das Concepções de Natureza. Uma Contribuição Para o Debate na Educação Ambiental, Revista Ambiente & Educação, Vol 15. UFSC - Setor de Educação, Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação.
- Ribeiro, E. M. B. A. & Bastos, A. V. B. (2011). Redes Sociais Interorganizacionais Na Efetivação Ne Projetos Sociais. Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. Psicologia & Sociedade; Disponível em - <https://www.rcaap.pt/> . [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Ribeiro, R. (2011). Identidade europeia: nem unidade, nem diversidade – Intersecções Identitárias. Universidade do Minho. Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM). Disponível em - <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44954> [Visualizado pela última vez em Dez18]
- Rocha, A. S. (2017). Identidade Europeia, in Ana Paula Brandão, *et al.*. (coord.), Enciclopédia da União Europeia, Lisboa, Petrony Editora, 2017, pp. 212-215, - Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/54154> [Visualizado pela última vez em 02Dez2018]

- Rodrigues, R. (2012). Notícias positivas e negativas: implicações na atitude, comportamento e memória, Dissertação de Mestrado em Marketing, Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 2012, Sob a orientação do Prof. Doutor Pedro Quelhas Brito. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70679/2/25191.pdf> . [Visualizado pela última vez em: 10Maio2020]
- Salarelli, A. (2011). Relendo o último capítulo de *Understanding media*. Um tributo a Marshall McLuhan no centenário de seu nascimento. In CID: *Revista De Ciência Da Informação E Documentação*, 2, 3-18. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v2i2p3-18>
- Sampson, F. (Coord. 2009). Relatório Mundial da UNESCO - Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Paris: UNESCO.
- Silva, A. S. e Pinto, J. M. (Orgs. 1986). Metodologia das Ciências Sociais. Edição: Afrontamento/R. Costa Cabral, 859/Porto
- Silva, S. (2011). A relação entre ciência e senso comum - Para uma compreensão do patrimônio cultural de natureza material e imaterial. Editora: Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP. Disponível em: URL: <http://pontourbe.revues.org/359> [Visualizado pela última vez em: Oct16]
- Silva, M. C. *et al.*. (orgs. 2009). Ambientes sociais em rede. Centro de Investigação em Ciências Sociais (ed) Instituto de Ciências Sociais, Publicado em: "Vol. II: Ciências sociais, tecnologia e comunicação ". Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30048?mode=full> Universidade do Minho
- Santos, B. S. (2002). A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum (A ciência, o direito e a política na transição paradigmática), 4ª Edição, São Paulo, Ed: CORTEZ, Volume I
- Santos, F. e Cypriano, P. (2014). Redes sociais, redes de sociabilidade, Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 29 Nº 85 - RBCS Vol. 29 nº 85 junho/2014. Disponível em: <https://www.rcaap.pt/> [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Santos, M. E. (COORD. 2007). História Concisa de Cabo Verde, Lisboa/Praia, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto da Investigação e do Património Culturais, 1ª Edição 2007.
- Seibert, G. (2014). Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: Divergências Históricas e Identitárias. Revista - Afro-Ásia Nº 49 Salvador Jan./June 2014. * Centro de Estudos Internacionais (CEI) do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Disponível em - http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000100002 [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Semedo, A. (2009). Religião e Cultura. A influência da religião católica na reprodução da dominação masculina em Cabo Verde – Centro de estudos Africanos da Universidade do Porto, localizado em <http://www.africanos.eu>
- Semedo, A. (2015a). Religião e Política. O Governo da Diocese Perante as Mudanças Políticas em Cabo Verde (1975-2001) – Coleção Ciência, Nº 2. Edição: Editorial Sotavento

- Semedo, A. (2015b). Estado, Desenvolvimento, Igreja e a “Luta pelas Consciências” na Primeira República de Cabo Verde (1975-1991) - As Ciências Sociais em Cabo Verde (Temáticas, Abordagens e Perspetivas Históricas. Organizadores: Cláudio Furtado, Piere-Joseph Laurent e Iolanda Évora) - Universidade de Cabo Verde.
- Semedo, V. (2015c). Implementação dos Ideais das Revoluções de 1820 e 1910 No Ultramar Português - Cabo Verde, IPC – Instituto do Património Cultural. Cidade da Praia, 2015
- Silva, M. (2002). Cultura e Sociedade da Comunicação. Biblioteca Online, das Ciências de Comunicação - <http://www.bocc.ubi.pt> Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-lobes-cultura-informacao.pdf>; [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Silva, M. *et al.* (Orgs. 2009). Ciências sociais, tecnologia e comunicação: Trabalho e organizações. X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Sociedades desiguais e paradigmas em confronto. Ed: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho
- Santos, B. S. (1993). Modernidade, Identidade e a Cultura da Fronteira – Revista Critica de Ciências Sociais, Nº 38 – Dezembro de 1993, Faculdade da Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais
- Souza, M. e Giglio, K. (Orgs. 2015). Mídias digitais, redes sociais e educação em rede: experiências na pesquisa e extensão universitária - Vol.1, 1st Edition 2015 - Editora Edgard Blücher Ltda. (e-book) - www.blucher.com.br, Disponível em: <https://www.scribd.com/> [Visualizado pela última vez em Jun19]
- Stuart, H., Held D. e McGrew T. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade 11ª Edição. (Título original “The question of cultural identity”), Modernity and its features. Politic Press/Open University Press, 1992;
- Thompson, J. B. (1998). A Midia e Modernindade (Original: The *media* and modernity) - Uma teoria social da mídia 5ª ed. Petrópolis: Editora: Vozes, 2002 - tradução de Wagner de Oliveira Brandão,
- Torres, C. A. (2010). Globalização, multiculturalismo e cidadania. Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Nº 6/7/8, Dez2010. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rhumanidades/article/view/1467> . [Visualizado pela última vez em 08Agosto2019].
- Viana, N. (2016). O que são Minorias – Revista Posição, Ano 3, Vol. 3, número 9, Jan./Mar. 2016. Disponível em: <https://vpn.uab.pt/https/redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/6viana09pos> [Visualizado pela última vez em 08Agosto2019].
- Vives, J. e Braga, L. (2013). As minorias religiosas e sua complexa relação com a secularização, Libertas - Ensaios em Estado, cultura e religião, 2013, Disponível em - <https://uapar.academia.edu/JuanMartinVives> [Visualizado pela última vez em 29Dez2018].

Anexos e Apêndices

ANEXO I

REPRESENTAÇÃO DOS RABELADOS NOS *MEDIA* de 1989 @ 2018 - GRELHA DE DADOS / Tendência das notícias

ANEXO II

Reprodução da Representação de conteúdo dos “Rabelados” nos
media em CV - 1989 @ 2018

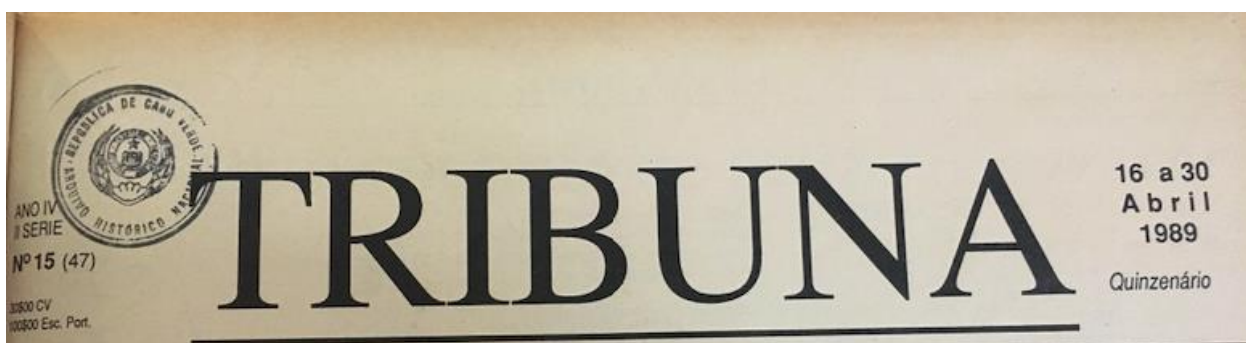
Esta seção tem por objetivo, reproduzir, por ordem cronológica, as notícias dos “Rabelados” nos *media*, em Cabo Verde, no período de 1989 a 2018.

A reprodução será feita, cronologicamente e de acordo com cada órgão de *media*, contendo elementos essenciais, como a data e título da notícia, o artigo e órgão de *media*.

1º. 16 de Abril de 1989, o jornal impresso semanário - **TRIBUNA**

Título: A propósito de os Rabelados”, por: Linguista Manuel Veiga.

Conteúdo:



A propósito de os «Rabelados»

Estávamos mergulhados num mar de afazeres quando, com insistência, o nosso telefone começa a tocar. Sentimos a tentação de não atender. Com efeito, acabávamos de regressar de uma missão e o trabalho acumulado não nos deixava tempo sequer para respirar. Porém, não resistimos à tentação. Com um certo nervosismo, levantámos o auscultador e, da outra banda da linha, ouvimos uma voz conhecida. Tratava-se do director do Instituto Amílcar Cabral, dr. Carlos Burgo. O escopo da chamada era um convite. Para quê? Para integrar o júri que iria presidir a uma sessão pública de apresentação e avaliação de uma apresentação e avaliação de uma monografia sobre "Os Rabelados da ilha de Santiago no período pós-independência", a qual selava o Curso Básico de Ciências Sociais de André Rodrigues Furtado.

Foi deste modo que ficámos a conhecer o importante trabalho de investigação levado a cabo pelo examinando, já referido, e versando um tema de grande interesse sócio-antropológico para Cabo Verde.

O dr. Júlio Monteiro Júnior já nos tinha apresentado com uma obra de vulto - "Os Rabelados da Ilha de Santiago", elaborada nos primeiros anos da década de 60, mas que só pôde vir a lume em 1974. Porém, ninguém, na sua pegada, se tinha aventurado a analisar a questão dos "Rabelados", à luz das transformações havidas na sequência da independência nacional.

Por diversas razões, consideramos importante o trabalho de André Rodrigues Furtado. Embora do ponto de vista interpretativo a reflexão não voe muito alto, nem muito longe, o mesmo não se pode

dizer quanto à descrição e à caracterização do fenómeno, dentro da actual conjuntura que vivemos.

O levantamento quase exaustivo dos dados, no próprio contexto onde vivem os "Rabelados", dá-nos uma garantia insosfismável da sua veracidade. Igualmente, a análise feita e os elementos novos que nos são fornecidos para futuras abordagens vêm reforçar o conhecimento que já tínhamos da questão, e quanto aos que desconheciam o fenómeno passam a dispor de um instrumento muito útil. O trabalho é ainda importante não só porque permite um maior conhecimento da nossa realidade sócio-cultural, mas também devido a uma nova postura que adopta frente à questão dos "Rabelados". O problema já não é de esconjurá-los, condená-los, culpabilizá-los, destruí-los. Hoje, o que importa é compreender, é proporcionar meios e instrumentos para que eles próprios façam a sua caminhada. Já não se trata de sufocar o fenómeno, mas sim de transformá-lo.

E quem são os "Rabelados"? Perguntarão os que desconhecem essa realidade. André Rodrigues Furtado, na sua monografia, dá-nos a resposta através de uma curta mas bem caracterizada resenha histórica. A mesma situa o surgimento do fenómeno entre 1939 e 1945, no seguimento da morte do Padre Joaquim Furtado e da chegada a Cabo Verde de alguns padres da Congregação do Espírito Santo cuja inovação introduzida no magistério da religião católica não foi aceite por alguns cristãos. Estes mesmos

da religião católica não foi aceite por alguns cristãos. Estes mesmos cristãos rejeitaram ainda o uso da batina branca adoptada pelos "padres novos" e condenaram o desaparecimento progressivo da "coroa" que os "padres antigos" traziam no cocaruto da cabeça, como símbolo da classe a que pertenciam, sendo por todos respeitada e por muitos venerada.

A rejeição, porém, não abrangia apenas as inovações introduzidas no conteúdo e no ensino da religião. Também não foram aceites as inovações que resultavam da própria modernização da sociedade. Assim, recusaram a pulverização das suas casas durante a campanha de combate a doenças endémicas, abandonando-as com todos os seus haveres, quando feitas à força, e indo morar nos fucos, em zonas isoladas e pouco acessíveis; não aceitaram também a numeração das suas casas, a demarcação das propriedades, as campanhas de vacinação, a extracção de sangue para análise laboratorial, o consumo de determinados géneros importados, a própria identificação dos seus nomes para todo e qualquer fim extra grupo a que pertencem. Para eles, todas essas inovações eram consideradas obra do demónio, aquele que, segundo a Bíblia, deveria vir no "fim dos tempos", disfarçado de ovelha.

Tendo sido condenados e denunciados pelas autoridades

religiosas, castigados e deportados pelas autoridades civis, que supunham tratar-se de movimentos de resistência política, os "Rabelados" passaram a odiar, de igual modo, essas duas entidades, recusando qualquer tipo de colaboração: frequência dos lugares de culto, casamento, baptizado, oferta de trabalho, assistência médica, etc.

A emergência, pois, do fenómeno "Rabelados" não é o resultado de um acaso e nem tão-pouco de uma mania dos santiaguenses. A sua causa fundamental está na própria "religião católica" que eles desvirtuaram

acessórios da cultura e da mística africana (...)

- A utilização de métodos de apostolado em certos aspectos impróprios, por falta de elementos compreensivos, abertos e actualizados (...)

Face a todas essas razões, como julgar os "Rabelados"? Como responsabilizá-los? Como condená-los? Creemos que se julgamento deve haver, o réu teria que ser o próprio sistema colonial, o poder temporal, mas também o poder espiritual. O veredicto do juiz só poderia ser no sentido de os indemitizar, e de modo nenhum para os con-

denar. Não há dúvidas de que é difícil nós compreendermos, hoje, com a mentalidade que temos, a filosofia dos "Rabelados". A compreensão do produto "elaborado" exige também a compreensão do contexto que o forjou e dos constrangimentos que o moldaram.

Não é por acaso que eles interpretam a religião à sua maneira e recusam muitos aspectos da vida que consideramos essenciais. O seu universo é outro e outra teria que ser também a leitura que fazem do nosso próprio universo. Concordando ou não com a sua leitura, uma coisa é certa: a coerência com o seu "modus vivendi" é algo que nos deixa emboscados, sobretudo face à hipocrisia do mundo de hoje. Podem ser maltratados, torturados e até deportados, porém a sua fé jamais poderia vacilar. Tudo isto em nome da "religião", da sua religião.

Em "L'Homme et le Sacré", Roger Caillois afirma: "É preciso não viver se se quiser não morrer, não viver se se quiser não deixar de ser". A resistência dos "Rabelados" à mudança é precisamente porque não querem "morrer", não querem "deixar de ser". Daí a existência de uma personalidade forte que é injusto não reconhecer, não valorizar.

O mesmo autor, falando ainda do "sagrado", diz que ele "é aquilo que dá a vida e o que a rouba, é a fonte

transformação, porém, não poderá ser forçada, nem impingida, porque a força da fé não tem limites. Há que ser forçada, nem impingida, porque a força da fé não tem limites. Há que criar condições para que eles possam andar com os seus próprios pés; há que abrir "estradas", no dizer do Bispo D. José do Carmo Colaço (cf. Relatório de 1958); há que possibilitar a alfabetização; há que restituir a confiança perdida em relação às autoridades civis e religiosas; há que compreender o fenómeno no seu universo próprio e ver qual a estratégia mais indicada para cada caso. Aliás, se hoje já não há o perigo da reprodução da "classe", sobretudo devido à resistência que os velhos "Rabelados" encontram nos elementos mais jovens, é porque, com a independência nacional, a estratégia para a mudança deixou de ser o medo, o desprezo, o castigo e a deportação, para passar a ser uma luta sem tréguas contra as causas que deram origem ao fenómeno.

A terminar, desejamos vivamente que o trabalho de André Rodrigues Furtado seja um incentivo ao estudo e à reflexão, com base na nossa própria realidade sócio-cultural, na certeza de que isto muito contribuirá para o reforço da nossa consciência nacional e patriótica. É justo, pois, felicitarmos o autor da monografia, mas também o IAC que criou e cria condições para o trabalho em apreço e para outros que, sem dúvida, cedo ou tarde, conhecerão a luz do dia. ■

MANUEL VEIGA



porque já desvirtuada a receberam, porque insuficiente foi o seu magistério, porque feliz ou infelizmente

porque insuficiente foi o seu magistério, porque feliz ou infelizmente houve muita tolerância na sua transmissão, porque a própria assistência religiosa era uma vez rara, mas outras vezes inexistente, não pelo desleixo, mas talvez por falta de "pastores" tanto em número como em qualidade.

O dr. Júlio Monteiro, na já citada obra, entre outras causas do aparecimento dos "Rabelados" fala do problema do isolamento espacial, devido a uma imperfeita divisão administrativa da ilha, contribuindo enormemente para o abandono das regiões do interior; do analfabetismo que atinge um grande número de habitantes, por falta de escolas; do subdesenvolvimento da população, por causa da própria irracionalidade da administração colonial.

Porém, o mesmo autor aponta as razões de ordem religiosa que também não deixam de ser relevantes: "Falta, durante séculos, de meios materiais, de pessoal preparado e em número suficiente para levar a cabo a vasta e difícil obra de missão da grande ilha (...)

- Uma abertura religiosa e uma acção missionária forçosamente imperfeita, desde os primórdios do povoamento de Santiago (...)

- A transigência que a Igreja teve de fazer para se implantar, mesmo imperfeitamente, na ilha, consentindo a conservação, à sombra dos ritos e doutrinas católicas, de formas e

2º. Jul/Set de 1992 extra do jornal impresso VOZ DIPOVO, de publicação mensal,
Título: **Rebelados do Tempo** Por: Jornalista Luís Carvalho

Conteúdo:



Rebelados do tempo

No limiar do século XXI, os rebelados continuam ainda a ter um modo de vida semelhante aos povos da Idade Média. Espalhados pelas montanhas de Santiago, onde muitos se refugiaram durante o tempo em que eram perseguidos, os rebelados estão todavia condenados a desaparecer. Ao contrário dos seus antepassados, as novas gerações têm vindo a deixar de seguir os princípios doutrinários que caracterizam esta comunidade, única do género em Cabo Verde.

LUÍS CARVALHO

Os velhos, embora em número reduzido, continuam conservadores e muito apegados à sua crença religiosa, tradição, hábitos e costumes. Ninguém consegue convencê-los a mudar. Os filhos que decidirem baptizar-se na igreja católica e fugir às regras "rebeladas" deixam de receber a bênção dos pais.

Uma hora de viagem bem esticada é o tempo que se leva da Praia até às zonas onde habitam esses homens, mulheres e crianças, que o povo bapti-

zou de rebelados - Espinho Branco e Biscainhos, concelho do Tarrafal. A designação "rebelados" foi utilizada muitas vezes com carga pejorativa a fim de ridicularizar aqueles que se opuseram à introdução de novo modelo de ensino da religião católica em Cabo Verde.

Incompreendidos pela sociedade que os ridicularizou, os rebelados. Muitos foram desterrados para diversos pontos do arquipélago com o objectivo de desintegrar as suas pequenas comunidades, enfraquecer a sua acção e, consequentemente, extinguí-los. Todavia, as medidas administrativas não conseguiram abafar a voz desta minoria, detentora dum modo de vida diferente dos restantes cabo-verdianos.

Coabitam com todo o tipo de animal. Os ratos, as baratas, as formigas são, para eles, "criaturas de Deus", pelo que não devem ser mortos. A centopeia, por exemplo, tem protecção junto dos rebelados. "Não a matamos porque foi Deus que a criou", disse-nos uma octogenária.

O rebelado Fidinjo, cujo nome nos recusou, mas que no-lo foi revelado por um vizinho, contou-nos alguns episódios do tempo em que foi deportado: "Estive cinco anos no Fogo. Foram cinco anos de saudades da minha mulher da qual fui separado. Foi um autêntico isolamento. Não conhecia ninguém naquela terra. Obrigaram-me a morar em casas, o que eu

detestava. Foi contra o meu desejo, mas eu era obrigado a habitar este tipo de casas, porque, caso contrário, ficaria na rua a apanhar sol, vento e chuva. Levaram-me para longe da minha família só pelo facto de me ter recusado que a minha casa fosse desinfectada com DDT e também por não ter deixado que me tirassem sangue."

Recorde-se que na altura as autoridades sanitárias desencadearam um conjunto de acções com vista a atenuar o surto de malária. Por isso, faziam a recolha de sangue humano para análises. Mas a isto se opuseram os rebelados, alegando que se trata de obra do demónio. Ainda hoje recusam-se a apanhar qualquer tipo de vacina ou injec-

VP EXTRA 4 JULHO/SETEMBRO 92

SOCIEDADE

O tratamento de doenças é feito à base de ervas medicinais, normalmente arruda, alecrim, etc. Em Espinho Branco, a casa do chefe dos rebelados, tem funcionado como hospital, e alguns vizinhos asseguraram a saúde de quem, por vezes, os doentes acabam por encontrar a morte durante o internamento.

Importa salientar que alguns dos deportados morreram sem poder abraçar de novo os amigos e familiares. Entretanto, findo o "cativo", muitos regressaram ao convívio dos seus, conservando ainda a sua fé religiosa, bem como os hábitos, tradições e costumes. Fidinjo é um desses deportados que não se converteram. Depois dum período de permanência forçada de cinco anos no Fogo, a sua convicção religiosa fortificou-se ainda mais. "Passei a odiar cada vez mais os catequistas e os padres que contribuíram para aquela minha prisão de porta aberta", disse este homem franzino, cujo sustento da família consegue através do cabo da enxada.

A clivagem dos rebelados

Após a morte do conhecido chefe

de evangelização. Citou alguns capítulos e versículos da Bíblia sem que, contudo, tivesse este livro sagrado à frente.

O rapaz, que se recusou peremptoriamente a ser fotografado e tampouco que os seus depoimentos fossem gravados em fita magnética, nunca frequentou uma escola, porque, segundo ele, "trata-se de coisa do demónio". "Não nos queremos misturar com ninguém", afirmou. O pouco que sabe a respeito da sagrada escritura, aprendeu-o ouvindo dos mais velhos. O diálogo com o jornalista prossegue e a cada passo os nossos interlocutores invocam a protecção de Deus. Decorrido muito tempo de conversa, a mulher convidada a entrar para descansarmos um pouco, o que aceitamos.

Apesar da nossa insistência que Jesus Cristo nunca se tinha recusado a identificar-se perante seja quem for, eles não revelaram os seus nomes, nem a idade. "Já é tarde!", ouvimos, amiúde, esta frase que para os rebelados significa que o fim do mundo está próximo.

"Mas, por que razão precisam do papai?", interroga-nos, céptica, uma das filhas de Maximiano Sanches que, ao mesmo tempo, nos afirma: "Destes

sanviados da parte dos nossos interlocutores.

Foi a partir dessa altura que a esposa de Maximiano Sanches, que nesse dia se tinha deslocado à capital, resolveu contar-nos algumas passagens da sua vida quando o marido foi levado para a Brava. "Estivemos separados durante um ano e tal e fiquei com as crianças. Passei por muitas dificuldades até que um dia resolveram mandá-lo para junto de mim. Fomos perseguidos pelos catequistas e padres. Não somos contra os verdadeiros padres, os de batina preta; somos, sim, contra os actuais que estão a enganar todo o mundo. Estes marçós, expressão utilizada pelos rebelados para a designação dos párocos, amarraram todo o mundo".

Dias contados

O movimento dos rebelados tem os dias contados. Actualmente, muitos já se reconverteram e o seu passado é apenas uma referência histórica. Em Biscainhos há um sinal claro de que a extinção deste movimento é uma questão de tempo. A família de Maximiano Sanches tem esta consciência. "Muitos já deixaram de ser rebelados e

isolados, o chefe da comunidade de Espinho Branco afirma que há sempre perigo quando se encontram a viver junto das pessoas que não são do grupo.

Os rebelados constituem uma comunidade fechada em si. Entretanto, a nível dos grupos, hoje divididos, notam-se algumas diferenças em determinadas práticas. No entanto, todos têm um ponto em comum, que é a utilização de uma cruz ao pescoço, símbolo cristão.

Em Espinho Branco, o chefe defende a poligamia como forma de proteger as mulheres. "Deste modo, elas não sentem a necessidade de se envolverem com homens que não sejam rebelados", explicou, citando o seu próprio caso, pois tem quatro mulheres. "Ter mais do que uma mulher é normal porque evita que as nossas filhas deixem o grupo", sublinhou por sua vez uma septuagenária.

A esse respeito, o grupo de Maximiano Sanches defende o contrário, isto é, cada homem só deve ter uma mulher. Este grupo habita em casas construídas de pedra e barro, enquanto o de Espinho Branco prefere viver em funcos erguidos com estacas e revestidos de palha e folhas de coqueiro. Antes, todos habitavam casas feitas de

A clivagem dos rebelados

Após a morte do conhecido chefe geral dos rebelados, Nhónhó Landim, a comunidade ficou dividida. Esta cisão, conforme se depreende da conversa com os membros da comunidade de Espinho Branco e Biscainhos, ficou a dever-se, por um lado, à disputa do poder e, por outro, devido a divergências de ordem política. "Eles carregaram a bandeira, que é coisa de gente", disseram a mulher do influente rebelado de Biscainhos, Maximiano Gomes Sanches, referindo-se à comunidade de Espinho Branco.

Ela também tem desempenhado um papel de relevo no trabalho de evangelização. "Já estive em todos os rebanhos, acompanhando o meu marido", frisou depreendendo-se das suas palavras uma certa angústia do tempo em que o marido esteve deportado na Brava, tendo ela ficado sozinha com o encargo de procurar o sustento para os menores que, hoje, são já adultos.

No semblante desta mulher nota-se ainda um espírito de revolta e desconfiança: "O que vieram fazer a esta hora à minha casa?" Esta é uma das formas como normalmente os rebelados se dirigem aos estranhos que os visitam pela primeira vez.

A explicação do objectivo da nossa visita tornou-os menos retraídos.

A explicação do objectivo da nossa visita tornou-os menos retraídos. Dois rapazes que aparentam ter 30 e 25 anos, respectivamente, surgem à soleira da porta e retomam o diálogo. O mais velho saca do bolso um livro que nos pareceu ser o *Lunário Perpétuo* e no-lo apresenta como sendo sua arma

"Mas, por que razão precisam do papai?", interroga-nos, céptica, uma das filhas de Maximiano Sanches que, ao mesmo tempo, nos afirma: "Destas vezes vocês o levarem para a cadeia ele terá muitos companheiros, pois, nós, os seus filhos, acompanha-lo-emos". Ante a resposta do jornalista de que hoje em Cabo Verde ninguém é preso por causa da sua crença religiosa, o diálogo prossegue num clima mais de

extinção deste movimento e uma questão de tempo. A família de Maximiano Sanches tem esta consciência. "Muitos já deixaram de ser rebelados e na área de acção do papai não devemos atingir os cem", frisou o filho mais velho do patriarca.

Na localidade onde residem são os únicos rebelados. Não saíram dali porque não lhes apareceu ainda outra alternativa. Quanto ao facto de viverem

em casas de barro e de madeira, Espinho Branco prefere viver em *funco* erguidos com estacas e revestidos de palha e folhas de coqueiro. Antes, todos os rebelados habitavam casas feitas de pedra e barro, mas após a "dedetização" alguns passaram a preferir os seus *funco*s. Isto porque, segundo a explicação de um dos filhos de Maximiano Sanches, "fica mais barato construir um novo *funco* após a destruição do primeiro".

Origens

Os rebelados de Santiago, nome que o povo convencionou designar aqueles que se opuseram à introdução do novo tipo do ensino da religião católica em Cabo Verde, surgiram a partir de 1941, altura em que o então bispo da Diocese, D. Faustino Moreira dos Santos, lançou um apelo à Santa Sé e à Nunciatura de Lisboa no sentido de se enviar a estas ilhas missionários com vista a fazer face à penúria de sacerdotes que se fazia sentir no arquipélago.

Na sequência do apelo, chegaram, em 1942, os primeiros padres da Congregação do Espírito Santo, que chamaram a si a responsabilidade do serviço religioso das ilhas de Santiago e do Maio. A vinda destes sacerdotes veio religioso das ilhas de Santiago e do Maio. A vinda destes sacerdotes inaugurava uma nova era de evangelização em Cabo Verde. Iniciou-se uma "verdadeira" catequese, tanto para crianças como para adultos. Foram introduzidos novos métodos do ensino

da religião católica. A estas inovações é que muitas pessoas se opuseram. Daí o surgimento do grupo que se convencionou chamar de rebelados.

Os rebelados não acreditam nos padres de batina branca porque estes andam de meios de transportes modernos, nomeadamente motos, automóveis, enquanto os antigos deslocavam-se de mulas ou jumentos. Acreditam que os de batina preta nunca andavam a cavalo por este animal ser de ostentação. Por outro lado, alegam que actualmente as orações são diferentes das antigas. Enfim, os rebelados evocam vários motivos para não seguirem os novos princípios da religião católica, mantendo-se fiéis aos ensinamentos dos padres antigos. Antes da chegada dos primeiros sacerdotes da Congregação Espírito Santo, os rebelados tinham um modo de viver igual a qualquer outro cidadão. Muitos dos velhos com quem falámos foram casados pela igreja cató-

lica e apresentam também cicatrizes, mostrando que antes aceitavam vacinas e outras práticas que hoje recusam.

No dia a dia os principais livros usados por eles são: o *Mestre da Vida*, o Evangelho e o *Lunário Perpétuo*. E nota-se, por outro lado, que os rebelados são de uma grande fidelidade aos padres antigos (os de batina preta) e dissociam-se dos sacerdotes actuais.

Júlio Monteiro defende que o movimento cabo-verdiano dos rebelados não tem analogia nem ligações com os chamados movimentos profético-messiânicos da África Negra. Todavia, no decorrer desta reportagem, cujos contactos com os rebelados foi graças ao André Furtado que serviu de intermediário, verificamos que os rebelados são na sua maioria pessoas negras com características africanas vincadas. Dificilmente se nota um mestiço. ■

Saliente-se que nos anos em que se fez a pulverização das casas, os rebeldes recusavam-se a habitar estas moradias e, por conseguinte, queimavam-nas. Não só negam a desinfectação das suas casas com DDT, porque este insecticida mata e a sua crença é contrária à destruição da vida dos insectos causadores de certas doenças, mas também, em seu entender, "faz mal às almas que habitam as nossas casas".

Quando a casa de Maximiano Sanchez foi pulverizada a família encontrava-se ausente. De regresso notaram que os homens da antiga Missão de Erradicação de Endemias tinham feito uma visita ao lar. Por isso, segundo o filho, decidiram demolir todo o muro e construir um novo.

Durante os nossos contactos pudemos observar que os grupos dos rebeldes partilham pontos de vista diferentes em alguns aspectos. A comunidade de Espinho Branco dispensa qualquer tipo de assistência médica, enquanto a de Biscainhos afirma que em caso de afronta podem frequentar os estabelecimentos hospitalares. "Mas tem de ser uma afronta muito grande", sublinham. Não aceitam assistência médica gratuita, aliás, continuam a não receber nada de graça. "Já tivemos casos de ferimento e nos vimos obrigados a recorrer ao hospital, mas pagamos dinheiro. Não queremos ser dependentes".

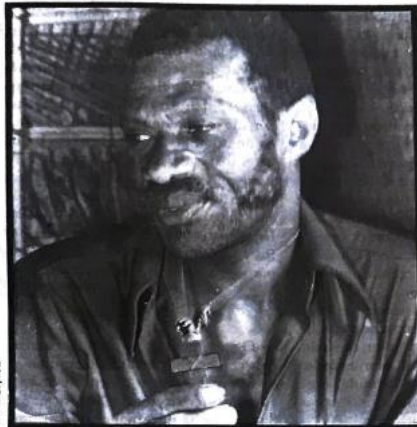
O princípio de independência é um orgulho comum a todos os rebeldes genuínos. Querem ser independentes principalmente do Estado. Por isso, preferem ganhar menos em outras activi-

O princípio de independência é um orgulho comum a todos os rebeldes genuínos. Querem ser independentes principalmente do Estado. Por isso, preferem ganhar menos em outras actividades do que ter o Estado como entidade empregadora. Dedicam-se praticamente ao artesanato, à pesca e à actividade agrícola.

Da conversa com alguns rebeldes pode-se concluir que esse sentimento de rejeição em relação ao Estado é devido, no passado, a igreja católica, em muitas ocasiões, se ter confundido com o Estado e vice-versa. E foram precisamente os ministros desta igreja que denunciaram os primeiros rebeldes, segundo escreveu Júlio Monteiro no seu livro *Rebeldes da ilha de Santiago, de Cabo Verde*. "Estado, missão e igreja são a mesma coisa", disse-nos um rebelde.

As duas comunidades têm pontos de vista diferentes em relação a determinados princípios religiosos. Por exemplo, os de Espinho Branco cantam hinos durante o percurso que, às vezes, fazem em fila indiana, quando se dirigem para o local do culto. À chegada, iniciam o cântico em que evocam a bandeira de cinco chagas como sendo aquela que pertence a Jesus Cristo.

O movimento dos rebeldes tem os dias contados. Actualmente, muitos já se reconverteram e o seu passado é apenas uma referência histórica.



Chefe Agostinho Gonçalves e um rebelado que não se quis identificar

Durante o cântico seguram numa das mãos a bandeira do PAIGC. Os homens ficam à frente, enquanto as mulheres, atrás, fazem coro. Depois segue-se uma ladainha curta. Terminada esta cerimónia, as pessoas entram na casa do chefe onde se encontra uma grande cruz. À frente dela os crentes ajoelham-se e fazem as suas orações.

A habitação, de duas divisórias, é extremamente exígua para caber tanta gente. Os bancos são insuficientes. Cada

frente dela os crentes ajoelham-se e fazem as suas orações.

A habitação, de duas divisórias, é extremamente exígua para caber tanta gente. Os bancos são insuficientes. Cada um leva consigo uma pedra que lhe serve de assento. O chefe faz a leitura do evangelho e no fim todos participam dando a sua opinião. Assistimos uma sessão de culto, o que nos levou a concluir que muitas vezes os rebeldes interpretam mal os livros religiosos.

A vida destes homens, mulheres e crianças não é nada fácil, mormente nestes anos de seca. São pequenos artesãos e agricultores que, muitas vezes, se contentam com o que a natureza lhes proporciona.

Dotados duma fé inabalável, os rebeldes percorrem grandes distâncias a pé para assistirem os cultos. Palmilham 20 a 30 quilómetros descalços, debaixo dum sol escaldante. Para a maior parte deles o uso de sapatos é um luxo. O seu apego à tradição, aos usos e costumes tornou-os renitentes às inovações e às técnicas que o homem conseguiu ao longo da sua existência. Não escutam rádio e tampouco vêem televisão. Consideram-nas obras do demónio.

O actual chefe da comunidade de Espinho Branco, Agostinho Gonçalves,

que sucedeu ao pai após a morte deste, em 1978, esteve preso no Tarrafal. Além de castigo corporal, esteve cinco dias sem comer e sem beber. "Faziam-nos interrogatórios à noite", disse, acrescentando que, apesar disso, continuaram cada vez mais fortes na sua fé.

Juntamente com Agostinho Gonçalves, além de outros rebeldes, estiveram ainda presos no Tarrafal o pai deste e uma senhora, que se mostrou interessada em relatar-nos o seu sofrimento na

Juntamente com Agostinho Gonçalves, além de outros rebeldes, estiveram ainda presos no Tarrafal o pai deste e uma senhora, que se mostrou interessada em relatar-nos o seu sofrimento na cadeia. No entanto, sempre que aproximávamos dela o microfone, a fim de recolher algumas informações o chefe fazia-lhe sinal com a mão, para aguardar. Fica-se com a impressão de uma disciplina férrea no seio do grupo. Quem está autorizado a dar informações é o chefe. As mulheres não têm voz e devem submeter-se aos homens. Aliás, esta ideia é defendida por toda a comunidade.

Um só rebanho

Durante a nossa visita à casa do chefe Agostinho Gonçalves foi-nos apresentada uma jovem dos seus vinte e poucos anos, que nasceu na cadeia do Tarrafal. "Ela nasceu em cima do cimento, sem qualquer protecção. Fui assistida por uma parteira, que também estava presa. Cortámos o cordão umbilical e fizemos tudo sem aceitar a intervenção de qualquer médico. Depois surgiu a chatice porque queriam que registássemos a criança, ao que nos opusémos", conta-nos uma mulher,

que, pela sua fé religiosa, provou também as amarguras da prisão do Tarrafal.

Por outro lado, ficámos a saber que existem no interior de Santiago três grupos diferentes de rebeldes: de Pilão Cão, que não consome carne de porco; de Cabeça de Vaca, que se identifica perante as pessoas porque o livro através do qual seguem os princípios doutrinários o permite; o último de Espinho Branco, que desde 63 deixou de se

de Cabeça de Vaca, que se identifica perante as pessoas porque o livro através do qual seguem os princípios doutrinários o permite; o último de Espinho Branco, que desde 63 deixou de se identificar visto que, segundo ele, o Evangelho não permite. Este último considera que Amílcar Cabral lutou também para os libertar e, por isso, têm sempre presente a bandeira do PAIGC. Não aceitam que se lhes fale do PAICV.

Logo depois da independência recebemos a bandeira do PAIGC, porque consideramos que Cabral lutou para libertar os pobres e objectivo da nossa luta é o de libertar as almas", frisou o chefe Agostinho Gonçalves.

Segundo ele, outros grupos não aceitaram a "bandeira nacional porque dizem que se trata de obra do demónio. Fomos levantar a bandeira à capinária", sublinhou, num gesto firme, uma senhora.

Agostinho Gonçalves acredita que, um dia os vários grupos dos rebeldes hão-de se juntar, pois, segundo sublinhou, "o mundo vai terminar com um só rebanho e um único pastor". De momento, os contactos restringem-se a nível dos chefes, sem qualquer resultado positivo, já que ninguém quer ceder.

3º.20 de Fevereiro de 1995, - jornal impresso semanário - "A Semana"

Título: O culto dominical dos "Rabelados" Por: Redação

Conteúdo:



► Culto dominical dos «Rabelados»

Deus: Amílcar Cabral e a justiça

Depois destes compatriotas e aqueles que já lá se encontram, vem da barraca, onde se lêem em que se encontram palavras religiosas invocando de Cabral em seguida de pontos erguidos e batidas do PAIGC ao ar gritam.

«VIVACABRAL», «VIVAJUSTIÇA E A PAZ», e o segundo grupo junta-se ao chefe dos «RABELADOS» do Espírito Branco, na barraca onde decorre o culto.

Os nomes escutam a leitura bíblica feita pelo chefe. De que assim se chama porque os «RABELADOS» reencarnam nos seus nomes, aplicando à letra uma passagem do evangelho segundo São Mateus.

A Bíblia é bastante velha, com muitas folhas gastas, «é da família antiga, diz o líder que vive à frente de uma comunidade de cerca de 300 «RABELADOS», sobretudo na zona de Santiago.

Antes dele houve o Pai, nascido nos anos 70, e antes dele, NINHOLANDIM, fundador do movimento em 1941.

«Atual em que a igreja começou a mudar», sublinha o chefe um homem bem na idade, 55-60 anos. «Foi nessa altura que tudo começou a mudar os clérigos, os padres que traziam o prego pelo tempo de sua venturoso e sobretudo os livros. Não se podia encontrar um livro sagrado de novo porque Deus não podia ser enganado quando escrevia o livro original» disse.

Os outros escutam religiosamente. «Vê os santos hoje em dia, faz-se os santos com as mãos humanas, amonão», indica.

Os «Rabelados» são informados de que o actual chefe da Igreja Católica é considerado um conservador, conservadorismo que esta comunidade de Santiago defende mas a tentativa de demonstrar a comparação é logo travada.

«Não acreditamos no Papa aliás, os erros começaram com o terceiro papa. Nem acreditamos na Igreja Actual, pertencemos à Igreja Católica Apostólica Universal», precisa.

O que não impede os membros dessa comunidade «que perdeu muitos membros, talvez por causa da ilusão de uma vida fácil», de acreditarem no Espírito Santo e na Virgem Maria, e de comemorarem o Natal e todas as festas cuja data de comemoração é fixa, as outras é que não.

Três Bancos compostos acolhem os participantes na cerimónia no interior da barraca. Há uma cruz negra e a foto de Amílcar Cabral.

«Não morreu, acreditamos que continua a viver, acreditamos nele e ao PAIGC porque trouxeram-nos a liberdade e a justiça. Jesus fez um trabalho a nível da fé e Cabral desmontou um trabalho prático», lança o chefe dos «Rabelados».

Lembra as perseguições da Igreja, diz que não têm nada contra os portugueses mas

que combateram os Colonialistas que juntamente com a Igreja, tentaram eliminá-los.

A política? Dizem que não votam e que não podem nada a ninguém para permanecerem homens livres. «Se tu pedes algo a uma pessoa, ela pode pedir-te algo em troca e ficas na obrigação de pagar mesmo se aquilo for contra a tua Religião», salienta.

Diz ainda que não faltam abusos por parte de populações da zona «tentamos evitar os problemas», diz. Um homem sentado à porta da barraca diz que alguém provocou-o há tempos. «Fiz o sinal da cruz, disse Virgem Maria e fui-me embora».

Mas a vida dos «Rabelados» na aldeia do Espírito Santo leva-os a contactar as outras populações, nomeadamente no que toca à venda dos produtos de artesanato ou da pecuária, as principais actividades da aldeia num ano péssimo para a agricultura.

Comida não falta, «temos fé e quando se tem fé Deus não te deixa», ouve-se da voz do chefe do grupo. Foi graças à fé que ele aprendeu a ler português, os mais pequenos não vão à escola mas são educados para poderem comportar-se na sociedade e no trabalho.

Irá ele transmitir esse saber, essa capacidade de ler aos mais jovens? «Já não falta muito tempo, o fim do ano 2000 está próximo, ou então poucos anos depois», lança e prossegue a leitura, num grupo de homens e mulheres. ■

49.30 de Abril de 1999, - Jornal impresso semanário - "A Semana"

Título: RABELANDO – Por: Jornalista Marlene Pereira

Conteúdo:



Rabelando

Eu sou Rabeladinho, filho de Rabelado, filho do Espírito Santo. É assim que os rabelados se definem. Negam-se a ter um nome, pelo menos de baptismo ou de registo. Regem-se por livros antigos, como o Lunário Perpétuo

ou o Antigo Testamento. Têm rejeitado, ao longo de décadas, as facilidades da vida moderna. Mas também para esse grupo muito particular da população cabo-verdiana as coisas começam a mudar.

Texto: MARILENE PEREIRA



Logo à chegada de Espinho Branco, local de concentração de uma comunidade de Rabelados formada por cerca de 300 pessoas, os visitantes não podem deixar de notar que, entre as dezenas de funcos feitos de caniço e palha, construções modernas começam a aparecer. E são elementos da própria comunidade os envolvidos na azáfama da construção, misturando matérias primas até então contrárias à sua cultura.

São sinais de mudança que os rabelados começam a aceitar na sua vida que durante décadas tem-se mantido a mesma, resistindo às pressões do colonialismo e às investidas da Igreja Católica. E justo agora, às vésperas do ano 2000, é ela que eles consideram o fim do mundo, que a comunidade de Espinho Branco começa a abrir-se aos estrangeiros.

Mas não é qualquer um que pode usufruir do convívio de um rabelado. Para isso há que respeitar os seus hábitos e tradições.

Foi o que fez Mizá, uma antiga imigrante cabo-verdiana na Suíça, que chegou à comunidade de Espinho Branco com a cabeça cheia de sonhos e os pés a apalpar terreno como se pisassem em ovos. Com o tempo essa santiaguense de Porto Madeira conquistou a confiança da comunidade e alguns dos seus sonhos já estão a transformar-se em realidade, sendo também absorvidos pelos rabelados.

Um dos sinais dos novos tempos é uma sentina com divisão para homens e mulheres, coisa que antes os rabelados de Espinho Branco não conheciam. Um outro sinal é o grande depósito d'água, havendo já planos para outros edifícios, alguns deles seguindo a lógica tradicio-

nal de construção, que darão espaço a actividades de artesanato e mesmo para o que Mizá classifica de turismo cultural.

Os projectos de Mizá não desagradam aos rabelados. Segundo o líder da comunidade de Espinho Branco, que como os outros membros do seu grupo, não usa o nome, apesar de o ter, eles estarão com Mizá e seus projectos enquanto a amiga não exigir nada em troca que venha contra a sua fé. "Quando ela exigir de nós algo que vá contra a nossa fé, deixamos a Mizá de lado", diz o chefe, um dos dois únicos membros da comunidade de 300 pessoas que sabe ler e escrever.

Os sonhos de Mizá

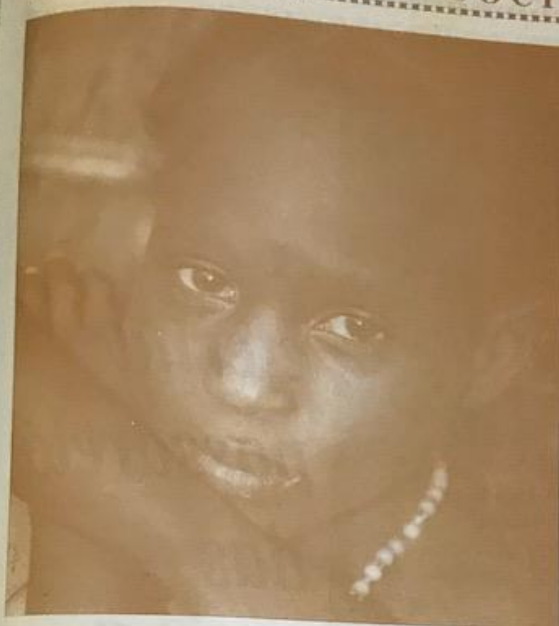
Os projectos de Mizá na comunidade de Espinho Branco têm como objectivo

maior "fazer sair do anonimato os rabelados, que eu acho que têm muitas qualidades, sobretudo a nível do artesanato, já que eles fazem tudo manualmente." Para Mizá o trabalho artesanal dos rabelados, que ela já conseguiu, numa primeira fase, expor no Centro Cultural Francês da Praia, tem interesse tanto internamente como para os turistas estrangeiros.

Além disso, ela considera importante fazer os cabo-verdianos, e não só, conhecerem a realidade dos rabelados que, no seu entender, é um verdadeiro património cultural. "São pessoas leais, que se guiam pela lei de Deus e pelo seu coração, que aguentam todos os sacrifícios para poderem ter direito a chegar ao céu".

Para tornar a comunidade de Espinho Branco conhecida, Mizá, além de infra-estruturas de base, tem planos de

A Semana



construir no local "uma sala de artesanato, um pequeno salão para convívio com visitantes e um centro de actividades para trabalho com o barro", matéria prima disponível na região.

No caso do trabalho com o artesanato, os rabelados mostram-se particularmente interessados, sobretudo depois da experiência da primeira exposição no Centro Cultural Francês. Levando uma vida extremamente pobre, em que fazem o trabalho que calha, eles passaram a ver no artesanato uma forma de garantir o seu sustento.

Até agora Mizá tem contado apenas com o seu interesse e esforço dos rabelados para levar avante o seu projecto, não tendo faltado, entretanto, apoios pontuais de instituições governamentais. Mas há muito ainda por fazer e Mizá pede aos serviços públicos, empresas privadas e a cada cabo-verdiano que integrem esse "djunta mon" a favor dos Rabelados. Para poder avançar com o trabalho já iniciado.

Um mundo rabelado

As crianças são aos montes, como em qualquer comunidade cabo-verdiana. Mas aqui há algumas particularidades. Nenhuma delas sabe ler nem escrever, a taxa de mortalidade infantil é muito alta. Um exemplo disso são os números apresentados pelo líder da comunidade. Dos 35 filhos que teve apenas 16 sobreviveram.

As crianças que conseguem escapar a esta sina têm, muitas vezes, o corpo marcado por problemas diversos de saúde. Quem as observa, sempre descalças, pode ver os pezinhos com sinais de ataques de parasitas que comem os dedos deixando-os tristemente marcados.

Mas ao contrário de outras crianças, os rabeladinhos, apesar de todas as ca-

rências, marca tradicional da vida desse povo, não vêem na presença de um forasteiro a hipótese de conseguir alguns tostões. As crianças rabeladas não pedem nada além, como pudemos constatar, do carinho da Mizá.

E esse comportamento marca todo o espírito da comunidade. Uma dignidade profunda, assente numa pobreza extrema, reina entre os rabelados. Em Espinho Branco ninguém é coitado. A vida na pobreza é o resultado de uma opção, feita na década de 60, para garantir o reino dos céus no final dos tempos.

Mas os tempos mudaram e nem todos se sentem felizes dentro de um funco, de um só quarto, pouco iluminado, onde os utensílios domésticos não passam de um catre, uma esteira, um pote e algumas panelas. Os jovens, que um dia foram rabeladinhos, filhos de Rabelado, filho do Espírito Santo, estão sendo atraídos pelo brilho da vida moderna.

"Nos últimos cinco anos mais de 50 jovens saíram da comunidade", diz o líder de Espinho Branco. "Olham a vida de fora com mais interesse, e desinteressam-se pela vida de rabelado, que é vida de pobre", diz ele. E um dos sinais dessa separação são as casas de bloco do outro lado da estrada, já que rabelado que se preze vive em funco de canção e palha. "Tenho até um filho que já abandonou a comunidade".

Mas quem vive na comunidade tenta manter a tradição. "Nós ainda vivemos

do nosso trabalho tradicional, fazemos um balaio de 'pênta', uma frigideira, umas latas, um pano d'obra. As vezes trabalhamos no campo, trabalho de carpinteiro". Mas o nosso entrevistado faz questão de dizer que não trabalham para o Estado, sobretudo porque é-lhes exigido o nome quando eles vivem a realidade de "guardar o nome, como está escrito em São Lucas, capítulo 6".

Apesar das dificuldades, o líder da comunidade de Espinho Branco não reclama da vida. "Nessa vida temos que sofrer um pouco", diz o chefe, "mas o pão está garantido". E mesmo com as dificuldades considera que as coisas têm mudado, sobretudo com a chegada da Mizá.

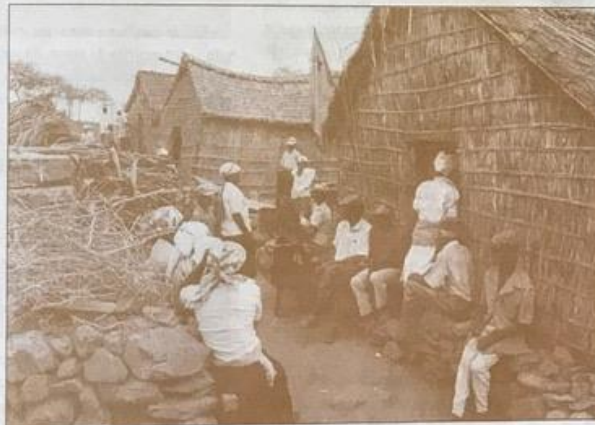
Mas as mudanças não devem ser muito profundas, sobretudo porque os rabelados continuam a acreditar no fim do mundo que, na sua fé, vai acontecer no próximo ano. Altura em que todos, mortos e vivos, serão apresentados ao Senhor para fazer contas ao seu comportamento. É nessa altura que, segundo os Rabelados, virá a condenação final, uma condenação para crimes como o adultério, a mentira, o falso testemunho.

Mas enquanto não chega o momento final, membros da comunidade que pratiquem crimes graves, como o assassinio, são entregues às autoridades oficiais. Isso porque, segundo o líder de Espinho Branco, muitas das leis dos homens são baseadas nas leis divinas.

Um pouco de história

Segundo os dados existentes, as comunidades de rabelados, espalhadas hoje pelo interior da ilha de Santiago, mais propriamente no concelho de Tarratal, teriam surgido na década de 40, como um sinal de resistência aos novos tempos que marcavam a vida da Igreja Católica no arquipélago.

A chegada de novos padres, para suprirem uma situação de penúria no clero das ilhas, e com eles uma nova forma de ensino da religião católica, provocou a resistência de um grupo de crentes. Desta resistência aos novos tempos teriam surgido os rabelados, que se guiam pelos velhos mandamentos e se opõem, inclusive, às datas actuais



celebradas pelos católicos.

Um exemplo disso é que a nossa visita à comunidade de Espinho Branco aconteceu em plena Sexta-Feira

Santa, para eles dia normal, já que nas antigas escrituras a data não é a que se comemora hoje, disse-nos o líder do grupo. E é com

base nas antigas escrituras que eles se preparam, com uma fé cega, para o final dos tempos, que acreditam estar para breve.

5^o.05 de Agosto de 1999, - periódico semanário - HORIZONTE,

Título: Modernidade Alicia Jovens Rabelados – Por: Jornalista Alexandre Semedo

Conteúdo:



ENTREVISTA

Modernidade alicia jovens Rabelados

Já não é segredo: os Rabelados estão em crise. Nho Agostinho, chefe da comunidade Rabelada de Rabo Espinho Branco (São Miguel) admitiu, em conversa com HORIZONTE, que "a nossa obra e a de alguns jovens está dividida", defende que as mulheres são inferiores aos homens, acusa os "padres brancos" de venderem sacramentos e reafirma que o fim-de-mundo está para breve

Entrevista conduzida por ALEXANDRE SEMEDO
JORGE LIMA (Fotos)

São Rabelados contra o quê e contra quem?

Chefe dos Rabelados — Não somos contra ninguém em especial. Somos Rabelados pela Palavra. Aliás, revelamos a favor da Palavra de Nossenhôr Jesus Cristo, contra as obras do demónio e dos anticristos que estão tomando conta do mundo.

O que significa isso? — Que falamos sempre nas palavras da Escritura e nunca em coisas ocultas. Nós revelamos a Palavra da Escritura. Jesus Cristo também revelou.

Seguem o exemplo e os ensinamentos de Cristo? — Tudo! Temos de seguir tudo o que está escrito e disse Jesus Cristo, Filho de Deus e nosso Redentor. Jesus Cristo foi encarnado pela obra e graça do Espírito Santo; não foi gerado. Existiu sempre no seio do Pai, mesmo antes de Moisés.

Crisão — Os padres de terra não cobravam pela confissão. Só recebiam as primícias, isso era pouco dinheiro. Os padres de hoje cobram todos os papéis que se levantam assentos que se faz. Recebemos coitados, 300 escudos por cada baptizado, dois contos pelo casamento e não sei quantos pela confissão. Sempre que querem arranjar dinheiro arrumam os fiéis e lançam pedriscos por mil e uma razões, para pôr no banco.

Discorda disso? — É uma autêntica exploração; bebem sangue dos pobres. Em vez de darem escola aos pobres chupam-nos até ao tutano. Depois vão ao banco encaixotá-los.

Quem foram os primeiros rabelados a discordarem dos "padres sem batina"? — Nhonhô Landim foi cabecial. Era um grande fiel da Igreja Católica, Apostólica, Romana. Era sacristão. Apartou-se com a chegada de outra religião porque o demónio veio tomar conta e mandar na Igreja. Agora ele, havia o Pépi, Mauriciano, Nho Fernando (meu pai), eram muitos.

Já morreram todos? — Todos.

De onde eram? — De Casa Choca, Biscalinhos, Monte Pousada, Palhu Carga, Espinho Branco, Pílo Cão, Via Curta, Achada Bel-Bel.

Quantos Rabelados há, neste momento? — Se nos juntarmos num lugar somos mais de mil.

Admite que com o passar dos anos vão regressar ao rebanho a que pertenciam antigamente? — Nisso não podemos propor com ninguém. Vai chegar o tempo em que vai ser o próprio Jesus Cristo a determinar quem é quem.

Virá julgar e dar razão à parte que merece. — Exactamente! Depois

Contra cobranças — Uma das razões que esteve na base do vosso desentendimento com os padres brancos foi a cobrança para a ministração dos sacramentos, nomeadamente para o baptismo, casamento, etc.

(Risos) Eh! eles não fazem nada de graça. Aproveitam e bebem o sangue do povo, dos coitados.

Como eram os padres de terra? — Os padres de terra não cobravam pela confissão. Só recebiam as primícias, isso era pouco dinheiro. Os padres de hoje cobram todos os papéis que se levantam assentos que se faz. Recebemos coitados, 300 escudos por cada baptizado, dois contos pelo casamento e não sei quantos pela confissão. Sempre que querem arranjar dinheiro arrumam os fiéis e lançam pedriscos por mil e uma razões, para pôr no banco.

Discorda disso? — É uma autêntica exploração; bebem sangue dos pobres. Em vez de darem escola aos pobres chupam-nos até ao tutano. Depois vão ao banco encaixotá-los.

Quem foram os primeiros rabelados a discordarem dos "padres sem batina"? — Nhonhô Landim foi cabecial. Era um grande fiel da Igreja Católica, Apostólica, Romana. Era sacristão. Apartou-se com a chegada de outra religião porque o demónio veio tomar conta e mandar na Igreja. Agora ele, havia o Pépi, Mauriciano, Nho Fernando (meu pai), eram muitos.

Já morreram todos? — Todos.

De onde eram? — De Casa Choca, Biscalinhos, Monte Pousada, Palhu Carga, Espinho Branco, Pílo Cão, Via Curta, Achada Bel-Bel.

Quantos Rabelados há, neste momento? — Se nos juntarmos num lugar somos mais de mil.

Admite que com o passar dos anos vão regressar ao rebanho a que pertenciam antigamente? — Nisso não podemos propor com ninguém. Vai chegar o tempo em que vai ser o próprio Jesus Cristo a determinar quem é quem.

Virá julgar e dar razão à parte que merece. — Exactamente! Depois

Contra cobranças — Uma das razões que esteve na base do vosso desentendimento com os padres brancos foi a cobrança para a ministração dos sacramentos, nomeadamente para o baptismo, casamento, etc.

(Risos) Eh! eles não fazem nada de graça. Aproveitam e bebem o sangue do povo, dos coitados.

Como eram os padres de terra? — Os padres de terra não cobravam pela confissão. Só recebiam as primícias, isso era pouco dinheiro. Os padres de hoje cobram todos os papéis que se levantam assentos que se faz. Recebemos coitados, 300 escudos por cada baptizado, dois contos pelo casamento e não sei quantos pela confissão. Sempre que querem arranjar dinheiro arrumam os fiéis e lançam pedriscos por mil e uma razões, para pôr no banco.

Discorda disso? — É uma autêntica exploração; bebem sangue dos pobres. Em vez de darem escola aos pobres chupam-nos até ao tutano. Depois vão ao banco encaixotá-los.

Quem foram os primeiros rabelados a discordarem dos "padres sem batina"? — Nhonhô Landim foi cabecial. Era um grande fiel da Igreja Católica, Apostólica, Romana. Era sacristão. Apartou-se com a chegada de outra religião porque o demónio veio tomar conta e mandar na Igreja. Agora ele, havia o Pépi, Mauriciano, Nho Fernando (meu pai), eram muitos.

Já morreram todos? — Todos.

De onde eram? — De Casa Choca, Biscalinhos, Monte Pousada, Palhu Carga, Espinho Branco, Pílo Cão, Via Curta, Achada Bel-Bel.

Quantos Rabelados há, neste momento? — Se nos juntarmos num lugar somos mais de mil.

Admite que com o passar dos anos vão regressar ao rebanho a que pertenciam antigamente? — Nisso não podemos propor com ninguém. Vai chegar o tempo em que vai ser o próprio Jesus Cristo a determinar quem é quem.

Virá julgar e dar razão à parte que merece. — Exactamente! Depois

Contra cobranças

Uma das razões que esteve na base do vosso desentendimento com os padres brancos foi a cobrança para a ministração dos sacramentos, nomeadamente para o baptismo, casamento, etc.

(Risos) Eh! eles não fazem nada de graça. Aproveitam e bebem o sangue do povo, dos coitados.

Como eram os padres de terra?

Os padres de terra não cobravam pela confissão. Só recebiam as primícias, isso era pouco dinheiro. Os padres de hoje cobram todos os papéis que se levantam assentos que se faz. Recebemos coitados, 300 escudos por cada baptizado, dois contos pelo casamento e não sei quantos pela confissão. Sempre que querem arranjar dinheiro arrumam os fiéis e lançam pedriscos por mil e uma razões, para pôr no banco.

Discorda disso?

É uma autêntica exploração; bebem sangue dos pobres. Em vez de darem escola aos pobres chupam-nos até ao tutano. Depois vão ao banco encaixotá-los.

Quem foram os primeiros rabelados a discordarem dos "padres sem batina"?

Nhonhô Landim foi cabecial. Era um grande fiel da Igreja Católica, Apostólica, Romana. Era sacristão. Apartou-se com a chegada de outra religião porque o demónio veio tomar conta e mandar na Igreja. Agora ele, havia o Pépi, Mauriciano, Nho Fernando (meu pai), eram muitos.

Já morreram todos?

Todos.

De onde eram?

De Casa Choca, Biscalinhos, Monte Pousada, Palhu Carga, Espinho Branco, Pílo Cão, Via Curta, Achada Bel-Bel.

Quantos Rabelados há, neste momento?

Se nos juntarmos num lugar somos mais de mil.

Admite que com o passar dos anos vão regressar ao rebanho a que pertenciam antigamente?

Nisso não podemos propor com ninguém. Vai chegar o tempo em que vai ser o próprio Jesus Cristo a determinar quem é quem.

Virá julgar e dar razão à parte que merece.

Exactamente! Depois

disejo haverá mais mil anos de vida na Terra. Jesus Cristo é quem vai reinar nesses mil anos depois do julgamento. Estamos no tempo em que os anticristos já tomaram conta do poder e do mundo para mandar. Mas Jesus, como homem de Grande Milagre, virá tomar conta do seu Reino para mandar todo o tempo.

Anti-Cristo — Quem são os anticristos de que fala?

O anticristo está entrinçado em todo aquele que está apoderado de soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça.

Como se dão as diver-

sas com os de Achada Bel-Bel. Aliás, já mudaram quase todos para aqui.

E como é que se dão com os vossos vizinhos, os não Rabelados? — Relacionamo-nos direito. Basta que alguém não nos mexa, nós não mexeremos em ninguém. Constante que eles não se metam conosco, nós não temos nada que mexer com eles. Nós não somos, contra eles. Vivemos assim como nos mandou Nossenhôr Jesus Cristo.

Não mandam os filhos às escolas públicas, do Estado. — Não!

Há pessoas, de entre vós, que ensinam as vossas crianças?

Mandar como Governo nem como chefe (Risos).

Porque está a dizer isso? — O tempo está a terminar. O fim-do-mundo já bate à porta?

Já chegamos.

Quando? Dia e hora? — Ninguém conhece o dia e a hora. Mas sabemos que já estamos no fim.

É verdade que ninguém chegará ao ano 2000, nem passará do ano 2000? — Ninguém chegará e ninguém passará.

Estamos na linha vermelha, à beira do precipício. — Não lhe disse já que o mundo está na agonia. Pode-se amanhecer e não anoitecer; ou também o contrário.

bio mas violam-se os Mandamentos da Lei de Deus.

Como assim? — Há milhares e milhares de pessoas que sabem ler e aprenderam a escrever mas não pegam na Bíblia para estudar.

Esquecem-se de Deus. — Voltam costas a Deus quando começam a ler documentos. Felizmente que a letra de Deus não é para valores.

Deus deu ciência aos hebreus que se dizem cegos e ignorantes, a faculdade de entenderem e pegaram as Escrituras. — É filho herdeiro do falso.

É filho herdeiro do falso, Nho Fernando, que também foi líder dessa comunidade, na "revelação" da Palavra de Deus. Entre os Rabelados, são sempre os filhos a sucederem aos pais, há escolha e eleição? — Actualmente temos e fazemos a pregação para irmos chegando ao fim do tempo. Já não há mais tempo para mandarmos um no outro. Tudo vai ficar claro, nada fica oculto. O caso já está no tribunal do juiz.

Falta a sentença. — Depois de estarmos em justiça reinar quem ganhar. Nos mil anos que estão por vir vai reinar o vencedor dessa deus. Portanto, todos os males que estão no meio do povo têm de ser retirados.

Quem os vai retirar? — Deus.

Para quando? — Dentro de pouco tempo.

Está a dizer que a cobiça, inveja e a maldade estão com dias contados? — Tudo. Satanás vai ficar preso, no inferno, com o seu povo e a sua tentação. Ficará encarcerado de portas seladas.

E o mundo virá paraíso terrestre. — Não! não fica paraíso. Depois de dobrarmos o milhão deixaremos de viver em corpo para passarmos a espírito. Vivemos no Reino da Glória, para todo o sempre (Risos).

Um caso que, aí há uns anos atrás, deu muito que falar foi a morte do seu pai. Disse-se, na altura, que recusaram sepultá-lo esperando que ressuscitasse, como Cristo, no terceiro dia. Qual é a verdade? — Pensa que não conhecemos uma pessoa morta!

Não sou eu a pensar. — Depois do homem morrer, ou que é que nos leva para a ficar com ele em casa?

Ciência divina? — Não foi à escola mas sabe ler. Explique isso melhor.

Deus é que me deu a ciência.

E alguns dos mais velhos que sabem ler: onde e com quem aprenderam? — Eles foram aos bancos da escola. Mas também, naquele tempo, a escola era direita.

Agora não é direita? — (Pausa) Na escola de góci, aprende-se para ser sa-

— (Risos) Ainda não. Não ensinamos, nem pomos meninos na escola nem dentro nem fora da comunidade.

Está a dizer que, neste momento, nenhuma das vossas crianças vai à escola, nem aprende a ler e a escrever? — É como diz.

Por via de quê? — Porque não precisamos de ensinar. De ora em diante, não há nenhum menino que estude para ter escola e vir

mandar como Governo nem como chefe (Risos).

Porque está a dizer isso? — O tempo está a terminar. O fim-do-mundo já bate à porta?

Já chegamos.

Quando? Dia e hora? — Ninguém conhece o dia e a hora. Mas sabemos que já estamos no fim.

É verdade que ninguém chegará ao ano 2000, nem passará do ano 2000? — Ninguém chegará e ninguém passará.

Estamos na linha vermelha, à beira do precipício. — Não lhe disse já que o mundo está na agonia. Pode-se amanhecer e não anoitecer; ou também o contrário.

bio mas violam-se os Mandamentos da Lei de Deus.

Como assim? — Há milhares e milhares de pessoas que sabem ler e aprenderam a escrever mas não pegam na Bíblia para estudar.

Esquecem-se de Deus. — Voltam costas a Deus quando começam a ler documentos. Felizmente que a letra de Deus não é para valores.

Deus deu ciência aos hebreus que se dizem cegos e ignorantes, a faculdade de entenderem e pegaram as Escrituras. — É filho herdeiro do falso.

É filho herdeiro do falso, Nho Fernando, que também foi líder dessa comunidade, na "revelação" da Palavra de Deus. Entre os Rabelados, são sempre os filhos a sucederem aos pais, há escolha e eleição? — Actualmente temos e fazemos a pregação para irmos chegando ao fim do tempo. Já não há mais tempo para mandarmos um no outro. Tudo vai ficar claro, nada fica oculto. O caso já está no tribunal do juiz.



TESE. Nho Agostinho lembra: "Nunca Deus enviou mulheres como profetas"

Então a verdade?

— É o povo infante. Não tem meda. Mas sabem que a seguir à Antiga

diam a voeram a vziam balaras, candi

— Anmamoa f ra, liza, tin

— nra cons

— de nós to

— officioses

— pio do mpre. Nas

— iso e tem

— não pode

— Iniciam de

— 80, altu

— carros

— interio

— esse m

— cusand

— bilhete

— ms.

— On

— papel

— (Risos)

— M

— gras-

— porte

— dia a

— quem

— que c

— pega

— (Risos)

— mas

— papel

— nos

— be

— pap

— exi

— qu

— gu

— ag

— (R

— an

— de

— ce

— P

— v

— s

— t

— t

— t

ns Rabelados

Branco de mundo

milhares em ler e rmas não estudar. Deus, a Deus r docum e a lei-sábios, tmeas morant-ntende-íturas, o fale- que sa co-ção" treos os fi-ou

os e a ir-tem-para Tu-fica bu-

zui os mi e-ã-õ

Então não tinha nada de verdade? — É ódio! Foi por ódio que o povo informou contra nós. Não tem nenhum fundo de verdade. Mesmo as autoridades sabem que o enterramos no dia a seguir à sua morte.

Antigamente não vendiam a vossa mão-de-obra; eram autossuficientes. Faziam banhos, chapéus, esteiras, candeieiros, etc. E hoje? — Ainda é assim. Continuamos a fazer banhos, frigideira, lata, tina, esteira, chapéus ou outra coisa qualquer. Cada um de nós tem um ofício que lhe permite sobreviver. Aliás, os ofícios existiram desde o princípio do mundo e existirão sempre. Nasceram e encontramos nos tempos de seguir com eles; não podemos deixá-los.

Inicialmente não andavam de carro. Mas nos anos 50, altura em que os autocarros faziam carreira pelo interior, passaram a utilizar esse meio de transporte, recusando sempre pegar nos bilhetes. Qual a razão? — Aié agora não tomamos.

Onde está o mal?

Regras

— Não queremos receber papel; só pagamos dinheiro (Risos).

Mas a sociedade tem regras. Nas empresas de transportes há os revisores que se dão ao trabalho de fiscalizar quem pagou ou não.

— Também têm de saber que existem Rabelados, que não pegam nos seus papéis. Isso também tem de ficar claro (Risos). Nós queremos pagar mas sem ajustes de receber em papéis.

O que tem de mal pegar nos bilhetes?

— Porque é que não recebe dinheiro sem eu receber papel?

É uma das muitas regras existentes na sociedade em que vivemos.

— Mas nós queremos seguir outra. Queremos seguir aquela em que ficamos livres (Risos).

Os Rabelados viviam antes em casas feitas de pedra e não de colmo e sisal como hoje.

— Habitávamos casas de pedra e cobertas de palha.

Porque mudaram?

— Vimos outra forma de vida: a vivência espiritual.

Mas há uma outra versão. Deixaram as vossas casas antigas, por causa da pulverização com as tais bombas que dizem ser "urina de lúcher". O que diz dessa versão?

— Exactamente. Mas eram casas dessas que devíamos ter feito desde tempos antigos. As coisas que tínhamos sempre eram

proibidas. Se tivéssemos a Sagrada Escritura em mão, desde o início, eram nesses tipos de casas que devíamos morar.

Defende também uma outra tese: construir casas de pedras é gastar dinheiro.

— Mais de que isso: é mesmo loucura!

Como assim?

— O senhor faz uma casa para não morar nela nem dois anos sequer? Se um homem pensa na vida espiritual não comete essa loucura. Está escrito no Livro Santo: que devemos levantar a cabeça e ver que as pedras brancas são para ceifa.

O que isso quer dizer? — Que há ceifa e ceifeiros (Risos).

"Há jovens que não estão de acordo conosco"

A juventude, os mais novos estão seguindo as regras da comunidade?

— Não falta à verdade: nem todos estão seguindo.

O que está faltando, onde está a falha?

— Muita coisa. Dentro da comunidade há aqueles que não querem seguir conosco. Há jovens que não estão de acordo conosco. A nossa obra e a de alguns jovens está dividida, por causa de ilusões de hoje.

Não têm falado sobre isso, com vista a chegarem ao entendimento.

— Temos. Mas já não temos confiança naqueles que estão para o baile, jogos e passeios e vidas mundanas.

Não lhes têm dado conselhos?

— Não é falta disso. Mas como estamos no tempo como ferro já não obedecem. Não sabe que há meninos que nascem com natureza como ferro?

Explique isso melhor. Troque por miúdos: o que é isso de ter natureza como ferro?

— (Risos) O mundo transformou-se de ouro, prata, bronze e ferro. Senhor Deus disse que, neste tempo em que estamos, que é como ferro, há-de levantar-se um Reino que nunca mais será destruído. Portanto neste Reino como ferro, há alguém que, se uma vez cometa poucos pecados, agora faz muito mais. Há meninos que nascem com a natureza do pecado.

Hoje o tempo é outro; é diferente de quando era criança.

— É por isso que lhe digo. No tempo em que me levantei havia outro tipo de educação.

Melhor ou pior?

— Melhor.

O que acontece, qual o destino dos jovens que transgridem, que não cumprem as regras dos Rabelados?

— Enquanto temos alguma esperança não são corridos daqui.

Poligamia

E quando perderem a esperança?

— É simples: tirámo-las fora daqui.

Como é que vivem? Cada um trabalha para a sua família ou os ganhos e have-ressão colocados em comum, para servir a todos?

— Cada um tem de viver com o que tem, com o que ganha. Cada um tem de trabalhar para a sua própria casa. Já não estamos na lei da comunidade, não! (Risos).

Segundo as vossas regras, pode-se ter mais de que uma mulher?

— É permitido.

Vivem na mesma casa?

— Cada mulher tem a sua casa.

Permite-se que todos tenham mais de que uma mulher ou há alguma condição a respeitar?

— Desde que tenha possibilidades de aguentar e sustentar pode ter as mulheres que quiser. Quem não se res-

Igreja estivesse direita, na linha Católica, Apostólica e Romana era lá que iam os casar. Como está falsa não se permite que lá vamos com a nossa lei: va receber o santíssimo sacramento. Aliás, o sacramento de agora já não é sacramento.

E porque não ministra os sacramentos, incluindo o do matrimónio?

— Não sabe que agora eles dizem que a religião deles é para que há mais demandado? Há muitas pessoas que se casaram porque está na moda.

E porque há mais demandados de que antigamente?

— Porque como a religião não é sagrada, nada da Igreja é sagrado, o casamento também não foi sagrado. Não batem certo com a natureza.

"Nunca Deus enviou mulheres como profetas"

Qual o papel reservado às mulheres Rabeladas? Podem ou não ser chefes?



“

“Ai para os anos 60, quando começámos a anunciar a palavra, padres e catequistas combinaram e denunciaram-nos como sendo políticos. Iam pela calada da noite, à nossa procura. Os padres estavam controlados com o Governo, administrador e polícia

”

ponsabiliza nem tem posses não deve fazer promessa porque senão será condenado.

O que é isso de promessa?

— É a palavra dada a Deus. Deve ser cumprida até à morte.

Quando um rapaz e uma menina se gostam, o que devem seguir para morarem juntos? É o senhor, enquanto chefe, que os une?

— Na nossa comunidade não existe casamento.

Então o que fazer?

— Juntámo-nos como no tempo antigo. Quando se tira de casa manda-se o pai e a mãe do rapaz à casa dos grandes da moça, a fim de irem falar e acertar propostas. Também era assim no tempo de Isaac. Se a

dar como chefe.

Inicialmente foram perseguidos, muitos foram presos e deportados para outras ilhas. E agora: como se dão com as autoridades?

— Não nos mexem. Quem está a mexer-nos são algumas pessoas ignorantes, que não entendem de nada.

Estamos hoje em outra era, em tempos modernos. Já se pode usufruir das vantagens dos transportes, telefones, rádio e televisão. Ti-raram ou não proveito dessas conquistas?

— Como não tenho dinheiro *tehu*, não compro carro. Mas ando nele porque é muito mais fácil chegar-se à Praia nele.

E rádio e TV. Não gostariam de ter aparelhos desses na vossa comunidade?

— Não, não precisamos dessas coisas.

Não é bom que saibam e acompanhem o que se passa noutros cantos de Cabo Verde e do mundo?

— Considerámo-los obras do demónio. Para nós, basta que estejam cá, gravem, filmem ou façam retratos do nosso modo de vida. Isso não há problemas porque é uma coisa que deve ser manifesta-da em todo o mundo. Mas não é permitido que nós tenhamos isso em nossa casa.

Vivem muito fechados e virados para a vossa comunidade. Porque não fazem pre-ogações de porta em porta?

— Já tivemos o costume de sair. Como o povo não fez caso viemos ficar aqui, à espera.

Cairam no desânimo?

— Que fazer se ninguém nos atende?

Amílcar Cabral? "É um grande irmão!"

Mas o homem, principalmente o "revelador" da palavra, nunca desiste?

— Nós não desistimos. Mas também não fica bem insistirmos perante a indiferença dos homens. Todo o mundo sabe que estamos cá. Pessoas de várias nações, já vieram ter conosco.

Uma das acusações que foi lançada contra vocês, quando se rebelaram contra a Igreja Católica, foi a de que desenvolviam actividades políticas e que poderiam ter alguma ligação com a luta desenvolvida pelo PAIGC de Amílcar Cabral, nas matas da Guiné-Bissau.

— Naquele tempo, aí para os anos 60, quando começámos a anunciar a palavra, pa-dres e catequistas combinaram e denunciaram-nos como sendo políticos. Iam pela calada da noite, à nossa procura. Os padres estavam controlados com o Governo, administrador e polícia.

Lembra-se de alguns nomes?

— Se lembro? Era administrador ao tempo, um tal António.

E padres?

— Havia Crestaz, Moniz, Campos e um outro do Tarrafal, de que já não me lembro o nome.

É mesmo verdade que têm alguma coisa a ver com política?

— Temos sim.

E qual é a vossa política?

— A nossa política é batallar para que não se anule a nossa palavra. Nós dizemos que a nossa palavra é a verdade e eles dizem que não.

Mas isso é palavra de Deus.

— Palavra de Deus. Mas eles dizem que não é.

Amílcar Cabral: conheste este nome? O que lhe diz?

— É um grande irmão. Está vivo ou morto?

— Vivo. Se estiver morto vai ressuscitar.

Que provas apresenta de que ainda vive?

— (Risos) Porque não há nenhum homem que diz que foi enterrado. Se foi enterrado não está na cova (Risos).

Fez alguma coisa boa na terra?

— Só fez bondade.

Cumprimento da profecia

Acredita no seu regresso?

— Todos os mortos apurecerão de novo. Se estiver morto também viverá para renascer nos mil anos que restam.

Haverá Rabelados no próximo século?

— Haverá com muito mais razão. No novo milénio não haverá males e o demónio já-queis renará nem enganará a ninguém. Com a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, todas as promessas ficarão cumpridas e os Rabelados viverão em paz, ao lado do Senhor Bom Deus.

Porque não embarcam?

— A nossa fé não permite que saíamos da nossa terra. Para quê? Com que interesse devemos ir à terra de gente?

A procura de uma vida melhor.

— Não precisamos de uma vida melhor de que esta. Nós já sabemos que estamos chegando ao fim. Interessamos um pão de cada dia e a nossa alma livre.

Está a dizer com certeza que estamos chegando ao fim. Não fica envergonhado se o mundo não findar no tempo em que profetiza?

— Chegaremos. Jesus Cristo não diz coisas que não acontecem.

Quantos anos faltam?

— Dia e hora ninguém sabe. Nem os anjos do céu, nem mesmo o Filho, senão o Pai. 20

6º. 13Nov2009, - diário ONLINE, "EXPRESSO DAS ILHAS",

Título: **Rabelados: o símbolo que o tempo quer apagar.**

Link: <https://expressodasilhas.cv/exclusivo/2009/11/14/rabelados-o-simbolo-que-o-tempo-quer-apagar/12982>

CONTEÚDO:

Tendo-se formado a partir de grupos de cidadãos que se revoltaram, e em consequência isolaram-se do resto da sociedade, por causa das reformas à igreja católica introduzidas pelo então governo colonial, nos anos 40 do século passado, os Rabelados, como são conhecidos, tornaram-se num dos maiores símbolos nacionais de resistência. Novas influências, frutos do desenvolvimento e do mundo cada vez mais globalizado, novas tendências, novas perspectivas de vida, a morte daqueles que em tempos foram "grandes líderes" dos Rabelados, bem como um "certo desinteresse", por parte desses jovens da comunidade, em seguir, "no limite", os hábitos herdados dos pais e avós, são algumas das causas que põem em causa a sobrevivência desta comunidade, que reside, essencialmente, no interior da ilha de Santiago. Numa tentativa de resgatar as velhas memórias e compará-las com as actuais, trazemos aqui os testemunhos de quem já nota diferenças no dia-a-dia dos Rabelados, em especial da comunidade de Espinho Branco, que conta com cerca de 2000 pessoas.

Na década de 40 do século XX, quando a igreja católica, na altura ligada ao regime colonial, introduziu algumas reformas, nomeadamente, na celebração das missas e nos costumes religiosos, houve quem não ficou satisfeito e rebelou-se, isolando-se da sociedade, passando a celebrar, na clandestinidade, os antigos hábitos. A esses, que se rebelaram, e que nós conhecemos como Rabelados, reconheceu-se a grande capacidade de resistência e independência em relação ao poder da igreja católica e do poder político.

Actualmente, tal como décadas atrás, os actos religiosos continuam a ser celebrados aos sábados e domingos, mas com uma grande diferença: "os jovens já não estão muito interessados", revela um dos membros da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco que, questionada sobre o seu nome, rápido respondeu: "Rabelado". Para esta senhora, que parece estar já conformada com as mudanças que têm havido, "hoje em dia as coisas já não são iguais. O próprio Fernando já dizia que as coisas iam mudar. Tudo o que previu que ia acontecer, tem acontecido", acrescenta.

A senhora, que se tornou Rabelado logo depois da independência nacional, em 1975, quando tinha 16 anos de idade, conta ainda que faz parte dos últimos grupos de pessoas que se "rabelaram", sendo que, a partir daí, mais ninguém tornou-se membro daquela comunidade, a não ser aqueles que dentro dela nasceram. Confrontada com a possibilidade de o novo líder, de seu nome Moisés Lopes Pereira, também conhecido por Tchetcho, ser, muitas vezes, criticado pelos mais velhos por causa de algumas posições que têm tomado, a resposta foi simples: "é um bom líder, mas os que nascem agora não tem tanto conhecimento como os de antigamente".

Um outro membro da comunidade, com bastante conhecimento da vivência actual e dos tempos passados, é a senhora Flipa, parteira há mais de 30 anos. Segundo conta, para curar o "bico", ainda se utiliza o "tabaco" e o "barro". Contudo, acrescenta que os jovens "não querem aprender" para dar continuidade a esta prática.

Em conversas com Mariana Mendes Gomes, presidente da Associação para o Desenvolvimento Comunitário - Agro Espinho Branco, esta revelou-nos a sua visão de hoje, relativamente aos Rabelados de Espinho Branco, comparando com o "antigamente". Maria Mendes, que não é membro

da comunidade dos Rabelados, mas que sempre viveu naquela localidade, salienta que "o desenvolvimento também trouxe consequências negativas". O pouco interesse que se verifica por parte dos jovens em dar continuidade àquilo que são os costumes dos Rabelados é uma delas. E, "se tivessem mais vontade em aprender e dar continuidade a esses hábitos, isto também seria mais uma forma de desenvolvimento, mas ainda a juventude tem de cultivar, em si, a vontade de servir o país", esclarece.

Mariana, que defende a existência de uma relação "familiar" entre os Rabelados e o resto da população de Espinho Branco, assegura, igualmente, que muitas coisas mudaram no que toca ao modo de vida dos Rabelados. "Tenho 50 anos de idade e, desta minha vida, tenho muitas histórias. Posso dizer que dantes eram mais fechados. Por exemplo, antigamente não iam aos hospitais, mas agora, embora com alguma reserva, já lá vão. Hoje em dia se um Rabelado for para a cidade da Praia não se consegue destrinchá-lo de um cidadão da capital. Antigamente as mulheres vestiam saias compridas, que ficavam por debaixo dos joelhos, tinham que usar blusas com mangas, mas hoje as jovens vestem-nas curtas (mini-saias)", exemplifica.

Se é verdade que os Rabelados são um símbolo (da) na cultura cabo-verdiana, verdade é, também, que este mesmo símbolo parece, agora, condenado ao desaparecimento. Como diz o ditado popular: "tudu ta passa, tudu ta kaba". E o passar do tempo parecer estar a levar consigo as memórias, os interesses e as tradições de outros tempos. Como fez saber Mariana Mendes, "os hábitos já não são aquilo que eram antes, porque os jovens vivem numa nova era". E a era é de desenvolvimento, com toda a sua força e adversidades.

Outro dos aspectos que muito caracteriza os Rabelados, é o facto de eles sempre viverem em "funcos" construídos com palhas e outros materiais. Mas hoje "cerca de 80 por cento deles não quer viver nos funcos porque tornou-se difícil encontrar os materiais para construí-los. Além disso, agora há a necessidade de, pelo menos, de dois em dois anos refazê-los, porque ficam velhos e sem condições de habitabilidade", desabafa a presidente da Associação para o Desenvolvimento Comunitário. Esta dirigente associativo, que nos transmite as suas ideias baseadas numa visão de quem vive de fora da comunidade, por não pertencê-la, mas ao mesmo com base em uma visão de quem vive por dentro, por ter levado toda uma vida de convivência "familiar" com os Rabelados, deixa saber, ainda, que esta mudança de opção, no que concerne à habitação, muito tem a ver, também, com a distância que eles têm de percorrer, a pé, para encontrarem os materiais para a construção dos seus funcos. "Costumam demorar, praticamente, um dia de caminho, e sempre carregam esses materiais sobre a cabeça", afirmou.

Antigamente, com apenas 14 ou 15 anos de idade, as raparigas saíam de casa para irem viver com os rapazes de quem gostam. E era para toda a vida, mas agora "já não é bem assim", até porque os pais dos rapazes correm o risco de ter problemas com a justiça, se aceitarem, em casa, uma rapariga que seja "menor de idade".

Hoje em dia já fazem o registo de nascimento dos filhos, sendo que uma grande percentagem de jovens e crianças têm o registo feito, coisa que, há décadas, não acontecia.

Se, por um lado, a nova geração encara as mudanças com naturalidade e, como sendo sinais de desenvolvimento e evolução, por outro lado, os mais crentes vêem com desconfiança essas mudanças que se têm registado nesta comunidade, pois antevêm o fim de um símbolo, de uma memória, de toda uma geração que sempre acreditou e lutou pelos ideais de liberdade e autonomia, alimentados por uma "fé em Deus" inquebrantável e inquestionável.

=====

7º. 19 de Abril de 2010, o diário digital online “**EXPRESSO DAS ILHAS**”
Título: **Praia: CCF apresenta “Rabelarti”**
Link: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2010/04/20/prai-ccf-apresenta-rabelarti/16645>

CONTEÚDO:

Abriu ontem a exposição de pinturas do grupo artístico "Rabelarti" no Centro Cultural Francês, um retrato da história dos rabelados de Espinho Branco, Santiago.

O grupo artístico que já existe à 13 anos, vem agora mostrar a história de um povo que sempre preservou a sua cultura e "que se enquadra na mui diversa linguagem cultural cabo-verdiana" diz Misá.

Os jovens pintores Tchetcho, Fico, Josefa, Ney, Kanhubai e Sabino do "Rabelarti", trazem então à Praia uma exposição que demonstra uma linguagem que "recicla as convivências e esculpe a arte trazendo a Revelação Artística do Património vivo de Cabo Verde" e "com uma memória composta de sinfonia, de respeito pela natureza e pela espiritualidade que os auxiliam a crescer e a confrontar a vida humana com amor e generosidade" CCF, citado pela Inforpress.

Ainda segundo a inforpress, o grupo formou-se como numa aventura e sem nenhuma influência, apenas "nas telas nascidas a linguagem do campo".

Os "Rabelarti" já participaram em ateliers e promoções de exposições, onde tiveram oportunidade de partilhar experiências com demais artistas pelo mundo.

A exposição estará aberta ao público até o dia 5 de Maio, de segunda a sábado.

=====

8º. 20 de Julho de 2010, - diário digital online, **RTC – Radio Televisão de Cabo Verde**,
Título: **“Jornalista francesa lança livro sobre - os Rabelados de Cabo Verde, História de uma Revolta”**

Link: http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=1215

CONTEÚDO:

A investigadora que vive em Cabo Verde há três anos, afirma que a revolta dos rebelados não se deveu tanto defenderem a sua religião mas por ignorância e por conta da miséria em que viviam.

A jornalista Francesa Françoise Ascher lança hoje (20) na Praia o livro “Os Rabelados de Cabo Verde - A História de uma Revolta”.

A investigadora que vive em Cabo Verde há três anos, afirma que a revolta dos rebelados não se deveu tanto defenderem a sua religião mas por ignorância e por conta da miséria em que viviam.

O livro que tem prefácio do historiador António Correia e Silva e vai ser apresentado na Biblioteca Nacional, pelo professor Doutor José Carlos dos Anjos e pela jornalista Margarida Fontes.

=====

9º. 07 de Abril de 2012, diário digital online - RTC/TCV
Título: **Documentário sobre Rabelados vai ser exibido em Portugal**
Link: http://www.rtc.cv/index.php?paginas=21&id_cod=4084

CONTEÚDO:

O realizador Mário Benvindo Cabral vai apresentar de 6 a 9 de maio em Lisboa no Festival Festin o documentário “Revolução nos Rabelados”. O filme também vai ser exibido em mostras competitivas em Moçambique.

Segundo o realizador, antes o documentário será apresentado junto dos Rabelados em Espinho Branco.

Benvindo que foi eleito recentemente, presidente da Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde, disse à Rádio de Cabo Verde que a associação pretende para este ano buscar patrocínio e apoios internacionais para formar e capacitar profissionais nas áreas de audiovisual e cinema.

Associação de Cinema e Audiovisual de Cabo Verde quer nesta primeira fase instalar a direcção recentemente eleita e ajudar na promoção dos trabalhos dos associados através de mostras competitivas aqui no País.

=====

10º. 21 de Novembro de 2014 - diário digital, “A Nação”

Título: **Cem obras dos Rabelados em exposição inédita no Mindelo**

Link: <https://anacao.cv/cem-obras-dos-rabelados-em-exposicao-inedita-mindelo/>

CONTEÚDO:

“Rabelarte - Consciência e Transição” é o nome de uma exposição inédita da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco, ilha de Santiago



“Rabelarte – Consciência e Transição” é o nome de uma exposição inédita da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco, ilha de Santiago, que abriu as portas esta terça-feira, 11, na loja “Capvertdesign + Artesanato do Mindelo”. São 100 obras entre pintura e cerâmica que contam, através da arte, a história desta comunidade tão suigeneris.

É a primeira viagem artística dos Rabelados de Santiago ao Barlavento, mais precisamente à ilha de São Vicente. A ideia de levar uma exposição à cidade do Mindelo partiu de Françoise Ascher, jornalista francesa a residir em Cabo Verde e proprietária da loja “Capvertdesign + Artesanato do Mindelo”, que só vende artesanato e peças originais de Cabo Verde.

A ligação de Ascher aos Rabelados é antiga, assim como o seu interesse pela investigação sobre a cultura, a história e o modo de vida dessa comunidade de Espinho Branco, em Santiago. Em 2010 a jornalista, agora também empresária, lançou o livro “Os Rabelados de Cabo Verde – história de uma revolta”. Agora a história repete-se de certa forma, não através da escrita, mas sim através da arte.

SUSTENTABILIDADE ATRAVÉS DA ARTE

Ao todo 100 obras, de nove artesãos e artistas dos Rabelados dão corpo à exposição, que, segundo Misá, artista plástica e dinamizadora dessa comunidade, vão de encontro à premissa de que a arte é e pode ser um dos pilares da “sustentabilidade da comunidade dos rabelados”.

A exposição enquadra-se no 1º aniversário da loja em questão e, de acordo com a nossa entrevistada, reveste-se de extrema “importância” para os Rabelados enquanto artistas, “porque é a primeira vez que participam numa exposição desta dimensão”, só sobre a comunidade. Ademais, é uma oportunidade de “inúmeros artistas que visitam a loja poderem adquirir os seus produtos e conhecerem a originalidade desta comunidade”, destaca Misá.

“Rabelarte – Consciência e Transição” convida o público a uma viagem pela história e cultura desta comunidade da ilha de Santiago, num contacto intimista através da cerâmica e pintura.

Ascher e Mizá salientam ainda que a exposição vai mais longe e acaba por revelar “como a comunidade de Espinho Branco renasceu através da arte contribuindo para o enriquecimento do património cultural de Cabo Verde”.

A mostra, que ficará patente até dia 29, contará com a presença de Tchetcho, actual chefe da comunidade dos Rabelados e do pintor Fico, para além de Misá, na inauguração. Aliás, dia 12, no âmbito do FONARTES, que decorre pela mesma ocasião no Mindelo, ambos participarão numa conferência.

FUTURO

Os projectos de Françoise Ascher para os Rabelados de Espinho Branco não ficam por aqui, e parte das suas obras deverão encabeçar uma delegação de artistas para participar em Março de 2015, em França, numa feira onde Cabo Verde se fará representar.

Uma projecção vista com bons olhos por Misá, sobretudo tendo em conta que a comunidade carece de verbas e apoios para finalizar parte de algumas obras “do projecto de sustentabilidade dos rabelados” que incluiu “um museu tradicional, o tecto de uma cozinha para potenciar gastronomia local, uma praça de artistas, para vender não só obras dos rabelados, como de outros artistas de Santiago e da ilha do Maio”.

Misá aguarda o cumprimento de algumas promessas de apoio, mormente do Ministério da Cultura e do Ministério do Ambiente, Habitação e Ordenamento do Território, para completar as obras.

11º. 14 de Outubro de 2014 - diário digital, **SAPO Online**,
Título: **Rabelados, um símbolo de resistência que se tornou cultura - Venha conhecer a comunidade de Espinho Branco.**
Link: <http://viajar.sapo.cv/descubra-o-pais/roteiros-e-passeios/rabelados-um-simbolo-de-resistencia-que-se-tornou-cultura>

CONTEÚDO:



Ao chegar a Espinho Branco começam a reconhecer-se as casas de palha. À entrada as placas convidam a visitar a comunidade dos rabelados. As portas estão sempre abertas e Tchecho é o primeiro a receber os visitantes. A viagem até ao local é de cerca de uma hora e meia a partir do centro da cidade da Praia. Depois do Tarrafal encontra-se a comunidade.

Quem vem, vem à procura de conhecer esta comunidade que se tornou num símbolo da resistência de Cabo Verde quando em 1940 a igreja católica portuguesa quis impor novos padres e novos costumes no culto religioso. Rabelados foi o nome que lhes deram por não terem aceite as mudanças. Durante anos foram maltratados, construíam casas que eram apedrejadas e por isso pouco tempo depois tinham de se mudar.

Foi assim por muito tempo, até que os rabelados começaram a construir os seus abrigos em pontos altos onde pudessem estar mais resguardados dos olhares estranhos. À comunidade de Espinho Branco foram juntando-se um maior número de elementos que às restantes dos cerca de 400 existentes no país.

Quando em 2006, o pai de Tchecho morreu, a comunidade decidiu que seria ele o próximo líder. Um dos filhos mais novos de Nho Agostinho, Tchecho assumiu com naturalidade a posição de chefe espiritual, apesar de na altura o facto de apenas ter 22 anos ter incomodado muitos.

"O grupo dos rabelados de Espinho Branco foi criado por Nhonho Landim, mas o primeiro chefe foi o meu avô Nha Fernanda, o seguinte foi o meu pai Nho Agostinho e o terceiro sou eu", contou Tchecho ao SAPO Viajar.

"Os rabelados sempre estiveram sozinhos, sem nome, sem Estado, fazíamos a nossa arte, vendíamos e trabalhávamos na pesca e agricultura", relembrou.

Tchecho registou-se apenas aos 18 anos por vontade própria e aprendeu a ler sozinho, sem nunca ter ido à escola.

Tradições e Crenças

A comunidade ainda se identifica com a bandeira do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde). "Antes mesmo de a bandeira existir, o meu avô viu o nome nas nuvens, na altura da independência a bandeira foi entregue como símbolo de resistência de Amílcar Cabral", contou.

Um símbolo que não mudou, mesmo com a mudança do partido nacional. Desde então a bandeira passou a ser usada nos cultos e nos funerais.

No entanto, para os rabelados a morte é apenas uma mudança para o eterno. Amílcar Cabral é o exemplo disso: "Ele não morreu, ele mudou."

As crenças animistas mantêm-se, tal como o respeito pela natureza. Nas suas casas tanto o humano como os animais têm o direito à vida.

A arte

O lado artístico foi sempre cultivado nos rabelados, contudo foi com a chegada de Misá que começou a ser mais trabalhado. A venda de artesanato e pintura tornou-se na sua grande fonte de rendimento com a promoção da artista plástica junto de outras pessoas que começaram a visitar a comunidade.

As exposições no país vieram aos poucos, em 2007 Misá levou Tchecho a Espanha para expor os seus quadros na ARCO, Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madrid.

"Pinto, faço escultura, faço cerâmica e inspiro-me na nossa realidade, na forma como vivemos desde o início do dia até ao final, no nosso culto e nas nossas tradições", explicou Tchecho.

Na comunidade, o ensino destas artes começa cedo. No espaço Rabelarte encontram-se obras tanto de miúdos e graúdos. As peças envolvem-se na sua visão do seu dia-a-dia e no seu imaginário.

"Todo este espaço em frente à entrada dos rabelados é dedicado à valorização do seu património. Vamos ter uma praça com várias pequenas casas e aqui vamos fazer uma vez por mês uma reunião entre artesãos locais e outras regiões de Santiago", afirmou Misá.

Dentro do Rabelarte, cada artesão tem o seu cantinho de exposições em que facilmente se identificam as diferentes visões de quem pinta e faz escultura.

"Os quadros dos rabelados são uma testemunha da forma intuitiva como eles vêem a realidade, eles têm um centro imaginativo muito grande e uma forma muito espiritual de ver a vida ", contou Misá.

Tchecho, Steve, Sabino, Josefa e Kanhobai são alguns dos criadores dos quadros que enchem a sala, além dos que trabalham a cerâmica e das obras dos mais novos que são iniciados desde cedo na criação artística.

Organização da comunidade

Com as mudanças dentro da comunidade, agora todos têm uma palavra nas decisões e Tchecho passou a assumir a liderança apenas espiritual, enquanto as tarefas de organização passaram para o presidente da Associação dos rabelados.

Agora a comunidade quer mais e tem muitos projectos em curso. Em frente à casa dedicada à exposição da sua arte, o espaço Rabelarte, querem construir uma cozinha para servir um restaurante, além de outras estruturas como um museu tradicional e um centro de internet.

José Carlos Tavares é quem está à frente da Associação dos rabelados há cerca de um ano, uma posição que é rotativa. "Criámos a associação para ver se conseguíamos ter alguns apoios a nível de outras instituições", explicou o responsável. É através da associação que pedem ajuda para os estudantes, para os idosos, o alargamento dos terrenos ao Estado, entre outros trabalhos.

Actualmente, a comunidade vive da arte, agricultura e também do trabalho fora dos rabelados. Um símbolo dessa evolução é Maria Oliveira, a primeira mulher rabelada a licenciarse.

"Aqui vivemos numa comunidade e quando vamos para fora encontramos um estilo de vida diferente. Quando comecei a frequentar a Universidade da Assomada pensei que se contasse que sou rabelada que as pessoas se afastariam de mim, mas com o tempo, quando comecei a ganhar confiança com os meus colegas, contei-lhes e eles ficaram contentes, já vieram visitar a comunidade e tudo", contou Maria Oliveira.

No entanto, as tradições estão cada vez mais a ser colocadas à prova na comunidade. "Os rabelados não trabalham nem sábado nem domingo, por que são dias de culto, mas vou ter que repensar isso quando encontrar trabalho", referiu Maria Oliveira.

Com a chegada dos jovens às universidades, a comunidade pretende tornar-se mais forte com o conhecimento dos seus membros.

"A comunidade mudou, mas ser rabelado ainda significa respeitar a nossa tradição, a nossa espiritualidade e o nosso património cultural", afirmou Tchecho.

Na entrada, as casas são quase todas de palha, mas na extensão da comunidade são construídas casas de blocos e cimento, algumas por pintar, outras já pintadas. À passagem há sempre o convite para o visitante entrar em cada casa, "nem que seja para tomar um sumo" e a promessa de voltar a visitar é obrigatória. A sua simpatia e simplicidade são as suas maiores riquezas. A sabedoria espiritual que cultivam transborda nos silêncios calmos em cada conversa.

A sua grandeza espiritual não mudou com o tempo, mas a comunidade está diferente. Desde que se abriu ao mundo, já há água canalizada e electricidade e crianças de todas as idades frequentam a escola e as mulheres já se vêm no mesmo pé de igualdade que os homens. Há muitos que partem para trabalhar, mas voltam sempre.

Ser rabelado já não significa estar à parte da sociedade, mas ser parte do grande património cultural cabo-verdiano.

=====

12º. 11 de Setembro de 2015 - diário digital online “**A Nação**”

Título: **Artista do Níger que trabalhou com Rabelados despede-se com exposição**

Link: <https://anacao.cv/artista-do-niger-que-trabalhou-com-rabelados-despede-se-com-exposicao/>

CONTEÚDO:

O artista do Níger, Maazou Ibrahim Lawan, que esteve durante um mês em retiro na comunidade dos Rabelados, no concelho de São Miguel, na ilha de Santiago, expõe algumas das suas obras “em jeito de despedida” no Café Palkus

O artista do Níger, Maazou Ibrahim Lawan, que esteve durante um mês em retiro na comunidade dos Rabelados, no concelho de São Miguel, na ilha de Santiago, expõe algumas das suas obras “em jeito de despedida” no Café Palkus, Palácio Ildo Lobo, Platô, na cidade da Praia.

Maazou Lawan, diz que esta exposição resulta de um trabalho que desenvolveu durante a época que esteve naquela comunidade.

“Coleccionei alguns dos trabalhos que fiz lá na comunidade e agora coloco-os em exposição/venda, antes da minha partida”, afirmou ao A NAÇÃO.

O jovem de 30 anos, disse que ficou encantado com a comunidade dos Rabelados, mas também com Cabo Verde porque tem um povo “muito acolhedor, aberto e simpático”, e antes de partir já sente falta dos Rabelados. “Senti-me parte daquela comunidade, como se fosse a minha família. Já sei que quando regressar a Níger, vou sentir muitas saudades”.

Maazou tem viagem marcada para o seu país para segunda-feira, 14, mas antes de partir, quis deixar o que conseguiu desenvolver ao longo da sua estadia em Cabo Verde, ago que acontece a convite da artista plástica Misá.

A exposição/venda ficará patente no Café Palkus até terça-feira, 15. CG

13º. 15 de Fevereiro de 2016 - diário digital online **EXPRESSO das ILHAS**
Título: **Misá lança campanha “Koração ki ta dá” na Praia**
Link: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2016/02/15/misa-lanca-campanha-koracao-ki-ta-da-na-praia/47650>

CONTEÚDO:

A artista plástica, Misá lança esta segunda-feira, às 19 horas, a campanha “Kurason Ki Tá Dá”, com palestra, exibição de filmes e exposição e música, no espaço Art Kafé, no Palácio da Cultura Ildo Lobo.



Segundo Misá, trata-se de uma campanha de angariação de fundos, a favor da Aldeia de Arte Contemporânea de Porto Mosquito em Santa Cruz e da Aldeia Antropológica e do património vivo dos Rebelados em Calheta de São Miguel.

As actividades arrancam hoje e vão até sexta-feira, 19, e estão agendados Palestra sobre Energia e Mundo do Cósmico, Projectão no Cinema do Plateau do Filme “Escola Criativa da Paz e da Morabeza, Exposição e Venda de quatro, almofadas, escultura e mobílias.

Haverá ainda concertos com Bino Barros, Di Black, Romeu di Lurdes e Grupo de Batuco Flor de Rebenta.

Podem participar da campanha através do depósito na conta: Projecto Porto Madeira no BCN nº 2966547 e nos Rabelados Caixa Económica nº15283735.

14°. 13/04/2016 - diário digital online “A Nação”

Título: Obras das aldeias criativas - Rabelados precisam de mil contos

Link: NOT FOUND

CONTEUDO:

Os Rabelados de Espinho Branco, no concelho de São Miguel (no interior de Santiago), precisa de mil contos para a finalização das obras das aldeias criativas. Por agora, a única forma encontrada para conseguir parte desse montante, é uma campanha desenvolvida em parceria com a CV Telecom.

15°. 28 de Maio de 2016 - o diário digital online **EXPRESSO das ILHAS**

Título: **Cabo Verde vai ter três bolsieras na Universidade dos Pés Descalços**

Link: <https://expressodasilhas.cv/pais/2016/05/28/cabo-verde-vai-ter-tres-bolsieras-na-universidade-dos-pes-descalcos/48816>

CONTEÚDO:



Três cabo-verdianas rumam a partir da segunda metade deste ano à Índia onde, durante 6 meses, vão estar na Universidade dos Pés Descalços (Barefoot College) para aprenderem a fabricar e instalar painéis solares. A oportunidade surgiu através de um contacto da activista social Misá, que pretende aproveitá-la para trazer para Cabo Verde formadoras indianas.

A *Barefoot College* tem sido pioneira no levar eletrificação de energia solar a aldeias e vilas longínquas, desde 1989. A ideia de Misá contactar a instituição criada pelo indiano Bunker Roy, em busca de oportunidades que servissem aos dois projectos que coordena – as aldeias criativas de Porto Madeira e dos Rabelados - foi de uma amiga. A artista e activista social não esperou muito para tomar a iniciativa de pôr-se em comunicação com a *Barefoot College* e a resposta também foi *imediata*.

“Responderam ao meu email e depois conversei com uma pessoa através do Skype. Pediram-me para propor três candidatas”, conta Misá. Duas mulheres da aldeia dos Rabelados e uma de Porto Madeira (cujos nomes, por questões burocráticas, prefere ainda não revelar), todas elas mães e avós, com a idade compreendida entre os 35 e os 59 anos, foram as seleccionadas e durante o segundo semestre deste ano devem rumar à Ásia.

Por um período de seis meses as três cabo-verdianas irão aprender a montar e instalar painéis e candeeiros alimentados com energia solar, com o propósito de, ao regressarem, não só usarem os conhecimentos adquiridos para produzir estes equipamentos para as suas aldeias, mas também repassar tudo aquilo que aprenderem à sua comunidade e comunidades vizinhas.

Para além da formação na área de energias renováveis, as estudantes irão “graduar-se” em outras matérias: técnicas de cultivo e transformação de alimentos, aproveitamento de água e artesanato, por exemplo.

Uma universidade singular

A Universidade dos Pés Descalços é criação do indiano Bunker Roy, que fundou a matriz em 1972, no Rajastão (vasta região indiana). Roy, que nasceu numa família com uma situação económica privilegiada, estudou nas escolas mais caras da cidade industrial de Burnpur, tendo um mestrado em língua inglesa.

Ainda na sua juventude, ao tomar contacto com as populações pobres, viveu a impactante experiência de ver pessoas a morrerem de fome. A empatia levou-o a desafiar a família: contrariando as expectativas desta, Roy foi trabalhar na construção de poços de água em pequenas aldeias onde, com o tempo, percebeu o manancial de conhecimentos que as pessoas humildes possuíam. Nas habilidades de curandeiros, artesãos e parteiras viu a possibilidade de ajudar outras pessoas, aumentando a rede de saberes.

Hoje a Universidade dos Pés Descalços tem ramificações em vários países e promove o intercâmbio cultural e de saberes entre os continentes. Os que frequentam a Universidade ganham ali ferramentas para melhorar a vida nas suas comunidades de origem. As áreas em que a Universidade investe vão desde energia solar, água, educação, valorização profissional e advocacia em prol das comunidades carentes.

Um dos lemas desta ONG, onde o papel de aluno e professor é frequentemente permutado, é “Aprender fazendo, e fazer enquanto se aprende”. O conceito de “contágio” é fundamental para a Universidade. Quem lá vai para aprender deve, ao regressar, aplicar e repassar os conhecimentos a outros membros da comunidade.

Daí que, conforme explica Misá, as três participantes cabo-verdianas, ao retornar irão trazer algum material para iniciar a instalação de painéis solares nas suas aldeias, contudo irão necessitar de apoio financeiro para prosseguir a transformação daqueles espaços rurais em aldeias 100% energia solar. Por outro lado, as engenheiras pela Barefoot College estarão disponíveis para ir às cadeias, a ONG’s e a comunidades rurais das outras ilhas para ministrarem formações.

“Ou então podem vir mulheres de outras ilhas e comunidades para receberem esta formação em Porto Madeira ou nos Rabelados, onde temos espaços que podem ser usados para dar estas formações”, admite a recentemente galardoada com o Prémio Direitos Humanos 2015.

Sempre numa roda-viva de ideias e projectos, Misá quer ainda trazer da Índia formadoras que, numa residência a ser levada a cabo em Porto Madeira, iniciem as mulheres da comunidade nas técnicas de yoga, meditação, massagem e medicina ayurveda (filosofia indiana para a saúde, baseada em plantas e alimentos naturais).

Entretanto, continua a companhia para conseguir fundos que permitam a conclusão da infraestruturação destes dois aldeamentos rurais cujas comunidades hoje vivem, em parte, do fluxo de turistas e querem, um dia, tornar-se completamente auto-sustentadas.

Texto originalmente publicado na edição impressa do Expresso das Ilhas n.º 756 de 25 de Maio de 2016.

=====

16º. 21 de Setembro de 2016 - diário digital online **TIVER, SA – Televisão Independente de Cabo Verde,**

Título: Comunidade dos Rabelados envia 3 mulheres para Índia

Link: <http://www.tiver.cv/index.php/noticias-em-destaque/368-comunidade-dos-rabelados-envia-3-mulheres-para-india>

CONTEÚDO:

Publicado em 21 setembro 2016



A comunidade dos Rabelados vai enviar três mulheres para Índia, no dia 25 deste mês, para aprenderem a fazer painéis solares na universidade pés descalços.

A representante dos Rabelados no interior de Santiago Mizá Kovacsi, disse que durante 15 dias tentou estabelecer contactos com a universidade Barfoot College na Índia e quando conseguiu, permaneceu a relação para juntos perceberem melhor de como funcionava a aldeia criativa, uma ideia concebida pela própria Mizá nesta comunidade.

Depois dos contactos já estabelecidos, surgiu a parceria entre a comunidade dos Rabelados de Espinho Branco e a Universidade Barfoot College, onde foi vincado a ideia de enviar todos os anos três pessoas para formação. Durante seis meses vão poder se formar em algumas áreas. Desta vez, as três mulheres vão poder receber uma formação em Engenharia de Instalação de Painéis Solares e que vai ajudar essa comunidade que carece de energia desde a sua fundação.

As três mulheres, duas pertencentes à comunidade dos Rabelados e uma da ilha do Fogo, estão confiantes de que quando chegarem à Índia vão aprender e posteriormente trazer algo de novo para Cabo Verde.

As pessoas escolhidas para irem à Índia têm de ter mais de 35 anos. O grupo que segue a viagem está na fasquia dos 50 e 51 anos. Até agora, nenhuma delas tinha viajado para fora de Cabo Verde por isso estão bastante expectantes com a viagem.

Texto: Catarina de Pina

=====

17º. 06 de Março de 2018 - diário digital online **TIVER, SA – Televisão Independente de Cabo Verde,**

Título: Embaixador dos EUA de visita oficial ao Concelho de São Miguel

Link: <http://tiver.cv/index.php/noticias/em-destaque/2755-embaixador-dos-eua-de-visita-oficial-ao-concelho-de-sao-miguel>

CONTEÚDO:



Nesta terça-feira, 6, do corrente mês, o município de São Miguel recebe uma visita oficial do embaixador dos EUA, Donald L. Heflin. Este pretende fazer um levantamento das principais carências e necessidades face ao mau ano agrícola. Nesta visita, será ainda inaugurada o projecto RABELARTI, no âmbito da promoção do Turismo Rural.

Conforme uma nota, este projecto foi financiado pelo fundo de Auto Ajuda, no valor de um milhão de escudos, e a inauguração terá lugar às 11H00, na Comunidade de Rabelados em Espinho Branco.

Acrescenta a mesma fonte que, o referido embaixador, será recebido pelo edil Herménio Fernandes, e a sua equipa, onde, visitarão os projectos financiados pelo Governo dos Estados Unidos, nomeadamente, as obras no domínio da Extensão e Melhoria do Sistema de Abastecimento de Água, financiadas pelo Millenium Challenge Account Cabo Verde II.

Fonte: CMSM

=====

18º. 06 de Março de 2018 – diário digital “A NAÇÃO”

Título: São Miguel: Embaixador dos EUA inaugura projeto Rabelarti na comunidade de Espinho Branco

Link: <https://anacao.cv/sao-miguel-embaixador-dos-eua-inaugura-projecto-rabelarti-na-comunidade-espinho-branco/>

CONTEÚDO:

O projecto RabelArti, uma iniciativa da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco que visa promover o turismo rural.

O embaixador dos Estados Unidos da América em Cabo Verde, Donald Heflin, inaugura esta terça-feira, 06, na comunidade dos Rabelados, em Espinho Branco, no concelho de São Miguel (interior de Santiago), o projecto Rabelarti, no âmbito da promoção do turismo rural.

De acordo com uma nota, o diplomata que vai ser recebido pelo edil micaelense, Herménio Fernandes e sua equipa, fará também uma visita às obras no domínio da Extensão e Melhoria do Sistema de Abastecimento de Água, financiadas pelo governo norte-americano, no âmbito do projecto Millenium Challenge Account Cabo Verde II.

O projecto RabelArti, uma iniciativa da comunidade dos Rabelados de Espinho Branco que visa promover o turismo rural, foi financiado pelo fundo de Auto Ajuda no montante 1000 contos.

Segundo a mesma nota, à semelhança das visitas realizadas aos outros municípios do interior de Santiago, o embaixador Donald Heflin vai fazer também um levantamento das principais carências e necessidades face ao mau ano agrícola e, por outro lado, encorajar e incentivar os autarcas micaelenses a trabalharem afincadamente para uma cada vez melhor inclusão socioeconómica dos seus munícipes.

=====

19°. 07 de Março de 2018 – diário digital online SAPO.CV

Título: Rabelarte: Comunidade dos Rabelados de Espinho Branco pede apoio para finalizar obras na sua aldeia

Link: <https://muzika.sapo.cv/eventos/novidades-eventos/artigos/rabelarte-comunidade-dos-rabelados-de-espinho-branco-pede-apoio-para-finalizar-obras-na-sua-aldeia>

CONTEÚDO:

A comunidade dos Rabelados em Espinho Branco, no concelho de São Miguel (interior de Santiago) pediram ontem, dia 6, apoio de empresas, parceiros, Governo e da autarquia local, para que possam finalizar as obras na aldeia iniciadas há 15 anos.



O pedido foi feito ontem pela mentora do projecto Rabelarte, Maria Isabel Kouassi, “Misá” durante o acto da inauguração do projecto financiado pela Embaixada dos Estados Unidos que engloba vedação, reabilitação de casas, colocação de plantas, praças e uma esplanada.

Conforme lembrou a artista plástica, a reconstrução da aldeia dos Rabelados de Espinho Branco iniciou-se há 15 anos, tendo sido necessários seis anos de negociações para comprarem todo o terreno onde alberga actualmente todos os rabelados daquele concelho do interior da ilha de Santiago.

Aproveitando a presença do embaixador dos Estados Unidos da América, Donald Heflin e do presidente da câmara municipal, Herménio Fernandes, a mentora do projecto informou que a comunidade que tem contribuído para o turismo rural carece neste momento de obras de embelezamento, estética e de uma boa vedação da aldeia que os possa permitir implementar o “verdadeiro turismo”.

Segundo a responsável, do projecto da reconstrução da aldeia faltam ainda por concluir, as obras de um museu que vai edificar toda a história dos rabelados e “padres de terra”, praça dos artesãos, reabilitação de “funcos” (cabanas rectangulares de uma divisão feitas de cana e folha de palmeira).

Electrificação e água são outros desafios que a comunidade dos rabelados tem por vencer, tendo em conta que segundo disse almejam criar um jardim nesta aldeia.

A pintora Misá pediu ainda ajuda para que uma das mulheres que fez uma formação na instalação de painéis solares possa ser aproveitada, e que uma outra que faz massagem terapeuta com azeite de purga possa ter uma sala e um espaço para venda dos seus produtos.

Por sua vez, o edil micaelense, Herménio Fernandes, que manifestou a disponibilidade da autarquia em colaborar no desenvolvimento daquela comunidade, garantiu que vai trabalhar para que esta comunidade possa ter acesso à educação, ambiente, saneamento e a um conjunto de infra-estruturas básicas.

Informou ainda que a edilidade vai criar um Plano Director para o desenvolvimento desta comunidade, que vai passar pela requalificação urbana, cuja obras vão arrancar já nos próximos dias, permitindo criar emprego público para as famílias, principalmente neste ano da seca.

“Temos que empoderar cada pessoa que vive aqui, porque aqui temos um potencial grande que, bem explorado, com formação com infra-estrutura de suporte poderá ser um pólo atractivo para o turismo e para o desenvolvimento das artes”, enfatizou.

20º. 07 de Março de 2018 – diário digital online “**A NAÇÃO**”

Título: São Miguel: Comunidade dos Rabelados de Espinho Branco pede apoio para finalizar obras na sua aldeia

Link: <https://anacao.cv/sao-miguel-comunidade-dos-rabelados-espinho-branco-pede-apoio-finalizar-obras-na-aldeia/>

CONTEÚDO:

Electrificação e água são outros desafios que a comunidade dos Rabelados tem por vencer.

A comunidade dos Rabelados em Espinho Branco, no concelho de São Miguel (interior de Santiago) pediu apoio de empresas, parceiros, Governo e da autarquia local, para que possam finalizar as obras na aldeia iniciadas há 15 anos.

O pedido foi feito nesta terça-feira, 06, pela mentora do projecto Rabelarte, Maria Isabel Kouassi, “Misá”, durante o acto da inauguração do projecto financiado pela Embaixada dos Estados Unidos e que engloba vedação, reabilitação de casas, colocação de plantas, praças e uma esplanada.

Conforme lembrou a artista plástica, a reconstrução da aldeia dos Rabelados de Espinho Branco iniciou-se há 15 anos, tendo sido necessários seis anos de negociações para comprarem todo o terreno onde alberga actualmente todos os rabelados daquele concelho do interior da ilha de Santiago.

Aproveitando a presença do embaixador dos Estados Unidos da América, Donald Heflin e do presidente da câmara municipal, Herménio Fernandes, a mentora do projecto informou que a comunidade que tem contribuído para o turismo rural carece neste momento de obras de embelezamento, estética e de uma boa vedação da aldeia que os possa permitir implementar o “verdadeiro turismo”.

Segundo a responsável, do projecto da reconstrução da aldeia faltam ainda por concluir, as obras de um museu que vai edificar toda a história dos rabelados e “padres de terra”, praça dos artesãos, reabilitação de “funcos” (cabanas rectangulares de uma divisão feitas de cana e folha de palmeira).

Electrificação e água são outros desafios que a comunidade dos rabelados tem por vencer, tendo em conta que segundo disse almejam criar um jardim nesta aldeia. A pintora Misá pediu ainda ajuda para que uma das mulheres que fez uma formação na instalação de painéis solares possa ser aproveitada, e que uma outra que faz massagem terapeuta com azeite de purga possa ter uma sala e um espaço para venda dos seus produtos.

Por sua vez, o edil micaelense, Herménio Fernandes, que manifestou a disponibilidade da autarquia em colaborar no desenvolvimento daquela comunidade, garantiu que vai trabalhar para que esta comunidade possa ter acesso à educação, ambiente, saneamento e a um conjunto de infra-estruturas básicas.

Informou ainda que a edilidade vai criar um Plano Director para o desenvolvimento desta comunidade, que vai passar pela requalificação urbana, cuja obras vão arrancar já nos próximos dias, permitindo criar emprego público para as famílias, principalmente neste ano da seca.

“Temos que empoderar cada pessoa que vive aqui, porque aqui temos um potencial grande que, bem explorado, com formação com infra-estrutura de suporte poderá ser um polo atractivo para o turismo e para o desenvolvimento das artes”, enfatizou.

C/Inforpress